

G. K. Chesterton

A inocência do
Padre
Brown



SETIMO
SELO



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

G. K. Chesterton

A inocência do
Padre
Brown



G. K. Chesterton

A inocência do
Padre
Brown



G. K. Chesterton



A inocência do
Padre
Brown

Tradução de Igor Barbosa
Introdução de Gustavo Corção



A inocência do Padre Brown

G. K. Chesterton

1ª edição — março de 2022 — cedet

Título original: The Innocence of Father Brown (1911)

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990
adotado no Brasil em 2009.

Os direitos desta edição pertencem ao

CEDET — Centro de Desenvolvimento Profissional e Tecnológico

Av. Comendador Aladino Selmi, 4630,

Condomínio GR Campinas 2 — módulo 8

CEP: 13069-096 — Vila San Martin, Campinas-SP

Telefone: (19) 3249-0580

e-mail: livros@cedet.com.br

CEDET LLC is licensee for publishing and sale of the electronic edition of this book

CEDET LLC

1808 REGAL RIVER CIR - OCOEE - FLORIDA - 34761

Phone Number: (407) 745-1558

e-mail: cedetusa@cedet.com.br

Editor:

Ulisses Trevisan Palhavan

Tradução:

Igor Barbosa

Introdução:

Gustavo Corção

Preparação de texto:

Beatriz Oliveira

Revisão:

José Lima

Diagramação:

Pedro Spigolon

Capa:

Nelson Provazi

Leitura de Prova:

Mariana Souto Baptista de Menezes

Beatriz Mancilha

Natalia R. Colombo

Paulo Bonafina

Conselho editorial:

Adelice Godoy

César Kyn d'Ávila
Silvio Grimaldo de Camargo

FICHA CATALOGRÁFICA

Chesterton, G. K. (1874–1936).

A inocência do Padre Brown/ G. K. Chesterton; tradução de Igor Barbosa e introdução de Gustavo Corção — 1a

ed. — Campinas, sp: Editora Sétimo Selo, 2022.

Título original: The Innocence of Father Brown.

isbn: 978-65-88732-32-8

1. Literatura inglesa 2. Ficção

i. Autor ii. Título

CDD — 820 / 823

ÍNDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO

1. Literatura inglesa — 820

2. Ensaios — 823



SÉTIMO
SELO

www.editorasetimoselo.com.br

Reservados todos os direitos desta obra. Proibida toda e qualquer reprodução desta edição por qualquer meio ou forma, seja ela eletrônica, mecânica, fotocópia, gravação ou qualquer outro meio de reprodução, sem permissão expressa do editor e do detentor dos direitos autorais.

Sumário

INTRODUÇÃO UM GRANDE ESCRITOR

A CRUZ AZUL

O JARDIM SECRETO

OS PASSOS ESTRANHOS

AS ESTRELAS VOADORAS

O HOMEM INVISÍVEL

A HONRA DE ISRAEL GOW

A FORMA ERRADA

OS PECADOS DO PRÍNCIPE SARADINE

O MARTELO DE DEUS

O OLHO DE APOLO

O SIGNO DA ESPADA QUEBRADA

AS TRÊS FERRAMENTAS DA MORTE

NOTAS DE RODAPÉ



Gilbert Keith Chesterton (1874–1935).

INTRODUÇÃO

UM GRANDE ESCRITOR

Não me lembro de ter notado, em 1936, a repercussão produzida pelo desaparecimento dessa grande figura do pensamento moderno que foi Gilbert Keith Chesterton. Naquele tempo, é verdade, um luto próximo trazia-me desinteressado dos acontecimentos literários e das mortes distantes; devo assinalar, todavia, que ocorreu nesse tempo, exatamente na época de seu desaparecimento, o meu primeiro encontro com sua obra, começando então a viver para mim a voz poderosa e cordial, que durante meio século vivificara uma civilização adoentada, com um riso salubre e com um atlético bom senso. Não dei pelo seu desaparecimento, mas senti, com a impetuosa evidência de uma janela aberta, o seu aparecimento. E creio que esse fato, que para mim teve tamanha importância e se revestiu de tão nítido contraste, vem se processando de modo análogo em relação ao mundo inteiro: Chesterton está crescendo. O mundo que o perdeu não avaliou a justa medida do que perdia; agora, os que o encontram começam a se admirar com o que encontraram.

Chesterton é, efetivamente, um grande escritor. Receio que esta simples frase nada diga ao leitor, que mil vezes já a viu aplicada, ou como revelação de escritores que aparecem, ou como elogio fúnebre dos que desaparecem. As admirações estão cansadas. Precisamos instalar amplificadores no estilo para conseguir um pequeno movimento de solicitude e de interesse; ou então, se não gostamos de descomedimentos, devemos tentar a frase em outra ordem, na esperança de dar às palavras um novo ânimo. Direi, pois, que Chesterton é um escritor grande.

Sua grandeza é extensa e intensa: extensa, pela enorme área de assuntos que sua obra cobriu; intensa pela força, pela viril energia com que aderiu, em todos os pontos, com violência, com infatigável confiança, aos princípios básicos sobre os quais repousam os destinos do gênero humano. Chesterton, no mais exato sentido, é um escritor. Tenho como certo que não há vidas inúteis, mas tenho como certíssimo que a maior parte dos livros são inúteis, no sentido mais duro e mais triste do termo. Não há vidas inúteis: a mais obscura, que ainda traga aceso e quente o mais malogrado coração, é ainda um bem inestimável e insubstituível, único no gênero, necessário à harmonia do universo. A vida daquele homem que passa com um cesto de legumes na cabeça é — talvez ele não saiba — uma coisa cobiçada! A vida mais amena daquele outro que pisa o arranco do automóvel — ele talvez já o tenha

esquecido — é disputada em áspera luta entre os arcanjos.

Não há vidas insignificantes; mas há escritores insignificantes, escritores cujas obras pouco ou nada significam. E quando digo que Chesterton é um escritor, quero afiançar que sua obra tem um sentido, ocupa um lugar, representa um papel, pesa, funciona. Quero dizer, em poucas palavras, que a inteligência que se interesse, hoje, por entrar em contato com as realidades mais significativas da cultura universal, que deseje vivamente estar inserida nesse hoje do mundo, não pode deixar de lado, como peça meramente acessória, e quiçá inútil, a imensa obra de Gilbert Keith Chesterton.

•

A ideia do mistério, fundamento do bom senso e do realismo prático, é o ponto central da obra de Chesterton. Em *Orthodoxy* é a substância dos capítulos básicos; nos romances e nos contos, é tão onipresente e fundamental que não dá a ideia de ser uma ideia. Mas onde ela tem a mais curiosa e talvez decisiva atuação, é nos cinco volumes de novelas policiais com as aventuras do Padre Brown. Aí é que Chesterton combate no reduto predileto do racionalismo. Pois é diante do crime e da iniquidade em geral, que o determinismo e todas as formas de materialismo se sentem à vontade, mais protegidos de qualquer espécie de mística: a doença, o mal, o crime, parecem-lhes coisas extremamente claras. O racionalista é irresistivelmente atraído a racionalizar o mistério da iniquidade, e os trabalhos desse gênero costumam produzir um grande desafogo em nosso espírito.

A doença tem uma causa, geralmente mais nítida que a saúde; o crime tem muito mais lógica do que os passos e gestos de um bom pai de família. E esse encontro dramático de causa e efeito, na doença e no crime, dá ao determinista a desvairada alegria do sujeito que pilhou o universo num bom flagrante. O crime é lógico. A doença é muito mais lógica do que a saúde. Ninguém costuma se perguntar à noite: “Ora essa, o que será que me fez bem hoje?”. Ou então: “Por que motivo não corta meu vizinho sua mulher em pedaços?”. Ninguém raciocina sobre a normalidade, nem existiu até hoje o arguto detetive que, à custa de impressões digitais e pontas de cigarro, tenha descoberto a pista do extraordinário indivíduo que volta tranquilamente para casa.

O crime é realmente lógico em quase todas as etapas, e os passos do criminoso podem ser acompanhados pelo raciocínio porque são passos razoáveis, pensados e medidos. Há porém um passo que escapa à lógica e esse é justamente o primeiro. Nesse ponto o crime é como a queda. O indivíduo que se atira de um oitavo andar faz uma incontestável incursão, embora breve, no mundo exato da mecânica. A partir daquele primeiro movimento, sua trajetória pode ser cronometrada de andar em andar, e com uma sombria certeza pode ser determinado o instante preciso em que ele se esborrachará na

calçada. Há na queda uma lógica mortal; mas ninguém aceitaria um diagrama parabólico como plausível explicação de um suicídio. A clareza fulgurante daquela trajetória física tem as duas pontas perdidas nas trevas, como as estrelas cadentes que riscam o céu num fugitivo instante. O racionalista é o homem que se contenta com uma pequena exatidão, manejando um metro fantástico cujas pontas se perdem em fumaça; ou então é o homem que forja três elos de uma cadeia que não se prende a coisa alguma. A história do crime costuma ser contada com excessiva simplicidade, tomando por base que há no crime um proveito. Na pesquisa dos motivos, o racionalista admite que certos interesses pessoais expliquem o crime. À primeira vista essa atitude parece uma negação do pecado original. Seria mais exato dizer, entretanto, que o racionalista, nesses casos, crê demais no mistério da iniquidade. O que sua filosofia recusa é a misteriosa força que impede o universal massacre. Fascinado pela iniquidade, o materialista tem a impressão de que, explicado convenientemente o homicídio, fica explicado também o enigmático motivo que incita as mulheres a carregarem durante nove meses a pesada semente de uma vida nova. Com a álgebra, o tiro ou a facada explicarão o amor.

A novela policial, por isso, é um campo convidativo para os lógicos. Edgar Poe foi atraído por esse gênero, fundando escola com numerosíssimos discípulos. Suas novelas, como as ingênuas e bem humoradas de Conan Doyle, se caracterizam pelo perfeito encadeamento lógico dos diferentes elementos do crime. Dupin e Sherlock Holmes seriam dois personagens extraordinariamente verídicos se o mundo tivesse sido feito por Conan Doyle ou por Edgar Poe. No caso atual, porém, de um mundo feito por Deus, os dois detetives só mantêm uma impecável lógica porque seus respectivos autores estão acumpliciados com eles.

Lembro-me do prazer há tantos anos encontrado na leitura de Conan Doyle, mas sondando a memória eu verifico que não me ficaram as sagacidades do policial. O que me ficou foi Baker Street. Foi qualquer coisa que começaria assim: “Numa tarde chuvosa de novembro, Holmes e eu...”. E o resto me aparece ligado à seiva de vida dos meus dez anos: a sala obscura, o Dr. Watson mexendo na lareira, e Holmes, de pernas estendidas, sonhador, acompanhando as ilógicas volutas do cachimbo. Lá fora, neva. De repente, depois de um sinal de campainha, a porta se abre e assoma no limiar um desconhecido de meia-idade e cabelos cor de fogo!... Do mais eu não me lembro, mas basta-me essa porta que se abre e esse desconhecido de cabelos cor de fogo, para que eu encontre um pouco da força perdida de minha distante meninice. Chesterton assinalou que o maravilhoso é tanto mais simples quanto menor a idade. Aos quatro anos, por exemplo, bastaria ouvir “a porta se abriu”... para sentir a presença do maravilhoso, mesmo sem o estranho personagem ruivo.

Os contos policiais de Poe e de seus discípulos eram rigorosamente

arquitetados sobre a lógica do crime por sua vez desvendado pela lógica dos motivos. Dupin e Sherlock deduziam passos de homem como um geômetra deduz propriedades de triângulos. E por isso eu tenho a certeza de que falhariam lamentavelmente se fossem arrancados do papel e postos diante do mais banal assassinato.

A superioridade do Padre Brown não consiste, a bem dizer, na falta de lógica. Ele raciocina como qualquer pessoa medianamente sagaz, mas a força de seu gênio está num outro conhecimento: ele conhece o mal. Conhece-o como um mistério, e como uma herança. Antes de perseguir ladrões e assassinos cá fora, já os perseguira nas almas dos penitentes, e na sua própria. Tinha a experiência da santidade, que é a única experiência frutuosa do mal; e tanto deslindava o crime como levava, às vezes, o criminoso a se arrepender e a pedir-lhe a absolvição dos pecados, o que, aliás, produzia nos outros personagens os mais vivos acessos de incredulidade. Aceitavam a sagacidade do padre, mas não podiam crer no arrependimento do ladrão, para o qual, efetivamente, não existe explicação cabal.

A força do Padre Brown está no bom senso e no olhar poético e místico com que vê o mundo. Está até numa certa dose de distração e sonolência com que se alivia do penoso trabalho de catar pontas de cigarro e impressões digitais. Diante dos dados concretos, candidamente apreendidos, interpretados muitas vezes ao pé da letra, ele se encontra em simpatia com o criminoso, e inventa poeticamente, ou recorda misticamente, como praticaria ele o crime.

O leitor que ainda não conheça as façanhas do Padre Brown estará nesse momento, eu o receio, pensando que são novelas carregadas de tese e ostentadoras de uma ideia fixa. Mas não é isso. A constância de uma ideia não forma uma tese nem merece o nome de ideia fixa. Há certas constâncias que são essenciais a qualquer novela, e uma ideia verdadeira é justamente o que melhor se dissolve, deixando de ser uma ideia. Por mais variadas que sejam as situações dos personagens são necessárias certas constâncias, sem as quais não haveria novela. Deve haver, por exemplo, entre os mais diversos personagens, uma profunda semelhança no modo de andar, falar e assoar o nariz. Se tentarmos introduzir uma nota original e inteiramente nova nessas atitudes os personagens deixarão de ser isso que entendemos por homem, mulher e criança.

O que eu quero dizer é que a ideia que Chesterton tem do mistério do homem é análoga à ideia que ele tem do nariz e das pernas do homem. Por isso suas novelas não cheiram a tese mas guardam a profunda constância pela qual se descobre a semelhança entre o padre e o ladrão. São cúmplices. Há entre eles uma comunhão. Pertencem à mesma quadrilha, e moram ambos na ampla e feérica caverna onde se partilham o lucro da rapinagem e o prêmio da santidade.

* In Três alqueires e uma vaca. Campinas: Vide Editorial, 7ª ed., 2020.

A CRUZ AZUL

Entre a faixa prateada do céu matutino e a fita esverdeada e brilhante do mar, a embarcação tocou a costa de Harwich, deixando sair de si um enxame de pessoas; e entre essas pessoas, o homem que seguiremos não era de forma alguma notável — nem desejava sê-lo. Não havia nele nada de marcante, exceto um ligeiro contraste entre a alegria festiva de suas roupas e a gravidade oficial de seu rosto. Suas roupas eram um paletó cinza claro, um colete branco e um chapéu de palha prateado com uma fita azul-acinzentada. Seu rosto magro, em contraste, era obscuro e terminava numa barba preta curta que parecia espanhola e sugeria uma gola elizabetana. Ele fumava um cigarro com a seriedade de um vadio. Nada nele dava pista de que o paletó cinza cobrisse um revólver carregado, que o colete branco ocultasse uma carteira de policial, nem que o chapéu de palha repousasse sobre um dos intelectos mais poderosos da Europa. Pois este era o próprio Valentin, chefe da polícia de Paris e o investigador mais famoso do mundo, vindo de Bruxelas para Londres para realizar a maior prisão do século.

Flambeau estava na Inglaterra. A polícia de três países havia finalmente rastreado o grande criminoso, desde Ghent até Bruxelas, de Bruxelas até Hook, na Holanda; e conjecturou-se que ele tiraria alguma vantagem da falta de familiaridade e confusão do Congresso Eucarístico, que naquele momento se realizava em Londres. Era provável que se fizesse passar por um escriturário ou secretário menor relacionado ao evento; mas, é claro, Valentin não tinha certeza; ninguém tinha certeza sobre Flambeau.

Já se passaram muitos anos desde que esse colosso do crime repentinamente parou de manter o mundo em agitação; e quando ele sumiu, como disseram após a morte de Roland, houve uma grande tranquilidade sobre a Terra. Acontece, porém, que em seus melhores dias (quero dizer, é claro, nos piores) Flambeau era uma figura tão proeminente e internacional quanto o Kaiser. Quase todas as manhãs, os jornais anunciavam que ele conseguira escapar das consequências de um crime extraordinário cometendo outro ainda mais extraordinário. Ele era um gascão de estatura gigantesca e fisicamente ousado, e as histórias mais loucas eram contadas sobre suas explosões de vigor atlético: sobre como suspendeu o juiz de instrução de ponta-cabeça e o manteve neste estado “para clarear suas ideias”; como correu pela Rue de Rivoli com um

policial debaixo de cada braço. Para sermos justos com ele, deve-se dizer que sua fantástica força física geralmente foi empregada apenas em cenas incruentas, conquanto indignas; seus verdadeiros crimes foram principalmente no campo dos roubos engenhosos por atacado. Mas cada um de seus roubos era praticamente um novo pecado original, merecendo uma história por si só. Era ele quem dirigia a grande Companhia Tirolesa de Laticínios em Londres — sem laticínios, sem vacas, sem carroças, sem leite, mas com alguns milhares de assinantes, atendidos através da simples operação de trocar as garrafinhas de leite, entregues nas portas dos clientes alheios, para as portas dos clientes da companhia. Foi ele quem manteve uma correspondência inexplicável e íntima com uma jovem cuja mala postal inteira foi interceptada, pelo extraordinário truque de fotografar suas mensagens, reduzindo-as infinitesimalmente, através das lâminas de um microscópio. Uma grande simplicidade, entretanto, marcava muitos de seus experimentos. Dizia-se que certa vez ele repintou todos os números de uma rua na calada da noite apenas para desviar um viajante para uma armadilha. É certo que ele inventou uma caixa postal portátil, que espalhou nas esquinas de subúrbios tranquilos, para assim obter vales postais nela depositados. Por último, era conhecido como um acrobata surpreendente; apesar de sua figura enorme, poderia saltar como um gafanhoto e sumir nas copas das árvores como um macaco. Por fim, o grande Valentin, partindo ao encontro de Flambeau, estava perfeitamente ciente de que suas aventuras não terminariam quando o encontrasse.

Mas como iria encontrá-lo? Em relação a este ponto, as ideias do grande Valentin ainda estavam terminando de se ajustar.

Havia uma coisa que Flambeau, com toda a sua destreza disfarçada, não conseguia encobrir: sua altura singular. Se o olhar rápido de Valentin encontrasse uma vendedora de maçãs muito alta, um granadeiro comprido, ou mesmo uma duquesa razoavelmente corpulenta, ele poderia prendê-los no local. Mas, no trem, não havia quem pudesse ser um Flambeau disfarçado, como um gato não poderia ser confundido com uma girafa disfarçada. Quanto às pessoas no barco, ele já estava satisfeito; e as pessoas que embarcaram em Harwich limitavam-se, garantidamente, a apenas seis. Eram um funcionário baixinho da ferrovia viajando até o terminal, três jardineiros de mercado relativamente baixos que embarcaram duas estações depois, uma viúva quase anã oriunda de uma pequena cidade de Essex e um padre católico romano nanico, subindo de uma pequena vila de Essex. Quando chegou ao caso deste último, Valentin desistiu e quase gargalhou. O pequeno padre era a própria essência daquelas planícies orientais: tinha um rosto redondo e liso como um bolinho de chuva, olhos tão vazios como o Mar do Norte, e vários pacotes de papel pardo, que não conseguia segurar simultaneamente de maneira nenhuma. O Congresso Eucarístico, sem dúvida, desfizera a quietude provinciana de muitas dessas criaturas, cegas e indefesas, como toupeiras

arrancadas do chão. Valentin era um cético no estilo severo da França, incapaz de amar padres. Mas era capaz de sentir pena deles, e este sacerdote dava pena em qualquer um. Levava um guarda-chuva grande e surrado, que caía constantemente ao chão, e não parecia capaz de identificar qual metade de sua passagem devia entregar ao cobrador. Ele explicou a todos na carruagem, com uma simplicidade cretina, que precisava ter todo o cuidado, porque levava um objeto de prata verdadeira “com pedras azuis” em um de seus pacotes de papel pardo. Essa mistura pitoresca de caipirice e simplicidade santa divertiu o francês, até que o padre chegou a Tottenham com todos os seus pacotes e, indo embora, veio ao vagão para buscar seu guarda-chuva. Então, Valentin teve até a boa índole de recomendá-lo que não cuidasse da prata informando a todos sobre ela. Mas, com quem quer que falasse, Valentin mantinha seus olhos bem abertos, sempre à procura de outro; observava atentamente qualquer um, rico ou pobre, homem ou mulher, que tivesse mais de um metro e oitenta; pois Flambeau ultrapassa em dez centímetros essa marca.

Fosse como fosse, desceu na Liverpool Street, bastante seguro de que, até então, não havia deixado o criminoso escapar. Seguiu para a Scotland Yard, a fim de regularizar sua situação e providenciar ajuda em caso de necessidade; depois, acendeu outro cigarro e foi dar um longo passeio pelas ruas de Londres. Enquanto caminhava pelas ruas e praças para além de Victoria, repentinamente estacou o passo. Era uma praça pitoresca e tranquila, muito típica de Londres, plena de uma quietude accidental. As casas altas e planas ao redor pareciam prósperas e desabitadas; a praça de arbustos no centro parecia tão deserta quanto uma ilha verde do Pacífico. Um dos quatro lados era muito mais alto do que o resto, como um mezanino; e a linha deste lado era interrompida por um dos admiráveis acidentes de Londres — um restaurante que parecia ter escapado do Soho. Era um objeto irracionalmente atraente, com vasos de plantas minúsculas e longas cortinas em amarelo-limão e branco. Era bem mais alto que o nível da rua e, no tradicional estilo colcha-de-retalhos de Londres, um lance de degraus da rua subia na direção da entrada principal, quase como uma escada de incêndio levaria a uma janela do primeiro andar. Valentin fez uma pausa e tragou seu cigarro perante as cortinas branco-amareladas, e considerou-as longamente.

O mais incrível nos milagres é que eles acontecem. Algumas nuvens no céu se juntam na forma de um olho humano. Uma árvore se destaca na paisagem de uma jornada duvidosa na forma exata e elaborada de um ponto de interrogação. Eu mesmo vi essas duas coisas nos últimos dias. Nelson morre no instante da vitória; e um homem chamado Williams mata acidentalmente um homem chamado Williamson;¹ coisa que chega a parecer infanticídio. Em suma, existe na vida um elemento de coincidência mágica, perpetuamente ignorado pelas pessoas com visão prosaica. Como bem foi expresso no paradoxo de Poe, a sabedoria deve contar com o imprevisto.

Aristide Valentin era incomensuravelmente francês; e a inteligência francesa é, de um modo especial e único, inteligência. Ele não era “uma máquina pensante”; pois essa é uma frase estúpida do fatalismo e materialismo modernos. Uma máquina só é máquina porque não pode pensar. Mas ele era um homem pensante e um homem simples ao mesmo tempo. Todos os seus maravilhosos sucessos, que pareciam conjurações, foram conquistados por uma lógica laboriosa, por um pensamento francês claro e corriqueiro. Os franceses não energizam o mundo iniciando algum paradoxo, mas pondo em prática um truísmo. Eles levam adiante um truísmo até o fim — como na Revolução Francesa. Mas exatamente por entender a razão que Valentin entendia os limites da razão. Só um homem que nada sabe de motores fala de automobilismo sem gasolina; só um homem que nada sabe da razão fala de raciocínio sem princípios básicos fortes e indiscutíveis. Neste caso, não havia princípios básicos fortes disponíveis. Flambeau desaparecera em Harwich; e se estava em Londres, ele poderia ser qualquer coisa, desde um vagabundo alto em Wimbledon Common a um taludo mestre de cerimônias no Hotel Metropole. Em tal estado de ignorância, Valentin tinha uma visão e um método próprios.

Nesses casos, ele contava com o imprevisto. Em tais casos, quando não conseguia seguir a linha racional, seguia, fria e cuidadosamente, a linha irracional. Em vez de ir aos lugares certos — bancos, delegacias de polícia, encontros — ia, sistematicamente, aos lugares errados; batia em todas as casas vazias, percorria todos os becos sem saída, subia em todas as vielas bloqueadas com lixo, contornava cada circular que o levava inutilmente para longe da avenida. Defendia esse caminho maluco de maneira bastante lógica. Dizia que, se houvesse uma pista, este era o pior procedimento; mas, se não houvesse uma pista, era o melhor, porque havia a hipótese remota de alguma estranheza que chamasse a atenção do perseguidor ser a mesma que tinha chamado a atenção do perseguido. Em algum lugar um homem deve começar, e é melhor que seja exatamente onde outro homem possa parar. Algo naquele lance de escadas da loja, algo da quietude e singularidade do restaurante despertou toda a rara fantasia romântica do detetive e o fez decidir atacar ao acaso. Ele subiu os degraus e, sentando-se à mesa perto da janela, pediu uma xícara de café preto.

Era o meio da manhã e ele ainda não havia tomado o desjejum; as migalhas de outras refeições matutinas, sobre a mesa, acordaram sua fome; e adicionando um ovo pochê ao seu pedido, começou a misturar um pouco de açúcar branco no café, pensando o tempo todo em Flambeau. Lembrou-se de como Flambeau havia escapado, certa vez usando um cortador de unha, e outra vez por uma casa em chamas; uma vez por ter que ir comprar um selo para uma carta, e outra vez fazendo as pessoas observarem, em um telescópio, um cometa que poderia destruir o mundo. Ele considerava seu cérebro de detetive tão bom quanto o do criminoso, o que era verdade. Mas percebia

plenamente a desvantagem. “O criminoso é o artista criativo; o detetive, apenas o crítico” — disse com um sorriso azedo, e lentamente levou aos lábios a xícara de café, apenas para, muito rapidamente, devolvê-la à mesa. Era sal o que colocara.

Olhou para o recipiente de onde o pó brilhante tinha saído; certamente era um açucareiro, tão inconfundivelmente destinado a portar açúcar quanto uma garrafa de champanhe é para o champanhe. Ele se perguntou por que alguém poria sal nele. Verificou se havia outros recipientes ortodoxos. Sim; havia dois saleiros bastante cheios. Talvez houvesse alguma peculiaridade no conteúdo dos saleiros. Provou; era açúcar. Assim, examinou o restaurante com ar de revigorado interesse, procurando outros vestígios daquele gosto artístico singular que põe açúcar nos saleiros e sal no açucareiro. Exceto por um estranho respingo de algum fluido escuro em uma das paredes cobertas de papel branco, todo o lugar parecia limpo, alegre e comum. Ele tocou a campainha para chamar o garçom.

Quando aquele profissional se apressou, com o cabelo bagunçado e os olhos um tanto turvos àquela hora, o detetive (que não deixava de apreciar as formas mais simples de humor) pediu-lhe para provar o açúcar e ver se estava à altura da reputação do hotel. O resultado foi que o garçom, repentinamente, bocejou e acordou.

— Você faz essa brincadeira com seus clientes todas as manhãs? — perguntou Valentin. — Trocar o sal e o açúcar nunca perde a graça para você? Com o esclarecimento da ironia, o garçom garantiu-lhe, gaguejando, que o estabelecimento certamente não tinha essa intenção; certamente era um erro misterioso. Ele pegou do açucareiro e o observou; pegou do saleiro e o observou, com uma expressão cada vez mais intrigada. Por fim, desculpou-se abruptamente e, apressando-se, voltou em poucos segundos junto do proprietário. O proprietário também examinou o açucareiro e depois o saleiro; e também o proprietário parecia intrigado.

De repente, o garçom despejou, desarticuladamente, uma torrente de palavras.

— Io credo — gaguejou ansiosamente. — Io credo que foi aquel dois padres.

— Que dois padres? — Os dois padres que jogaram sopa na parede — disse o garçom.

— Sopa na parede? — repetiu Valentin, certo de que devia ser alguma metáfora italiana singular.

— Sim, sim — disse o atendente com entusiasmo, e apontou para o respingo escuro no papel branco. — Jogaram ali na parede.

Valentin se voltou para o proprietário, que veio em seu socorro com um relatório mais completo.

— Sim, senhor — disse ele. — É bem verdade, embora eu não ache que tenha nada a ver com o açúcar e o sal. Dois clérigos entraram e tomaram sopa aqui muito cedo, assim que começamos o serviço.

Ambos muito calados e respeitáveis; um deles pagou a conta e saiu, e o outro, que parecia um camarada mais devagar, demorou alguns minutos arrumando suas coisas. Mas afinal partiu. Só que, um instante antes de sair para a rua, ele deliberadamente pegou sua xícara, de que ele havia tomado apenas a metade, e tacou a sopa com tudo na parede. Eu mesmo estava na sala dos fundos, e o garçom também; então só pude sair correndo a tempo de encontrar a parede salpicada e a loja vazia. Não é algo que cause um prejuízo de verdade, mas é uma palhaçada; por isso tentei alcançar os homens na rua. Só que eles já iam muito longe; só consegui perceber que eles dobraram a próxima esquina, com a Carstairs Street.

O detetive estava de pé, de chapéu na cabeça e bengala na mão. Ele já havia decidido, na escuridão completa de sua mente, que nada tinha a fazer além de seguir o primeiro dedo que apontasse; e aí estava um dedo suficientemente estranho. Tendo acertado a conta e batendo atrás de si as portas de vidro, logo virava a esquina citada.

Era uma sorte que, mesmo nesses momentos febris, seus olhos fossem frios e rápidos. Algo que ele entreviu em uma loja chamou sua atenção; por mais que tenha sido só um curto avistamento, voltou-se para olhar melhor. A loja era um hortifruti popular, com uma variedade de mercadorias expostas ao ar livre e marcadas com seus nomes e preços. Nos dois compartimentos mais proeminentes havia dois montes, respectivamente de laranjas e de nozes. Na pilha das nozes, havia um pedaço de papelão, no qual se lia em letras fortes, com giz azul: “As melhores LARANJAS duas por um centavo”. Sobre as laranjas via-se, igualmente clara e exata, a descrição: “As melhores CASTANHAS DO PARÁ, quarenta centavos por libra”. Monsieur Valentin viu esses dois anúncios e acreditou já ter sido apresentado a essa forma altamente sutil de humor, e aliás, recentemente. Ele chamou a atenção do fruteiro de rosto vermelho, que olhava mal-humorado para cima e para baixo na rua, mostrando-lhe a imprecisão de seus anúncios. O fruteiro não disse nada, mas recolocou cada placa em seu devido lugar. O detetive, apoiado elegantemente em sua bengala, continuou a examinar a loja. Por fim, disse: — Queira desculpar a minha aparente irrelevância, meu bom senhor, mas gostaria de lhe fazer uma pergunta sobre psicologia experimental e associação de ideias.

O vendedor, rubicundo, lançou-lhe um olhar ameaçador; mas ele prosseguiu, balançando jovialmente sua bengala: — Por que — ele prosseguiu —, por que

estes dois anúncios tão deslocados em uma mercearia quanto um barrete passando férias em Londres? Ou, caso não esteja claro, qual é a associação mística que conecta a ideia de nozes anunciadas como laranjas com a ideia de dois clérigos, um alto e outro baixo? Os olhos do comerciante saltaram das órbitas como os de um caracol; ele realmente pareceu, por um instante, estar prestes a atacar o detetive. Por fim, gaguejou com raiva: — Não sei o quequecê tem coisso, mas seocê cunheceles, pó dizer que vou acabar ca raça deles se eles mexer nas minha maçã travêis, tô nem aí se são padres! — É mesmo? — perguntou o detetive, com grande simpatia. — Eles estragaram suas maçãs? — Um deles estragou — disse o vendedor esbraseado. — Rolaram tudo na rua. Eu quase peguei ele mas precisei catar as maçã tudo.

— Para onde foram esses padres? — perguntou Valentin.

— Subiram aquela segunda rua do lado esquerdo e depois pro outro lado da praça — disse o outro prontamente.

— Obrigado — respondeu Valentin, e desapareceu como uma fada. Do outro lado da segunda praça, encontrou um policial e disse: — É urgente, policial; você viu dois clérigos com barrete? O policial começou a rir pesadamente.

— Sim, senhor; e se quer saber, um deles tava bebaço. Ele ficou no meio da estrada de um jeito que...

— Para que lado eles foram? — retrucou Valentin.

— Eles pegaram um ônibus amarelo daqueles ali — respondeu o homem. — Dos que vão para Hampstead.

Valentin exibiu seu distintivo e disse apressadamente: — Chame dois de seus homens para virem comigo atrás deles — e cruzou a rua com uma energia tão contagiante que o pesado policial foi induzido a uma obediência quase ágil. Em um minuto e meio, um inspetor e um homem à paisana se juntaram ao detetive francês na calçada oposta.

— Bem, senhor... — começou o primeiro, com uma importância sorridente. — E o que é que pode ser? Valentin apontou, de súbito, com sua bengala.

— Eu vou te responder dentro daquele ônibus — replicou ele, disparando e costurando no meio do tráfego emaranhado. Quando, ofegantes, os três afundaram nos bancos superiores do veículo amarelo, o inspetor disse: — Poderíamos ir quatro vezes mais rápido em um táxi.

— É verdade, — respondeu o líder placidamente — se apenas tivéssemos uma ideia de para onde estamos indo.

— Bem, para onde você está indo? — perguntou o outro, fitando-o.

Valentin tragou, carrancudo, por alguns segundos; depois, tirando da boca o cigarro, disse: — Se você sabe o que um homem está fazendo, passe à frente dele; mas se você quiser descobrir o que ele está fazendo, fique atrás. Vagueie enquanto ele vagueia; pare quando ele parar; viaje tão devagar quanto ele. Então você pode ver o que ele viu e pode agir como ele agiu. Tudo o que podemos fazer é manter nossos olhos atentos a algo esquisito.

— A que tipo de coisa esquisita você se refere? — perguntou o inspetor.

— Qualquer tipo de coisa esquisita — respondeu Valentin, caindo num silêncio obstinado.

O ônibus amarelo arrastou-se pelas estradas do norte de Londres pelo que pareceram horas a fio; o grande detetive não deu mais explicações, e talvez seus assistentes sentissem uma dúvida silenciosa e crescente sobre sua missão. Talvez, também, sentissem um desejo silencioso e crescente de almoçar, pois já passava muito da hora do almoço, e as longas estradas dos subúrbios do norte de Londres pareciam se estender distância após distância como um telescópio infernal. Era uma daquelas viagens em que um homem sente, a cada instante, que agora finalmente deve ter chegado ao fim do universo; e então descobre que só chegou ao início do Parque Tufnell. Londres sucumbia em tavernas miseráveis e matagais sombrios, e então inexplicavelmente renascia em ruas movimentadas e hotéis espalhafatosos. Era como passar por treze cidades vulgares separadas, todas vizinhas. Mas embora o crepúsculo de inverno já estivesse ameaçando a estrada à frente deles, o detetive parisiense ainda estava sentado, silencioso e vigilante, observando a fachada das ruas que deslizavam dos dois lados. Quando deixaram Camden Town para trás, os policiais estavam quase dormindo; é certo que eles como que se assustaram quando Valentin se levantou de uma vez, bateu uma mão no ombro de cada homem e gritou para o motorista parar.

Desceram os degraus da estrada sem entender por que haviam sido deslocados; quando olharam em volta em busca de esclarecimento, encontraram Valentin apontando triunfantemente o dedo em direção a uma janela do lado esquerdo da estrada. Era uma grande janela que fazia parte da longa fachada de uma taberna dourada e palaciana; era a parte reservada para um jantar respeitável e rotulada como “restaurante”. Esta janela, como todas as outras ao longo da fachada do hotel, era de vidros foscos e jateados; mas no centro dela havia um grande e negro rombo, como uma estrela no gelo.

— Nossa deixa, finalmente — gritou Valentin, acenando com sua bengala; — O lugar com a janela quebrada.

— Que janela? Qual deixa? — perguntou seu assistente principal.

— Ora, o que prova que isso tenha alguma coisa a ver com eles? Valentin, de raiva, quase quebrou sua bengala de bambu.

— “Prova”! — ele exclamou. — Bom Deus! O homem está querendo uma “prova”! Porque, é claro, as chances são de vinte para um de que não tenha nada a ver com eles. Mas o que mais podemos fazer? Você não vê que tudo o que podemos é seguir uma possibilidade louca ou então ir para casa dormir? Ele avançou para o restaurante, seguido por seus companheiros, e logo estavam sentados, almoçando tardiamente em uma pequena mesa, e observavam de dentro a estrela no vidro quebrado. Não que isso fosse muito informativo para eles, naquela altura.

— Estou vendo que sua janela está quebrada — disse Valentin ao garçom enquanto pagava a conta.

— Sim, senhor — respondeu o atendente, curvando-se com diligência sobre o troco, ao qual Valentin silenciosamente adicionou uma gorjeta enorme. O garçom se endireitou com uma animação suave, mas inconfundível. — Ah, sim, senhor — disse ele. — Coisa muito estranha, senhor.

— De fato? Conte-nos sobre isso — disse o detetive com uma curiosidade despreocupada.

— Bem, dois cavalheiros de preto entraram; dois desses padres estrangeiros que estão rodando por aí. Eles pediram um almoço barato e o comeram em silêncio, um deles pagou e saiu. O outro estava saindo para se juntar a ele quando olhei para o meu troco novamente e descobri que ele me pagou três vezes mais. “Aqui”, eu disse ao sujeito, que estava quase saindo pela porta, “você pagou muito”. “Oh”, ele disse, muito calmo, “paguei, foi?”. “Sim”, eu digo, e pego a conta para lhe mostrar. Bem, nessa eu quase caí para trás.

— O que você quer dizer? — perguntou seu interlocutor.

— Bem, eu teria jurado sobre sete Bíblias que eu tinha escrito “quatro shillings” na conta deles. Mas nessa hora eu vi que tinha posto “catorze shillings”, preto no branco.

— Aham — fez Valentin, movendo-se lentamente, mas com olhos ardentes. — E aí? — O pároco na porta diz todo sereno: “Desculpe bagunçar sua contabilidade, mas essa diferença vai se pagar pela janela”. “Que janela?”, eu digo. “Essa que eu vou quebrar”, diz ele, e quebrou a bendita janela com seu guarda-chuva.

Todos os três investigadores fizeram uma exclamação; e o inspetor disse

baixinho: — Estamos atrás de lunáticos fugitivos? O garçom continuou, com certo prazer, a história ridícula: — Eu fiquei tão abobalhado por um segundo que não pude fazer nada. O homem saiu do local e se juntou ao amigo na esquina. Então eles subiram a Bullock Street tão rápido que não consegui alcançá-los, mesmo correndo.

— Bullock Street — disse o detetive, e disparou por aquela via pública tão rápido quanto a estranha dupla que perseguia.

A jornada agora os levava através de caminhos de tijolos maciços parecidos com túneis; ruas pouco iluminadas e até mesmo com poucas janelas; ruas que pareciam constituídas apenas de fundos de imóveis. O crepúsculo estava se aprofundando e não era fácil nem mesmo para os policiais de Londres adivinhar em que direção exata estavam seguindo. O inspetor, entretanto, tinha certeza de que eles acabariam atingindo alguma parte da Charneca de Hampstead. De repente, uma janela protuberante iluminada a gás apareceu rompendo o crepúsculo azul, como um lampião; e Valentin parou por um instante diante de uma pequena e espalhafatosa loja de doces. Após um momento de hesitação, entrou; postou-se com toda gravidade em meio às cores berrantes da confeitaria e comprou treze charutos de chocolate com certo cuidado. Ele estava claramente preparando uma abertura; mas ele não precisava de uma.

Uma envelhecida e angulosa jovem que estava na loja considerara sua aparência elegante com uma atenção meramente automática; mas quando ela viu a porta atrás dele bloqueada pelo uniforme azul do inspetor, seus olhos pareceram despertar.

— Oh — disse ela —, se veio por causa do pacote, já o enviei.

— Pacote? — Valentin repetiu; e foi a sua vez de lançar um olhar indagador.

— Refiro-me ao pacote que o cavalheiro deixou, o clérigo.

— Pelo amor de Deus — disse Valentin, inclinando-se para a frente com sua primeira admissão real de ansiedade —, pelo amor de Deus, diga-nos exatamente o que aconteceu.

— Bem — disse a mulher, um pouco duvidosa —, os clérigos chegaram há cerca de meia hora atrás, compraram algumas balas de hortelã e conversaram um pouco, e então foram em direção à Charneca. Mas um segundo depois, um deles corre de volta para a loja e diz: “Esqueci um pacote!”. Bem, eu procurei em todos os lugares e não pude ver nenhum; então ele diz: “Não se preocupe; mas se aparecer, por favor, mande para este endereço”, e ele me deixou o endereço e um xelim pelo meu trabalho. E com certeza, embora eu achasse que tinha procurado em todos os lugares, descobri que ele havia deixado um

pacote de papel pardo, então o envie para o lugar que ele indicou. Não consigo lembrar o endereço agora; era em algum lugar em Westminster. Mas como a coisa parecia tão importante, pensei que talvez a polícia tivesse vindo por causa disso.

— E veio mesmo — disse Valentin, com brevidade. — A Charneca de Hampstead fica perto daqui? — Siga em frente por quinze minutos — disse a mulher — e você chegará lá.

Valentin saiu da loja e começou a correr. Os outros detetives o seguiram num trote relutante.

A rua que eles atravessavam era tão estreita e bloqueada por sombras que, quando saíram inesperadamente no comum e vasto vazio do céu, ficaram surpresos ao descobrir que o céu, anoitecendo, ainda estava tão claro e transparente. Uma cúpula perfeita de verde-jade fluía para a cor do ouro em meio às árvores enegrecidas e à vastidão roxo-escuro. O tom verde brilhante era profundo o suficiente para destacar em pontos de cristal uma ou duas estrelas. Tudo o que restava da luz do dia jazia em um brilho dourado na orla de Hampstead e naquela popular baixada chamada Vale da Saúde. Os turistas que percorrem esta região não se haviam dispersado totalmente; alguns casais estavam sentados, indistinguíveis nos bancos; e aqui e ali uma menina distante ainda ria em algum dos balanços. A glória do Céu se aprofundava e escurecia em torno da sublime vulgaridade do homem; e em pé na encosta, observando a extensão do vale, Valentin viu o objeto de sua perseguição.

Entre os agrupamentos negros dispersando-se na distância, havia um especialmente negro que não se dispersava — um grupo de duas figuras vestidas com roupas clericais. Embora parecessem tão pequenos quanto insetos, Valentin podia ver que um deles era muito menor que o outro. Embora o outro tivesse uma postura de estudante e modos discretos, ele podia ver que era um homem de bem mais que um metro e oitenta de altura. Cerrou os dentes e avançou, girando o bastão com impaciência. Quando, já tendo diminuído substancialmente a distância, ampliou as duas figuras pretas usando uma potente luneta, percebeu outra coisa; algo que o assustou, mas que, de alguma forma, ele esperava. Não importava quem fosse o padre alto, não havia dúvida quanto à identidade do baixinho. Era seu amigo do trem de Harwich, o atarracado cura de Essex a quem ele advertira sobre seus embrulhos de papel pardo.

Agora, até onde se sabia, tudo se encaixava de maneira final e racional. Valentin soube por suas investigações naquela manhã que um Padre Brown de Essex estava trazendo uma cruz de prata com safiras, uma relíquia de valor considerável, para mostrar a alguns dos padres estrangeiros no congresso. Sem dúvida, essa era a “prata com pedras azuis”; e o Padre Brown sem dúvida era o

bobo do trem. Não havia nada de maravilhoso no fato de que Flambeau também descobrisse o que Valentin havia descoberto; Flambeau descobria tudo. Além disso, não havia nada de maravilhoso no fato de que Flambeau, sabendo da existência de uma cruz de safira, tentasse roubá-la; essa seria a coisa mais natural em toda a história natural. E certamente não havia nada de maravilhoso no fato de Flambeau conduzir perfeitamente uma ovelha tão tola como aquele homem do guarda-chuva e dos embrulhos. Ele era o tipo de homem que qualquer um poderia levar por uma corda ao Polo Norte; não era de surpreender que um ator como Flambeau, vestido como outro padre, pudesse levá-lo à Charneca de Hampstead. Até agora, o crime parecia bastante claro; e embora o detetive tivesse pena do padre por sua fraqueza mental, quase desprezava Flambeau por se aproveitar de uma vítima tão fácil. Mas quando Valentin pensou em tudo o que tinha acontecido entre eles, em tudo o que o levou ao triunfo, quebrou a cabeça para encontrar algum sentido em tudo. O que o roubo de uma cruz azul e prata de um padre de Essex tinha a ver com jogar sopa no papel de parede? O que tinha a ver com chamar nozes de “laranjas” ou com pagar pelas janelas primeiro e quebrá-las depois? Ele havia chegado ao fim de sua perseguição; mas de alguma forma perdera a lógica no meio dela. Quando falhava (o que raramente acontecia), geralmente era porque ele entendia a pista, mas, mesmo assim, não chegava ao criminoso. Dessa vez ele agarrava o criminoso, mas não conseguia entender a pista.

As duas figuras agora perseguidas avançavam como moscas negras através do enorme contorno verde de uma colina. Eles estavam evidentemente mergulhados na conversa e talvez não percebessem para onde estavam indo; mas seguiam, com certeza, para as elevações mais selvagens e silenciosas da charneca. À medida que os perseguidores se aproximavam, precisaram adotar as indignas poses do caçador de veados, agachando-se atrás de moitas e até mesmo rastejaram prostrados na grama alta. Por meio dessas deselegantes espertezas, os caçadores chegaram perto o suficiente da presa para ouvir o murmúrio da conversa, mas não era possível distinguir qualquer palavra exceto “razão”, frequentemente repetida em voz alta e quase infantil. Depois de passar por um abrupto mergulho de terra e um denso emaranhado de matagal, os detetives, de fato, perderam as duas figuras que estavam seguindo. Levou dez minutos agonizantes para que encontrassem a trilha novamente, e então ela os conduziu ao redor do topo de uma grande cúpula da colina de onde se via, num anfiteatro, um rico e desolado cenário de pôr do sol. Sob uma árvore, neste local imponente, porém negligenciado, havia um velho banco de madeira em ruínas. Os dois padres estavam sentados neste banco, ainda conversando seriamente. O lindo verde e o dourado ainda se agarravam ao horizonte que escurecia; mas o alto do céu estava mudando lentamente de verde-jade para azul-profundo, e as estrelas se destacavam cada vez mais, como joias sólidas. Acenando, mudo, para seus seguidores, Valentin procurou se esgueirar por trás da grande árvore cheia de galhos e, parado ali em um

silêncio mortal, ouviu as palavras dos estranhos sacerdotes pela primeira vez.

Depois de ouvir por um minuto e meio, ele foi dominado por uma dúvida diabólica. Talvez ele tenha arrastado os dois policiais ingleses para as ruínas de uma charneca noturna em uma missão não mais sã do que procurar figos em seus cardos. Pois os dois padres falavam exatamente como padres, piedosamente, como quem estudou e contemplou, sobre os mais aéreos enigmas da teologia. O pequeno padre de Essex falava com mais simplicidade, com o rosto redondo voltado para as estrelas que se acendiam; o outro falava com a cabeça baixa, como se nem mesmo fosse digno de olhar para elas. Mas nenhuma conversa mais inocentemente clerical poderia ser ouvida em qualquer claustro italiano ou obscura catedral espanhola.

A primeira voz que ele ouviu foi a conclusão de uma das frases do Padre Brown, que terminava: — ...era o que eles queriam de fato dizer na Idade Média com a incorruptibilidade dos Céus.

O padre mais alto acenou com a cabeça baixa e disse: — Ah, sim, esses infieis modernos apelam para a razão; mas quem pode olhar para aqueles milhões de mundos e não sentir que pode haver universos maravilhosos acima de nós, onde a razão é totalmente irracional? — Não — disse o outro padre. — A razão é sempre racional, mesmo no último limbo, na fronteira perdida das coisas. Eu sei que as pessoas acusam a Igreja de rebaixar a razão, mas é exatamente o contrário. A Igreja, e só a Igreja nesta Terra, de fato dá à razão a posição suprema. A Igreja, e apenas a Igreja, afirma que o próprio Deus está limitado pela razão.

O outro padre ergueu o rosto austero para o céu estrelado e disse: — No entanto, quem sabe se naquele universo infinito...? — Infinito apenas fisicamente — disse o pequeno sacerdote, virando-se bruscamente em seu assento —, não infinito no sentido de escapar das leis da verdade.

Valentin, atrás de sua árvore, estava roendo as unhas com fúria silenciosa. Parecia quase ouvir os risinhos dos detetives ingleses que ele arrastara tão longe apenas baseado em um palpite fantástico, apenas para ouvir as fofocas metafísicas de dois velhos e amáveis padres. Em sua impaciência, perdeu a resposta igualmente elaborada do clérigo alto, e quando voltou a escutar, era novamente o Padre Brown quem falava: — Razão e justiça dominam a estrela mais remota e inalcançável. Olhe essas estrelas. Não se parecem com diamantes e safiras solitárias? Bem, você pode imaginar qualquer botânica ou geologia maluca que quiser. Pense em florestas de diamante com folhas de pedras preciosas. Pense que a lua é uma lua azul, uma única safira titânica. Mas não imagine que essa astronomia frenética faria a menor diferença na razão e na justiça da conduta. Em planícies de opala, sob penhascos recortados em pérolas, você ainda encontraria um quadro de avisos: “Não roubarás”.

Valentin estava prestes a se levantar de sua atitude rígida e agachada e se afastar tão suavemente quanto possível, derrotado pela única grande estupidez de sua vida. Mas algo no silêncio do padre alto o fez parar até que este falasse. Quando finalmente falou, disse simplesmente, com a cabeça baixa e as mãos nos joelhos: — Bem, eu acho que outros mundos podem se elevar além da nossa razão. O mistério do Céu é insondável, e eu, por mim, não posso senão inclinar a cabeça.

Então, com a sobranceira curvada e sem mudar nem um pouco sua atitude ou voz, ele acrescentou: — Apenas me entregue essa sua cruz de safira, está bem? Estamos sozinhos aqui, e eu poderia despedaçar você como se fosse uma boneca de pano.

A voz e atitude totalmente inalteradas adicionaram uma estranha violência a essa mudança chocante de discurso. Mas o guardião da relíquia pareceu apenas voltar o rosto num ângulo equivalente à menor divisão de uma bússola. Ele mantinha sua cara de tolo ainda voltada para as estrelas. Talvez ele não tivesse entendido. Ou talvez tivesse entendido e congelado de pavor.

— Sim — disse o padre alto, na mesma voz baixa e na mesma postura imóvel.
— Sim, eu sou Flambeau.

Então, após uma pausa, ele disse: — Como é, você vai me dar a cruz? — Não — disse o outro, e o monossílabo soou estranhamente.

Flambeau de repente abandonou todos os seus fingidos modos pontificais. O grande ladrão recostou-se na cadeira e riu baixo, mas por muito tempo.

— “Não”! — gritou ele. — Você não vai me dar a cruz, seu orgulhoso prelado. Não vai, seu simplório celibatário. Sabe por quê? Porque eu já estou com ela no meu bolso interno.

O homenzinho de Essex virou o que parecia ser um rosto atordoado ao anoitecer e disse, com tímida ansiedade: — Você tem... tem certeza? Flambeau gritou de alegria.

— Realmente, você é tão bom quanto uma farsa em três atos! Sim, seu trouxa, tenho certeza. Tive a inteligência de fazer uma duplicata do pacote certo, e agora, meu amigo, você tem a duplicata e eu tenho as joias. Um golpe velho, Padre Brown... um golpe muito velho.

— Sim — disse o Padre Brown, e passou a mão pelos cabelos com a mesma estranha indecisão. — Sim, já ouvi falar nisso.

O colosso do crime inclinou-se sobre o pequeno e rústico padre com uma espécie de interesse súbito.

— Já ouviu falar? Onde você ouviu falar disso? — Bem, não devo dizer o nome dele, é claro. Ele era um penitente, você sabe. Prosperou, por cerca de vinte anos, nesse ramo de pacotes de papel pardo duplicados. E então, veja, quando comecei a suspeitar de você, lembrei imediatamente do estilo daquele pobre sujeito de fazer a mesma coisa.

— Começou a suspeitar de mim? — repetiu o fora da lei com intensidade crescente. — Você realmente teve a audácia de suspeitar de mim só porque eu te trouxe para esta parte vazia da charneca? — Não, não — disse Brown com um ar de desculpas. — Veja, eu suspeitei de você quando nos conhecemos. É aquela pequena protuberância na manga onde vocês têm a pulseira com pontas.

— Que inferno! — gritou Flambeau. — Como você já ouviu falar da pulseira pontuda? — Oh, o pequeno rebanho que a gente tem, você sabe! — disse Padre Brown, arqueando as sobrancelhas inexpressivamente. — Quando eu era cura em Hartlepool, havia três camaradas com essas pulseiras pontudas. De modo que suspeitei de você desde o início, compreende? Por isso, eu me certifiquei de que, em todo caso, a cruz fosse salva. Receio ter visto o que você fazia, sabe. E, por fim, eu vi você trocar os pacotes. Então, veja só, eu os destroquei. E aí deixei o certo para trás.

— Deixou para trás? — repetiu Flambeau, e pela primeira vez havia outra nota, que não a de triunfo, em sua voz.

— Bem, foi assim — disse o pequeno padre, falando da mesma maneira calma. — Voltei àquela loja de doces e perguntei se havia deixado um pacote, e dei a eles um endereço específico, caso aparecesse. Bem, eu sabia que não havia deixado nada lá na primeira vez; mas quando fui embora de novo, deixei. Então, em vez de correr atrás de mim com aquele pacote valioso, eles o enviaram expressamente para um amigo meu em Westminster.

Em seguida, acrescentou com tristeza: — Também aprendi isso com um pobre sujeito de Hartlepool. Ele costumava fazer isso com bolsas que roubava nas estações de trem. Agora ele está em um mosteiro. Oh, a gente fica sabendo, você sabe — acrescentou ele, esfregando a cabeça novamente com o mesmo tipo de pedido de desculpas desesperado. — Não podemos deixar de ser padres. As pessoas vêm a nós e nos contam essas coisas.

Flambeau arrancou um pacote de papel pardo do bolso interno e o rasgou em pedaços. Não havia nada além de papel e pedaços de chumbo dentro dele. Levantou-se com um gesto gigantesco e gritou: — Eu não acredito em você. Não acredito que um caipira como você consiga fazer tudo isso. Acho que você ainda está com a cruz aí, e se você não entregá-la, ora, estamos sozinhos! Eu vou tomá-la à força! — Não — disse o Padre Brown simplesmente, e também

se levantou.

— Você não vai tomar nada à força. Primeiro, porque eu realmente não tenho ela comigo. E, em segundo lugar, porque não estamos sozinhos.

Flambeau suspendeu o movimento.

— Atrás daquela árvore — disse o Padre Brown, apontando — estão dois policiais fortes e o maior detetive vivo. Como eles chegaram aqui, você pergunta? Ora, eu os trouxe, é claro! Como eu fiz isso? Ora, eu te digo se você quiser! Deus nos guarde; temos que saber um monte de coisas quando trabalhamos entre as classes criminosas! Bem, eu não tinha certeza se você era um ladrão, e não seria nada bom fazer um escândalo contra um irmão de nosso próprio clero. Então, testei-o para ver se alguma coisa faria você se expor. Um homem geralmente faz uma pequena cena se encontra sal em seu café; se não fizer, ele tem algum motivo para ficar quieto. Troquei o sal e o açúcar e você ficou quieto. Um homem geralmente discute se sua conta é três vezes maior. Se ele paga, tem algum motivo para passar despercebido. Eu alterei sua conta e você pagou.

O mundo parecia esperar que Flambeau saltasse como um tigre. Mas ele estava retido como que por um feitiço; estava pasmo de tanta curiosidade.

— Bem — continuou Padre Brown, com uma lucidez desajeitada —, já que você não deixaria nenhum rastro para a polícia, é claro que alguém tinha que deixar. Em cada lugar que íamos, tomei o cuidado de fazer algo que nos transformasse no assunto principal pelo resto do dia. Não fiz muito mal; uma parede suja, algumas maçãs esparramadas, uma janela quebrada; mas eu salvei a cruz, porque a cruz sempre deverá ser salva. Ela já está em Westminster. Eu me pergunto se você não acabaria no Assobio do Burro.

— Acabaria no quê? — Fico feliz que você nunca tenha ouvido falar disso — disse o padre, fazendo uma careta. — É uma coisa horrível. Tenho certeza de que você é um homem bom demais para um assobio. Eu não poderia resistir ao assobio, nem mesmo contando com os spots; minhas pernas não são suficientemente fortes.

— Mas de que diabos você está falando? — Bem, pensei que você conheceria os spots — disse o Padre Brown, agradavelmente surpreso. — Ah, você não está ainda tão afundado no mal! — Como você conhece todos esses horrores? — gritou Flambeau.

A sombra de um sorriso cruzou o rosto redondo e simples de seu oponente clerical.

— Ah, sendo um simplório celibatário. Nunca lhe ocorreu que um homem

que não faz quase nada, a não ser ouvir os verdadeiros pecados dos homens, provavelmente não ignora, de todo, os males humanos? Mas, para falar a verdade, outro atributo do meu ofício também me fez ter certeza de que você não era um padre.

— E o que foi? — perguntou o ladrão, quase boquiaberto.

— Você atacou a razão — disse o Padre Brown. — Isso é má teologia.

E ao mesmo tempo que ele se virava para pegar suas coisas, os três policiais saíram de sob as árvores no crepúsculo. Flambeau era um artista e esportista. Ele deu um passo para trás e fez uma grande reverência a Valentin.

— Não se curve diante de mim, mon ami — disse Valentin com clareza argêntea. — Reverenciemos, juntos, o nosso mestre.

E os dois estiveram, por um instante, de cabeça descoberta, enquanto o padre baixinho de Essex piscava, procurando seu guarda-chuva.

O JARDIM SECRETO

Aristide Valentin, chefe da polícia de Paris, estava atrasado para o jantar, e alguns de seus convidados já vinham chegando, antes dele. Eles, entretanto, recebiam a hospitalidade de Ivan, o confiável criado do detetive, o velho da cicatriz que tinha um rosto quase tão cinzento quanto seu bigode. Ele sempre se sentava a uma mesa no saguão de entrada — um saguão cheio de armas. A casa de Valentin talvez fosse tão peculiar e célebre quanto seu dono. Era uma casa velha, com altos muros e choupos quase caindo sobre o Sena; mas a estranheza — e talvez o valor policial — de sua arquitetura era esta: não havia saída, exceto por essa porta da frente, que era guardada por Ivan com o arsenal. O jardim era grande e elaborado, e havia muitas saídas da casa para o jardim. Mas não havia saída do jardim para o mundo exterior; por toda a volta corria uma parede alta, lisa e impossível de escalar, com lanças especiais no topo; não era um mau jardim, afinal, para que nele se deixasse ficar, pensando na vida, um homem jurado de morte por centenas de criminosos.

Como Ivan explicou aos convidados, seu anfitrião havia telefonado dizendo que estaria agarrado por uns dez minutos. Ele estava, na verdade, fazendo alguns arranjos finais sobre execuções e coisas horríveis do tipo; e embora esses deveres fossem profundamente repulsivos para ele, sempre os desempenhava com precisão. Implacável na perseguição de criminosos, era muito moderado quanto à punição. Visto que ele havia reinado sobre os

métodos policiais franceses — e em grande parte sobre os de toda a Europa —, sua grande influência fora honrosamente usada para a mitigação de sentenças e a purificação das prisões. Ele era um dos grandes livres-pensadores humanitários franceses; e a única coisa errada com eles é que tornam a misericórdia ainda mais fria do que a justiça.

Valentin chegou, já trajando roupas pretas² e roseta vermelha — uma figura elegante, com sua barba escura já listrada de cinza. Seguiu direto pela casa até o escritório, que dava para o terreno atrás. A porta do jardim estava aberta e, depois de trancar cuidadosamente sua caixa no lugar oficial, ele permaneceu por alguns segundos perante a porta aberta, olhando para o jardim. Uma lua afiada lutava com os farrapos de uma tempestade, e Valentin a observou com uma melancolia rara em pessoas de natureza científica, como a dele. Talvez essas naturezas científicas tenham alguma intuição psíquica do problema mais formidável de suas vidas. De qualquer forma, ele rapidamente afastou de si qualquer humor imperscrutável, pois sabia que estava atrasado e que seus convidados já haviam começado a chegar. Quando entrou, uma olhadela à sala foi o suficiente para lhe dar a certeza de que seu convidado principal, entre todos, não estava lá. Viu todos os outros pilares do pequeno grupo; viu Lord Galloway, o embaixador inglês — um velho colérico, de rosto avermelhado como uma maçã, ostentando a faixa azul da Ordem da Jarreteira. Viu Lady Galloway, esguia e fina, com cabelos grisalhos e um rosto sensível e superior. Viu sua filha, Lady Margaret Graham, uma garota pálida e bonita com rosto de elfo e cabelos cor de cobre. Viu a duquesa de Monte Saint Michel, de olhos negros e opulenta, e com ela suas duas filhas, de olhos negros e opulentas também. Viu o Doutor Simon, um típico cientista francês, de óculos, uma barba castanha pontuda e uma testa marcada por aquelas rugas paralelas que são a penalidade da arrogância, já que surgem da constância no levantar as sobrancelhas. Viu o Padre Brown, de Cobhole, em Essex, que ele havia conhecido recentemente na Inglaterra. E viu — talvez com mais interesse do que qualquer um deles — um homem alto de uniforme, que se curvara aos Galloway sem receber qualquer reconhecimento muito sincero e que agora avançava sozinho para saudar o anfitrião. Era o Comandante O'Brien, da Legião Estrangeira Francesa. Ele era uma figura esguia, mas um tanto arrogante, bem barbeado, cabelos escuros e olhos azuis e, como parecia natural em um oficial daquele famoso regimento de fracassos vitoriosos e suicídios bem-sucedidos, tinha um ar ao mesmo tempo arrojado e melancólico. Era um cavalheiro irlandês de nascimento e na infância conhecera os Galloway — especialmente Margaret Graham. Deixara seu país após um endividamento espetacular e agora passeava de uniforme, sabre e esporas, expressando sua total libertação da etiqueta britânica. Quando ele fez uma reverência à família do embaixador, Lorde e Lady Galloway se inclinaram com dureza, e Lady Margaret desviou o olhar.

A despeito, porém, de quaisquer causas antigas que pudessem interessar tais pessoas umas pelas outras, seu distinto anfitrião não estava especialmente interessado nelas. Nenhum deles, pelo menos, era aos seus olhos o convidado da noite. Valentin esperava, por razões especiais, um homem de fama mundial, cuja amizade ele havia conquistado durante algumas de suas grandes viagens de detetive e triunfos nos Estados Unidos. Ele esperava Julius K. Brayne, aquele multimilionário cujas colossais, esmagadoras doações a pequenas religiões deram tanto assunto, sem criar muitas dificuldades, para os jornais americanos e ingleses. Ninguém sabia ao certo se o Senhor Brayne era ateu, mórmon ou cientista cristão; mas ele estava pronto para despejar dinheiro em qualquer nau intelectual, desde que fosse uma nau de primeira viagem. Um de seus hobbies era esperar pelo Shakespeare americano — um hobby mais paciente do que a pesca. Ele admirava Walt Whitman, mas achava que Luke P. Tanner, de Paris, Pensilvânia, era mais “progressista” do que Whitman. Ele gostava de tudo que pensava ser “progressista”. Considerava Valentin um “progressista”, e nisso cometia uma grave injustiça.

A sólida aparição de Julius K. Brayne numa sala foi tão categórica quanto um sinete de jantar. Ele tinha essa grande qualidade, da qual poucos de nós podem se gabar: sua presença era tão grande quanto sua ausência. Era um sujeito enorme, tão gordo quanto alto, vestido inteiramente de preto, para a noite, sem mesmo uma corrente de relógio ou um anel para destoar. Seu cabelo era branco e bem penteado para trás como o de um alemão; seu rosto era vermelho, feroz e angelical, com um tufo escuro sob o lábio inferior que projetava naquele semblante infantil um efeito teatral e até mefistofélico. Não durou muito, porém, o exame do famoso americano por parte dos presentes no salão; seu atraso já se tornara um problema doméstico, e ele foi mandado a toda pressa para a sala de jantar com Lady Galloway em um dos braços.

Exceto em um ponto, os Galloway eram bastante cordiais e casuais. Contanto que Lady Margaret não tomasse o braço daquele aventureiro O’Brien, seu pai ficaria bastante satisfeito; e ela não o fizera, seguindo decorosamente com o Doutor Simon. Mesmo assim, o velho Lorde Galloway estava inquieto e quase rude. Ele foi bastante diplomático durante o jantar, mas quando, durante os charutos, três dos homens mais jovens — o médico Simon, o Padre Brown e o perverso O’Brien, o exilado de uniforme estrangeiro — se desagruparam para se misturar com as mulheres ou fumar na estufa, então o diplomata inglês perdeu a diplomacia. Ele era atormentado a cada sessenta segundos com o pensamento de que o patife O’Brien poderia estar flertando com Margaret de alguma forma; ele não tentou imaginar como. Durante o café ele permaneceu com Brayne, o velho ianque que acreditava em todas as religiões, e Valentin, o francês grisalho que não acreditava em nenhuma. Podiam discutir entre si, mas nenhum deles podia apelar para ele. Depois de algum tempo, essa logomaquia “progressista” atingiu uma crise de tédio; Lorde Galloway também se levantou e foi até a sala de estar. Ele se perdia em longas passagens por cerca

de seis ou oito minutos: até ouvir a voz estridente e didática do médico, e depois a voz monótona do padre, seguida de riso geral. Também eles, pensou com raiva, provavelmente estavam discutindo sobre “ciência e religião”. Mas no instante em que abriu a porta do salão, ele viu apenas uma coisa: o que não estava lá. Viu que o Comandante O’Brien estava ausente e Lady Margaret também.

Saindo impaciente da sala de estar, como havia feito na sala de jantar, atravessou o corredor mais uma vez. Sua ideia de proteger a filha do imprestável irlandês-argelino havia se tornado central e até mesmo uma mania em sua mente. Ao se encaminhar para os fundos da casa, onde ficava o escritório de Valentin, surpreendeu-se ao topar com a filha, que passou por ele com uma cara limpa e mordaz, um segundo enigma. Se ela estivera com O’Brien, onde estava O’Brien? Se ela não estivera com O’Brien, onde ela estivera? Com uma espécie de desconfiança senil e apaixonada, ele tateou seu caminho até as partes escuras dos fundos da mansão e acabou encontrando uma entrada de empregados que dava para o jardim. A cimitarra lunar agora havia rasgado e afastado todos os vestígios da tempestade. Sua luz prateada iluminava todos os quatro cantos do jardim. Uma figura alta, vestida de azul, caminhava pelo gramado em direção à porta do escritório; o brilho prateado do luar em suas insígnias o identificou como o Comandante O’Brien.

Ele desapareceu para o interior da casa pelas portas francesas, deixando Lorde Galloway num ânimo indescritível, ao mesmo tempo virulento e vago. O jardim azul e prata, como uma cena de teatro, parecia zombar dele com toda aquela ternura tirânica contra a qual sua autoridade mundana estava em guerra. A extensão e a graça das passadas do irlandês o enfureceram como se ele fosse um rival em vez de um pai; o luar o enlouqueceu. Foi preso como por mágica em um jardim de trovadores, um reino das fadas de Watteau; e, disposto a exorcizar com a língua tais imbecilidades amorosas, saiu com velocidade no encalço de seu inimigo. Ao fazer isso, tropeçou em alguma árvore ou pedra na grama; baixou os olhos, primeiro com irritação e em seguida com curiosidade. No instante seguinte, a lua e os choupos altos tiveram uma visão incomum — um diplomata inglês idoso, correndo, chorando e berrando enquanto corria.

Seus gritos roucos atraíram um rosto pálido à porta do escritório; eram os óculos coruscantes e a testa preocupada do Doutor Simon, que ouviu as primeiras palavras claras do nobre. Lorde Galloway exclamava, desesperado: — Um cadáver no gramado! Um cadáver manchado de sangue! O’Brien finalmente perdera a cabeça.

— Precisamos informar Valentin imediatamente — disse o médico, quando o outro descreveu de maneira entrecortada tudo o que ousara examinar. — É uma sorte que ele esteja aqui — e enquanto ele falava, o grande detetive entrou

no escritório, atraído pelo grito. Foi quase divertido notar sua transformação típica; ele viera com a preocupação comum de um anfitrião e um cavalheiro, temendo que algum hóspede ou criado estivesse enfermo. Quando soube do fato sangrento, assumiu instantaneamente toda a sua gravidade brilhante e profissional; pois algo assim, por mais abrupto e terrível que fosse, tinha a ver com sua carreira.

— Como é estranho, senhores — ele disse, enquanto corriam para o jardim — que eu tenha percorrido o mundo caçando mistérios, e agora um mistério se apresente no meu quintal. Mas onde é o lugar? Eles cruzaram o gramado com menos facilidade, pois uma ligeira névoa havia começado a subir do rio; mas, sob a orientação do abalado Galloway, encontraram o cadáver afundado na grama profunda — o corpo de um homem muito alto e de ombros largos. Ele estava deitado de bruços, de modo que eles só podiam ver que seus ombros largos estavam vestidos com um tecido preto e que sua respeitável cabeça era careca, exceto por uma ou duas mechas de cabelo castanho coladas em seu crânio como úmidas algas marinhas. Um fio vermelho de sangue serpeava sob o rosto que tombara.

— Pelo menos — disse Simon, com uma entonação profunda e singular — não é algum dos convidados de hoje.

— Examine-o, doutor — gritou Valentin severamente. — Ele pode não estar morto.

O médico se abaixou.

— Ele não está muito frio ainda, mas a mim parece bem morto — respondeu ele. — Apenas me ajude a levantá-lo.

Eles o ergueram cuidadosamente a alguns centímetros do chão, e todas as dúvidas quanto a ele estar realmente morto foram resolvidas de uma vez e de forma assustadora. A cabeça caiu, totalmente separada do corpo; quem quer que tivesse cortado sua garganta, conseguira cortar o pescoço também. Até mesmo Valentin ficou ligeiramente chocado.

— Trata-se de alguém forte como um gorila — murmurou.

Não sem um arrepio, embora estivesse acostumado a horrores anatômicos, o Doutor Simon ergueu a cabeça. Havia alguns pequenos cortes ao redor do pescoço e da mandíbula, mas o rosto estava substancialmente ileso. Era um rosto amarelo e pesado, ao mesmo tempo encovado e inchado, com um nariz de falcão e pálpebras pesadas — um rosto de um perverso imperador romano, com, talvez, um toque distante de imperador chinês. Todos os presentes pareciam olhar para ele com o olhar mais frio da ignorância. Nada mais se poderia afirmar sobre o homem, exceto que, quando levantaram seu corpo,

eles viram por baixo dele um brilho vermelho de sangue desfazer a clareza de um peito de camisa branca. Como disse o Doutor Simon, o homem nunca fizera parte do grupo de convidados. Mas poderia muito bem ter pretendido se juntar a ele, pois viera vestido para tal ocasião.

Valentin ajoelhou-se e examinou com a maior atenção profissional a grama e o solo por cerca de vinte metros ao redor do corpo, nos quais foi assistido com menos habilidade pelo médico e vagamente pelo lorde inglês. Nada recompensava seus rastreamentos, exceto alguns galhos, quebrados ou cortados em pedaços muito pequenos, que Valentin ergueu para um exame instantâneo e depois jogou fora.

— Galhos — disse ele gravemente. — Galhos e um absoluto estranho com a cabeça cortada; isso é tudo que há neste gramado.

Houve uma quietude quase assustadora, e então o enervado Galloway gritou bruscamente: — Quem é aquele?! Quem é aquele ali perto do muro do jardim?! Uma pequena figura com uma cabeça absurdamente grande aproximou-se deles, vacilante na névoa enlurada; por um instante pareceu um duende, mas acabou revelando-se o sacerdote inofensivo que haviam deixado na sala de estar.

— Olha — disse ele humildemente —, não há portas para este jardim, notaram? As sobranceiras pretas de Valentin se juntaram um tanto zangadas, como lhe acontecia por princípio quando via uma batina. Mas ele era um homem muito simples para negar a relevância do comentário.

— Você está certo — disse ele. — Antes de descobrirmos como ele foi morto, talvez tenhamos que descobrir como ele veio parar aqui. Agora escutem, cavalheiros. Se isso puder ser feito sem prejuízo de minha posição e dever, todos concordaremos que certos nomes distintos podem muito bem ser mantidos fora disso. Há as senhoras, cavalheiros, e também um embaixador estrangeiro. Se devemos entender isso como um crime, então que seja investigado como um crime. Mas, até então, posso usar meu próprio critério. Eu sou o chefe da polícia; sou tão público que posso me dar ao luxo de ser privado. Deus permitindo, vou liberar todos os meus convidados antes de chamar meus homens para procurar por qualquer outra pessoa. Cavalheiros, por sua honra, nenhum de vocês sairá desta casa até amanhã ao meio-dia; existem quartos para todos. Simon, acho que você sabe onde encontrar meu homem, Ivan, no saguão da frente; ele é um homem confiável. Diga-lhe para deixar outro servo de guarda e vir até mim imediatamente. Lorde Galloway, o senhor é certamente a melhor pessoa para contar às senhoras o que aconteceu e evitar o pânico. Elas também devem ficar. Padre Brown e eu permaneceremos com o corpo.

Quando esse espírito do capitão falou em Valentin, ele foi obedecido como uma corneta. O Doutor Simon foi até o arsenal e direcionou Ivan, o detetive particular do detetive público. Galloway foi até a sala de estar e contou a terrível notícia com bastante tato, de modo que, quando o grupo se reuniu ali, as senhoras já tinham se assustado e se acalmado. Enquanto isso, o bom sacerdote e o bom ateu permaneceram à cabeça e aos pés do morto, imóveis sob o luar, como estátuas simbólicas de suas duas filosofias sobre a morte.

Ivan, o homem confiável, com a cicatriz e os bigodes, saiu de casa como uma bala de canhão e veio correndo pelo gramado até Valentin como um cachorro para seu dono. Seu rosto lívido estava bastante animado com o brilho daquela história doméstica de detetive, e foi com uma ansiedade quase desagradável que ele pediu permissão a seu mestre para examinar os restos mortais.

— Sim, olhe se quiser, Ivan — disse Valentin. — Mas não demore.

Devemos entrar e digerir isso dentro de casa. Ivan ergueu a cabeça e quase a deixou cair.

— Ora — ele engasgou. — É... não, não é; não pode ser. Você conhece este homem, senhor? — Não — disse Valentin, indiferente. — É melhor entrarmos.

Juntos, eles carregaram o cadáver para um sofá no escritório e, em seguida, todos se dirigiram para a sala de estar.

O detetive sentou-se a uma mesa, silenciosamente, sem hesitar; mas seu olhar era o olhar de ferro de um juiz no tribunal. Ele fez algumas anotações rápidas no papel à sua frente e disse rapidamente: — Está todo mundo aqui? — O Senhor Brayne não está — disse a duquesa do Monte Saint Michel, olhando em volta.

— Não — disse Lorde Galloway, em uma voz rouca e áspera. — E o Senhor Neil O'Brien também não, eu acho. Eu vi aquele senhor caminhando no jardim quando o cadáver ainda estava quente.

— Ivan — disse o detetive —, vá buscar o Comandante O'Brien e o Senhor Brayne. O Senhor Brayne, eu sei, está terminando um charuto na sala de jantar; o Comandante O'Brien, eu acho, está passeando na estufa. Não tenho certeza.

O fiel assistente saiu da sala e, antes que alguém pudesse se mexer ou falar, Valentin continuou a exposição com a mesma rapidez militar.

— Todos aqui sabem que um homem morto foi encontrado no jardim, com a cabeça cortada do corpo. Doutor Simon, você o examinou. Você acha que cortar a garganta de um homem assim exigiria muita força? Ou, talvez, apenas

uma faca muito afiada? — Devo dizer que isso não seria possível com uma faca de maneira alguma.

— Ocorre-lhe pensar em alguma ferramenta com a qual fosse possível? — Falando dentro das probabilidades modernas, não faço ideia — disse o médico, arqueando as sobranceiras doloridas. — Não é fácil cortar um pescoço, mesmo de maneira desajeitada, e nesse caso o corte foi muito preciso. Algo assim seria possível com um machado de batalha ou um velho machado de carrasco, ou uma espada montante.

— Mas, meu Deus! — exclamou a duquesa, quase histérica. — Não há espadas montantes e machados de batalha por aqui.

Valentin ainda estava ocupado com o jornal à sua frente.

— Diga-me — disse ele, ainda escrevendo rapidamente —, um sabre longo de cavalaria francês poderia fazer esse corte? Uma batida baixa veio da porta, o que, por algum motivo irracional, gelou o sangue de todos como a batida em Macbeth. Em meio ao silêncio congelado, o Doutor Simon conseguiu dizer: — Um sabre, sim, acredito que poderia.

— Obrigado — disse Valentin. — Entre, Ivan.

O confidente Ivan abriu a porta e conduziu o Comandante Neil O'Brien, que finalmente encontrara andando de um lado para o outro, novamente no jardim.

O oficial irlandês permanecia incomodado e desafiador na soleira.

— O que você quer comigo? — exclamou.

— Por favor, sente-se — disse Valentin num tom agradável e neutro. — Ora, você não está com sua espada. Onde está? — Eu a deixei na mesa da biblioteca — disse O'Brien, com uma perturbação que reforçava seu sotaque. — Era um incômodo, estava ficando...

— Ivan — interrompeu Valentin —, por favor, vá à biblioteca e busque a espada do comandante.

Então, quando o servo desapareceu: — Lorde Galloway disse que viu você saindo do jardim pouco antes de encontrar o cadáver. O que você estava fazendo lá? O comandante lançou-se descuidadamente em uma cadeira.

— Oh! — ele exclamou em puro irlandês. — Admirando a lua.

Comungando com a natureza, meu caro.

Um silêncio pesado se abateu, agora duradouro, pontuado novamente por aquela batida trivial e terrível. Ivan reapareceu, carregando uma bacinha de aço vazia.

— Isso é tudo que pude encontrar — disse ele.

— Ponha na mesa — disse Valentin, sem levantar o rosto.

Houve um silêncio desumano na sala, como aquele mar de silêncio desumano em torno do patíbulo de um assassino condenado. As exclamações fracas da duquesa haviam morrido há muito tempo. O ódio sufocante de Lorde Galloway havia sido apaziguado. A voz que se levantou foi bastante inesperada.

— Acho que posso dizer — exclamou Lady Margaret, com aquela voz clara e trêmula com que uma mulher corajosa fala publicamente — o que o Senhor O'Brien estava fazendo no jardim, já que ele está amarrado ao silêncio. Ele estava me pedindo em casamento. Eu recusei; disse que, dadas as minhas circunstâncias familiares, não poderia dar a ele nada além de meu respeito. Ele se irritou um pouco com isso; o meu respeito não lhe interessava tanto. Imagino — ela acrescentou, com um sorriso um tanto pálido — se já agora o meu respeito interessa a ele; pois eu o ofereço mais uma vez. Proponho-me a jurar em qualquer lugar que ele é inocente.

Lorde Galloway aproximara-se da filha e a estava intimidando com o que imaginava ser um tom de voz baixo.

— Segure sua língua, Maggie — ele disse em um sussurro estrondoso. — Por que você deveria proteger esse sujeito? Onde está a espada dele? Onde essa sua droga de cavalaria... — parou por causa do olhar singular com que sua filha o olhava, um olhar que era de fato um ímã sinistro para todo o grupo.

— Seu velho tolo! — ela disse em voz baixa, sem fingir bons sentimentos. — O que você acha que está tentando provar? Eu digo a você que este homem não fez nada enquanto esteve comigo. Mas se ele não era inocente, ele ainda esteve comigo. Se ele assassinou um homem no jardim, quem o teria visto, ou pelo menos, quem saberia? Você odeia Neil a ponto de colocar sua própria filha... — Lady Galloway gritou. Todos os outros sentaram-se, nervosos pelo toque daquele tipo de tragédia satânica que já não era novidade entre amantes. Já enxergavam o rosto orgulhoso e branco da aristocrata escocesa e o do aventureiro irlandês, seu amante, como velhos retratos numa casa escura. O longo silêncio estava cheio de amorfas memórias históricas de maridos assassinados e amantes peçonhentos.

No meio desse silêncio mórbido, uma voz inocente perguntou: — Era um charuto muito comprido? A mudança de assunto foi tão brusca que eles

tiveram que olhar em volta para ver quem havia falado.

— Quero dizer — disse o pequeno Padre Brown, do canto da sala —, quero dizer, aquele charuto que o Senhor Brayne está terminando. Parece quase tão longo quanto uma bengala.

Apesar da irrelevância, houve assentimento, bem como irritação no rosto de Valentin quando ele levantou a cabeça.

— Muito bem — observou ele bruscamente. — Ivan, vá chamar o Senhor Brayne novamente, e traga-o aqui agora.

No instante em que o faz-tudo fechou a porta, Valentin se dirigiu à jovem com uma seriedade inteiramente nova.

— Lady Margaret — disse ele —, todos nós sentimos, tenho certeza, gratidão e admiração por seu ato de elevar-se acima de sua dignidade profunda e explicar a conduta do comandante. Mas ainda há um hiato. Lorde Galloway, pelo que entendi, a encontrou passando do escritório para a sala de estar, e só alguns minutos depois ele chegou ao jardim e viu o comandante ainda caminhando por lá.

— Você deve lembrar — respondeu Margaret, com uma ligeira ironia na voz — que eu tinha acabado de recusá-lo, então não nos cabia voltar de braços dados. Ele é um cavalheiro, de qualquer maneira; e ele ficou para trás; e assim, foi acusado de assassinato.

— Naquele breve intervalo — disse Valentin, gravemente — ele pode, na verdade... — novamente a batida, e Ivan apresentou seu rosto com sua cicatriz.

— Perdão, senhor — disse ele —, mas o Senhor Brayne saiu da casa.

— Saiu! — gritou Valentin, e se levantou pela primeira vez.

— Saiu. Partiu. Evaporou! — respondeu Ivan em um francês animado. — O chapéu e o casaco dele também sumiram, e vou lhe contar uma coisa para encerrar tudo. Eu corri para fora da casa para procurar qualquer vestígio dele, e encontrei um, e dos grandes.

— O que você quer dizer? — perguntou Valentin.

— Vou lhe mostrar — disse seu servo, e reapareceu com um faiscante sabre de cavalaria nu, manchado de sangue na ponta e no gume. Todos na sala olharam para ele como se fosse um raio; mas o experiente Ivan continuou em silêncio: — Eu encontrei isso jogado entre os arbustos a cinquenta metros da estrada para Paris. Em outras palavras, eu o encontrei exatamente onde o seu

respeitável Senhor Brayne o jogou quando fugiu.

Houve novamente um silêncio, mas de um novo tipo. Valentin pegou o sabre, examinou-o, refletiu com concentração inalterada de pensamento e então virou um rosto respeitoso para O'Brien.

— Comandante — disse ele —, confiamos que você apresentará esta arma sempre que ela for solicitada para exame policial. Até que isso ocorra, permita-me devolver sua espada.

Diante do simbolismo militar da ação, o público dificilmente pôde evitar os aplausos.

Para Neil O'Brien, na verdade, esse gesto foi o ponto de viragem de sua existência. Na manhã seguinte, quando vagava novamente no jardim misterioso, a trágica futilidade de seu semblante costumeiro o havia deixado; ele era agora um homem com muitos motivos para ser feliz. Lorde Galloway, um cavalheiro afinal, pedira-lhe desculpas. Lady Margaret era algo melhor do que uma dama, uma mulher, no mínimo; e é possível que tenha lhe oferecido algo melhor que um pedido de desculpas, enquanto vagavam entre os velhos canteiros de flores, antes do café da manhã. Todo o grupo estava mais alegre e humano, pois, embora o enigma da morte permanecesse, o peso da suspeita fora tirado de todos e despachado para Paris nas costas do estranho milionário — um homem que eles mal conheciam. O diabo estava expulso da casa — ele mesmo se havia expelido.

Mesmo assim, o enigma permanecia; e quando O'Brien se jogou em uma cadeira de jardim ao lado do Doutor Simon, aquele cientista perspicaz imediatamente prosseguiu o raciocínio. Ele não conseguiu fazer O'Brien falar muito, pois os pensamentos deste estavam em coisas mais agradáveis.

— Não posso dizer que me interessa muito — disse o irlandês com franqueza —, especialmente porque agora parece bem claro. Aparentemente, Brayne odiava aquele estranho por algum motivo; atraiu-o para o jardim e matou-o com a minha espada. Então ele fugiu para a cidade, jogando a espada para longe enquanto ia. A propósito, Ivan me disse que o morto tinha um dólar ianque no bolso. Portanto, ele era um compatriota de Brayne, e isso parece ser a prova final. Não vejo dificuldades no assunto.

— Existem cinco dificuldades imensas, labirínticas — disse o médico calmamente. — Não me entenda mal. Não tenho dúvidas de que Brayne é o assassino; sua fuga, imagino, prova isso. Mas como? Primeira dificuldade: por que um homem mataria outro com um sabre enorme, quando também pode matar com um canivete e então guardá-lo no bolso? Segunda dificuldade: por que não houve barulho ou grito? É comum que um homem veja outro surgir

agitando uma cimitarra e opte por ficar calado? Terceira dificuldade: um criado vigiou a porta da frente durante toda a noite; e um rato não pode entrar no jardim de Valentin por lugar nenhum. Como o defunto entrou no jardim? Quarta dificuldade: nas mesmas condições, como Brayne saiu do jardim? E com os olhos fixos no padre inglês que subia lentamente o caminho, Neil terminou: — E o quinto é um detalhe, talvez, mas eu acho estranho. Quando vi pela primeira vez como a cabeça havia sido cortada, supus que o assassino havia golpeado mais de uma vez. Mas, ao examinar, encontrei muitos cortes na seção truncada; em outras palavras, eles foram realizados depois de a cabeça ter sido cortada. Brayne odiava seu inimigo de forma tão diabólica que seguiu cortando seu corpo ao luar? — Horrível! — disse O'Brien, com um calafrio.

O pequeno sacerdote Brown chegara enquanto eles conversavam e esperara, com timidez característica, até que terminassem. Então disse, sem jeito: — Olha, desculpe-me interromper. Mas fui enviado para lhes contar a novidade! — Novidade? — repetiu Simon, e olhou para ele, sofregamente, através dos óculos.

— Sim, sinto muito — disse o Padre Brown suavemente. — Houve outro assassinato, sabe.

Os dois homens pularam do banco, que ficou balançando.

— E, o que é mais estranho ainda — continuou o padre, com seus olhos opacos fixos nas azaleias —, pelo mesmo processo repugnante; outra decapitação. Encontraram a segunda cabeça no rio, alguns metros à frente, na rota de Brayne para Paris; então estão supondo que ele... — — Cristo amado! — gritou O'Brien. — Brayne é monomaniaco? — Há vinganças americanas — disse o padre, impassível. Em seguida, acrescentou: — Eles querem que você vá à biblioteca e veja. O Comandante O'Brien acompanhou os outros até a averiguação, sentindo-se decididamente enjoado. Como soldado, detestava toda essa carnificina secreta; onde essa extravagância de decapitações terminaria? Primeiro uma cabeça arrancada, depois outra; neste caso (disse a si mesmo com amargura), não era verdade que duas cabeças pensam melhor que uma. Ao cruzar o escritório, quase cambaleou diante de uma coincidência chocante. Sobre a mesa de Valentin via-se a imagem colorida de uma outra cabeça se esvaindo em sangue; e era a cabeça do próprio Valentin. Um segundo olhar revelou que era apenas um jornal nacionalista, chamado La Guillotine, que todas as semanas mostrava um de seus oponentes políticos com olhos revirados e feições contorcidas logo após a execução; pois Valentin era um anticlerical de alguma notabilidade. Mas O'Brien era irlandês, tendo um grau de castidade até em seus pecados; seu pudor se revoltou contra aquela grande brutalidade do intelecto que só tem lugar na França. Ele sentiu Paris como um todo, desde os grotescos nas igrejas góticas às caricaturas grosseiras nos jornais. Lembrou-se do gigantesco deboche da Revolução. Enxergou a

cidade inteira como uma só energia medonha, desde o desenho sanguinolento na mesa de Valentin até o cume de onde, sobre uma montanha selvática de gárgulas, o grande demônio sorri na Notre-Dame.

A biblioteca era comprida, baixa e escura; a luz que havia passava sob as cortinas, trazendo ainda algo do tom avermelhado da manhã. Valentin e seu servo Ivan estavam esperando por eles na extremidade superior de uma mesa longa e ligeiramente inclinada, sobre a qual repousavam os restos mortais, que pareciam enormes à meia-luz. A grande figura negra e o rosto amarelo do homem encontrado no jardim os confrontavam, essencialmente inalterados. A segunda cabeça, que fora pescada entre os juncos do rio naquela manhã, jazia escorrendo e pingando ao lado; os homens de Valentin ainda estavam tentando recuperar o resto do segundo cadáver, que deveria estar flutuando. O Padre Brown, que não parecia compartilhar em nada das sensibilidades de O'Brien, foi até a segunda cabeça e examinou-a com seu cuidado pestanejante. Era pouco mais que um tufo de cabelo branco e úmido, com franjas de fogo prateado sob a luz vermelha e uniforme da manhã; o rosto, que parecia de um tipo feio, enrugado e talvez criminoso, sofrera rudes golpes contra árvores ou pedras ao ser jogado na água.

— Bom dia, Comandante O'Brien — disse Valentin, com cordialidade silenciosa. — Acredito que já tenha escutado falar do último experimento de açougueiro de Brayne...

Padre Brown, que continuava curvado sobre a cabeça de cabelos brancos, perguntou sem erguer o rosto: — Suponho que seja bastante certo que Brayne cortou esta cabeça também.

— Bem, parece o que bom senso diz — disse Valentin, com as mãos nos bolsos. — Morto da mesma forma que o outro. Encontrado a poucos metros um do outro. E fatiado pela mesma arma que sabemos que ele levou.

— Sim, sim; eu sei — respondeu Padre Brown com submissão. — Sabe... Mesmo assim, creio que Brayne não tenha cortado esta cabeça.

— Por que não? — perguntou o Doutor Simon, com um olhar racional.

— Bem, doutor — disse o padre, erguendo os olhos e piscando —, é possível a um homem cortar a própria cabeça? Eu não sei.

O'Brien sentiu um universo insano desabando em seus ouvidos; mas o médico avançou com impetuosa praticidade e empurrou para trás os cabelos brancos e molhados.

— Oh, não há dúvida de que é Brayne — disse o padre, calmamente.

— Ele tinha exatamente este pedacinho faltando na orelha esquerda. O detetive, que olhava para o padre com olhos firmes e brilhantes, abriu a boca cerrada e disse asperamente: — O senhor parece saber muito sobre ele, Padre Brown.

— Sim — disse o homenzinho simplesmente. — Já faz algumas semanas que temos nos visto. Ele estava pensando em se juntar à nossa igreja.

Um brilho fanático subiu aos olhos de Valentin; ele caminhou em direção ao sacerdote com as mãos firmemente fechadas.

— E, talvez — gritou ele, com um sorriso de escárnio —, talvez ele também estivesse pensando em deixar todo o seu dinheiro para a sua igreja! — Talvez ele estivesse — disse Brown impassivelmente. — É possível.

— Nesse caso — exclamou Valentin, com um sorriso sinistro —, você pode realmente saber muito sobre ele. Sobre sua vida e sobre sua...

O Comandante O'Brien pôs a mão no braço de Valentin.

— Pare com essa porcaria, Valentin — disse ele —, ou mais espadas podem ainda aparecer.

Mas Valentin (sob o olhar atento e humilde do padre) já havia se recuperado.

— Bem — disse ele —, as opiniões pessoais das pessoas podem esperar. Os senhores ainda estão comprometidos com sua promessa de ficar; devem aplicá-la a si mesmos e uns aos outros. O Ivan contará a vocês qualquer coisa mais que queiram saber. Eu devo começar a trabalhar e escrever para as autoridades. Não podemos mais ficar em silêncio. Estarei em meu escritório, escrevendo, se houver mais novidades.

— Há mais novidades, Ivan? — perguntou o Doutor Simon, quando o chefe de polícia saiu da sala.

— Só mais uma coisa, eu acho, senhor — disse Ivan, franzindo o rosto acinzentado —, mas também importante, à sua maneira. Aquele pobre coitado que o senhor encontrou no gramado — e ele apontou sem fingir reverência para o grande corpo negro com a cabeça amarela —, nós descobrimos quem ele é.

— É mesmo? E quem é ele? — O nome dele era Arnold Becker — disse o auxiliar de detetive —, embora usasse muitos apelidos. Ele era uma espécie de malandro errante e é conhecido por ter estado na América; então foi por lá que o Brayne decidiu enfiar a faca nele. Nós mesmos não tínhamos muito a fazer com ele, pois trabalhava principalmente na Alemanha. Nós nos

comunicamos, é claro, com a polícia alemã. Mas, curiosamente, havia um irmão gêmeo dele, chamado Louis Becker, com quem tínhamos muito o que fazer. Na verdade, achamos necessário guilhotiná-lo justamente ontem. Bem, é uma desgraça, senhores, mas quando vi aquele sujeito deitado no gramado levei o maior susto da minha vida. Se eu não tivesse visto Louis Becker guilhotinado com meus próprios olhos, teria jurado que era Louis Becker deitado na grama. Então, é claro, lembrei-me de seu irmão gêmeo na Alemanha, e seguindo a pista...

O explicativo Ivan parou, pela excelente razão de que ninguém o estava ouvindo. O comandante e o médico olhavam fixamente para o Padre Brown, que se levantara rigidamente de um salto e segurava as têmporas com força, como um homem sentindo uma dor repentina e violenta: — Pare, pare, pare! Pare de falar um minuto, pois vejo a metade. Deus me dará força? Meu cérebro dará o pulo e verá tudo? Deus, me ajude! Eu era tão bom em pensar. Já fui capaz de parafrasear qualquer página de Aquino. Minha cabeça vai rachar, ou vai enxergar? Eu vejo a metade, só vejo a metade! Ele enterrou a cabeça nas mãos e aceitou uma espécie de rígida tortura, de pensamento ou de oração, enquanto os outros três só podiam continuar olhando para este mais recente prodígio naquelas doze horas malucas.

Quando as mãos do Padre Brown caíram, mostraram um rosto bastante fresco e sério, como o de uma criança. Ele deu um grande suspiro e disse: — Vamos resolver isso o mais rápido possível. Vejam, esta será a maneira mais rápida de convencer os senhores da verdade.

Ele se virou para o médico.

— Doutor Simon, o senhor tem uma cabeça privilegiada, e eu o ouvi, esta manhã, listando as cinco perguntas mais difíceis sobre o caso. Bem, se você perguntar de novo, eu responderei.

O pincenê de Simon caiu do nariz, em sua dúvida e assombro, mas ele atendeu imediatamente.

— Bem, a primeira pergunta, você sabe, é por que um homem mataria outro com um sabre desajeitado em vez de usar uma arma pequena.

— É impossível decapitar com uma arma pequena — disse Brown calmamente. — E para este assassinato a decapitação era absolutamente necessária.

— Por quê? — perguntou O'Brien, com interesse.

— E a próxima pergunta? — questionou o Padre Brown.

— Bem, por que o homem não gritou ou algo assim? — perguntou o médico
— Sabres em jardins são certamente incomuns.

— Galhos — disse o padre sombriamente, voltando-se para a janela que dava para a cena da morte. — Ninguém olhou a ponta dos galhos. Por que estariam naquele gramado, olhem!, tão longe de qualquer árvore? Eles não foram arrancados; foram cortados. O assassino ocupou o inimigo com alguns truques com o sabre, mostrando como podia cortar um galho no ar, ou sei lá o quê. Então, enquanto seu inimigo se abaixava para ver o resultado, um golpe silencioso, e a cabeça caiu.

— Bem — disse o médico lentamente —, isso parece bastante plausível. Mas minhas próximas duas perguntas vão confundir qualquer um.

O padre ainda ficou olhando criticamente pela janela e esperou.

— Você sabe como todo o jardim é lacrado como uma câmara hermética — continuou o médico. — Bem, como o homem estranho entrou no jardim? Sem se virar, o pequeno padre respondeu: — Nunca houve nenhum homem estranho no jardim.

Houve um silêncio, e então uma gargalhada repentina, quase infantil, aliviou a tensão. O absurdo da observação de Brown levou Ivan a provocações abertas.

— Oh! — ele gemeu. — Então não arrastamos um grande cadáver gordo para um sofá ontem à noite? Ele não tinha ido ao jardim, suponho? — Se ele foi ao jardim? — repetiu Brown reflexivamente. — Não, não completamente.

— Para com isso! — gritou Simon. — Ou um homem vai ao jardim ou não vai.

— Não necessariamente — disse o padre, com um leve sorriso.

— Qual é a próxima pergunta, doutor? — Imagino que você esteja doente! — exclamou o Doutor Simon bruscamente. — Mas farei a próxima pergunta, se você faz questão. Como Brayne saiu do jardim? — Ele não saiu do jardim — disse o padre, ainda olhando pela janela.

— Não saiu do jardim? — Simon explodiu.

— Não completamente.

Simon sacudiu os punhos em um frenesi de lógica francesa.

— Um homem sai de um jardim, ou não sai! — gritou.

— Nem sempre — disse Padre Brown.

O Doutor Simon pôs-se de pé com impaciência.

— Não tenho tempo a perder com essa conversa sem sentido! — gritou ele com raiva. — Se você não compreende que um homem ou está do lado de cá ou do lado de lá de uma parede, não vou incomodá-lo mais.

— Doutor — disse o clérigo muito gentilmente —, nós sempre nos demos tão bem... Ao menos em nome de uma velha amizade, pare e me diga sua quinta pergunta.

O impaciente Simon afundou em uma cadeira perto da porta e disse brevemente: — A cabeça e os ombros foram cortados de uma maneira estranha.

Parecia algo feito após a morte.

— Sim — disse o padre imóvel —, isso foi feito para fazer você acreditar exatamente na única falsidade simples em que você acreditou. Fizeram isso para que você presumisse que a cabeça pertencia ao corpo.

O limiar do cérebro, onde todos os monstros nascem, tremeu horivelmente no gaélico O'Brien. Ele sentiu a presença caótica de todos os homens-cavalo e mulheres-peixe que a fantasia antinatural do homem gerou. Uma voz mais velha que seus primeiros pais parecia dizer-lhe ao ouvido: "Afastes-se do jardim monstruoso onde cresce a árvore dos frutos duplos. Evite o jardim maligno onde morreu o homem com duas cabeças". No entanto, enquanto essas vergonhosas formas simbólicas cruzavam o antigo espelho de sua alma irlandesa, seu intelecto afrancesado estava bastante alerta e observava o estranho sacerdote com tanta atenção e incredulidade quanto os demais.

Padre Brown finalmente se virou e ficou de pé na frente da janela, com o rosto em sombra fechada; mas mesmo naquela sombra eles podiam ver que era um rosto pálido como a cinza. No entanto, ele falou com bastante sensatez, como se não houvesse almas gaélicas na Terra: — Senhores, vocês não encontraram o corpo de Becker, um estranho, no jardim. Vocês não encontraram nenhum corpo estranho no jardim. Diante do racionalismo do Doutor Simon, ainda afirmo que Becker estava apenas parcialmente presente. Olhem! — apontando para a massa negra do cadáver misterioso. — Vocês nunca viram esse homem em suas vidas. Vocês já viram esse homem? E ele afastou rapidamente a cabeça careca e amarela do desconhecido e colocou em seu lugar a cabeça de cabelos brancos que estivera ao lado dela. E lá, completo, unificado, inconfundível, estava Julius K. Brayne.

— O assassino — continuou Brown, calmamente — cortou a cabeça de seu inimigo e arremessou a espada por cima da parede. Mas ele era muito inteligente para lançar apenas a espada. Ele jogou a cabeça por cima da parede

também. Assim ele só precisava bater palmas para receber uma nova cabeça para o cadáver, e (como ele insistiu em uma averiguação privada) todos vocês imaginaram um homem totalmente novo.

— Bater palmas por outra cabeça! — disse O'Brien. — Que outra cabeça? Cabeças não brotam em arbustos de jardim, certo? — Não — disse o Padre Brown com voz rouca, olhando para as botas. — Existe apenas um lugar em que elas brotam. Elas brotam na cesta da guilhotina, ao lado da qual o chefe de polícia, Aristide Valentin, estava parado menos de uma hora antes do assassinato. Oh, meus amigos, ouçam-me mais um minuto antes de me despedaçarem. Valentin é um homem honesto, se ficar louco por uma causa discutível é honestidade. Mas vocês nunca viram naquele olhar frio e cinza dele que ele é louco!? Ele faria qualquer coisa, qualquer coisa, para quebrar isso que ele chama de "superstição da cruz". Ele lutou por essa causa e passou fome por essa causa, e agora ele assassinou por essa causa. Os milhões insanos de Brayne até então haviam sido espalhados entre tantas seitas, que pouco fizeram para alterar o equilíbrio das coisas. Mas Valentin ouviu um rumor de que Brayne, como tantos céticos desmiolados, estava se aproximando de nós; e isso era uma coisa bem diferente. Brayne despejaria recursos na empobrecida e combativa Igreja da França; ele financiaria seis jornais nacionalistas como La Guillotine. A batalha já estava equilibrada em um ponto, e o fanático decidiu se arriscar. Resolveu destruir o milionário, e o fez como se esperaria que o maior dos detetives cometesse seu único crime. Recolheu a cabeça decepada de Becker com alguma desculpa criminológica e a levou para casa em sua caixa oficial. Ele teve aquela última discussão com Brayne, cujo fim Lorde Galloway não testemunhou; falhando, ele o conduziu para o jardim fechado, falou sobre esgrima, usou gravetos e um sabre como ilustração e... — Ivan, o da cicatriz, ergueu-se.

— Seu lunático! — ele gritou. — Você irá para o meu mestre agora, mesmo que eu tenha que... — — Ora, eu estava indo para lá — disse Brown, pesadamente. — Devo pedir a ele que se arrependa, se confesse, e o que mais...

Conduzindo o infeliz Brown diante deles como um refém ou uma vítima sacrificial, eles correram juntos até o surpreendentemente silencioso escritório de Valentin.

O grande detetive estava sentado à sua mesa, aparentemente ocupado demais para ouvir sua entrada turbulenta. Eles pararam por um momento, e então algo na imagem daquelas costas eretas e elegantes fez o médico correr de repente. Um toque e um olhar levaram-no a perceber uma pequena caixa de pílulas no cotovelo de Valentin, e que Valentin estava morto em sua cadeira; e na face cega do suicídio havia algo mais que o mero orgulho de Catão.

OS PASSOS ESTRANHOS

Se você encontrar um membro desse seletto clube, “Os Doze Verdadeiros Pescadores”, entrando no Hotel Vernon para o jantar anual do clube, observará, enquanto o tal membro tira o sobretudo, que seu traje de gala é verde e não preto. E se você (supondo que tenha a incrível audácia de se dirigir a tal ser) perguntar-lhe o porquê disso, ele provavelmente responderá que o faz para evitar ser confundido com um garçom. Você vai, então, se retirar, esmagado. Mas deixará para trás um mistério ainda não resolvido e uma história interessante.

Se você (seguindo a mesma linha de conjectura improvável) conhecesse um padre gentil e trabalhador, chamado Padre Brown, e lhe perguntasse o que ele acha ter sido a mais singular sorte de sua vida, ele provavelmente responderia que, em termos gerais, seu maior acerto foi no Hotel Vernon, onde evitou um crime e, talvez, salvou uma alma, apenas por ouvir alguns passos em um corredor. Ele talvez se orgulhe um pouco dessa louca e maravilhosa intuição, e é possível que conte sobre ela. Mas, uma vez que é incomensuravelmente improvável que você algum dia suba tão alto no mundo social a ponto de encontrar os Doze Verdadeiros Pescadores, ou que você afunde o suficiente entre favelas e criminosos para encontrar o Padre Brown, temo que nunca ouvirá essa história, a menos que a ouça de mim.

O Hotel Vernon, em que os Doze Verdadeiros Pescadores realizavam seus jantares anuais, era uma instituição das que só podem existir em uma sociedade oligárquica à beira do enlouquecimento por boas maneiras. Era aquele produto invertido — um empreendimento comercial “exclusivo”. Ou seja, um negócio que não buscava atrair pessoas, mas antes, afastá-las. No cerne de uma plutocracia, os comerciantes se tornam suficientemente astutos para se fazerem mais meticulosos do que seus clientes. Eles positivamente criam dificuldades para que seus clientes ricos e cansados possam gastar dinheiro e diplomacia superando-os. Se houvesse em Londres um hotel da moda no qual ninguém com menos de um metro e oitenta pudesse entrar, a sociedade humildemente formaria grupos de homens de um metro e oitenta para ali jantar. Se houvesse um restaurante caro que, por mero capricho do proprietário, só abrisse na quinta-feira à tarde, este restaurante lotaria na quinta-feira à tarde. O Hotel Vernon estava localizado, como que acidentalmente, na esquina de uma praça em Belgravia. Era um hotel pequeno; e muito inconveniente. Mas seus próprios inconvenientes foram considerados paredes que protegiam uma classe particular. Um inconveniente, em especial, era considerado de vital importância: o fato de que praticamente apenas vinte e quatro pessoas podiam jantar no local ao mesmo tempo. A única grande mesa de jantar era a célebre mesa do terraço, aberta ao ar livre em uma espécie

de varanda com vista para um dos jardins antigos mais requintados de Londres. E por esse motivo, os vinte e quatro lugares desta mesa só podiam ser desfrutados em tempo quente; e isso, tornando o prazer ainda mais difícil, tornava-o ainda mais desejado. O atual proprietário do hotel era um judeu chamado Lever; e ele estava praticamente milionário assim, fazendo o hotel pouco acessível. É claro que ele combinava, com essa limitação no escopo de seu empreendimento, o mais cuidadoso polimento em seu desempenho. Os vinhos e a culinária eram realmente tão bons quanto os de qualquer lugar na Europa, e o comportamento dos atendentes refletia exatamente o humor da classe alta inglesa. O proprietário conhecia todos os seus garçons como os dedos de sua mão; eles eram apenas quinze, ao todo. Era muito mais fácil ser um membro do parlamento do que ser garçom naquele hotel. Cada servidor fora treinado em silêncio e suavidade terríveis, como se fossem o criado de um cavalheiro. E, de fato, geralmente havia pelo menos um garçom para cada cavalheiro que jantava.

O clube dos Doze Verdadeiros Pescadores não teria consentido em jantar em qualquer lugar que não aí, pois insistia em uma privacidade luxuosa; e teria ficado bastante chateado com a simples ideia de que qualquer outro clube estivesse jantando no mesmo prédio. Por ocasião de seu jantar anual, os Pescadores costumavam expor todos os seus tesouros, como se estivessem em uma casa particular, especialmente o célebre conjunto de facas e garfos de peixe que eram, por assim dizer, a insígnia da sociedade, cada garfo primorosamente trabalhado em prata na forma de um peixe, e cada faca tendo uma grande pérola encrustada na guarda. Estes eram sempre usados para o prato principal de peixe, e o prato de peixe era sempre o mais magnífico naquele magnífico repasto. A sociedade tinha um vasto número de cerimônias e observâncias, mas não tinha história nem escopo; era neste ponto em que eram mais aristocráticos. Você não precisava ser nada para ser um dos Doze Pescadores; a menos que você já fosse um certo tipo de pessoa, nem ouviria falar neles. Já existia há doze anos. Seu presidente era o Senhor Audley. Seu vice-presidente era o duque de Chester.

Se, em algum grau, transmiti a atmosfera deste hotel horrível, o leitor pode sentir uma curiosidade natural sobre como vim a saber algo sobre ele, e pode até mesmo especular sobre como uma pessoa tão comum como meu amigo, o Padre Brown, chegou a encontrar-se naquela galé dourada. No que diz respeito a isso, minha história é simples, ou mesmo vulgar. Há no mundo um antiquíssimo desordeiro e demagogo, que invade os retiros mais refinados com a terrível proclamação de que todos os homens são irmãos; e aonde quer que esse equalizador vá, em seu cavalo baio, o ofício do Padre Brown é ir logo atrás. Um dos garçons, um italiano, tinha sido atingido por um derrame paralítico naquela tarde; e seu patrão judeu, maravilhando-se levemente com tais superstições, consentiu em mandar chamar o padre papista mais próximo. Não sabemos o que o garçom confessou ao Padre Brown, pela excelente razão

de que aquele clérigo não o revelou a ninguém; mas, aparentemente, o teor da confissão envolvia o padre, que escreveria uma nota ou declaração com o objetivo de transmitir certa mensagem ou de corrigir alguma injustiça. Padre Brown, portanto, com uma mansa impudência, que exibiria igualmente no Palácio de Buckingham, pediu para ser levado a um quarto e que o dessem material para escrever. O Senhor Lever ficou dividido. Ele era um homem gentil, e também capaz daquela má imitação de gentileza que consiste em não gostar de dificuldades ou cenas. Ao mesmo tempo, a presença de um estranho estapafúrdio em seu hotel, naquela noite, era algo como uma partícula de sujeira em um objeto que acabava de ser limpo. Nunca houve qualquer barreira ou antessala no Hotel Vernon, nenhuma pessoa esperando no saguão, nenhum hóspede entrando por acaso. Havia quinze garçons. Havia doze convidados. Seria tão surpreendente para qualquer um encontrar um novo hóspede no hotel naquela noite quanto encontrar um novo irmão tomando café da manhã ou chá com sua família. Além disso, a aparência do padre era de segunda categoria, e suas roupas, enlameadas; um mero e distante vislumbre dele poderia precipitar uma crise no clube. O Senhor Lever finalmente concebeu um plano para ocultar a desgraça, já que não poderia eliminá-la. Quando você entra (o que nunca acontecerá) no Hotel Vernon, você passa por um corredor curto, decorado com algumas fotos sombrias, mas importantes, e chega ao vestibulo principal, que se abre à sua direita para corredores que levam aos quartos públicos, e à sua esquerda para um corredor semelhante que leva para as cozinhas e escritórios do hotel. Imediatamente à sua esquerda, está o vértice de um escritório de vidro, que confina com este vestibulo — uma casa dentro de uma casa, por assim dizer, como o antigo bar de hotel que provavelmente já ocupou seu lugar.

Neste escritório ficava o representante do proprietário (ninguém no hotel jamais se apresentava em pessoa se pudesse evitar), e logo além do escritório, a caminho dos aposentos dos empregados, ficava a chapelaria dos gentis-homens, a fronteira final do domínio cavaleiresco. Mas entre o escritório e a chapelaria havia uma pequena sala privada, de uma única entrada, que o proprietário usava às vezes para assuntos delicados e importantes, como emprestar mil libras a um duque ou recusar-se a emprestar-lhe seis pence. A magnífica tolerância do Senhor Lever é demonstrada por ele ter permitido que esse lugar sagrado fosse por cerca de meia hora profanado por um mero padre, rabiscando um pedaço de papel. A história que o Padre Brown estava escrevendo muito provavelmente era muito melhor do que esta, só que ela nunca será conhecida. Posso apenas afirmar que era quase tão longa quanto esta e que os seus últimos dois ou três parágrafos eram menos emocionantes e absorventes.

Pois foi quando chegou a estes que o padre começou a permitir, um pouco, que seus pensamentos vagassem e seus sentidos animais, normalmente sutis, despertassem. A hora da escuridão e do jantar estava se aproximando; sua

própria saleta esquecida estava sem luz, e talvez a escuridão crescente, como às vezes acontece, tenha aguçado o sentido da audição. Enquanto redigia a última e menos essencial parte de seu documento, o Padre Brown se surpreendeu escrevendo ao ritmo de um ruído recorrente do lado de fora, do mesmo modo como às vezes o pensamento assume o ritmo do som de um trem. Quando tomou consciência da coisa, descobriu o que era: apenas a percussão normal de pés passando pela porta, o que em um hotel não era muito surpreendente. Mesmo assim, ele olhou para o teto escuro e ouviu o som. Depois de ouvir por alguns segundos, como quem sonha, ele se levantou e passou a ouvir atentamente, com a cabeça um pouco inclinada para o lado. Então sentou-se novamente e enterrou a testa nas mãos, agora não apenas ouvindo, mas ouvindo e também pensando.

Os passos do lado de fora eram, a qualquer momento, os que se ouvem em qualquer hotel; e, no entanto, considerados como um todo, havia algo muito estranho neles. Não havia passos concorrentes. A casa permanecia muito silenciosa, pois os poucos hóspedes iam imediatamente para seus aposentos, e os garçons bem treinados eram instruídos a permanecer quase invisíveis até serem procurados.

Não se poderia conceber nenhum lugar onde houvesse menos razão para apreender algo irregular. Mas esses passos eram tão estranhos que não se podia decidir chamá-los de “regulares” ou “irregulares”. Padre Brown seguiu-os com o dedo, na borda da mesa, como um homem tentando aprender uma melodia ao piano.

Primeiro, foi um longo disparo de pequenos passos rápidos, como um homem leve praticando marcha atlética. Em certo ponto, eles pararam e mudaram para uma espécie de batida lenta e oscilante, cujo número não chegava a um quarto dos passos anteriores, mas durando um intervalo de tempo semelhante. No momento em que o som da última pisada ecoante morria, voltava a corridinha de pés leves e apressados, e então novamente o baque da caminhada mais pesada. Certamente era o mesmo par de botas, em parte porque (como já foi dito) não havia outras botas por perto, e em parte porque tinham um rangido discreto, mas inconfundível. Padre Brown tinha o tipo de cabeça que não consegue deixar de fazer perguntas; e nesta questão aparentemente trivial sua cabeça quase partiu. Ele tinha visto homens correrem para pular. Tinha visto homens correrem para deslizar. Mas por que diabos um homem deveria correr para depois andar? Ou, por outra, por que deveria andar para então correr? No entanto, nenhuma outra narrativa descreveria as travessuras desse par de pernas invisíveis. O homem estava ou andando muito rápido pela metade do corredor para andar muito devagar na outra metade; ou estava andando muito devagar em uma extremidade para ter o êxtase de andar rápido na outra. Nenhuma das sugestões parecia fazer muito sentido. Seu cérebro estava ficando cada vez mais escuro, como seu quarto.

No entanto, quando começou a pensar com firmeza, a própria escuridão de sua cela parecia tornar seus pensamentos mais vívidos; ele começou a ver, como numa espécie de visão, os pés fantásticos saltitando ao longo do corredor, em atitudes não naturais ou simbólicas. Era uma dança religiosa pagã? Ou algum tipo inteiramente novo de exercício científico? O Padre Brown começou a se perguntar com mais exatidão o que os passos sugeriam. Considerando primeiro o passo lento: certamente não era o proprietário. Homens desse tipo andam rápido ou ficam parados. Não poderia ser nenhum servo ou mensageiro esperando por instruções. Não parecia. As classes mais pobres (em uma oligarquia) às vezes cambaleiam quando estão ligeiramente bêbadas, mas geralmente, e especialmente em tais cenas lindas, elas se levantam ou sentam em poses constrangidas. Não; aquele passo pesado, porém flexível, com uma espécie de ênfase descuidada, não especialmente barulhento, mas sem se importar com o barulho que fazia, pertencia a apenas um dos animais desta Terra. Era um cavalheiro da Europa Ocidental, provavelmente alguém que nunca havia trabalhado para viver.

Assim que ele chegou a essa firme certeza, o passo mudou para o mais rápido e passou correndo pela porta tão febrilmente quanto um rato. O ouvinte observou que, embora esse passo fosse muito mais rápido, também era muito mais silencioso, quase como se o homem estivesse andando na ponta dos pés. No entanto, sua mente não o associou a algum segredo, mas a outra coisa — algo de que ele não conseguia se lembrar. Ele estava enlouquecido por uma daquelas meias-memórias que fazem um homem se sentir estúpido. Certamente tinha ouvido aquele modo estranho e rápido de andar anteriormente. Então, ergueu-se com uma nova ideia na cabeça e caminhou até a porta. A sala não tinha saída direta para o corredor, mas por um lado dava no escritório de vidro e pelo outro na chapelaria além deste. Ele tentou abrir a porta do escritório e a encontrou trancada. Então, olhou para a janela, agora uma vidraça quadrada cheia de nuvens roxas fendidas pelo lívido pôr do sol, e por um momento sentiu o cheiro do mal, como um cachorro fareja ratos.

A parte racional dele (não diremos se a mais sábia) retomou sua supremacia. Lembrou-se de que o proprietário lhe havia dito que trancaria a porta e que viria depois para liberá-lo. Disse a si mesmo que vinte coisas em que não havia pensado poderiam explicar os sons excêntricos do lado de fora; ele lembrou a si mesmo que só havia luz suficiente para terminar seu próprio trabalho. Trazendo o jornal para a janela para capturar a última luz agitada do fim da tarde, ele mergulhou resolutamente mais uma vez no registro, já quase completo. Ele havia escrito por cerca de vinte minutos, curvando-se cada vez mais perto de seu papel sob a luz cada vez mais fraca; então, de repente, endireitou a postura. Tinha ouvido os passos outra vez.

Desta vez, eles tinham uma terceira estranheza. Anteriormente, o homem desconhecido havia caminhado, é verdade que com leveza e rapidez de

relâmpago, mas caminhando. Agora ele corria. Podia-se ouvir os passos rápidos, suaves e saltitantes que vinham ao longo do corredor, como as patas de uma pantera em fuga e salto. Quem quer que fosse, era um homem muito forte e ativo, numa agitação permanente e dilacerante. No entanto, quando o som atingiu o escritório como uma espécie de redemoinho sussurrante, de repente mudou novamente para a velha batida lenta e arrogante.

Padre Brown largou o jornal, e sabendo que a porta do escritório estava trancada, foi imediatamente para o vestiário do outro lado. O atendente deste lugar estava temporariamente ausente, provavelmente porque os únicos convidados estavam jantando e seu cargo era uma sinecura. Depois de tatear através de uma floresta cinza de sobretudos, ele descobriu que a escura chapelaria se abria para o corredor iluminado por uma espécie de balcão ou meia porta, como a maioria dos balcões em que todos nós já entregamos guarda-chuvas e recebemos ingressos. Havia uma lâmpada imediatamente acima do arco semicircular dessa abertura. Pouca luz lançou sobre o próprio Padre Brown, que parecia um mero contorno escuro contra a janela escura do pôr do sol atrás de si. Mas quase teatral era a luz jogada sobre o homem que estava no corredor, do lado de fora.

Ele era um homem elegante em um muito simples traje de noite; alto, mas com ar de não ocupar muito espaço; sentia-se que ele poderia deslizar como uma sombra por lugares onde muitos homens menores seriam óbvios e obstrutivos. Seu rosto, agora voltado para a luz do lampião, era moreno e vivaz, o rosto de um estrangeiro. Sua figura era agradável, seus modos, bem-humorados e confiantes; um crítico só poderia dizer que seu casaco preto não fazia justiça à sua silhueta e às suas maneiras, chegando a estar estranhamente torto e inchado. No momento em que avistou a silhueta negra de Brown contra o pôr do sol, ele jogou no balcão um pedaço de papel com um número e gritou com amável autoridade: — Quero meu chapéu e meu casaco, por favor; acho que tenho que ir embora imediatamente.

O Padre Brown pegou o papel sem dizer uma palavra e obedientemente foi procurar o casaco; não era a primeira vez na vida que desempenhava um trabalho servil. Trouxe-o e colocou sobre o balcão; enquanto isso, o estranho cavaleiro, que apalpava o bolso do colete, disse rindo: — Não tenho prata trocada; fique com isso.

E jogou no chão meio soberano,³ pegando seu casaco.

A figura do Padre Brown permaneceu bastante escura e imóvel; mas naquele instante ele perdeu a cabeça. E sua cabeça sempre valia mais quando a perdia. Em momentos assim, ele somava dois mais dois e chegava a quatro milhões. Frequentemente, a Igreja Católica (que é casada com o bom senso) não o aprovava. Frequentemente, ele mesmo não o aprovava. Mas eram uma

inspiração real — importantes em crises raras — em momentos quando quem perdesse a cabeça, por isso mesmo, a salvaria.

— Eu acho, senhor — disse ele civilizadamente —, que o senhor tem algumas pratinhas no bolso.

O cavalheiro alto fixou o olhar.

— O que há?! — gritou ele. — Se eu achei melhor te dar ouro, do que você tem que reclamar? — Porque a prata às vezes é mais valiosa do que o ouro — disse o padre suavemente. — Quero dizer, em grandes quantidades.

O estranho olhou para ele com curiosidade. Então olhou com ainda mais curiosidade o corredor em direção à entrada principal. Então olhou para Brown novamente, e então olhou com muito cuidado para a janela além da cabeça de Brown, ainda colorida com o resplendor da chuva. Pareceu, então, se decidir. Ele colocou uma mão no balcão, saltou-o com facilidade de acrobata e, como uma torre, aproximou-se do sacerdote, colocando uma mão terrível em seu colarinho.

— Fique quieto — disse ele, em um sussurro cortante. — Eu não quero te ameaçar, mas...

— Eu quero te ameaçar — disse Brown, em uma voz percussiva.

— Eu quero te ameaçar com o verme que não morre, e o fogo que não se apaga.

— Você é uma porcaria de guardador de chapéus — disse o outro.

— Eu sou um padre, Monsieur Flambeau — disse Brown — e estou pronto para ouvir sua confissão.

O outro ficou ofegante por alguns momentos, e então cambaleou para trás, sentando-se numa cadeira.

Os dois primeiros pratos do jantar dos Doze Verdadeiros Pescadores tinham atingido um plácido sucesso. Não possui uma cópia do menu; e se tivesse, não contaria a ninguém o que continha. Ele tinha sido escrito naquela espécie de superfrancês empregado por cozinheiros, mas totalmente ininteligível para os franceses. Havia uma tradição no clube de que os hors d'œuvres deviam ser variados e múltiplos ao ponto da insanidade. Eles eram levados a sério porque eram figurantes comprometidos com a inutilidade, como todo o jantar e todo o clube. Também havia uma tradição de que a sopa deveria ser leve e desprezível — uma espécie de vigília simples e austera antes do banquete de peixes que estava por vir. A conversa era daquele tipo estranho e leve que

secretamente governa o Império Britânico e que, ainda assim, dificilmente esclareceria um inglês comum que por acaso a ouvisse. Ministros dos dois partidos eram mencionados por seus nomes de batismo, com uma espécie de benignidade entediada. O Chanceler do Tesouro, um radical a quem todo o partido conservador amaldiçoava por suas extorsões, era elogiado por sua poesia menor ou pela sela de seu cavalo, quando ia ao campo de caça. O líder conservador, que todos os liberais deveriam odiar como a um tirano, era discutido e, em geral, elogiado — como um liberal. De alguma forma, parecia que os políticos eram muito importantes. E, no entanto, parecia que tudo sobre eles era importante, exceto sua política. O Senhor Audley, o presidente do clube, era um homem idoso e amável que ainda usava colarinhos à Gladstone; ele era uma espécie de símbolo daquele grupo fantasmagórico e ainda assim estável. Ele nunca tinha feito nada — nem mesmo nada de errado. Não era rápido; nem mesmo era excepcionalmente rico. Simplesmente estava no contexto; e isso bastava. Nenhum partido poderia ignorá-lo, e se ele quisesse estar no gabinete, certamente o poriam lá. O duque de Chester, vice-presidente do clube, era um político jovem e em ascensão. Ou seja, era um jovem simpático, de cabelos lisos e louros e rosto sardento, de inteligência moderada e posses enormes. Em público, suas aparições sempre eram bem-sucedidas e seu princípio era bastante simples. Quando ele pensava em uma piada, contava-a e era considerado brilhante. Quando não conseguia pensar em uma piada, dizia que não era hora para brincadeiras e era considerado eficaz. Na intimidade, em um clube de sua própria classe, era simplesmente franco e bobo de um modo agradável, feito um colegial. O Senhor Audley, por nunca ter feito política, tratava a todos com um pouco mais de seriedade. Às vezes, ele até embaraçava a turma com frases sugerindo que havia alguma diferença entre um liberal e um conservador. Ele mesmo era conservador, até mesmo na vida privada. Tinha uma mecha de cabelos grisalhos na parte de trás do colarinho, como certos estadistas antiquados, e, visto de trás, parecia o homem que o império procura. Visto de frente, parecia um solteirão dócil e autoindulgente, com quartos no Albany... e era isto que ele era.

Como já foi dito, havia vinte e quatro lugares na mesa do terraço e apenas doze membros do clube. Assim, eles poderiam ocupar o terraço no estilo mais luxuoso de todos: um ao lado do outro, ao longo do lado interno da mesa e sem ninguém em frente, com uma vista ininterrupta do jardim, cujas cores ainda eram vivas, embora a noite viesse chegando com um ar um pouco sinistro para a época do ano. O presidente sentou-se no centro da mesa, e o vice-presidente, na extremidade direita. Quando os doze convidados se reuniam pela primeira vez em seus lugares, era costume (por alguma razão desconhecida) que todos os quinze garçons ficassem alinhados na parede, como soldados mostrando armas ao rei, enquanto o gordo proprietário se curvava ao clube com radiante surpresa, como se nunca tivesse ouvido falar deles até então. Mas antes do primeiro tilintar de faca e garfo esse exército de

criados desapareceu, sobrando apenas os talvez dois que deveriam coletar e distribuir os pratos, planando em silêncio fatal. O proprietário, Senhor Lever, havia obviamente desaparecido em convulsões de cortesia muito antes. Seria exagerado, até mesmo irreverente, dizer que ele positivamente apareceu outra vez. Mas quando o prato principal, o peixe, estava sendo trazido, havia — como direi? — uma sombra vívida, uma projeção de sua personalidade, que dizia que ele estava pairando por perto. O bendito prato de peixes consistia (aos olhos do vulgo) em uma espécie de pudim monstruoso, do tamanho e da forma de um bolo de casamento, no qual um número considerável de peixes interessantes haviam perdido completamente as formas que Deus lhes dera. Os Doze Verdadeiros Pescadores tomaram suas famosas facas e garfos de peixe e se aproximaram do pudim tão solenemente como se cada centímetro deste custasse tanto quanto os garfos de prata com os quais seria comido. E custava, até onde eu sei. Este prato foi recebido em meio a um silêncio ansioso e devorador; e foi apenas quando seu prato estava quase vazio que o jovem duque fez a observação ritual: — Eles não podem fazer isso em nenhum lugar senão aqui.

— Em lugar nenhum — disse Audley, com uma voz grave e profunda, voltando-se para o interlocutor e balançando a cabeça várias vezes. — Em nenhum lugar, com certeza, senão aqui. Disseram-me que no Café Anglais...

Aqui ele foi interrompido e até perturbado momentaneamente pela remoção de seu prato, mas recapturou o fio valioso de seus pensamentos.

— Disseram-me que no Café Anglais eram capazes de fazer igual. Nem parecido, senhor — ele disse, balançando a cabeça implacavelmente, como um juiz criminal. — Nem parecido.

— Lugar superestimado — disse um certo Coronel Pound, falando (aparentemente) pela primeira vez em alguns meses.

— Oh, não sei — disse o duque de Chester, que era um otimista —, é muito bom para algumas coisas. Imbatível em...

Um garçom avançou rapidamente ao longo da sala e então parou. Sua parada foi tão silenciosa quanto seus passos; mas todos aqueles vagos e gentis cavalheiros estavam tão acostumados com a suavidade absoluta da maquinaria invisível que cercava e sustentava suas vidas, que um garçom fazendo qualquer coisa inesperada era um sobressalto. Eles se sentiram como você e eu nos sentiríamos se o mundo inanimado assumisse autonomia — se uma cadeira fugisse de nós.

O garçom ficou parado por alguns segundos, enquanto se aprofundava em cada rosto à mesa uma estranha vergonha, que é totalmente uma criação de

nossa época. É a combinação do moderno humanitarismo com o moderno e horrível abismo entre as almas dos ricos e dos pobres. Um genuíno aristocrata histórico teria jogado coisas no garçom, começando com garrafas vazias e muito provavelmente terminando com dinheiro. Um verdadeiro democrata teria perguntado a ele, com linguagem clara e camaradagem, que diabo ele estava fazendo. Mas esses plutocratas modernos não podiam suportar um homem pobre perto deles, nem como escravo, nem como amigo. Que algo tivesse dado errado com os criados era apenas um constrangimento enfadonho e imperdoável. Não queriam ser brutais e tinham horror à necessidade de ser benevolentes. Queriam que aquilo, fosse o que fosse, acabasse. E acabou: o garçom, depois de ficar alguns segundos rígido como um cataleptico, deu meia-volta e correu para fora da sala como um louco.

Quando reapareceu na sala, ou melhor, na soleira da porta, vinha na companhia de outro garçom, com quem sussurrava e gesticulava com ferocidade sulista. Então o primeiro garçom foi embora, deixando o segundo garçom, e reapareceu com um terceiro garçom. No momento em que um quarto garçom se juntou a este sínodo apressado, o Senhor Audley sentiu que era necessário quebrar o silêncio pelo bem da polidez. Ele tossiu muito alto, em vez de bater um martelo, e disse: — Esplêndido trabalho o que o jovem Moocher está fazendo na Birmânia. Agora, nenhuma outra nação do mundo poderia ter...

Um quinto garçom havia disparado em sua direção como uma flecha e sussurrou em seu ouvido: — Com sua licença. Importante! O proprietário pode falar com o senhor? O presidente virou-se descomposto e, com um olhar atordoado, viu o Senhor Lever vindo na direção deles com sua rapidez desajeitada.

O modo de andar do bom proprietário era de fato o de sempre, mas seu rosto não estava nada normal. Geralmente de um tom marrom acobreado cordial, agora surgia amarelado e doentio.

— Mil perdões, Senhor Audley — disse ele, ofegante. — Tenho grandes apreensões. Seus pratos de peixe foram retirados com a faca e o garfo neles! — Bem, espero que sim — disse o presidente, com certo entusiasmo.

— O senhor o viu? — ofegou o dono do hotel, agitado. — O senhor viu o garçom que os levou embora? Conhece-o? — Conhecer o garçom? — respondeu o Senhor Audley, indignado.

— Claro que não! O Senhor Lever abriu as mãos com um gesto de agonia.

— Eu nunca o mandei — disse ele. — Eu não sei quando ou por que ele veio. Eu mandei meu garçom recolher os pratos, e quando ele chegou, já tinham

sido levados! O Senhor Audley parecia ainda muito confuso para ser realmente o homem que o império procura; ninguém do clube foi capaz de dizer nada, exceto o homem de madeira — o Coronel Pound — que pareceu eletrizado. Ele se levantou rigidamente da cadeira, com todos os outros sentados, arrumou os óculos no rosto e falou em um tom rouco, como se estivesse meio esquecido de como falar.

— Quer dizer — disse ele — que alguém roubou nosso serviço de mesa do peixe de prata? O proprietário estendeu novamente as mãos, com impotência ainda maior, e num piscar de olhos todos os homens à mesa estavam de pé.

— Todos os seus garçons estão aqui? — perguntou o coronel, com seu sotaque baixo e áspero.

— Sim; eles estão todos aqui. Eu mesmo verifiquei — exclamou o jovem duque, vindo para o meio. — Eu sempre os contabilizo quando entro; eles parecem tão esquisitos de pé contra a parede.

— Mas decerto não é possível lembrar exatamente — começou o Senhor Audley, com forte hesitação.

— Eu me lembro exatamente, eu lhe digo — exclamou o duque com entusiasmo. — Nunca houve mais do que quinze garçons neste lugar, e não havia mais do que quinze esta noite, eu juro; nem mais nem menos.

O proprietário se virou para ele, estremecendo em uma espécie de paralisia de surpresa.

— O senhor di-diz — gaguejou ele — ter visto todos os meus quinze garçons? — Como de costume — concordou o duque. — Qual é o problema com isso? — Nenhum — disse Lever, com um sotaque cada vez mais profundo. — Só que o senhor não pode ter visto. Pois um deles está morto lá em cima.

Por um instante, houve um silêncio chocante naquela sala. Pode ser (tão sobrenatural é a palavra “morte”) que cada um daqueles homens preguiçosos tenha olhado por um segundo para sua alma e a visto como uma pequena ervilha seca. Um deles — o duque, eu acho — até disse com a bondade idiota da riqueza: — Há algo que possamos fazer? — Ele recebeu um padre — disse o judeu, não pouco comovido.

Então, como se ouvissem a trombeta da catástrofe, despertaram no que se refere à sua própria situação. Por alguns segundos estranhos, eles realmente sentiram como se o décimo quinto garçom pudesse ser o fantasma do homem morto lá em cima. Emudeceram sob a opressão desta ideia, pois os fantasmas eram para eles um constrangimento, como os mendigos. Mas a lembrança da prata quebrou o encanto do sobrenatural abruptamente, e causou uma reação

brutal. O coronel saltou de sua cadeira e correu até a porta.

— Se havia um décimo quinto homem aqui, amigos — ele disse —, este décimo quinto homem era um ladrão. Vamos imediatamente para as portas da frente e dos fundos, interditar todas as saídas; então conversaremos. Vale a pena recuperar as vinte e quatro pérolas do clube.

O Senhor Audley pareceu a princípio hesitar sobre se era cavalheiresco ter tanta pressa com alguma coisa; mas, vendo o duque descer as escadas com energia juvenil, seguiu-o com um movimento mais maduro.

No mesmo instante, um sexto garçom entrou correndo na sala e declarou que havia encontrado a pilha de pratos de peixe em um aparador, sem nenhum vestígio da prataria.

Amultidãodecomensais eempregados queroloudesordenadamente pelos corredores se dividiu em dois grupos. A maioria dos Pescadores seguiu o proprietário até a sala da frente para buscar informações sobre qualquer pessoa que tivesse saído. O Coronel Pound, com o presidente, o vice-presidente e um ou dois outros dispararam pelo corredor que levava aos aposentos dos criados, vendo aí a rota de fuga mais provável. Ao fazê-lo, passaram pela escura caverna da chapelaria e viram uma figura baixa, vestida de preto, provavelmente um atendente, parado um pouco atrás, à sombra dela.

— Ei, você! — chamou o duque. — Você viu alguém passar? A figura pequena não respondeu diretamente à pergunta, mas disse apenas: — Talvez eu tenha comigo o que os senhores procuram, cavalheiros. Eles pararam, hesitando e se perguntando, enquanto ele silenciosamente foi para o fundo do guarda-volumes e voltou com as duas mãos cheias de prata brilhante, que depositou sobre o balcão com a calma de um vendedor. Era uma dúzia de garfos e facas de formato estranho.

— Você... Você... — começou o coronel, finalmente desequilibrado. Então espiou para dentro da salinha escura e viu duas coisas: primeiro, que o homem baixo, vestido de preto, usava roupas clericais; segundo, que a janela da sala atrás dele tinha sido estourada, como se alguém a tivesse atravessado violentamente.

— Coisas valiosas para depositar em um guarda-roupas, não são? — observou o clérigo, com compostura alegre.

— Você, você roubou essas coisas? — gaguejou o Senhor Audley, com olhos fixos.

— Se roubei — disse o clérigo agradavelmente —, pelo menos as devolvi.

— Mas você não roubou — disse o Coronel Pound, ainda observando a janela quebrada.

— Para deixar claro, não roubei — disse o padre, com certo humor.

E ele se sentou gravemente em um banquinho.

— Mas você sabe quem foi — disse o coronel.

— Não sei o seu nome verdadeiro — disse o padre placidamente —, mas sei alguma coisa sobre o seu talento marcial e muito sobre as suas dificuldades espirituais. A estimativa física eu fiz enquanto ele tentava me estrangular, e a estimativa moral, quando ele se arrependeu.

— Ah, claro, se arrependeu! — exclamou o jovem Chester, com uma espécie de gargalhada.

Padre Brown se levantou, colocando as mãos atrás de si.

— Estranho, não é — disse ele —, que um ladrão e vagabundo se arrependa, quando tantos que têm riqueza e segurança permanecem duros e frívolos, sem dar frutos nem para Deus nem para o homem? Mas aí, perdoe-me, o senhor invade um pouco os meus domínios. Se você duvida da penitência como um fato prático, aí estão suas facas e garfos. Vocês são os Doze Pescadores Verdadeiros: aí estão todos os seus peixes de prata. Mas Ele me fez um pescador de homens.

— Você pegou este homem? — perguntou o coronel, carrancudo. Padre Brown lançou um olhar diretamente àquele carrancudo rosto.

— Sim, eu o peguei com um anzol invisível e uma linha invisível que é longa o suficiente para deixá-lo vagar até os confins do mundo, e ainda para trazê-lo de volta com uma puxada no fio.

Houve um longo silêncio. Todos os outros homens presentes se afastaram para levar a prata recuperada para seus camaradas ou para conversar com o proprietário sobre a estranha situação. Mas o coronel de rosto sombrio ainda estava sentado de lado no balcão, balançando as pernas longas e esguias e mordendo o bigode escuro.

Por fim, disse baixinho ao padre: — Ele deve ser um sujeito inteligente, mas acho que conheço um mais inteligente.

— Ele é um sujeito inteligente, mas não tenho muita certeza do que você quer dizer.

— Estou falando de você — disse o coronel, com uma risada curta. — Não quero que o sujeito seja preso; fique tranquilo quanto a isso. Mas eu daria uma boa quantidade de garfos de prata para saber exatamente como você se envolveu neste caso, e como você resgatou o lote das mãos dele. Acho que você é o diabo mais esperto entre os presentes.

Padre Brown pareceu gostar bastante da candura soturna do soldado.

— Bem — disse ele, sorrindo —, não devo contar-lhe nada sobre a identidade do homem, ou sua própria história, é claro; mas não há nenhuma razão particular para que eu não deva lhe contar sobre os meros fatos externos que descobri por mim mesmo.

Ele saltou a bancada com uma agilidade surpreendente e sentou-se ao lado do Coronel Pound, balançando as pernas curtas como um menino sentado numa cerca; e começou a contar a história tão tranquilamente como se a estivesse contando a um velho amigo ao lado de uma lareira, na época do Natal.

— Veja, coronel — disse ele —, eu estava trancado naquela salinha ali escrevendo, quando ouvi um par de pés neste corredor fazendo uma dança tão esquisita quanto a dança da morte. Primeiro, eram passos pequenos, rápidos e engraçados, como um homem andando na ponta dos pés para fazer uma brincadeira; depois vieram passos lentos, descuidados, rangentes, como os de um homem grande andando com um charuto. Mas ambos foram feitos pelos mesmos pés, eu juro, e eles vinham num ciclo; primeiro a corrida e depois a caminhada, e então a corrida novamente. Eu me perguntei, primeiro com preguiça e depois com ansiedade, por que um homem faria estes dois papéis. Uns passos eu conhecia; eram iguais aos seus, coronel. Era o andar de um cavalheiro bem alimentado à espera de alguma coisa, que vagueia mais porque está fisicamente alerta do que porque está mentalmente impaciente. Eu sabia que conhecia os outros passos também, mas não conseguia me lembrar de onde. Que criatura descomunal eu havia conhecido em minhas viagens, que avançava na ponta dos pés naquele estilo extraordinário? Então ouvi um tilintar de pratos em algum lugar; e a resposta apareceu, tão clara quanto uma catedral. Eram os passos de um garçom — aquele andar com o corpo inclinado para a frente, os olhos voltados para baixo, a ponta do dedo afastando-se do chão, a cauda do casaco e o guardanapo voando. Então pensei por mais um minuto e meio. E acredito ter entendido a técnica do crime, tão claramente como se eu fosse cometê-lo.

O Coronel Pound olhou para ele com atenção, mas os suaves olhos cinzentos do padre estavam fixos no teto com uma melancolia quase vazia.

— Um crime — disse lentamente — é como qualquer outra obra de arte. Não

fique surpreso; crimes não são, de forma alguma, as únicas obras de arte a sair do ateliê infernal. Mas toda obra de arte, divina ou diabólica, tem uma marca indispensável; quero dizer, que o núcleo dela é simples, por mais complicados que sejam os adornos. Assim, em Hamlet, digamos, o grotesco do coveiro, as flores da menina louca, a fantasia de Osric, a palidez do fantasma e o sorriso da caveira são esquisitices, uma espécie de coroa emaranhada em volta de uma figura simples e trágica de um homem de preto. Bem, essa também — disse ele, descendo lentamente de seu assento, com um sorriso —, essa também é a tragédia de um homem de preto. Sim — continuou ele, vendo o coronel erguer os olhos com certo espanto —, toda esta história gira em torno de um casaco preto. Nesta, como em Hamlet, há o rococó excessivo; vocês mesmos, digamos. Há o garçom morto, que estava lá quando não poderia estar. Existe a mão invisível que tirou a prata de sua mesa e desapareceu no ar. Mas todo crime inteligente se baseia, em última análise, em algum fato bastante simples; algum fato que não é em si misterioso. A mistificação vem em encobri-lo, em desviar os pensamentos dos homens para outra coisa. Esse crime grande, sutil e (se fosse concluído) extremamente lucrativo foi construído com base no simples fato de que o traje de gala de um cavalheiro é igual ao de um garçom. O resto era atuar, uma atuação muito convincente.

— Mesmo assim — disse o coronel, levantando-se e franzindo a testa para as próprias botas —, não tenho certeza se entendi.

— Coronel — disse o Padre Brown —, digo-lhe que este arcanjo impudente que roubou seus garfos subiu e desceu por esta passagem vinte vezes sob o brilho de todas as lâmpadas, sob a luz de todos os olhos. Ele não se escondeu em cantos escuros onde suspeitas poderiam tê-lo procurado. Manteve-se constantemente em movimento pelos corredores iluminados e, em todos os lugares aonde ia, parecia estar lá por direito. Não me pergunte como ele era; o senhor mesmo o viu seis ou sete vezes esta noite. O senhor estava sendo servido com todas as outras pessoas importantes na sala de recepção, ali no final do corredor, com o terraço logo adiante. Sempre que ele surgia entre os senhores, era no estilo relâmpago de um garçom, com a cabeça inclinada, o guardanapo batendo e os pés voando. Ele corria para o terraço, fazia alguma coisa com a toalha da mesa e disparava de volta para o escritório e os aposentos dos garçons. Quando chegava diante do escriturário e dos garçons, tornava-se outro homem em cada centímetro de seu corpo, em cada gesto instintivo. Caminhava entre os criados com a insolência distraída que todos viam nos clientes. Não era novidade para eles que um convidado do jantar percorresse todas as partes da casa como um animal no zoológico; eles sabem que nada é mais típico da gente rica que o hábito de andar por onde bem entender. Quando ele estava magnificamente cansado de andar por aquele corredor em particular, voltava, passando pelo escritório; e sob a sombra do arco ao lado, uma explosão de magia o alterava e ele saía correndo entre os Doze Pescadores novamente, um servo obsequioso. Por que os cavalheiros

atentariam para um garçom qualquer? Por que os garçons suspeitariam de um cavalheiro de alta classe caminhando? Uma ou duas vezes ele aplicou os golpes mais memoráveis. Nos aposentos particulares do proprietário, pediu uma garrafa de água com gás, dizendo que estava com sede. E disse cordialmente que ele mesmo a levaria, e de fato o fez; ele a levou rápida e corretamente entre os senhores, como um garçom obviamente atarefado. Claro, um truque assim não poderia ser mantido por muito tempo, mas ele só precisava mantê-lo até que todos tivessem comido o peixe. O pior momento para ele foi quando os garçons se apresentaram em fila; mas mesmo assim ele conseguiu se posicionar bem no canto, de tal maneira que, naquela hora importante, os garçons o consideraram um cavalheiro, enquanto os cavalheiros o consideraram um garçom. O resto foi fácil. Se algum garçom o encontrava longe da mesa, quem esse garçom via era um lânguido aristocrata. Só teve que planejar o tempo para que, dois minutos antes da retirada do peixe, ele se tornasse um garçom zeloso, para ele mesmo recolher os pratos. Ele colocou os pratos em um aparador, enfiou a prata no bolso da camisa, ficando com um caimento estranho e inchado, e correu como uma lebre (eu o ouvi chegando) até chegar ao guarda-volumes. Lá ele só precisava ser um plutocrata novamente; um plutocrata repentinamente chamado a atender algum negócio. Ele só tinha que dar seu canhoto para o atendente da chapelaria e sair novamente com a mesma elegância com que havia entrado. Só que, por um acaso, eu era o atendente da chapelaria.

— O que você fez com ele? — gritou o coronel, com intensidade incomum.
— O que ele te falou? — Perdão! — disse o padre, impassível — É aí que a história termina.

— E a história interessante começa — murmurou Pound. — Acho que entendo o truque deste profissional. Mas parece que não consegui pegar o seu.

— Tenho de ir — disse o Padre Brown.

Eles caminharam juntos ao longo do corredor até o saguão de entrada, onde viram o rosto fresco e sardento do duque de Chester, que saltava flutuante na direção deles.

— Venha, Pound — ele gritou sem fôlego. — Eu estive procurando por você por toda parte. O jantar continua, em grande estilo, e o velho Audley precisa fazer um discurso em homenagem aos garfos salvos. Queremos começar uma nova cerimônia, imagine só, para comemorar a ocasião. E eu digo, na verdade foi você quem resgatou nosso tesouro; o que você sugere? — Ora — disse o coronel, olhando-o com certa aprovação sardônica —, eu deveria sugerir que doravante usemos trajes verdes em vez de pretos. Nunca se sabe quais enganos podem surgir quando alguém se parece tanto com um garçom.

— Ah, pare com isso! — disse o jovem. — Um cavalheiro nunca se parece com um garçom! — Nem um garçom com um cavalheiro, suponho — disse o Coronel Pound, com a mesma risada abafada no rosto. — Reverendo, seu amigo deve ser muito inteligente, para se passar por um cavalheiro.

Padre Brown abotoou seu sobretudo comum até o pescoço, pois a noite estava chuvosa, e recolheu seu guarda-chuva comum do suporte.

— Sim — ele disse —, deve ser muito difícil ser um cavalheiro; mas, sabe, às vezes acho que ser garçom deve ser quase tão trabalhoso. E desejando boa noite, abriu as pesadas portas daquele palácio dos prazeres. Os portões dourados se fecharam atrás dele e ele caminhou rapidamente pelas ruas úmidas e escuras em busca de um ônibus barato.

AS ESTRELAS VOADORAS

“

O mais belocri-me que já cometi”, dizia Flambeau, em sua moralmente impecável velhice, “também foi, por uma coincidência singular, o meu último. Cometi-o no Natal. Como artista, sempre procurei apresentar golpes adequados à época ou às paisagens especiais em que me encontrava, escolhendo este ou aquele terraço ou jardim para ali realizar uma atrocidade, como se fosse instalar um grupo de estátuas. Assim, os fidalgos devem ser enganados em quartos amplos, revestidos de carvalho; enquanto com os judeus, por outro lado, o certo é deixá-los sem um tostão, inesperadamente, entre as luzes e telas do Café Riche. Assim, se na Inglaterra eu desejasse aliviar um deão de suas riquezas (o que não é tão fácil quanto você pode supor), eu preferiria enquadrá-lo, se é que você me entende, nos gramados verdes e torres cinzentas de alguma sede episcopal. Da mesma forma, na França, quando extraía dinheiro de algum camponês rico e malvado (o que é quase impossível), agradava-me ver a indignação de sua cara em frente a uma linha mortífera de choupos tosados, naquelas planícies solenes da Gália sobre as quais paira o poderoso espírito de Millet. Bem, meu último crime foi um crime de Natal, um crime alegre e aconchegante, estilo classe média inglesa; um crime ao estilo de Charles Dickens. Apresentei-o em uma boa e velha casa de classe média perto de Putney, uma casa com entrada e retorno para os carros, uma casa com um estábulo ao lado, uma casa com o nome nos dois portões externos, uma casa com uma araucária no quintal. Basta, você conhece o tipo. Eu realmente acho que minha

imitação de Dickens foi hábil e literária. É quase lamentável que eu tenha me arrependido na mesma noite”.

Flambeau então contaria a história como vista por dentro; e mesmo vista de dentro ela era estranha. Vista de fora, era perfeitamente incompreensível, e é de fora que o estranho deve estudá-la. Desse ponto de vista, pode-se dizer que o drama começou quando as portas da frente da casa em que havia um estábulo se abriram para o jardim em que havia uma araucária, e uma jovem saiu com pão para alimentar os pássaros na tarde do dia de festa depois do Natal. Ela tinha um rosto bonito, com olhos castanhos admiráveis; mas sobre sua silhueta nem se pode conjecturar, pois ela estava tão envolvida em peles marrons que era difícil diferenciar cabelo e pelo. Se não fosse pelo rosto atraente, ela poderia ser um pequeno urso.

A tarde de inverno estava ficando vermelha ao anoitecer, e uma luz rubi já rolava sobre os canteiros sem flores, enchendo-os, por assim dizer, com os fantasmas das rosas mortas. De um lado da casa ficava o estábulo, do outro um beco ou claustro de loureiros conduzia ao jardim maior, que ficava nos fundos. A jovem, depois de espalhar pão para os pássaros (pela quarta ou quinta vez naquele dia, porque o cachorro o comia), passou discretamente pela alameda dos louros e entrou em uma plantação cintilante de sempre-vivas. Ali ela soltou uma exclamação de surpresa, real ou ritual, e olhando para o alto do muro do jardim, viu-o fantasticamente montado por uma figura um tanto fantástica.

— Oh, não pule, Senhor Crook — ela gritou, um tanto alarmada.

— É muito alto.

O indivíduo cavalcando a parede como se fosse um cavalo voador era um jovem alto e anguloso, com cabelos escuros espetados para cima, à escovinha, traços inteligentes e até distintos, mas uma tez pálida e quase estranha. Isso ficava mais evidente porque ele usava uma agressiva gravata vermelha, sendo esta a única parte de seu traje com a qual parecia ter algum cuidado. Talvez fosse um símbolo. Ele não deu atenção à súplica alarmada da garota, mas saltou como um gafanhoto para o chão, ao lado dela, e nisso poderia muito bem ter quebrado as pernas.

— Acho que fui feito para ser um ladrão — disse ele, placidamente — e não tenho dúvidas de que deveria ter sido, se não tivesse nascido nessa bela casa vizinha. Não vejo mal nenhum nisso, de qualquer maneira.

— Como você pode dizer essas coisas! — ela protestou.

— Bem — disse o jovem —, se você nasceu do lado errado do muro, não vejo mal em escalá-lo.

— Eu nunca sei o que você vai dizer ou fazer a seguir — disse ela.

— Nem sempre me conheço — respondeu o Senhor Crook. — Mas agora estou do lado certo do muro.

— E qual é o lado certo do muro? — perguntou a jovem, sorrindo.

— Aquele em que você estiver — disse o jovem chamado Crook.

Enquanto caminhavam juntos pelos louros em direção ao jardim da frente, uma buzina de motor soou três vezes, se aproximando cada vez mais, e um carro de esplêndida velocidade, grande elegância e pintura verde pálida varreu as portas da frente como um pássaro e parou, com o motor bufando.

— Olá, olá! — disse o jovem com a gravata vermelha. — Eis alguém que nasceu do lado certo. Eu não sabia, Senhorita Adams, que o seu Papai Noel era tão moderno assim.

— Oh, esse é meu padrinho, Sir Leopold Fischer. Ele sempre vem no Boxing Day.

Então, após uma pausa inocente, que inconscientemente traiu uma certa apatia, Ruby Adams acrescentou: — Ele é muito gentil.

John Crook, jornalista, tinha ouvido falar daquele eminente magnata da cidade; e não era sua culpa se o magnata da cidade não tinha ouvido falar dele; pois em certos artigos, publicados por *The Clarion* ou *The New Age*, o tratamento dispensado a Sir Leopold havia sido austero. Mas Crook não disse nada e observou severamente o descarregamento do automóvel, que foi um processo bastante longo. Um grande e elegante chofer vestido de verde saiu pela frente, e um criado pequeno e elegante de roupa cinza saiu por trás, e entre eles colocaram Sir Leopold na soleira da porta e começaram a desempacotá-lo, como a uma encomenda cuidadosamente embalada. Tapetes suficientes para abastecer um bazar, peles de todos os animais da floresta e lenços de todas as cores do arco-íris foram desembulhados um a um, até que revelaram algo semelhante à forma humana; a forma de um velho cavalheiro amigável, mas de aparência estrangeira, com uma barba grisalha de cabra e um sorriso radiante, que esfregava as mãos nas quais calçava luvas de couro.

Muito antes dessa revelação terminar, as duas grandes portas da varanda se abriram ao meio, e o Coronel Adams (pai da jovem de pelúcia) saiu pessoalmente para acolher seu eminente convidado. Ele era um homem alto, queimado de sol e muito silencioso, que usava um smoking-cap vermelho, semelhante a um fez, o que o fazia parecer um dos sirdars ou paxás ingleses do Egito. Com ele estava seu cunhado, recentemente vindo do Canadá, um grande e irrequieto jovem fazendeiro, de barba amarela, chamado James

Blount. Também o acompanhava a figura mais insignificante do sacerdote da Igreja Romana vizinha; pois a falecida esposa do coronel era católica, e os filhos, como é comum nesses casos, tinham sido catequizados segundo a sua fé. Tudo parecia indistinto no padre, até mesmo seu nome, que era Brown; no entanto, o coronel sempre tinha visto nele algo de sociável, e frequentemente o convidava para essas reuniões familiares.

No grande saguão de entrada da casa havia amplo espaço até para Sir Leopold e a retirada de seus mantos. A varanda e o vestíbulo, de fato, eram desproporcionalmente grandes em relação à casa e formavam, por assim dizer, uma grande sala com a porta da frente em uma extremidade e a base da escada na outra. Em frente à grande lareira do salão, sobre a qual estava pendurada a espada do coronel, o processo foi concluído e os presentes, incluindo o saturnino Crook, foram apresentados a Sir Leopold Fischer. Aquele venerável financista, entretanto, ainda parecia estar lutando contra as partes de seu traje bem forrado, até que finalmente tirou de um dos bolsos internos do fraque uma caixa oval preta que ele radiantemente explicou ser seu presente de Natal para sua afilhada. Com uma vanglória sem afetação, de certa forma desarmante, expôs a caixinha diante de todos; ela se abriu com um toque e os cegou parcialmente. Foi como se uma fonte de cristal se derramasse sobre os olhos. Em um ninho de veludo laranja jaziam, como três ovos, três diamantes brancos e vivos que pareciam incendiar o próprio ar ao redor. Fischer ficou radiante com a benevolência e sorveu profundamente do espanto e êxtase da garota, da admiração sombria e dos agradecimentos rudes do coronel, da maravilha de todo o grupo.

— Vou colocá-los de volta agora, minha querida — disse Fischer, colocando a maleta de volta ao casaco. — Eu tive que ter cuidado para não os perder. Estes são os três grandes diamantes africanos chamados “As Estrelas Voadoras”, porque várias vezes foram roubados. Todos os grandes criminosos estão atrás deles; mas mesmo os homens rudes nas ruas e hotéis eram tentados a roubá-los. Espero que não tenham me seguido no caminho para cá. Seria bem possível.

— Bem natural, eu diria — rosnou o homem de gravata vermelha.

— Eu não culparia alguém que os roubasse. Quando eles pedem pão, e não recebem nem uma pedra, acho que podem tomar a pedra por conta própria.

— Não quero que você fale assim — exclamou a garota, curiosamente radiante. — Você só fala essas coisas desde que se tornou um horrível sei-lá-o-que-ísta. Você sabe o que eu quero dizer. Como se chama um homem que quer abraçar um servente limpador de chaminés? — Um santo — disse o Padre Brown.

— Eu acho — disse Sir Leopold, com um sorriso arrogante — que Ruby refere-se a um socialista.

— Um radical não é um homem que vive de rádios — observou Crook, com alguma impaciência — e um conservador não significa um homem que fabrica conservas. Tampouco, garanto-lhe, socialista é aquele que deseja socializar com o limpador de chaminés. Um socialista significa um homem que quer todas as chaminés limpas e todos os limpadores de chaminés pagos por isso.

— Mas que não aceita que alguém — disse o padre, em voz baixa — seja o dono da própria fuligem.

Crook olhou para ele com interesse e até mesmo respeito.

— Alguém quer ser dono de fuligem? — ele perguntou.

— É possível — respondeu Brown, com olhar especulativo. — Ouvi dizer que os jardineiros usam fuligem. E uma vez eu alegrei seis crianças no Natal, quando o mágico não apareceu, inteiramente com fuligem, aplicada externamente.

— Oh, esplêndido! — exclamou Ruby. — Gostaria que você fizesse isso conosco.

O ruidoso canadense, Senhor Blount, estava levantando sua voz de trovão, em aplausos, assim como o espantado financista em protesto, quando uma batida soou nas portas duplas da frente. O padre abriu e novamente apareceu o jardim da frente de sempre-vivas, com araucária e tudo, agora escurecendo à frente de um lindo pôr do sol violeta. A cena assim enquadrada era tão colorida e pitoresca, como o cenário de uma peça, que eles esqueceram por um momento a figura insignificante parada na porta. Ele parecia empoeirado e usava um casaco puído, evidentemente um mensageiro comum.

— Senhor Blount é algum dos cavalheiros? — ele perguntou, e mostrou uma carta sem convicção. O Senhor Blount iniciou uma exclamação de assentimento, que conteve. Rasgando o envelope com evidente espanto, leu a carta; seu rosto turvou-se um pouco e depois clareou, e ele se voltou para o cunhado e o anfitrião.

— Abomino incomodá-lo de tal maneira, coronel — disse ele, usando alegres convenções coloniais —, mas o senhor ficaria muito contrariado se um velho conhecido me visitasse aqui esta noite a negócios? Na verdade, é Florian, aquele famoso acrobata e ator cômico francês; eu o conheci anos atrás no oeste (ele era um franco-canadense de nascimento), e ele parece que tem algum assunto a tratar comigo, embora eu não faça ideia do que possa ser.

— Claro, claro — respondeu o coronel, despreocupadamente. — Meu caro amigo, qualquer amigo seu. Sem dúvida, ele vai se revelar uma excelente companhia.

— Ele vai pintar o rosto, se é isso que você quer dizer — exclamou Blount, rindo. — Não duvido que ele nos deixe a todos cansados de rir. Não me importo; não sou refinado. Gosto da antiga e boba pantomima em que um homem se senta em sua cartola.

— Não na minha, por favor — disse Sir Leopold Fischer, com dignidade.

— Bem, bem — observou Crook —, não vamos brigar. Existem piadas mais baixas do que sentar em cima de uma cartola.

Em sua antipatia pelo jovem de gravata vermelha, nascida de suas opiniões predatórias e da evidente intimidade com a linda afilhada, Fischer disse, com seus mais sarcásticos e magistras modos: — Sem dúvida você conhece algo muito inferior a sentar em uma cartola. Contaria-nos, por favor, o quê? — Ficar embaixo de uma cartola, por exemplo — disse o socialista.

— Ora, ora, ora — gritou o fazendeiro canadense com sua bárbara benevolência —, não vamos estragar uma noite alegre. O que eu digo é: vamos fazer algo por nós, nesta noite. Não pintando a cara ou sentando na cartola, se alguém não gosta disso, mas algo do tipo. Por que não poderíamos aproveitar uma velha e típica pantomima inglesa, com um palhaço, uma colombina e assim por diante? Eu vi uma quando deixei a Inglaterra aos doze anos, e ela arde em meu cérebro como uma fogueira desde então. Voltei para este velho país no ano passado e acho que não há mais nenhuma. Não há nada além de um monte de peças chorosas sobre fadas. Eu quero um pilantra e um policial transformados em salsichas, e eles me dão princesas discursando ao luar, azules e coisas do tipo. Eu por mim prefiro um Barba-Azul, e principalmente quando ele se transforma no Pantalão.

— Sou totalmente a favor de transformar policiais em salsichas — disse John Crook. — É uma definição melhor de socialismo que algumas recentemente propostas. Mas, certamente, preparar o figurino seria trabalhoso.

— Nem um pouco — exclamou Blount, bastante empolgado. — Uma arlequinada é a coisa mais rápida que podemos fazer, por dois motivos. Primeiro, porque qualquer tipo de piada funciona; segundo, porque tudo que se usa são coisas de casa: mesas e porta-toalhas e cestos de roupa suja e coisas assim.

— Isso é verdade — admitiu Crook, balançando a cabeça ansiosamente e andando. — Mas acho que não poderei usar uma farda de policial. Eu não matei nenhum guarda, nos últimos tempos.

Blount franziu a testa, pensativo, e então bateu na coxa.

— Podemos, sim! Tenho o endereço do Florian aqui e ele conhece todos os figurinistas de Londres. Vou ligar para ele, pedindo que traga uma veste de policial quando vier — e correu para o telefone.

— Oh, é perfeito, padrinho! — exclamou Ruby, quase dançando.

— Eu serei a colombina e o senhor será o Pantalão.

O milionário se manteve rígido com uma espécie de solenidade pagã.

— Minha querida, eu acho que você deve arranjar outra pessoa para ser o Pantalão.

— Eu aceito, se quiserem — disse o Coronel Adams, tirando o charuto da boca e falando pela primeira e última vez.

— Vocês deviam ser esculpídos! — gritou o canadense, voltando do telefone, radiante. — Pronto, estamos todos equipados. O Senhor Crook será o palhaço; ele é jornalista e conhece todas as piadas mais velhas. Posso ser arlequim, para o que tudo que se precisa é ter pernas compridas e saltar bastante. Meu amigo Florian diz que trará a fantasia de policial; ele vai se trocar no caminho. Podemos representar neste mesmo salão, o público sentado nas escadas largas em frente, uma fileira acima da outra. Essas portas da frente podem ser o cenário, abertas ou fechadas. Fechadas, vê-se um interior inglês. Abertas, um jardim iluminado pela lua. Tudo passa por mágica.

E tirando um pedaço de giz de bilhar do bolso, correu pelo chão do corredor, a meia distância entre a porta da frente e a escada, para marcar a linha dos refletores.

Ainda é um enigma como foi possível aprontar tal patuscada. Mas eles seguiram em frente com aquela mistura de desleixo e diligência que existe quando há jovens numa casa; e a juventude dominou aquela casa naquela noite, embora não seja fácil identificar de quais duas faces e corações ela provinha mais intensamente. Como de costume, a inventividade foi se tornando cada vez mais alucinada devido à própria mansidão das convenções burguesas dentro das quais deve trabalhar. A colombina estava encantadora em uma saia armada, estranhamente parecida com o grande abajur da sala de estar. O palhaço e o Pantalão pintaram o rosto de branco com a farinha da cozinheira e de vermelho com o rouge de alguma outra doméstica, que permanecerá (como todos os verdadeiros benfeitores cristãos) anônima. O arlequim, já adornado de papel prateado tirado de caixas de charutos, foi a muito custo impedido de quebrar os velhos lustres vitorianos, para se cobrir de cristais resplandecentes. Certamente teria feito isso, se Ruby não tivesse

descoberto algumas pedras falsas que ela havia usado em uma festa à fantasia, vestida de Rainha de Ouros. Seu tio, James Blount, ia quase perdendo o controle, em sua empolgação; ele estava como um colegial. Inesperadamente, botou uma cabeça de burro feita de papel machê no Padre Brown, que a suportou com paciência, e até descobriu um modo de mexer as orelhas. Tentou pregar o rabo de burro nas pontas do fraque de Sir Leopold Fischer. Isso, no entanto, não foi aceito.

— O tio está louco — disse Ruby para Crook, em cujos ombros ela colocara, com toda seriedade, um cordão de salsichas. — Por que ele está tão imprevisível? — Ele é o arlequim para combinar com você, colombine — disse Crook. — Eu sou apenas o palhaço que faz as piadas velhas.

— Queria que você fosse o arlequim — disse ela, pendurando a feira de salsichas.

Padre Brown, embora soubesse de cada detalhe ocorrido nos bastidores e tivesse até mesmo obtido aplausos ao transformar um travesseiro em um bebê, veio para a frente e sentou-se em meio à plateia com toda a solene expectativa de uma criança em sua primeira matinê. Os espectadores eram poucos: parentes, um ou dois amigos locais e os criados. Sir Leopold estava sentado no banco da frente, sua figura opulenta, ainda por cima com um casaco de pele na lapela, obscurecendo quase totalmente a visão do pequeno clérigo atrás dele; mas as autoridades em crítica de arte não chegaram a determinar se o padre perdeu grande coisa. A pantomima foi totalmente caótica, mas não desprezível; fundamentava-se numa torrente de improvisação, principalmente por parte do palhaço Crook. Ele era um homem inteligente, e estava inspirado, naquela noite, por uma onisciência selvagem, uma loucura mais sábia que o mundo, do tipo que ocorre a um jovem que vê, por um instante, uma certa expressão em um certo rosto. Ele deveria ser o palhaço, mas na verdade era quase tudo o mais; o autor (na medida em que havia um autor), o instigador, o pintor de cenário, o contrarregista e, principalmente, a orquestra. Em pontos abruptos da escandalosa apresentação, ele se atirava totalmente fantasiado ao piano e tocava alguma canção popular tão absurda quanto apropriada.

O clímax foi o momento em que as duas portas da frente nos fundos da cena se abriram, mostrando não apenas o adorável jardim iluminado pela lua, mas com ainda mais destaque o famoso convidado profissional: o grande Florian, vestido de policial. O palhaço ao piano tocou o refrão dos guardas em Piratas de Penzance,⁴ mas foi abafado pelos aplausos ensurdecedores, pois cada gesto do grande ator cômico era uma versão admirável, embora contida, da postura e dos modos da polícia. O arlequim saltou sobre ele e acertou-o por cima do capacete; com o pianista tocando “De onde você tirou esse chapéu?”, ele olhou em volta com espanto simulado, e então o arlequim, saltando, o atingiu novamente (o pianista sugerindo alguns compassos de “Ai tomamos outra!”).

Então o arlequim correu direto para os braços do policial e caiu em cima dele, em meio a um estrondo de aplausos. Foi então que o estranho ator fez aquela célebre imitação de um homem morto, cuja fama ainda perdura em torno de Putney. Era quase impossível de acreditar que uma pessoa viva pudesse parecer tão mole.

O atlético arlequim balançou-o como um saco, torceu-o, atirou-o como um porrete indiano; o tempo todo ao som das melodias mais irritantemente ridículas vindas do piano. Quando o arlequim levantou, pesadamente, o hilário policial do chão, o palhaço tocou “Eu acordo sonhando contigo”. Quando ele o arrastou nas costas, “Com minha trouxa no ombro”, e quando o arlequim finalmente deixou o policial cair, fazendo um baque mais convincente, o lunático instrumentista espancou o instrumento com uma melodia tilintante cuja letra, ainda se acredita, dizia: “Eu mandei uma carta para o meu benzinho, mas ela caiu no meio do caminho”.

Mais ou menos nesse limite da anarquia mental, a visão do Padre Brown foi totalmente obscurecida; pois o magnata urbano à sua frente ergueu-se em toda a sua estatura e passou a meter violentamente as mãos em todos os bolsos. Então sentou-se nervosamente, ainda atrapalhado, e se levantou mais uma vez. Por um instante, pareceu seriamente provável que ele cruzasse a ribalta; olhou para o palhaço tocando piano; e então saiu, silenciosamente, da sala.

O padre só assistiu por mais alguns minutos a dança absurda, mas não deslegante, do arlequim amador sobre seu par esplendidamente inconsciente. Com arte verdadeira, posto que rude, o arlequim foi dançando para trás lentamente, saindo pela porta do jardim, que estava cheio de luar e quietude. O traje incrível de papel prateado e pedras falsas, que brilhara tanto na ribalta, parecia cada vez mais mágico e prateado enquanto dançava sob uma lua brilhante. A plateia estava se derramando numa catarata de aplausos, quando Brown sentiu seu braço ser tocado abruptamente e foi convidado a passar para o escritório do coronel.

Ele seguiu, com uma curiosidade crescente que não foi diminuída por uma comicidade solene na cena do escritório. Lá estava o Coronel Adams, ainda tranquilamente vestido como Pantalão, com o osso de baleia nodoso pendurado por cima da testa, mas com seus pobres olhos velhos tristes o suficiente para fazer parar uma Saturnália. Sir Leopold Fischer estava encostado na lareira e arfando com a seriedade do terror.

— É um assunto muito doloroso, Padre Brown — disse Adams.

— A verdade é que aqueles diamantes que todos vimos esta tarde parecem ter desaparecido do bolso do fraque do meu amigo. E como você... — — Como eu — completou Padre Brown, com um largo sorriso — estava sentado bem atrás

dele...

— Nem de longe estamos insinuando nada — disse o Coronel Adams, com um olhar firme para Fischer, o que dava a entender que algo havia sido insinuado anteriormente. — Só peço que me dê a ajuda que qualquer cavalheiro pode dar.

— Que consiste em mostrar o que se tem no bolso — disse o Padre Brown, passando a fazer isso e exibindo sete e seis pence, uma passagem de volta, um pequeno crucifixo de prata, um pequeno breviário e um pedaço de chocolate.

O coronel olhou para ele longamente e disse: — Sabe, eu gostaria mais de examinar a sua cabeça que os seus bolsos. Minha filha é do seu rebanho, eu sei; bem, ultimamente ela...

— ele parou.

— Ultimamente ela — gritou o velho Fischer — tem aberto a casa de seu pai para um socialista implacável, que diz abertamente que roubaria qualquer coisa de um homem mais rico. Este é o fim de tudo. Aqui está o homem mais rico; de forma alguma, mais rico! — Se você quiser o conteúdo da minha cabeça, pode levar — disse Brown, bastante cansado. — Diga depois se vale algo. Mas a primeira ideia que encontro neste bolso esquecido é a seguinte: os homens que pretendem roubar diamantes não falam de socialismo. Eles são mais propensos — acrescentou ele com recato — a denunciá-lo.

Os outros se voltaram para ele, e o padre continuou: — Veja, nós conhecemos essas pessoas, pouco mais ou pouco menos. Esse socialista não seria mais capaz de roubar um diamante do que uma pirâmide. Devemos verificar imediatamente o único homem que não conhecemos. O sujeito interpretando um policial, Florian. Eu me pergunto onde ele está exatamente agora.

O Pantalão ficou ereto e saiu da sala. Seguiu-se um interlúdio, durante o qual o milionário olhou para o padre e o padre para seu breviário; então o Pantalão voltou e disse, num grave staccato: — O policial ainda jaz no palco. A cortina subiu e desceu seis vezes; e ele ainda está deitado lá.

Padre Brown largou o livro e ficou olhando com uma expressão de ruína e vazio mental. Muito lentamente uma luz começou a rastejar em seus olhos cinzentos, e então ele deu uma resposta pouco óbvia.

— Por favor, me perdoe, coronel, mas quando sua esposa morreu? — Minha esposa! — respondeu o soldado, olhando-o fixamente.

— Ela morreu este ano, faz dois meses. Seu irmão James chegou uma semana atrasado para vê-la.

O pequeno padre disparou tão rápido quanto um tiro num coelho.

— Vamos! — ele exclamou com uma excitação bastante incomum.

— Vamos! Temos que ir ver aquele policial! Eles correram para o palco, agora com cortinas, passando rudemente pela colombina e pelo palhaço (que parecia bem feliz em conversar aos sussurros), e Padre Brown curvou-se sobre o prostrado comediante-policial.

— Clorofórmio — disse ele ao se levantar. — Só agora adivinhei. Houve um silêncio assustado, e então o coronel disse lentamente: — Por favor, diga a sério o que tudo isso significa.

Padre Brown gargalhou de repente, mas se controlou e continuou, fazendo esforço para não rir durante o resto de seu discurso.

— Senhores — ele engasgou —, não há muito tempo para conversar. Devo correr atrás do criminoso. Mas esse grande ator francês que interpretou o policial, esse cadáver genial com o qual o arlequim valsou, brincou e jogou, ele era...

Sua voz falhou novamente e ele se voltou, para correr.

— Ele era? — disse Fischer, interrogativamente.

— Um policial de verdade — Brown disse, e saiu correndo para a noite escura.

Havia buracos e caramanchões na extremidade daquele jardim frondoso, em que os louros e outros arbustos imortais, mesmo naquele solstício de inverno, destacavam-se em cores quentes contra o céu cor de safira e a lua prateada. A verde alegria dos louros ondulantes, o rico índigo púrpura da noite, a lua parecendo um cristal monstruoso, formavam um quadro quase irresponsavelmente romântico; entre os galhos mais altos das árvores do jardim, uma figura estranha escalava, parecendo menos romântica que impossível. Ele brilha da cabeça aos pés, como se estivesse revestido de dez milhões de luas; a verdadeira lua o atinge a cada movimento e lhe acende uma nova poleyada. Mas ele se atira, relampejante e bem-sucedido, da árvore baixa neste jardim para a árvore alta e trêmula no outro, e só para porque uma sombra deslizou sob a árvore menor e, inequivocamente, o chama.

— Bem, Flambeau — diz a voz —, você parece mesmo uma estrela voadora; mas, no fim, toda estrela voadora é uma estrela cadente.

A figura prateada e cintilante acima parece inclinar-se para a frente entre os louros e, confiante na fuga, ouve a pequena figura abaixo.

— Esse é seu ponto alto, Flambeau. Foi inteligente vir do Canadá (com uma passagem para Paris, suponho) apenas uma semana depois da morte da Senhora Adams, quando ninguém estava com vontade de fazer perguntas. Foi ainda mais inteligente escolher as Estrelas Voadoras e o próprio dia da chegada de Fischer para seu ato. Mas não há inteligência, apenas mero gênio, no que se seguiu. Roubar as pedras, suponho, foi fácil para você. Você conseguiria roubá-las por prestidigitação de uma centena de outras maneiras além daquela conversa de colocar um rabo de burro no casaco de Fischer. Mas no resto você se eclipsou.

A figura prateada entre as folhas verdes parece congelar, como se hipnotizada, embora o caminho de fuga esteja aberto; ele observa o homem abaixo dele.

— Oh, sim — diz o homem abaixo —, eu sei tudo. Sei que você não apenas forçou a pantomima, mas a usou com dupla intenção. Você pretendia roubar as pedras silenciosamente; um cúmplice transmitiu a notícia de que você já estava sob suspeita, e um policial competente estava vindo para derrotá-lo naquela mesma noite. Um ladrão comum teria ficado grato pelo aviso e fugido; mas você é um poeta. Você teve a ideia inteligente de esconder as joias em meio a bijuteria. Então você notou que, se o figurino fosse de um arlequim, o surgimento de um policial seria bastante adequado. O digno oficial saiu da delegacia de polícia de Putney para encontrá-lo e caiu na armadilha mais estranha já armada neste mundo. Quando a porta da frente se abriu, ele caminhou direto para o palco de uma pantomima de Natal, onde seria possível, para o arlequim dançarino, chutá-lo, espancá-lo, atordoá-lo e drogá-lo, em meio às gargalhadas de todas as pessoas mais respeitáveis de Putney. Oh, você nunca fará nada melhor. E agora, a propósito, você pode me devolver os diamantes.

O galho verde sobre o qual a figura cintilante balançava farfalhou, como se estivesse surpreso; mas a voz continuou: — Eu quero que você os devolva, Flambeau, e eu quero que você saia desta vida. Ainda há juventude, honra e humor em você; não imagine que eles vão durar, com você nesse ramo. Os homens podem estacionar no caminho do bem, mas nenhum homem jamais foi capaz de ficar parado no caminho do mal. Essa estrada vai para baixo, sempre para baixo. O homem gentil bebe e se torna cruel; o homem sincero mata e mente sobre seu crime. Muitos homens que conheci começaram como você, como foras da lei honestos, alegres ladrões que só roubavam dos ricos, e acabaram transformados em lodo. Maurice Blum começou como um anarquista cheio de princípios, um pai dos pobres; acabou como um espião sebo e loroteiro, que os dois partidos usavam e desprezavam. Harry Burke começou seu movimento pelo dinheiro livre com bastante sinceridade; agora parasita sua irmã faminta, bebendo um conhaque com soda após o outro. Lord Amber entrou na sociedade criminoso por uma espécie de cavalheirismo;

agora ele é chantageado pelos mais podres abutres de Londres. O Capitão Barillon foi o grande cavalheiro apache antes de seu tempo; morreu em um hospício, gritando de medo dos traficantes e receptores que o traíram e o perseguiram. Eu sei que essas árvores atrás de você cheiram à liberdade, Flambeau; sei que em um piscar de olhos você pode sumir no meio delas como um macaco. Mas algum dia você será um velho macaco cinza, Flambeau. Você vai se sentar em sua floresta de liberdade com o coração frio e pressentindo a morte, e as copas das árvores estarão completamente desfolhadas.

Tudo continuou parado, como se o homenzinho embaixo segurasse o que estava na árvore com uma longa corrente invisível; e ele continuou: — Sua descida já começou. Você costumava se gabar de não praticar maldades, mas esta noite está fazendo algo ruim. Você está deixando suspeitas sobre um garoto honesto que já tem muitas acusações e queixas contra ele; você o está separando da mulher que ele ama e que o ama. Mas você vai fazer coisas mais cruéis do que isso antes de morrer.

Três diamantes cintilantes caíram da árvore para a relva. O homenzinho se abaixou para pegá-los e, quando ergueu os olhos novamente, a gaiola verde da árvore já estava vazia, sem seu pássaro prateado.

A devolução das joias (acidentalmente levadas de seu detentor pelo Padre Brown, quem o diria?) causou, no fim da noite, um triunfo estrondoso; e Sir Leopold, no auge do seu bom humor, até disse ao padre que, embora ele próprio tivesse pontos de vista mais amplos, não se privava de respeitar aqueles cujo credo exigia que se mantivessem enclausurados e ignorantes deste mundo.

O HOMEM INVISÍVEL

No azul e frio crepúsculo, a loja da esquina de duas ruas íngremes em Camden Town, uma confeitaria, brilhava como a ponta de um charuto. Seria melhor dizer, talvez, como a coroa de um fogo de artifício, pois a luz era multicolorida e complexa, quebrada por inúmeros espelhos, dançando sobre bolos e doces dourados e alegres. Contra o único vidro aceso, estavam colados os narizes de muitos pivetes, pois os chocolates eram todos embrulhados naquelas cores metálicas vermelhas, douradas e verdes que quase são melhores do que o próprio chocolate; e o enorme bolo de casamento branco na janela parecia, de alguma forma, remoto e satisfatório, como se todo o Polo Norte fosse saboroso. Estas irisadas provocações poderiam, naturalmente, atrair a meninada de até dez ou doze anos da vizinhança. Mas esta esquina também

era atraente para os jovens um pouco mais velhos; e um rapaz, com não menos de vinte e quatro anos, observava a mesma vitrine. Para ele, também, a loja tinha um charme ardente, mas essa atração não podia ser totalmente explicada pelos chocolates; não que ele os desprezasse, de toda forma.

Era um jovem ruivo, alto, corpulento, com um rosto decidido, mas de modos apáticos. Carregava debaixo do braço um catálogo achatado e cinza, de esboços em preto e branco, que vendia com variado sucesso aos editores, desde que seu tio (que era almirante) o deserdara por ser socialista, por causa de uma palestra que ele proferira contra essa teoria econômica. Seu nome era John Turnbull Angus.

Entrando, por fim, atravessou a confeitaria até a sala dos fundos, que era uma espécie de doceria, não indo além de levantar o chapéu para a jovem que ali servia. Ela era uma garota morena, elegante e atenta, vestida de preto, com uma cor viva e olhos escuros muito rápidos; e após o intervalo padrão, ela foi atrás dele, na sala interna, para anotar o pedido.

Seu pedido era evidentemente normal.

— Eu quero, por favor — disse ele com precisão —, um pão de meio penny e uma pequena xícara de café preto.

Um instante antes que a garota pudesse se virar, acrescentou: — Além disso, quero que você se case comigo. A jovem da loja enrijeceu de repente e disse: — Não aceito brincadeiras desse tipo.

O jovem ruivo ergueu os olhos cinzentos, de uma gravidade inesperada: — Realmente e verdadeiramente — disse ele — eu falo sério, tão sério quanto o pãozinho de meio penny. É caro, como o pãozinho; alguém tem que pagar. É indigesto, como o pão. Dói.

A jovem morena nunca tirou os olhos escuros dele, mas parecia estudá-lo com uma exatidão quase trágica. No final de seu escrutínio, havia nela algo como a sombra de um sorriso, e ela se sentou numa cadeira.

— Você não acha — observou Angus distraidamente — que é bastante cruel comer esses pãezinhos de meio penny? Eles poderiam ter crescido e se tornado bismags. Vou parar com essa brutalidade quando formos casados.

A jovem morena levantou-se da cadeira e foi até a janela, evidentemente em um estado de forte, mas não antipática, cogitação. Quando voltou, por fim, a se virar — com ar decidido — ficou perplexa ao observar que o jovem estava cuidadosamente estendendo sobre a mesa vários objetos da vitrine. Entre eles, havia uma pirâmide de doces coloridos, vários pratos de sanduíches e os dois decanters contendo aquele misterioso porto e o xerez típicos dos confeitários.

No meio desse arranjo elegante, ele baixou cuidadosamente a carga enorme de bolo branco açucarado que tinha sido o enorme ornamento da janela.

— O que diabos você está fazendo? — ela perguntou.

— Cumprindo meu dever, minha querida Laura — ele começou.

— Oh, pelo amor de Deus, pare um minuto! — exclamou ela. — E não fale comigo assim. Vamos lá, o que é tudo isso? — Uma refeição cerimonial, Senhorita Hope.

— E o que é isso? — ela perguntou impaciente, apontando para a montanha de açúcar.

— O bolo de casamento, Senhorita Angus — ele disse.

A garota avançou na direção daquele item, tomou-o ruidosamente e o pôs de volta na vitrine; ela então voltou e, colocando seus elegantes cotovelos sobre a mesa, olhou para o jovem não desfavoravelmente, mas com considerável exasperação.

— Você não me dá tempo para pensar.

— Não sou tão idiota — respondeu ele. — Essa é a minha humildade cristã.

Ela ainda estava olhando para ele; mas, por trás do sorriso, havia ficado consideravelmente mais séria.

— Senhor Angus, antes que essa tolice prossiga por mais um minuto, devo contar algo sobre mim o mais rápido que puder.

— Encantado — respondeu Angus gravemente. — Você pode me dizer algo sobre mim também, enquanto estiver falando.

— Oh, segure sua língua e escute. Não é nada que me envergonhe, e também não é nada que eu lamente muito. Mas o que você diria se houvesse um assunto que, não sendo da minha conta, mesmo assim fosse meu pesadelo? — Nesse caso — disse o homem, sério —, devo sugerir que você traga o bolo de volta.

— Bem, primeiro você precisa ouvir a história — disse Laura com persistência. — Para começar, devo dizer-lhe que meu pai era dono da pousada chamada “Peixe Vermelho”, em Ludbury, e eu costumava servir as pessoas no bar.

— Muitas vezes me perguntei — disse ele — por que havia uma espécie de ar cristão nessa confeitaria.

— Ludbury é uma cova verdejante, pequena e sonolenta nos condados do leste, e o único tipo de gente que vinha ao Peixe Vermelho eram os esporádicos comerciantes em viagem, e, quanto ao resto, as pessoas mais horríveis que você poderia ver, tirando o fato de que você nunca as viu. Quer dizer, homens pequenos e preguiçosos, tendo apenas o suficiente para viver, sem nada para fazer a não ser se esgueirar em bares e apostar em cavalos, vestindo roupas ruins que eram boas demais para eles. Até mesmo esses rapazes podres e infelizes não eram muito comuns em nossa casa; mas havia dois deles que eram muito comuns; comuns em todos os sentidos. Ambos viviam de seu próprio dinheiro, eram cansativamente ociosos e se trajavam com exagero. Mesmo assim, eu ficava um pouco triste por eles, porque meio que acredito que iam ao nosso pequeno e deserto botequim porque cada um tinha uma leve deformidade; o tipo de coisa de que alguns caipiras gostam de rir. Não eram exatamente deformidades; estavam mais para esquisitices. Um deles era um homem surpreendentemente pequeno, algo como um anão, ou pelo menos como um jóquei. Ele não era nada ok de se olhar, no entanto; tinha uma cabeça preta redonda e uma barba preta bem aparada e olhos brilhantes como os de um pássaro; tilintava moedas nos bolsos; rodava uma grande corrente de relógio de ouro, e nunca aparecia senão bem vestido demais, muito parecido com um cavalheiro para ser um. Ele não era tolo, embora fosse um preguiçoso fútil; era curiosamente inteligente em todos os tipos de coisas que não tinham a menor utilidade: conjurações improvisadas; fazer quinze fósforos incendiarem-se como fogos de artifício normais; ou esculpir uma banana na forma de uma boneca dançarina. Seu nome era Isidore Smythe; e ainda posso vê-lo, com seu rostinho moreno, se aproximando do balcão, fazendo de cinco charutos um canguru saltitante. O outro sujeito era mais calado e comum; mas de alguma forma ele me assustava muito mais do que o pobre Smythe. Era muito alto e magro, e tinha cabelos claros; seu nariz era alto, e ele quase poderia ser bonito de uma forma espectral; mas tinha um dos estrabismos mais terríveis que já vi ou de que ouvi falar. Quando ele olhava diretamente para você, você não sabia onde estava, muito menos para o que ele estava olhando. Imagino que esse tipo de desfiguração tenha amargurado um pouco o pobre sujeito; pois enquanto Smythe estava pronto para exhibir seus truques em qualquer lugar, James Welkin (esse era o nome do homem vesgo) nunca fazia nada a não ser mergulhar em nosso bar e dar grandes caminhadas sozinho na planície cinzenta. Mesmo assim, acho que Smythe também era um pouco sensível por ser tão pequeno, embora agisse de forma mais inteligente. E foi assim que fiquei realmente intrigada, além de surpresa, e muito triste, quando os dois se ofereceram para se casar comigo na mesma semana. Bem, eu fiz o que desde então pensei ser uma coisa boba. Mas, afinal, aquelas aberrações eram meus amigos de certa forma; e tive horror de que pensassem que os recusara pelo verdadeiro motivo, isto é, a sua incrível feiura. Então, inventei uma história, e disse ter a intenção de jamais me casar com alguém que não tivesse trilhado seu próprio caminho no mundo. Disse que era uma

questão de princípios, para mim, não viver de dinheiro herdado, como o deles. Dois dias depois de eu ter dito isso, com boa intenção, começou todo o problema. A primeira coisa que ouvi foi que os dois haviam saído em busca de fortuna, como se estivessem em algum tolo conto de fadas. Bem, eu nunca vi nenhum deles daquele dia até hoje. Mas recebi duas cartas do homenzinho chamado Smythe e, sinceramente, eram bastante emocionantes.

— Teve notícias do outro homem? — perguntou Angus.

— Não, ele nunca escreveu — disse a garota, após um instante de hesitação. — A primeira carta de Smythe foi simplesmente para dizer que ele havia começado com Welkin a jornada para Londres; mas Welkin andava tão rápido que o homenzinho desistira de acompanhá-lo, e ficara descansando à beira da estrada. Ele acabou sendo escolhido por algum espetáculo itinerante e, em parte porque era quase um anão, e em parte porque era realmente um desgraçadinho bem inteligente, ele se deu muito bem na indústria do entretenimento e logo foi enviado para o Aquarium, para lá exibir alguns truques que eu esqueci. Essa foi sua primeira carta. A segunda, que eu só recebi na semana passada, era muito mais surpreendente.

O homem cujo nome era Angus esvaziou sua xícara de café e olhou a garçonete com ternura e paciência. Sua própria boca deu uma leve risada quando ela retomou: — Suponho que você tenha visto cartazes sobre este “Serviço Silencioso de Smythe”, não? Ou será você o único que não viu? Oh, eu não sei muito sobre isso, é uma invenção mecânica para que máquinas façam todo o trabalho doméstico. Você conhece esse tipo de coisa: “Aperte um botão — um mordomo que nunca bebe”. “Vire uma maçaneta — dez empregadas que não namoram”. Você deve ter visto os anúncios. Bem, sejam o que forem essas máquinas, elas estão gerando muito dinheiro; e esse dinheiro todo está indo para aquele diabinho que conheci em Ludbury. Não posso deixar de me sentir satisfeita porque o pobrezinho se deu bem; mas o fato é que estou com medo de que ele apareça a qualquer minuto e me diga que abriu seu caminho no mundo, como de fato abriu.

— E o outro homem? — repetiu Angus com uma espécie de quietude obstinada.

Laura Hope pôs-se de pé de repente.

— Meu amigo — ela disse —, eu acho que você é um bruxo. Sim, você está certo. Não vi uma linha escrita pelo outro homem; e eu não sei, não mais que os mortos, o que ele é nem onde está. Mas é dele que tenho medo. É ele quem trava meu caminho. Foi ele quem me semienlouqueceu. Na verdade, acho que ele me enlouqueceu; pois eu o senti onde ele não poderia estar, e ouvi sua voz quando ele não poderia ter falado.

— Bem, minha querida — disse o jovem, alegremente —, se ele fosse o próprio Satanás, ele estaria acabado, pois agora você contou a alguém. É sozinho que se fica louco, menina. Mas quando foi que você imaginou sentir e ouvir nosso amigo vesgo? — Eu ouvi James Welkin rir tão claramente quanto eu ouço você falar — disse a garota, com firmeza. — Não havia ninguém perto, pois eu estava do lado de fora da loja, na esquina, e podia ver as duas ruas ao mesmo tempo. Eu tinha esquecido como ele ria, embora sua risada fosse tão estranha quanto seu estrabismo. Não pensava nele há quase um ano. Mas é uma verdade solene que alguns segundos depois chegou a primeira carta de seu rival.

— Você já ouviu o espectro falar ou reclamar ou algo assim? — perguntou Angus, com algum interesse.

Laura estremeceu de repente e disse, com voz inabalável: — Sim. Bem quando terminei de ler a segunda carta de Isidore Smythe anunciando seu sucesso. Nesse momento, ouvi Welkin dizer: “Mas ele não terá você”. Era bastante claro, como se ele estivesse na sala. É horrível, acho que devo estar louca.

— Se você realmente estivesse louca, pensaria que está sã. Mas certamente parece haver algo estranho sobre esse cavalheiro invisível. Duas cabeças pensam melhor do que uma, e nem vou mencionar quaisquer outros órgãos. E realmente, se você me permitir, como um homem robusto e prático, trazer o bolo de casamento de volta da janela...

E enquanto ele falava, ouviu-se uma espécie de gemido metálico do lado de fora, na rua, e um pequeno automóvel, pilotado numa velocidade diabólica, disparou até a porta da loja e parou logo à frente dela. Em seguida, um homenzinho com uma cartola brilhante estava batendo os pés no vestibulo.

Angus, que até então mantivera uma hilariante tranquilidade por motivos de higiene mental, revelou a tensão de sua alma ao sair abruptamente da sala interna para confrontar o recém-chegado. Um olhar para ele foi suficiente para confirmar as loucas suposições de um homem apaixonado. Esta figura muito elegante, mas anã, com a ponta de uma barba negra insolentemente penteada para a frente, os olhos espertos e inquietos, os dedos habilidosos, mas muito nervosos, não podia ser ninguém menos que o homem cujo retrato ele acabava de ouvir: Isidore Smythe, que fazia bonecas com bananas e caixas de fósforos; Isidore Smythe, que ganhara milhões com mordomos abstêmios e faxineiras antirromânticas. Por um momento os dois homens, compreendendo instintivamente o ar de possessão um do outro, olharam-se com aquela curiosa e fria generosidade que é a alma da rivalidade.

O Senhor Smythe, no entanto, não fez alusão ao fundamento final de seu

antagonismo, mas disse de forma simples e explosiva: — A Senhorita Hope viu aquela coisa na janela? — Na janela? — repetiu Angus, olhando fixamente.

— Não há tempo para explicar mais — disse o pequeno milionário, rapidamente. — Há algo errado acontecendo aqui, e isso deve ser investigado.

Ele apontou sua polida bengala para a janela, recentemente despojada pelos preparativos nupciais do Senhor Angus; e este cavalheiro ficou surpreso ao ver, colada ao longo da frente do vidro, uma longa tira de papel de selos, que certamente não estava na janela quando ele a vira, instantes mais cedo. Seguindo o enérgico Smythe ao lado de fora, ele descobriu que uma faixa de cerca de um metro e meio de papel havia sido cuidadosamente colada ao longo do vidro, do lado de fora, e nesta faixa lia-se, em caracteres esparsos: “Se você se casar com Smythe, ele morrerá”.

— Laura — disse Angus, colocando sua grande cabeça ruiva dentro da loja —, você não está louca.

— É a letra daquele sujeito Welkin — disse Smythe, com rispidez.

— Faz anos que não o vejo, mas ele não para de me incomodar. Cinco vezes nos últimos quinze dias ele fez aparecer cartas ameaçadoras no meu apartamento, e não consigo nem descobrir quem as deixou, muito menos se não foi o próprio Welkin. O porteiro jura que nenhum personagem suspeito foi visto; e ele vem aqui e cola uma espécie de bilhete na vitrine de uma loja, enquanto as pessoas no estabelecimento...

— Exatamente — disse Angus, com modéstia — enquanto as pessoas na loja tomavam chá. Bem, senhor, posso assegurar-lhe que aprecio seu bom senso em lidar com esse assunto tão frontalmente. Podemos conversar sobre outras coisas depois. O sujeito não pode estar muito longe, pois juro que não havia papel lá quando fui pela última vez à janela, dez ou quinze minutos atrás. Por outro lado, ele está longe demais para ser perseguido, pois nem sabemos para onde correu. Se o senhor aceitar meu conselho, Senhor Smythe, deve colocar o assunto, imediatamente, nas mãos de algum investigador enérgico, um detetive privado, de preferência, em vez da polícia. Conheço um sujeito extremamente inteligente, que montou um negócio a cinco minutos daqui, se formos de carro. Seu nome é Flambeau e, embora sua juventude tenha sido um pouco turbulenta, ele agora é um homem estritamente honesto e seu cérebro é um tesouro. Ele mora em Lucknow Mansions, Hampstead.

— Que coincidência — disse o homenzinho, arqueando as sobrancelhas pretas. — Eu moro nas Mansões Himylaya, na esquina dessa rua que você mencionou. Talvez você queira vir comigo; posso ir para meu apartamento e juntar os estranhos bilhetes do Welkin, enquanto você corre lá e chama seu

amigo, o detetive.

— O senhor é um bom homem — disse Angus, educadamente.

— Bem, quanto mais cedo agirmos, melhor.

Os dois homens, com um tipo estranho de perfeição improvisada, despediram-se da senhorita, igual e formalmente, e ambos pularam no pequeno carro. Smythe assumiu o volante; quando eles viraram a esquina da rua, Angus se divertiu ao ver um pôster gigantesco do “Serviço Silencioso de Smythe”, com a imagem de uma enorme boneca de ferro sem cabeça, carregando uma panela com a legenda: “Um cozinheiro que nunca se irrita”.

— Eu os uso no meu próprio apartamento — disse o homenzinho de barba preta, rindo. — Em parte como propaganda, e em parte porque são realmente úteis. Honestamente, e com toda a franqueza, essas minhas bonecas mecânicas acendem lareiras ou servem aperitivos mais rápido do que qualquer criado vivo que eu já conheci, se você souber qual botão apertar. Mas não nego, entre nós, que tais servos também têm suas desvantagens.

— É mesmo? — disse Angus. — Há algo que eles não podem fazer? — Sim — respondeu Smythe, com frieza. — Eles não podem me dizer quem deixou aquelas cartas ameaçadoras no meu apartamento. O carro do homem era pequeno e rápido como ele; na verdade, como seus objetos domésticos, era outra invenção dele. Conquanto aceitasse uma publicidade insincera, acreditava em seus próprios produtos. A sensação de um minúsculo objeto voador se acentuou enquanto eles faziam longas curvas na branca estrada sob a luz moribunda, mas aberta do entardecer. Logo as curvas brancas tornaram-se mais nítidas e vertiginosas; eles estavam em espirais ascendentes, como se diz nas religiões modernas. Pois, de fato, estavam chegando ao topo de uma parte de Londres que é quase tão íngreme quanto Edimburgo, se não tão pitoresca. Cada prédio que surgia era mais alto que os demais, e a torre de apartamentos que eles especificamente procuravam elevava-se acima de todos eles a uma altitude quase egípcia, dourada pelo brilho do sol correndo paralelo ao chão. A mudança, quando eles dobraram a esquina e entraram no crescente conhecido como Mansões Himylaya, era tão abrupta quanto a abertura de uma janela; eles haviam chegado àquela pilha de apartamentos flutuando sobre Londres como sobre um mar verde, cor de ardósia. Em frente às mansões, do outro lado da meia-lua de cascalho, havia um cercado denso, mais parecido com uma cerca viva ou um dique do que com um jardim, e um pouco abaixo dele corria uma faixa artificial de água, uma espécie de canal, como o fosso daquela fortaleza reforçada. Enquanto o carro contornava a meia-lua, passaram pela barraca perdida de um homem que vendia castanhas, em uma esquina; e imediatamente na outra extremidade da curva, Angus pôde ver um policial de azul escuro, caminhando lentamente. Essas eram as únicas formas

humanas naquela solidão suburbana; mas ele tinha a sensação irracional de que expressavam a poesia muda de Londres. Ele as sentia como se fossem figuras de uma história.

O pequeno carro disparou para a casa certa como uma bala e seu dono disparou como um projétil. Ele perguntou imediatamente a um porteiro alto de cabelo brilhante e a um carregador baixo em mangas de camisa se alguém ou alguma coisa estivera procurando seus aposentos. Disseram-lhe que ninguém nem nada havia passado por esses funcionários desde a última vez que perguntara; então, ele e o ligeiramente perplexo Angus correram como um foguete para o elevador, e se dirigiram ao último andar.

— Só venha num minuto — disse Smythe, sem fôlego. — Eu quero te mostrar aquelas cartas do Welkin. Então você pode correr até a esquina e buscar seu amigo.

Ele apertou um botão escondido na parede, e a porta se abriu sozinha, dando para uma antessala comprida e cômoda, na qual as únicas características interessantes, normalmente falando, eram as fileiras de altas figuras mecânicas semi-humanas que se erguiam de ambos os lados como manequins de alfaiate. Como manequins, eles não tinham cabeça; e, como manequins, tinham uma bela e desnecessária corcunda nos ombros e um protuberante peito de pombo; mas tirando isso, eles não eram muito mais parecidos com a forma humana do que qualquer máquina automática que tenha altura comparável à de um humano. Como braços eles tinham dois grandes ganchos, para carregar bandejas; e eles eram pintados de verde ervilha ou vermelho ou preto para facilitar a distinção; em todos os outros aspectos, eram apenas máquinas automáticas e ninguém olharia duas vezes para elas. Nesta ocasião, pelo menos, ninguém o fez. Pois entre as duas fileiras desses manequins domésticos havia algo mais interessante do que o maior prodígio mecânico do mundo. Era um pedaço de papel de selos branco e esfarrapado rabiscado com tinta vermelha; e o ágil inventor o agarrou quase assim que a porta se abriu. Entregou-o a Angus sem dizer palavra. A tinta vermelha na verdade não estava seca, e a mensagem dizia: “Se você foi vê-la hoje, vou matá-lo”.

Houve um breve silêncio e então Isidore Smythe disse baixinho: — Quer um pouco de uísque? Eu diria que preciso.

— Obrigado; eu prefiro um pouco de Flambeau — disse Angus, sombriamente. — Este assunto me parece estar ficando bastante grave. Vou buscá-lo já.

— Tem razão — disse o outro, com admirável alegria. — Traga-o aqui o mais rápido possível.

Mas, quando Angus fechou a porta da frente atrás de si, viu Smythe apertar um botão; um dos bonecos mecânicos desceu de seu lugar e deslizou ao longo de uma ranhura no chão, carregando uma bandeja com um sifão e um decanter. Parecia um tanto estranho deixar o homenzinho só entre aqueles criados mortos, que voltavam à vida quando a porta se fechou.

Seis degraus abaixo do patamar de Smythe, o homem em mangas de camisa estava fazendo algo com um balde. Angus parou para extrair uma promessa, reforçada com a perspectiva de um suborno, de que ele permaneceria ali até que Angus voltasse com o detetive, e ficaria atento a qualquer tipo de estranho subindo as escadas. Chegando no corredor da frente, ele encarregou de semelhante vigilância o vigia da portaria da frente, que lhe informou o fato simplificador de que não havia portaria dos fundos. Não contente com isso, ele chamou o policial em ronda e o induziu a ficar em frente à entrada e vigiá-la; e finalmente fez uma pausa para comprar um penny de castanhas e perguntar ao vendedor por quanto tempo pretendia permanecer na área.

O vendedor, levantando a gola do casaco, disse que ele deveria ir embora logo, pois achava que ia nevar. De fato, a noite estava ficando cinza e amarga, mas Angus, com toda sua eloquência, se esforçou por fixar o homem das castanhas em seu posto.

— Mantenha-se aquecido com suas próprias castanhas — disse ele com seriedade. — Coma todo o seu estoque; você não terá prejuízo. Eu te darei um soberano se esperar aqui até que eu volte e me informar sobre qualquer homem, mulher ou criança que entre naquela casa onde está o policial.

Ele então se afastou rapidamente, com uma última olhada na torre sitiada.

— De alguma forma, fechei o cerco em volta do apartamento — disse consigo. — Não é possível que os quatro sejam cúmplices do Senhor Welkin.

As mansões de Lucknow ficavam, por assim dizer, em um nível mais baixo daquela colina de casas em que as mansões de Himylaya poderiam ser chamadas de “cume”. O apartamento do Senhor Flambeau ficava no andar térreo e apresentava, em todos os sentidos, um marcante contraste com o maquinário americano e o luxo frio de hotel do apartamento de Smythe com seu serviço de mesa silencioso. Flambeau, que era amigo de Angus, recebeu-o em um convoluto covil artístico atrás de seu escritório, ornamentado por sabres, arcabuzes, curiosidades orientais, frascos de vinho italiano, potes selvagens, um felpudo gato persa e um pequeno padre católico romano de aparência empoeirada, que parecia particularmente deslocado.

— Este é meu amigo, Padre Brown — disse Flambeau. — Eu sempre quis que você o conhecesse. Tempo esplêndido, este; um pouco frio para gente do sul,

como eu.

— Sim, acho que vai clarear — disse Angus, sentando-se em uma poltrona oriental violeta e listrada.

— Não — disse o padre baixinho —, começou a nevar.

E, de fato, enquanto ele falava, os primeiros flocos, previstos pelo homem das castanhas, começaram a deslizar pela vidraça que escurecia.

— Bem — disse Angus pesadamente —, eu temo ter vindo a negócios, e um negócio um tanto tenso. O fato é, Flambeau, que a poucos passos de sua casa está um sujeito que precisa desesperadamente da sua ajuda; ele está perpetuamente sendo perseguido e ameaçado por um inimigo invisível, um canalha que ninguém viu.

Enquanto Angus contava toda a história de Smythe e Welkin, começando pela história de Laura e continuando com a sua própria, citando a risada sobrenatural na esquina de duas ruas vazias e as estranhas palavras ouvidas em uma sala vazia, Flambeau foi ficando mais e mais vividamente tenso, e o pequeno padre estava esquecido, como um móvel. Quando se tratou do papel rabiscado colado na janela, Flambeau se levantou, parecendo encher a sala com seus ombros enormes.

— Se não se importa — disse ele —, acho melhor que me conte o resto a caminho da casa desse homem. De alguma forma, me ocorre que não há tempo a perder.

— Com prazer — disse Angus, levantando-se também —, embora ele esteja seguro o suficiente por enquanto, pois coloquei quatro homens para vigiar o único acesso à sua toca.

Eles saíram para a rua, o pequeno padre arrastando-se atrás deles com a docilidade de um cachorrinho. Ele apenas disse, alegremente e como quem não diz nada demais: — Como a neve fica grossa rápido, em cima do chão.

Enquanto caminhavam pelas íngremes ruas laterais já polvilhadas de prata, Angus terminou sua história; e quando chegaram à meia-lua com os apartamentos imponentes, ele teve tempo de voltar sua atenção para as quatro sentinelas. O vendedor de castanhas, antes e depois de receber um soberano, jurou teimosamente que vigiara a porta e não vira nenhum visitante entrar. O policial foi ainda mais enfático. Ele disse que tinha experiência com vigaristas de todos os tipos, de cartola e esfarrapados; ele não era tão novato a ponto de esperar que personagens suspeitos parecessem suspeitos; ele ficou atento a qualquer pessoa e, portanto, com certeza, não viera ninguém. E quando os três homens se reuniram em torno do dourado funcionário, que ainda sorria

montado na varanda, o veredito foi ainda mais definitivo.

— Tenho o direito de perguntar a qualquer homem, duque ou lixeiro, o que ele procura nestes apartamentos — disse o gigante cordial e folheado —, e juro que não houve ninguém a quem perguntar desde que este cavalheiro foi embora.

O insignificante Padre Brown, que recuou, olhando modestamente para a calçada, aventurou-se a dizer mansamente: — Ninguém subiu e desceu as escadas, então, desde que a neve começou a cair? Nesse momento, estávamos ainda na casa do Flambeau.

— Ninguém esteve aqui, senhor, pode ter certeza — disse o oficial, com radiante autoridade.

— Então eu me pergunto o que é isso — disse o padre, e olhou para o chão com a fixidez de um peixe.

Todos os outros olharam para baixo também; e Flambeau fez uma exclamação feroz e um gesto francês. Pois era inquestionavelmente verdade que no meio da entrada guardada pelo homem de renda dourada, e na verdade, entre as arrogantes e firmes pernas daquele colosso, passava um fio contínuo de pegadas revelando a cor do asfalto sob a neve branca.

— Deus! — gritou Angus, involuntariamente. — É o homem invisível! Sem outra palavra, ele se virou e correu escada acima, seguido por Flambeau; mas Padre Brown ainda ficou parado olhando em volta, na rua coberta de neve, como se tivesse perdido o interesse em sua investigação.

Flambeau estava claramente disposto a arrombar a porta com seus ombros largos; mas o escocês, com mais razão, embora menos intuição, mexeu na moldura da porta até encontrar o botão invisível; e a porta se abriu lentamente.

A cena era substancialmente o mesmo interior atulhado; o salão tinha ficado mais escuro, embora ainda estivesse marcado aqui e ali pelos últimos raios carmesim do pôr do sol, e uma ou duas das máquinas sem cabeça tivessem sido movidas de seus lugares por um ou outro motivo, estando aqui e ali no ambiente sombrio. O verde e o vermelho de seus casacos sumiam na escuridão; e sua semelhança com a forma humana fora ligeiramente incrementada pela falta de clareza nos contornos. Mas no meio de todos eles, exatamente onde o papel com a tinta vermelha estava, havia algo que parecia tinta vermelha derramada de um frasco. Mas não era tinta vermelha.

Com uma combinação francesa de razão e violência, Flambeau disse simplesmente: “Assassinato!” — e, mergulhando no apartamento, explorou todos os cantos e armários dele em cinco minutos. Mas se esperava encontrar

um cadáver, não encontrou nenhum. Isidore Smythe não estava no local, nem morto nem vivo. Depois da busca mais desesperada, os dois homens se encontraram no corredor externo, com rostos lacrimejantes e olhos fixos.

— Mon ami — disse Flambeau, falando francês em sua empolgação —, não só o seu assassino é invisível, mas ele também torna invisível a vítima do assassinato.

Angus olhou ao redor, para a sala escura cheia de manequins, e em algum canto céltico de sua alma escocesa houve um estremecimento. Uma das bonecas em tamanho real estava exatamente fazendo sombra sobre a mancha de sangue, tendo sido acionada, talvez, pelo homem morto, imediatamente antes de cair. Um dos seus braços-ganchos estava um pouco erguido, e Angus de repente teve a horrível fantasia de que a própria criação metálica do pobre Smythe o havia derrotado. A matéria se rebelou e as máquinas mataram seu mestre. Mas, mesmo assim, o que fizeram com ele? “Comeram-no?”, disse o pesadelo em seu ouvido. E, por instantes, Angus se sentiu enjoado pela ideia de restos humanos mastigados, esmagados e absorvidos por aquele mecanismo acéfalo.

Ele recuperou sua saúde mental por meio de um esforço enfático e disse a Flambeau: — Bem, aí está. O pobre sujeito evaporou como uma nuvem e deixou uma linha vermelha no chão. Isso não é coisa deste mundo.

— Só há uma coisa a ser feita — disse Flambeau —, seja coisa deste ou do outro mundo. Devo descer e falar com meu amigo.

Eles desceram, passando pelo homem com o balde, que novamente afirmou que não havia deixado nenhum intruso passar, até o porteiro e o homem das castanhas, que rigidamente reafirmaram sua própria vigilância. Mas quando Angus olhou em volta, em busca de sua quarta confirmação, não o encontrou e gritou com certo nervosismo: — Onde está o policial? — Peço perdão — disse o Padre Brown. — A culpa é minha. Acabei de mandá-lo investigar algo, algo que achei digno de ser investigado.

— Bem, espero que ele volte em breve — disse Angus abruptamente —, pois o miserável homem lá em cima não apenas foi assassinado, mas exterminado.

— Como é? — fez o padre.

— Padre — disse Flambeau, após uma pausa —, pela minha alma, acredito que seja mais do seu departamento que do meu. Nenhum amigo ou inimigo entrou na casa, mas Smythe sumiu, como se tivesse sido roubado pelas fadas. Se isso não for sobrenatural, eu...

Enquanto ele falava, todos foram detidos por uma visão incomum; o grande

policial azul dobrou a esquina da meia-lua, correndo. Ele veio direto para Brown.

— Você está certo, senhor — ele ofegou. — Acabam de encontrar o corpo do pobre Senhor Smythe no canal lá embaixo.

Angus levou a mão freneticamente à cabeça.

— Ele desceu e se afogou? — perguntou.

— Ele não saiu, juro — disse o policial —, e também não se afogou, pois o que o matou foi uma grande facada no coração.

— E ainda assim você não viu ninguém entrar? — disse Flambeau com uma voz grave.

— Vamos descer um pouco pela estrada — disse o padre.

Quando chegaram ao outro lado da meia-lua, ele observou abruptamente: — Que burrice a minha! Esqueci de perguntar uma coisa ao policial. Eu me pergunto se eles encontraram um saco marrom claro.

— Por que um saco marrom claro? — perguntou Angus, espantado.

— Porque se fosse qualquer outro saco colorido, o caso deveria começar de novo — disse o Padre Brown. — Mas se fosse um saco marrom claro, ora, o caso está encerrado.

— Fico feliz em ouvir isso — disse Angus com ironia sincera. — Até onde eu sei, o caso nem começou! — Conte-nos tudo — disse Flambeau, com uma simplicidade estranha e pesada, como a de uma criança.

Inconscientemente, eles estavam descendo a passos rápidos a longa curva da estrada do outro lado do crescente alto, Padre Brown liderando rapidamente, embora em silêncio. Por fim, ele disse com uma vagueza quase comovente: — Bem, temo que vocês achem isso muito prosaico. Começamos sempre pelo lado abstrato das coisas, e esta história não pode começar senão por aí. Vocês já notaram que as pessoas nunca respondem àquilo que nós perguntamos? Respondem àquilo que queremos perguntar, ou melhor, àquilo que julgam que queremos perguntar. Suponha que uma senhora diga a outra, em uma casa de campo: “Alguém está na casa com você?”. A senhora não responde: “Sim; o mordomo, os três criados, a copeira e assim por diante”, embora a copeira possa estar na sala, e o copeiro atrás de sua cadeira; mas responde: “Não há ninguém na casa”, e o que ela quer dizer é que não está lá ninguém de fora, que era também o que a amiga queria perguntar. Mas suponha que um médico investigando uma epidemia pergunte: “Quem está hospedado na casa?”; então

a senhora se lembrará do mordomo, da copeira e do resto. Toda a linguagem funciona assim; você nunca terá uma pergunta respondida literalmente, mesmo quando a resposta for verdadeira. Quando aqueles quatro homens, todos eles gente honesta, disseram que nenhum homem havia entrado nas mansões, o que eles queriam dizer não era exatamente que não tinha ali entrado nenhum homem; o que eles queriam dizer era que ali não tinha entrado nenhum homem que eles suspeitassem ser o seu homem. A verdade é que um homem entrou naquela casa, e dela saiu, mas eles nunca o notaram.

— Um homem invisível? — perguntou Angus, erguendo as ruivas sobrancelhas.

— Um homem mentalmente invisível — respondeu o Padre Brown.

Um ou dois minutos depois, ele recomeçou com a mesma voz despretensiosa, como um homem pensando do seu jeito.

— Claro que você não pode pensar em tal homem, até que você pense nele. É aí que entra sua inteligência. Mas acabei pensando nele por meio de duas ou três pequenas coisas na história que o Senhor Angus nos contou. Primeiro, havia o fato de que este Welkin caminhava a passos largos. E também, uma grande tira de papel de selos na janela. E então, e mais importante, havia as duas coisas que a jovem disse; coisas que não podiam ser verdadeiras. Não se aborreça — acrescentou ele apressadamente, notando um movimento repentino da cabeça do escocês. — Ela pensava que eram verdadeiras. Uma pessoa não pode estar sozinha na rua um segundo antes de receber uma carta. Ela não pode estar completamente sozinha na rua quando começa a ler uma carta que acaba de receber. É necessário que haja alguém bem perto dela; ele deve ser mentalmente invisível.

— Por que necessariamente haveria alguém perto dela? — perguntou Angus.

— Porque — disse o Padre Brown —, se não foi um pombo-correio, alguém deve ter trazido a carta para ela.

— Você realmente quer dizer — perguntou Flambeau, com energia — que Welkin levou as cartas de seu rival para sua amada? — Sim — disse o padre. — Welkin levou as cartas de seu rival para sua amada. Você vê, ele era obrigado a fazer isso.

— Oh, eu não aguento mais isso! — explodiu Flambeau. — Quem é esse sujeito? Como ele é? Qual é a aparência usual de um homem mentalmente invisível? — Ele usa belas vestes nas cores azul, vermelho e dourado⁵ — respondeu o sacerdote pronta e precisamente; — e com esta roupa impressionante e até chamativa, ele entrou nas Mansões Himylaya passando

sob oito olhos humanos; ele matou Smythe a sangue frio e desceu para a rua novamente, carregando o cadáver nos braços...

— Reverendo! — exclamou Angus, imóvel. — O senhor está delirando ou eu?
— Você não está louco — disse Brown —, é só um pouco desatento.

Você não enxerga um homem como este, por exemplo.

E dando três rápidos passos para frente, pôs a mão no ombro de um carteiro comum que vinha passando, despercebido por eles sob a sombra das árvores.

— Ninguém nunca nota os carteiros — disse ele, pensativo. — Ainda assim, eles têm paixões como outros homens, e até possuem grandes bolsas onde um pequeno cadáver pode ser guardado com bastante facilidade.

O carteiro, em vez de se virar naturalmente, se acorrou e esbarrou na cerca do jardim. Ele era um homem magro, de barbas claras, cuja aparência nada tinha de notável; mas, ao virar o rosto alarmado por cima do ombro, todos os três homens se horrorizaram com seu estrabismo quase demoníaco.

Flambeau retornou para seus sabres, tapetes roxos e gato persa, tendo muitas coisas para fazer. John Turnbull Angus voltou para a jovem lojista; aquele jovem imprudente faz de tudo para ficar extremamente confortável com ela. Mas o Padre Brown caminhou por aquelas colinas cobertas de neve sob as estrelas por muitas horas, ao lado de um assassino, e o que eles disseram um ao outro nunca será conhecido.

A HONRA DE ISRAEL GOW

Aproximava-se uma noite tempestuosa, verde escuro e prateada, quando Padre Brown, envolto em uma manta escocesa cinza, chegou ao fim de um vale igualmente escocês e cinza e avistou o estranho Castelo de Glengyle, que ficava em uma das extremidades do vale, como o muro de um beco sem saída; e parecia o fim do mundo. Erguendo-se em telhados íngremes e torres de ardósia verde-mar, à maneira dos velhos castelos franco-escoceses, lembrava a um inglês os sinistros chapéus pontudos das bruxas nos contos de fadas; e os pinheiros que balançavam ao redor das torres verdes pareciam, em comparação, tão negros quanto incontáveis bandos de corvos. Essa nota de sonho, quase um diabolismo onírico, não era mera fantasia da paisagem. Pois repousava no local uma daquelas nuvens de orgulho, loucura e tristeza misteriosa que repousam mais pesadamente nas casas nobres da Escócia do que em qualquer outra casa dos filhos dos homens. Pois a Escócia tem uma dose dupla do veneno chamado “hereditariedade”; o senso de sangue do aristocrata e o senso de condenação do calvinista.

O padre havia tirado um dia de seus negócios em Glasgow para encontrar seu amigo Flambeau, o detetive amador, que estava no Castelo de Glengyle com outro policial, este de carreira, investigando a vida e a morte do falecido conde de Glengyle. Essa pessoa misteriosa foi o último representante de uma raça cuja bravura, insanidade e violenta astúcia os tornaram terríveis, mesmo entre a sinistra nobreza de sua nação no século XVI. Não houve quem mais se aprofundasse naquela ambição labiríntica, de aposento em aposento, daquele palácio de mentiras construído em torno da Rainha Maria da Escócia.

A canção do campo atestava com franqueza o motivo e o resultado de suas maquinacões:

Como a verde seiva nas árvores vivas É de ouro o sangue de todos os Ogilvies.

Por muitos séculos, nunca houve um lorde decente no Castelo de Glengyle; e com a era vitoriana alguém poderia pensar que todas as excentricidades haviam se esgotado. O último Glengyle, entretanto, satisfez sua tradição tribal fazendo a única coisa que lhe restava fazer: ele desapareceu. Não quero dizer que ele tenha ido para o exterior; ao que tudo indicava, ainda estava no castelo, se é que estava em algum lugar. Mas, embora seu nome estivesse no registro da igreja e no grande livro vermelho,⁶ ninguém nunca o vira sob o sol.

Se alguém o viu, foi um criado solitário, algo entre um criado e um

jardineiro. Era tão surdo que os mais práticos presumiam que ele fosse burro; enquanto os mais penetrantes o declaravam retardado. Um trabalhador magro e ruivo, com uma mandíbula e queixo obstinados, mas olhos azuis completamente vazios, ele atendia pelo nome de Israel Gow, e era o único servo silencioso naquela propriedade deserta. Mas a energia com que cavava batatas e a regularidade com que desaparecia na cozinha davam às pessoas a impressão de que ele tratava de alimentar um patrão, e que o estranho conde ainda estava escondido no castelo.

Se a sociedade precisasse de mais alguma prova de que ele estava ali, o servo insistia em afirmar que ele não estava em casa. Certa manhã, o preboste e o pastor (pois os Glengyles eram presbiterianos) foram chamados ao castelo. Lá eles descobriram que ao jardineiro, ao criado e ao cozinheiro juntara-se, naquele homem de muitos ofícios, o agente funerário, e todos juntos fecharam seu nobre mestre em um caixão. Se pouca ou muita investigação adicional este estranho fato suscitou, ainda não é coisa bem sabida; pois nenhuma investigação legal havia ocorrido até que Flambeau seguisse para o norte, dois ou três dias antes. A essa altura, o corpo de Lord Glengyle (se é que era dele o corpo) já havia ficado algum tempo no pequeno cemitério da colina.

Quando Padre Brown passou pelo jardim escuro e parou sob a sombra do castelo, as nuvens estavam densas e o ar, úmido e tempestuoso. Contra a última linha do pôr do sol verde e dourado, ele viu uma negra silhueta humana; um homem com um chapéu-chaminé e uma pá grande no ombro. A imagem sugeria, estranhamente, um sacristão; mas quando Brown se lembrou do criado surdo que cavava batatas, ele a achou bastante natural. Ele sabia algo sobre o camponês escocês; conhecia a respeitabilidade que poderia muito bem achar necessário usar roupa preta para um inquérito oficial; conhecia também a economia que não deixaria de trabalhar por uma hora de escavação por causa disso. Mesmo o susto do homem e o olhar desconfiado para o padre que passava eram suficientemente consoantes com a vigilância e o ciúme de um sujeito desse tipo.

A grande porta foi aberta pelo próprio Flambeau, que trazia consigo um homem magro com cabelos grisalhos e papéis nas mãos: o inspetor Craven, da Scotland Yard. O saguão de entrada estava quase todo vazio; mas os rostos pálidos e zombeteiros de um ou dois dos malvados Ogilvies olhavam para baixo, usando perucas pretas nas telas enegrecidas.

Seguindo-os para uma sala interna, Padre Brown descobriu que os parceiros estavam sentados a uma longa mesa de carvalho, cuja extremidade estava coberta com papéis rabiscados, e guarnecidos de uísque e charutos. Em toda a extensão restante ela estava ocupada por objetos destacados, dispostos em intervalos; objetos quase tão inexplicáveis quanto quaisquer objetos poderiam ser. Um parecia uma pequena pilha brilhante de vidro quebrado. Outro parecia

uma grande pilha de poeira marrom. Um terceiro parecia ser um pedaço de madeira simples.

— Você parece ter uma espécie de museu geológico aqui — disse ele, enquanto se sentava, sacudindo a cabeça brevemente na direção da poeira marrom e dos fragmentos cristalinos.

— Não é um museu geológico — respondeu Flambeau. — Digamos um museu psicológico.

— Oh, pelo amor de Deus! — exclamou, rindo, o detetive de polícia. — Não vamos começar com essas palavras compridas.

— Você não sabe o que psicologia significa? — perguntou Flambeau com surpresa amigável. — Psicologia significa estar doido.

— Mesmo assim, não entendo — respondeu o oficial.

— Bem — disse Flambeau, decidido —, quero dizer que só descobrimos uma coisa sobre Lord Glengyle. Ele era um maniaco.

A silhueta negra de Gow com sua cartola e pá passou pela janela, vagamente delineada contra o céu que escurecia. Padre Brown olhou passivamente para ele e respondeu: — Posso entender que deve haver algo estranho com o homem, ou ele não teria se enterrado vivo, nem teria tanta pressa em se enterrar morto. Mas o que te faz pensar que se tratava de loucura? — Bem — disse Flambeau —, basta ouvir a lista de coisas que o Senhor Craven encontrou na casa.

— Precisamos conseguir uma vela — disse Craven, de repente.

— Uma tempestade está se formando e está escuro demais para ler.

— Você encontrou alguma vela — perguntou Brown, sorrindo — entre as suas esquisitices? Flambeau ergueu o rosto sério e fixou os olhos escuros no amigo.

— Isso também é curioso — disse ele. — Vinte e cinco velas e nenhum vestígio de um castiçal.

A sala ia escurecendo rapidamente, e o vento ficando mais forte; Brown foi ao longo da mesa até onde um feixe de velas de cera estava entre as outras exposições fragmentadas. Ao fazer isso, curvou-se acidentalmente sobre a pilha de poeira marrom-avermelhada; e um espirro agudo quebrou o silêncio.

— Alô! — ele disse. — Rapé! Pegou uma das velas, acendeu-a com cuidado,

voltou e enfiou-a no gargalo da garrafa de uísque. O agitado ar noturno, soprando pela louca janela, fez a longa chama ondular como um estandarte. E em todos os lados do castelo eles podiam ouvir os quilômetros e quilômetros de floresta de negros pinheiros agitando-se como um mar negro ao redor de uma rocha.

— Vou ler o inventário — começou Craven gravemente, pegando um dos papéis —, o inventário do que encontramos solto e inexplicado no castelo. Você deve entender que o lugar estava quase todo desmontado e abandonado; mas um ou dois quartos tinham sido habitados por alguém em um estilo simples, mas não miserável; alguém que não era o servo Gow. A lista é a seguinte. Primeiro item. Um tesouro muito considerável de pedras preciosas, quase todas diamantes, e todas soltas, sem cravação alguma. Claro, é natural que os Ogilvies tivessem joias de família; mas essas são exatamente o tipo de joias que quase sempre são colocadas em determinados artigos decorativos. Parece que os Ogilvies mantinham as suas soltas, nos bolsos, como moedas. Segundo item. Montes e montes de rapé solto, não armazenado em chifre, nem em bolsa, mas em montes sobre a lareira, no aparador, no piano, em qualquer lugar. Parece que o velho senhor não se daria ao trabalho de tirar algo do bolso ou levantar a tampa de uma caixinha. Terceiro item. Aqui e ali, pela casa, curiosos amontoados de minúsculas peças de metal, algumas como molas de aço e outras na forma de rodas microscópicas; como se tivessem estripado algum brinquedo mecânico. Quarto item. As velas de cera, que precisam ser enfiadas em gargalos de garrafa porque não há nada em que se possa enfiá-las. Agora, gostaria que vocês notassem como tudo isso é muito mais esquisito do que qualquer coisa que antecipamos. Estamos preparados para o enigma central; todos vimos de relance que havia algo de errado com o último conde. Viemos aqui para descobrir se ele realmente viveu aqui, se realmente morreu aqui, se aquele espantalho ruivo que o enterrou teve algo a ver com sua morte. Mas suponha-se o pior em tudo isso, a solução mais sinistra ou melodramática que lhe ocorrer. Suponha-se que o servo realmente matou o senhor, ou suponha-se que o senhor não esteja realmente morto, ou suponha-se que o senhor esteja se passando pelo servo, ou suponha-se que o servo foi enterrado pelo senhor; invente a sua tragédia de Wilkie Collins preferida, e ainda não terá explicação para uma vela sem castiçal, ou do porquê um senhor idoso de boa família costumaria espalhar rapé no piano. Podemos imaginar o cerne da história; são as bordas que são misteriosas. Por nenhuma fantasia pode a mente humana conectar rapé e diamantes e cera e um mecanismo de relojoaria solto.

— Acho que vejo a conexão — disse o padre. — Esse Glengyle era insanamente contra a Revolução Francesa. Ele era um entusiasta do Antigo Regime e estava tentando reconstituir literalmente a vida familiar dos últimos Bourbons. Ele tinha rapé porque era o luxo do século XVIII; velas de cera, porque eram a iluminação do século XVIII; os pedaços de ferro mecânicos

representam o hobby de Luís XVI, que também era chaveiro; os diamantes são o colar de diamantes de Maria Antonieta.

Os outros dois homens o encaravam com olhos esbugalhados — Que noção perfeitamente extraordinária! — gritou Flambeau.

— Você realmente acha que isso é verdade? — Tenho certeza absoluta de que não é — respondeu o Padre Brown, — só que você disse que ninguém poderia conectar rapé e diamantes, mecanismos de relógio e velas. Eu te dei essa conexão de improviso. A verdade real, tenho certeza, é mais profunda.

Ele parou por um momento e ouviu o uivo do vento nas torres.

Então disse: — O falecido conde de Glengyle era um ladrão. Vivia uma sombria vida dupla, como um arrombador de casas descontrolado. Ele não tinha castiçais porque só usava velas cortadas na pequena lanterna que carregava. O rapé, ele usava como os mais ferozes criminosos franceses usam pimenta: jogando-o de repente, em volume generoso, na cara de um perseguidor. Mas a prova final está na curiosa coincidência dos diamantes e das pequenas rodas de aço. Certamente isso deixa tudo claro para você? Diamantes e pequenas rodas de aço são os únicos dois instrumentos com os quais você pode cortar um painel de vidro.

O galho de um pinheiro quebrado chicoteou fortemente num estrondo contra a vidraça atrás deles, como se parodiasse um ladrão, mas eles não se viraram. Seus olhos estavam fixos no Padre Brown.

— Diamantes e pequenas rodas — repetiu Craven, ruminando.

— Isso é tudo o que te faz pensar que essa é a verdadeira explicação? — Não penso que essa seja a verdadeira explicação — respondeu o padre, placidamente. — Mas você disse que ninguém poderia conectar as quatro coisas. A verdadeira história, é claro, é muito mais monótona. Glengyle havia encontrado, ou pensava ter encontrado, pedras preciosas em sua propriedade. Alguém o enganou com aqueles brilhantes soltos, dizendo que eles foram encontrados nas cavernas do castelo. As rodinhas são instrumentos de lapidação de diamantes. Ele teve que fazer a coisa muito rudemente, com a ajuda de alguns pastores ou companheiros rudes destas colinas. O rapé é o grande luxo desses pastores escoceses; é a única coisa com a qual você pode suborná-los. Eles não tinham castiçais porque não os queriam; seguraram as velas em suas mãos quando exploraram as cavernas.

— Isso é tudo? — perguntou Flambeau, após uma longa pausa.

— Chegamos finalmente à verdade nua e crua? — Oh, não — disse Padre Brown.

Enquanto o vento morria nos pinheiros mais distantes, com um longo assobio de zombaria, Padre Brown, com um rosto totalmente impassível, continuou: — Eu só sugeri tudo isso porque você disse que não era possível conectar rapé com um mecanismo de relógio ou velas com pedras brilhantes. Dez falsas filosofias caberão no universo; dez falsas teorias caberão no Castelo de Glengyle. Mas queremos a explicação real do castelo e do universo. Mas não há outras exposições? Craven riu e Flambeau levantou-se sorrindo e caminhou pela longa mesa.

— Itens cinco, seis, sete etc. — disse ele —, e certamente mais variados do que instrutivos. Uma coleção curiosa, não de lápis de grafite, mas de grafite de lápis. Um pedaço de bambu inexplicável, com a parte superior um tanto lascada. Pode ser o instrumento do crime. Só que não existe nenhum crime. As únicas outras coisas são alguns velhos missais e pequenos quadros católicos, que os Ogilvies guardaram, suponho, desde a Idade Média, seu orgulho de família sendo mais forte do que seu puritanismo. Nós só os colocamos no museu porque eles parecem curiosamente cortados e desfigurados.

A tempestade inebriante espalhou uma terrível confusão de nuvens sobre Glengyle e escureceu completamente a longa sala, enquanto Padre Brown pegava as pequenas páginas ilustradas para examiná-las. Ele falou antes que a escuridão passasse; mas era a voz de um homem totalmente novo.

— Senhor Craven — disse ele, falando como um homem dez anos mais jovem —, você tem um mandado legal, não tem, para subir e examinar aquela sepultura? Quanto mais cedo fizermos isso melhor, e chegaremos ao fundo desse caso horrível. Se eu fosse você, deveria começar agora.

— Agora! — repetiu o detetive, atônito. — E por que agora? — Porque isso é sério — respondeu Brown. — Não é rapé derramado ou seixos soltos, que podem estar aí por uma centena de razões. Há apenas uma razão que conheço para que fizessem isso; e a razão vem das raízes do mundo. Essas imagens religiosas não estão apenas sujas, rasgadas ou rabiscadas, o que poderia ser feito por ociosidade ou intolerância, por crianças ou por protestantes. Elas foram tratadas com muito cuidado e de forma muito estranha. Em todos os lugares onde o grande e ornamentado nome de Deus aparece nas antigas iluminuras, ele foi cuidadosamente retirado. A única outra coisa que foi removida é o halo em volta da cabeça do Menino Jesus. Portanto, eu digo, vamos pegar nosso mandado, nossa pá e nosso machado, e subir e abrir aquele caixão.

— O que você quer dizer? — perguntou o oficial de Londres.

— Quero dizer — respondeu o pequeno sacerdote, e sua voz pareceu aumentar ligeiramente com o rugido do vendaval —, quero dizer que o grande

demônio do universo pode estar sentado no topo da torre deste castelo neste momento, tão grande quanto uma centena de elefantes, e rugindo como o Apocalipse. Há magia negra no fundo disso.

— Magia negra — repetiu Flambeau em voz baixa, pois era um homem muito esclarecido para não saber dessas coisas. — Mas o que essas outras coisas podem significar? — Oh, algo condenável, eu suponho — respondeu Brown com impaciência. — Como eu poderia saber? Como posso adivinhar todos os labirintos lá embaixo? Talvez você possa torturar alguém com rapé e bambu. Talvez lunáticos gostem de cera e de limalha de aço. Talvez exista uma droga enlouquecedora feita de grafite! Nosso atalho mais curto para o mistério é subir a colina até o túmulo.

Seus camaradas mal sabiam que o haviam obedecido e seguido até que uma rajada de vento noturno quase os jogou de cara no chão do jardim. No entanto, eles o obedeceram como autômatos; pois Craven levava uma machadinha na mão e o mandado no bolso; e Flambeau carregava a pesada pá do estranho jardineiro; Padre Brown carregava o livrinho dourado do qual fora arrancado o nome de Deus.

O caminho que subia a colina até o cemitério era tortuoso, mas curto; só sob aquela pressão do vento ele parecia pesado e longo. Até onde a vista alcançava, cada vez mais longe, à medida que subiam a encosta, havia mares e mares de pinheiros, agora todos encurvados sob o vento. E aquele gesto universal parecia tão vão quanto vasto, tão vão como se o vento soprasse sobre algum planeta despovoado e sem propósito. Através de toda imensidão infinita de florestas azul-acinzentadas cantava, estridente e aguda, aquela tristeza antiga que está no coração de todas as coisas pagãs. Podia-se imaginar que as vozes do mundo subterrâneo da folhagem insondável eram gritos dos deuses pagãos perdidos e errantes: deuses que perambulavam naquela floresta irracional e que nunca encontrarão o caminho de volta para o Céu.

— Veja — disse o Padre Brown em um tom baixo, mas tranquilo —, os escoceses antes da existência da Escócia eram muito curiosos. Na verdade, eles ainda são muito curiosos. Mas nos tempos pré-históricos, imagino que eles realmente adoravam demônios. Por isso — acrescentou cordialmente —, é por isso que eles se lançaram à teologia puritana.

— Meu amigo — disse Flambeau, virando-se numa espécie de fúria —, o que todo aquele rapé significa? — Meu amigo — respondeu Brown, com igual seriedade —, existe uma marca em todas as religiões genuínas: o materialismo. Agora, a adoração ao diabo é uma religião perfeitamente genuína.

Eles haviam chegado ao escalpo gramado da colina, um dos poucos pontos nus longe da floresta furiosa de pinheiros. Um cercado medíocre, parte de

madeira e parte de arame, dançava na tempestade para indicar a fronteira do cemitério. Mas quando o inspetor Craven chegou ao local da sepultura e Flambeau plantou a ponta da pá no chão e se apoiou nela, os dois estavam quase tão abalados quanto a madeira e o arame trêmulos. Ao pé da sepultura cresciam grandes cardos altos, cinzentos e prateados em sua decadência. Uma ou duas vezes, quando uma bola de penugem de cardo se soltava na brisa e passava voando perto dele, Craven se assustou levemente, como se fosse uma flecha.

Flambeau enfiou a lâmina de sua pá através da grama, até atingir o barro úmido abaixo. Então ele pareceu parar e se apoiar nela como se fosse um cajado.

— Continue — disse o padre muito gentilmente —, estamos apenas tentando encontrar a verdade. Do que você tem medo? — Tenho medo de encontrá-la — disse Flambeau.

O detetive de Londres falou de repente em uma voz estridente que deveria ser coloquial e alegre.

— Eu me pergunto por que ele se escondeu assim. Algo desagradável, suponho; ele seria leproso? — Algo pior do que isso — disse Flambeau.

— E o que você imagina — perguntou o outro — que seria pior do que um leproso? — Não imagino — disse Flambeau.

Ele cavou por alguns minutos terríveis em silêncio e então disse com a voz embargada: — Tenho medo de que ele não esteja em boa forma.

— Aquele pedaço de papel também não estava, sabe — disse o Padre Brown calmamente —, e nós sobrevivemos até mesmo àquele pedaço de papel.

Flambeau continuou cavando com uma energia cega. Mas a tempestade tinha empurrado para longe as sufocantes nuvens cinzentas, que se agarravam às colinas como fumaça, e revelou os campos cinzentos sob a tênue luz das estrelas antes que ele alcançasse a forma de um rude caixão de madeira e de alguma forma o expusesse sobre a relva. Craven avançou com seu machado; um cardo o tocou e ele se encolheu. Então ele deu um passo mais firme e golpeou e torceu com uma energia similar à de Flambeau, até que a tampa foi arrancada e tudo o que havia ali apareceu, brilhando à luz cinzenta das estrelas.

— Ossos — disse Craven; e então acrescentou: — Mas é um homem — como se isso fosse algo inesperado.

— Ele está — perguntou Flambeau, em uma voz que oscilava estranhamente

—, ele está bem? — Parece que sim — disse o oficial com voz rouca, curvando-se sobre o esqueleto obscuro e em decomposição na caixa. — Espere um minuto.

Um grande suspiro passou por cima da enorme figura de Flambeau.

— E agora que penso nisso — exclamou ele —, por que, em nome da loucura, ele não estaria bem? O que se apodera de um homem nessas malditas montanhas frias? Acho que é a repetição negra e acéfala; todas essas florestas e, acima de tudo, um antigo e geral horror inconsciente. É como o sonho de um ateu. Pinheiros e mais pinheiros e milhões de pinheiros...

— Deus! — gritou o homem ao lado do caixão. — Mas ele não tem cabeça! Enquanto os outros ficaram rígidos, o padre, pela primeira vez, demonstrou preocupação e surpresa.

— Sem cabeça! — ele repetiu. — Sem cabeça? — quase como se esperasse alguma outra deficiência.

Visões estúpidas de um bebê sem cabeça nascido em Glengyle, de um jovem sem cabeça se escondendo no castelo, de um homem sem cabeça andando por aqueles corredores antigos ou aquele lindo jardim passaram em panorama por suas mentes. Mas, mesmo naquele momento tenso, a história não criou raízes neles e parecia não ter razão para isso. Eles ficaram parados ouvindo a floresta barulhenta e o céu estridente de forma bastante tola, como animais exaustos. A faculdade de pensar parecia qualquer coisa de enorme que escapava de suas mãos.

— Há três homens sem cabeça — disse Padre Brown — em volta desta sepultura aberta.

O pálido detetive de Londres abriu a boca para falar e deixou-a aberta como um caipira, enquanto um longo grito de vento rasgava o céu; então ele olhou para o machado em suas mãos como se não pertencesse a ele e o largou.

— Padre — disse Flambeau com aquela voz infantil e pesada que ele raramente usava —, o que devemos fazer? A resposta de seu amigo veio com a prontidão de uma arma disparando.

— Dormir! — exclamou o Padre Brown. — Dormir. Chegamos ao fim do caminho. Você sabe o que é dormir? Você sabia que todo homem que dorme acredita em Deus? Dormir é um sacramento; pois é um ato de fé e de nutrição. E todos precisamos de um sacramento, ainda que natural. Caiu sobre nós algo que raramente cai sobre os homens; talvez a pior coisa que pode cair sobre eles.

Os lábios entreabertos de Craven se juntaram para perguntar: — O que você quer dizer? O sacerdote voltou o rosto para o castelo ao responder: — Encontramos a verdade; e a verdade não faz sentido.

Ele desceu o caminho à frente deles com um passo precipitado e imprudente muito raro nele, e quando alcançaram o castelo ele novamente se jogou no sono com a simplicidade de um cachorro.

Apesar de seu elogio místico ao sono, Padre Brown levantou-se mais cedo do que qualquer um, exceto o silencioso jardineiro; e foi encontrado fumando um grande cachimbo e observando aquele especialista em seu trabalho silencioso na horta. Perto do amanhecer, a forte tempestade tinha terminado com fortes pancadas, e o dia chegou com um curioso frescor. O jardineiro parecia até ter estado conversando, mas ao ver os detetives, ele plantou, taciturnamente, sua pá no chão e, falando algo sobre seu café da manhã, deslizou ao longo das filas de repolhos e se fechou na cozinha.

— Ele é um homem valioso — disse Padre Brown —, ele cuida perfeitamente das batatas. Ainda assim — acrescentou ele, com uma caridade desapaixionada —, ele tem seus defeitos; quem de nós não os tem? Ele não cava esses sulcos com regularidade bastante. Lá, por exemplo — e ele pisou repentinamente em um ponto —, tenho muitas dúvidas sobre essa batata.

— E por quê? — perguntou Craven, divertindo-se com a conversa do homenzinho.

— Tenho dúvidas — disse o outro — porque o próprio Gow tem dúvidas. Ele cavou metodicamente em todos os lugares, exceto aqui. Deve haver uma ótima batata bem aqui.

Flambeau pegou a pá e impetuosamente enfiou-a no lugar apontado. Ele descobriu, embaixo de uma carga de solo, algo que não parecia uma batata, mas sim um cogumelo monstruoso em forma de cúpula, que fez um som frio e curto ao atingir a pá, e removida do chão, rolou como uma bola e parou sorrindo para eles.

— O conde de Glengyle — disse Brown com tristeza, e olhou pesadamente para o crânio.

Então, após uma meditação momentânea, ele arrancou a pá de Flambeau e, dizendo: “Precisamos escondê-lo novamente”, reenterrou a caveira na terra. Então, apoiou seu pequeno corpo e sua enorme cabeça no cabo da pá, que se erguia rigidamente na terra, e seus olhos estavam vazios e sua testa, cheia de rugas.

— Se fosse possível, ao menos, conceber — ele murmurou — o significado

desta nova monstruosidade! E apoiando-se no cabo da pá grande, enterrou a testa nas mãos, como os homens fazem na igreja.

Todos os cantos do céu estavam brilhando em azul e prata; os pássaros tagarelavam nas pequenas árvores do jardim, tão alto que parecia que as próprias árvores estavam falando. Mas os três homens ficaram bem silenciosos.

— Bem, eu desisto de tudo — finalmente disse Flambeau, ruidosamente. — Meu cérebro e este mundo não combinam; e para tudo há um limite. Rapé, livros de oração estragados e o interior de caixas de música... O que...

Brown ergueu a sobrelanceira incomodado e bateu no cabo da pá com uma intolerância bastante incomum nele.

— Oh, vamos, vamos, vamos! — ele exclamou. — É tudo tão claro como a luz do dia. Eu entendi o rapé e o mecanismo do relógio, e assim por diante, assim que abri meus olhos nesta manhã. E desde então fiquei conversando com o velho Gow, o jardineiro, que não é tão surdo nem tão estúpido quanto finge. Não há nada de errado com os itens soltos. Eu também estava errado sobre o missal rasgado; não há mal nisso. Mas é este último negócio. Profanar túmulos e roubar cabeças de mortos; certamente há maldade nisso? Certamente, também, há magia negra nisso? Isso não se encaixa com a história bastante simples do rapé e das velas — e, caminhando de novo, fumava mal-humorado.

— Meu amigo — disse Flambeau, com um humor sombrio —, você deve ter cuidado comigo e lembrar que eu já fui um criminoso. A grande vantagem dessa propriedade é que eu sempre criava a história sozinho e agia com a rapidez que quisesse. Esse negócio de esperar, como deve um detetive, é demais para minha impaciência francesa.

Durante toda a minha vida, para o bem ou para o mal, eu fiz as coisas na hora; eu sempre duelei na manhã seguinte; sempre paguei contas na hora; eu nunca sequer adiei uma visita ao dentista.

O cachimbo do Padre Brown caiu de sua boca e se quebrou em três pedaços no chão de cascalho. Ele ficou revirando os olhos, a imagem exata de um idiota.

— Senhor, que burro eu sou! — ele dizia. — Senhor, que burro! — então, de um jeito meio grogue, começou a rir.

— O dentista! — ele repetiu. — Seis horas no abismo espiritual, e tudo porque não pensei no dentista! Um pensamento tão simples, tão bonito e pacífico! Amigos, passamos uma noite no Inferno; mas agora o sol nasceu, os pássaros cantam e a forma radiante do dentista consola o mundo.

— Só vou entender o sentido disso — exclamou Flambeau, avançando — se usar as torturas da Inquisição.

Padre Brown reprimiu o que parecia ser uma disposição momentânea de dançar no gramado agora iluminado pelo sol e gritou de forma bastante lamentável, como uma criança: — Oh, deixe-me ser um pouco bobo. Você não sabe o quão infeliz eu estava. E agora eu sei que não houve nenhum pecado profundo neste negócio. Apenas um pouco de loucura, talvez; e quem liga para isso? Ele girou mais uma vez e os encarou com gravidade.

— Esta não é uma história de crime — disse ele. — Antes, é a história de uma honestidade estranha e tortuosa. Estamos lidando com o único homem na Terra, talvez, que não recebeu mais do que era devido. É um estudo da lógica louca que tem sido a religião desta raça. Aquela velha canção local sobre a casa de Glengyle:

Como a verde seiva nas árvores vivas, É de ouro o sangue de todos os Ogilvies.

Era literal e também metafórica. Isso não significava apenas que os Glengyles buscavam riquezas; também era verdade que eles literalmente juntavam ouro; tinham uma enorme coleção de ornamentos e utensílios naquele metal. Eles eram, na verdade, avarentos cuja mania chegou a esse ponto. À luz desse fato, examine todas as coisas que encontramos no castelo. Diamantes sem seus anéis de ouro; velas sem seus castiçais de ouro; rapé sem as caixas de rapé de ouro; grafite sem os estojos de ouro; uma bengala sem a tampa dourada; um mecanismo de relógio sem as partes de ouro; ou melhor, os relógios. E, por mais louco que pareça, porque os halos e o nome de Deus nos antigos missais eram de ouro verdadeiro, estes também foram retirados.

O jardim parecia iluminar-se, a grama, crescer mais alegre sob o sol forte, conforme a verdade maluca era contada. Flambeau acendeu um cigarro enquanto o amigo continuava.

— Foram levados embora — continuou Padre Brown, — levados embora, mas não roubados. Ladrões nunca teriam deixado este mistério. Ladrões teriam levado as caixas de rapé de ouro, com rapé e tudo; estojos de ouro, com grafite e tudo. Temos que lidar com um homem com uma consciência peculiar, mas certamente uma consciência. Encontrei aquele moralista louco esta manhã na horta ali, e ouvi toda a história. O falecido Archibald Ogilvie era a pessoa que mais se aproximou de um bom homem já nascido em Glengyle. Mas sua amarga virtude tomou o caminho da misantropia; considerando a desonestidade de seus ancestrais, ele de alguma forma concluiu pela desonestidade de todos os homens. Mais especialmente, desconfiava da filantropia ou da generosidade; e jurou que, se pudesse encontrar um homem que apenas aceitasse exatamente aquilo a que tem direito, daria a ele todo o ouro de Glengyle. Tendo declarado este desafio à humanidade, ele se fechou,

sem a menor expectativa de ser respondido. Um dia, porém, um rapaz surdo e aparentemente idiota, de uma aldeia distante, trouxe-lhe um telegrama tardio; e Glengyle, em sua brincadeira acre, deu-lhe uma moeda de um centavo. Pelo menos ele pensou que tinha feito isso, mas quando mexeu em seu dinheiro, mais tarde, descobriu que o centavo ainda estava lá, e um soberano havia sumido. O acidente ofereceu-lhe perspectivas de especulação zombeteira. De qualquer forma, o menino demonstraria a ganância imunda da raça. Ou ele desapareceria, um ladrão roubando uma moeda; ou voltaria sorrrateiramente para virtuosamente devolvê-la, um esnobe em busca de uma recompensa. No meio daquela noite, Lorde Glengyle foi arrancado da cama, pois morava sozinho, e forçado a abrir a porta para o idiota surdo. Ele trazia consigo não o soberano, mas exatamente dezenove xelins, onze pence e três centavos de troco. Então a selvagem exatidão dessa ação dominou o cérebro do lorde louco como o fogo. Ele se convenceu de que era Diógenes, que há muito procurava um homem honesto, e finalmente encontrara um. Ele fez um novo testamento, que eu vi. Levou o jovem para sua casa enorme e abandonada, e o treinou como seu servo solitário e, estranhamente, seu herdeiro. E se aquela criatura estranha entende algo, são as duas ideias fixas de seu senhor: primeiro, que a justiça positiva é tudo; segundo, que ele próprio é o herdeiro de todo o ouro de Glengyle. Até agora, é só isso; e a coisa é bem simples. Ele tirou da casa todo o ouro e nem um grama do que não fosse ouro; nem mesmo um grão de rapé. Ele arrancou a folha de ouro de uma velha iluminura, totalmente satisfeito em deixar o resto intacto. Tudo isso eu entendi; mas eu não conseguia entender a caveira. Fiquei muito incomodado com aquela cabeça humana enterrada entre as batatas. Ela me angustiou, até que Flambeau disse a palavra. Tudo vai ficar bem. Ele colocará o crânio de volta na sepultura, quando tiver retirado os dentes de ouro.

E, de fato, quando Flambeau cruzou a colina naquela manhã, ele viu aquele ser estranho, o avarento justo, cavando a sepultura profanada, com o cachecol xadrez em volta de seu pescoço, se contorcendo no vento da montanha; a cartola sóbria na cabeça.

A FORMA ERRADA

Algumas das grandes estradas que partem de Londres em direção ao norte estendem, no interior do país, uma espécie de espectro atenuado e interrompido de alguma rua, com grandes vãos entre as construções, mas preservando a linha geral. Ali estará um grupo de lojas, seguido de um campo cercado ou um pomar, e então uma famosa taverna, depois talvez uma horta ou jardim de infância, e então uma grande casa particular, outro campo e

outra pousada, e assim por diante. Se alguém caminhar por uma certa estrada dentre essas, passará por uma casa que provavelmente chamará sua atenção, embora talvez não consiga explicar o que é atraente nela. É uma casa comprida e baixa, paralela à estrada, pintada quase toda de branco e verde claro, com uma varanda e cortinas de sol, e varandas cobertas por aquelas curiosas cúpulas parecidas com guarda-sóis de madeira, que se veem em algumas casas antigas. Na verdade, é uma casa antiquada, muito inglesa e muito suburbana, no bom, velho e rico sentido de Clapham. E, no entanto, tal casa parece ter sido construída principalmente para o tempo quente. Olhando sua pintura branca e suas cortinas de sol, pensa-se vagamente em turbantes e até em palmeiras. Não posso rastrear o sentimento até sua origem; talvez o lugar tenha sido construído por um anglo-indiano.

Qualquer pessoa que passasse por esta casa, eu digo, ficaria inexplicavelmente fascinado por ela; sentiria que era um lugar sobre o qual havia alguma história a ser contada. E ele estaria certo, como você ouvirá em breve. Pois esta é a história, a história das coisas estranhas que realmente aconteceram nela no Pentecostes do ano de mil oitocentos e...

Qualquer um que passasse pela casa na quinta-feira antes do domingo de Pentecostes, por volta das quatro e meia da tarde, teria visto a porta da frente aberta e o Padre Brown, da pequena igreja de Saint Mungo, sair fumando um grande cachimbo na companhia de um seu amigo francês, alto, chamado Flambeau, que fumava um cigarro superfino. Essas pessoas podem ou não ser do interesse do leitor, mas a verdade é que não eram as únicas coisas interessantes que surgiam quando a porta da frente da casa branca e verde se abria. Existem outras peculiaridades sobre esta casa, que devem ser descritas para começar, não só para que o leitor possa compreender esta história trágica, mas também para que ele possa perceber o que era revelado pela abertura da porta.

Toda a casa foi construída sobre a planta de um “T”, mas um “T” com um travessão muito longo e uma haste muito curta. A longa trave era a fachada que acompanhava a rua, com a porta da frente no meio; tinha dois andares de altura e continha quase todas as salas importantes. A haste curta, que se estendia na parte de trás na exata direção da porta da frente, tinha um andar de altura e consistia apenas em duas salas compridas, uma ligada à outra. A primeira dessas duas salas era o escritório em que o célebre Senhor Quinton escrevia seus selvagens poemas e romances orientais. A sala mais distante era uma estufa de vidro cheia de flores tropicais de uma beleza única e quase monstruosa, que em tardes como esta brilhavam sob a maravilhosa luz do sol. Assim, quando a porta do corredor era aberta, muitos transeuntes literalmente paravam para olhar e suspirar; pois exibia, do outro lado, emoldurada em cômodos luxuosos, algo realmente parecido com uma cena de metamorfose em um conto de fadas: nuvens roxas, sóis dourados e estrelas carmesim que

eram ao mesmo tempo intensamente vivas e, no entanto, transparentes e distantes.

Leonard Quinton, o poeta, arranjou ele próprio esse efeito, com muito cuidado; e é duvidoso se ele chegou a expressar tão perfeitamente sua personalidade em algum de seus poemas. Pois ele era um homem que bebia e se banhava em cores, que satisfazia sua cobiça por cores, negligenciando a forma — mesmo a boa forma. Foi isso que voltou seu gênio totalmente para a arte e as imagens orientais, para aqueles tapetes desconcertantes e bordados ofuscantes em que todas as cores parecem ter caído em um caos afortunado, nada tendo a tipificar ou ensinar. Ele havia tentado, não talvez com sucesso artístico completo, mas com imaginação e invenção reconhecidas, compor épicos e histórias de amor refletindo a profusão de cores violentas e até cruéis; contos de céus tropicais de ouro ardente ou cobre vermelho-sangue; de heróis orientais que cavalgavam com mitras de doze turbantes sobre elefantes pintados de roxo ou verde pavão; de joias gigantescas que cem negros não podiam carregar, mas dentro das quais ardiam incêndios antigos e de tons exóticos.

Em suma (para colocar a questão do ponto de vista mais comum), ele se interessava principalmente pelos paraísos orientais, muito piores que a maioria dos infernos ocidentais; pelos monarcas orientais, a quem possivelmente poderíamos chamar de “maníacos”; e pelas joias orientais, que qualquer joalheiro da Bond Street (se os cem negros cambaleantes as trouxessem para sua loja) possivelmente não consideraria genuínas. Quinton era um gênio, embora mórbido; e até sua morbidez aparecia mais em sua vida do que em seu trabalho. Seu temperamento era fraco e irritadiço, e sua saúde tinha sofrido muito com as experiências orientais com ópio. Sua esposa — uma mulher bonita, trabalhadora e, de fato, cansada de trabalhar, se opunha ao ópio, mas muito mais a um eremita hindu que vestia túnicas brancas e amarelas, que seu marido insistiu em receber por meses seguidos, um Virgílio guiando-o pelos Céus e Infernos do Oriente.

Foi na soleira externa da porta dessa casa artística que o Padre Brown e seu amigo pisaram; e, a julgar por seus rostos, eles a estavam deixando com muito alívio. Flambeau conhecera Quinton nos dias agitados de estudante em Paris, e eles tinham lembrado a amizade naquele fim de semana; mas, sem considerar o posterior desenvolvimento de Flambeau no campo da responsabilidade, ele não se dava bem com o poeta agora. Engasgar-se com ópio e escrever pequenos versos eróticos em pergaminho não era sua noção de como um cavalheiro deveria ir para o Inferno. Enquanto os dois estacavam no degrau da porta, antes de dar uma volta no jardim, o portão da frente do jardim foi aberto com violência, e um jovem com um chapéu billycock na nuca subiu os degraus ansiosamente. Era um jovem de aparência dissipada, com uma linda gravata vermelha toda torta, como se tivesse dormido com ela, e

ficava se remexendo e golpeando o ar com uma daquelas pequenas bengalas articuladas.

— Olha aqui — ele disse sem fôlego —, eu quero ver o velho Quinton. Eu preciso falar com ele. Ele saiu? — Senhor Quinton está em casa, eu acho — disse Padre Brown, limpando seu cachimbo —, mas eu não sei se você pode vê-lo. O médico está com ele no momento.

O jovem, que parecia não estar totalmente sóbrio, cambaleou pelo corredor; e no mesmo momento o médico saiu do escritório de Quinton, fechando a porta e começando a calçar as luvas.

— Falar com o Senhor Quinton? — disse o médico friamente. — Não, temo que você não possa. Na verdade, você não deve, de forma alguma. Ninguém deve vê-lo; acabei de dar a ele sua poção para dormir.

— Não, mas olha aqui, meu velho — disse o jovem de gravata vermelha, tentando carinhosamente prender o médico pela lapela do casaco. — Olhe aqui. Estou simplesmente costurado, estou dizendo. Eu...

— Não adianta, Senhor Atkinson — disse o médico, forçando-o a recuar. — Quando o senhor puder alterar os efeitos de uma droga, eu alterarei minha decisão — e, pondo o chapéu, saiu para o sol, onde estavam os outros dois. Era um homenzinho bem-humorado, pescoço de touro, bigode pequeno, inexprimivelmente comum, mas dava uma impressão de capacidade.

O jovem de billycock, que não parecia ser dotado de nenhum tato para lidar com as pessoas além da ideia geral de agarrar seus casacos, estava do lado de fora da porta, tão atordoado como se tivesse sido jogado no lixo, e silenciosamente assisti aos outros três se afastarem juntos pelo jardim.

— Foi uma mentira sonora e espantosa que acabei de contar — comentou o médico, rindo. — Na verdade, o pobre Quinton não tomará sua poção para dormir na próxima meia hora. Mas não vou deixá-lo ser incomodado por aquela besta, que só quer pedir emprestado dinheiro que não pagaria nem se pudesse. Ele é um malandro sujo, embora seja irmão da Senhora Quinton, e ela seja uma mulher muito boa.

— Sim — disse o Padre Brown. — Ela é uma boa mulher.

— Portanto, pretendo ficar no jardim até que a criatura desapareça — continuou o médico — e depois voltarei para Quinton com o remédio. Atkinson não pode entrar, porque eu tranquei a porta.

— Nesse caso, Doutor Harris — disse Flambeau —, podemos muito bem dar uma volta pelos fundos, na extremidade da estufa. Não há entrada por lá, mas

vale a pena ver, mesmo de fora.

— Sim, e posso ver meu paciente — riu o médico —, pois ele gosta de deitar-se em uma poltrona bem no final da estufa, em meio a todas aquelas poinsétias vermelhas; eu teria arrepios. Mas o que você está fazendo? Padre Brown parou por um momento e levantou da grama alta, onde estava quase totalmente escondida, uma faca oriental estranha e torta, incrustada primorosamente em pedras e metais coloridos.

— O que é isso? — perguntou o Padre Brown, observando-a com algum desagrado.

— Oh, coisas do Quinton, suponho — disse o Doutor Harris descuidadamente. — Ele tem todos os tipos de bugigangas chinesas em casa. Ou talvez pertença àquele hindu moderado que ele mantém sob controle.

— Que hindu? — perguntou Padre Brown, ainda olhando para a adaga em sua mão.

— Oh, algum mágico hindu — disse o médico, calmamente. — Uma fraude, é claro.

— Você não acredita em magia? — perguntou Padre Brown, sem erguer os olhos.

— Ai, caramba! Magia! — disse o médico.

— É muito bonita — disse o padre em voz baixa e sonhadora. — As cores são muito bonitas. Mas a forma é errada.

— Errada para o quê? — perguntou Flambeau, olhando fixamente.

— Para qualquer coisa. É a forma errada em abstrato. Você nunca sente isso em relação à arte oriental? As cores são incrivelmente lindas; mas as formas são maldosas e ruins, deliberadamente maldosas e ruins. Eu vejo malícia em um tapete turco.

— Mon Dieu! — gritou Flambeau, rindo.

— São letras e símbolos numa língua que não conheço; mas eu sei que eles representam palavras más — continuou o padre, a voz ficando cada vez mais baixa. — As linhas são propositalmente incorretas, como serpentes se dobrando e se esgueirando.

— De que diabos você está falando? — disse o médico com uma gargalhada.

Flambeau falou baixinho com ele em resposta.

— O padre às vezes aparece com essa nuvem mística sobre ele, mas eu lhe aviso que nunca o vi com ela sem que houvesse, proximamente, algo maligno ocorrendo.

— Oh, que coisa! — disse o cientista.

— Ora, olhe só! — gritou Padre Brown, estendendo a faca sinuosa na extremidade do braço esticado, como uma cobra brilhante. — Vocês não veem que é a forma errada? Não veem que ela não tem um propósito sincero e simples? Ela não aponta como uma lança. Não varre como uma foice. Essa faca não parece uma arma, parece um instrumento de tortura.

— Bem, como você não parece gostar dela — disse o alegre Harris —, é melhor levá-la de volta ao dono. Ainda não chegamos a esta confusa estufa? Esta casa tem o formato errado, se quiser.

— Você não entende — disse Padre Brown, balançando a cabeça.

— A forma desta casa é pitoresca; é até ridícula. Mas não há nada de errado nisso.

Nesse ponto, eles contornaram a curva de vidro que limitava a estufa, uma curva ininterrupta, pois não havia porta nem janela de acesso ao interior naquela extremidade. O vidro, entretanto, estava claro, e o sol ainda brilhava, embora começasse a se pôr; e podiam ver não apenas as flores espalhafatosas lá dentro, mas também a frágil figura do poeta em um casaco de veludo marrom, deitado languidamente no sofá, tendo, aparentemente, caído no sono enquanto lia. Era um homem pálido e franzino, com cabelos castanhos soltos e uma barba que era o paradoxo de seu rosto, pois tornava-o menos viril. Essas características eram bem conhecidas por todos os três; mas mesmo que não o conhecessem, pode-se duvidar de que eles teriam olhado para Quinton naquele momento. Seus olhos estavam fixos em outro objeto.

Exatamente em seu caminho, bem em frente à extremidade do semicírculo feito de vidro, estava um homem alto, cujas vestes drapeadas chegavam aos seus pés em um branco impecável, e cujo crânio, rosto e pescoço castanhos brilhavam, nus, ao sol poente como um bronze esplêndido. Ele estava olhando para o adormecido através do vidro, mais imóvel do que uma montanha.

— Quem é aquele? — exclamou Padre Brown, recuando com uma inspiração sibilante.

— Oh, é só aquele charlatão hindu — rosnou Harris. — Mas não sei o que diabos ele está fazendo aqui.

— Parece hipnose — disse Flambeau, mordendo o bigode preto.

— Por que vocês, colegas não médicos, estão sempre falando besteira sobre hipnose? — gritou o médico. — Parece muito mais com roubo.

— Bem, de qualquer maneira vamos falar, então — disse Flambeau, que sempre foi alguém pronto para agir.

Uma longa caminhada o levou ao local onde estava o hindu. Curvando-se de sua grande altura, que ultrapassava até mesmo a do oriental, ele disse com plácido atrevimento: — Boa noite, senhor. Deseja algo? Muito lentamente, como um grande navio entrando em um porto, o grande rosto amarelo virou-se e finalmente apareceu por cima de seu ombro branco. Eles ficaram surpresos ao ver que suas pálpebras amarelas estavam bem fechadas, como no sono.

— Obrigado — disse o rosto em um inglês excelente. — Nada desejo. — Então, abrindo as pálpebras pela metade, de modo a mostrar uma fenda do globo ocular opalescente, ele repetiu: — Nada desejo.

— Então, arregalou os olhos com um olhar surpreendente, e disse: — Nada desejo — e foi se afastando, fazendo farfalhar o chão, para o jardim que escurecia rapidamente.

— O cristão é mais modesto — murmurou o Padre Brown. — Ele quer alguma coisa.

— O que diabos ele estava fazendo? — perguntou Flambeau, franzindo as sobrancelhas negras e baixando a voz.

— Gostaria de falar com você mais tarde — disse o Padre Brown. A luz do sol ainda era uma realidade, mas era a luz vermelha do entardecer, e a maior parte das árvores e arbustos do jardim ficavam cada vez mais escuros contra ela. Eles concluíram o caminho contornando a estufa e seguiram em silêncio pelo outro lado para chegar à porta da frente. Enquanto andavam, pareceram despertar alguma coisa, como quem assusta um pássaro, no canto mais profundo entre o escritório e o prédio principal; e novamente viram o faquir de manto branco deslizar para fora da sombra e deslizar em direção à porta da frente. Para sua surpresa, no entanto, ele não estava sozinho. Eles se viram abruptamente surpresos, e forçados a suprimir seu espanto, com a aparição da Senhora Quinton, que com seus pesados cabelos dourados e rosto quadrado e pálido avançava sobre eles, vinda da penumbra. Ela estava séria, mas foi totalmente cortês.

— Boa noite, Doutor Harris — foi tudo o que ela disse.

— Boa noite, Senhora Quinton — disse o pequeno médico com entusiasmo.
— Só vou dar ao seu marido a poção para dormir.

— Sim — ela disse em uma voz clara. — Acho que já está na hora — e ela sorriu para eles e desapareceu para dentro da casa.

— Essa mulher é intensa — disse o Padre Brown. — Esse é o tipo de mulher que cumpre seu dever por vinte anos e depois faz algo terrível.

O pequeno médico olhou para ele pela primeira vez com um olhar de interesse.

— Você já estudou medicina? — ele perguntou.

— Você tem que conhecer um pouco a mente, assim como o corpo — respondeu o sacerdote; — nós temos que conhecer um pouco o corpo, assim como a mente.

— Bem — disse o médico —, acho que vou dar os remédios do Quinton.

Eles haviam dobrado o ângulo da fachada frontal e estavam se aproximando da porta da frente. Ao entrarem, viram o homem de manto branco pela terceira vez. Vinha tão diretamente para a porta da frente que parecia incrível que ele não tivesse acabado de sair do escritório em frente a ela. Mesmo assim, eles sabiam que a porta do escritório estava trancada.

Padre Brown e Flambeau, no entanto, guardaram essa estranha contradição para si mesmos, e o Doutor Harris não era homem de desperdiçar seus pensamentos com o impossível. Ele permitiu que o onipresente asiático saísse e depois entrou rapidamente no corredor. Lá encontrou uma figura que já havia esquecido. O fútil Atkinson ainda estava por perto, cantarolando e cutucando coisas com sua bengala nodosa. O rosto do médico teve um espasmo de nojo e decisão, e ele sussurrou rapidamente para seu acompanhante: — Tenho que trancar a porta novamente, ou este rato vai entrar.

Mas estarei fora em dois minutos.

Ele rapidamente destrancou a porta e trancou-a novamente atrás de si, apenas impedindo uma investida desajeitada do jovem na billycock. O jovem se jogou com impaciência em uma cadeira do corredor. Flambeau olhou para uma iluminura persa na parede; Padre Brown, que parecia meio atordoado, olhava estupefato para a porta. Em cerca de quatro minutos, a porta foi aberta novamente. Atkinson foi mais rápido desta vez. Saltou para frente, segurou a porta aberta e gritou: — Ô, deixa eu falar, Quinton, eu queria...

Do outro lado do escritório veio a voz clara de Quinton, algo entre um bocejo e uma gargalhada cansada.

— Eu sei o que você quer. Pegue logo e me deixe em paz. Estou escrevendo uma cançoneta sobre pavões.

Antes que a porta se fechasse, meio soberano saiu voando pela abertura; e Atkinson, cambaleando para a frente, pegou-o com destreza singular.

— Então está resolvido — disse o médico, e, trancando a porta com violência, saiu na frente para o jardim. — O pobre Leonard pode ter um pouco de paz agora — acrescentou ele ao Padre Brown; — ele está trancado sozinho por uma ou duas horas.

— Sim — respondeu o padre —, e sua voz parecia alegre o suficiente quando o deixamos.

Então ele olhou gravemente, ao redor do jardim, e viu a figura solta de Atkinson de pé e brincando com o meio-soberano em seu bolso, e além, no crepúsculo púrpura, a figura do hindu sentado ereto em um banco de grama, com o rosto voltado para o sol poente. Então disse de súbito: — Onde estará a Senhora Quinton? — Subiu para o quarto — disse o médico. — Aquela silhueta nas cortinas é a dela.

Padre Brown ergueu os olhos e franziu o cenho examinando um contorno escuro na janela iluminada a gás.

— Sim — disse ele —, é a sombra dela.

E ele caminhou um ou dois metros e se jogou em um banco de jardim.

Flambeau sentou-se ao lado dele; mas o médico era uma daquelas pessoas enérgicas que naturalmente vivem em cima das próprias pernas. Ele foi embora, fumando no crepúsculo, e os dois amigos ficaram juntos.

— Meu pai — disse Flambeau em francês. — Qual é o seu problema? Padre Brown ficou em silêncio e imóvel por meio minuto, depois disse: — A superstição é irreligiosa, mas há algo no ar deste lugar. Acho que é aquele hindu; ao menos em parte.

Ele ficou em silêncio e observou o contorno distante do indiano, que ainda estava sentado, rígido como se rezasse. À primeira vista, parecia imóvel, mas observando-o Padre Brown viu que o homem balançava levemente com um movimento rítmico, assim como as copas das árvores escuras balançavam levemente com o vento que subia pelos caminhos sombrios do jardim, agitando levemente as folhas caídas.

A paisagem escurecia rapidamente, como se fosse uma tempestade, mas eles ainda podiam ver todas as figuras em seus vários postos. Atkinson estava

encostado em uma árvore com o rosto apático; a Senhora Quinton ainda estava em sua janela; o médico caminhava pelo quintal atrás da estufa (eles podiam ver seu charuto, que lembrava um fogo-fátuo) e o faquir ainda estava sentado rígido, mas balançando, enquanto as árvores acima dele começaram a balançar e quase rugir. A tempestade certamente estava chegando.

— Quando aquele hindu falou conosco — continuou Brown em tom de conversa —, eu tive uma espécie de visão, uma visão dele e de todo o seu universo. No entanto, ele só disse a mesma coisa três vezes. Quando ele disse pela primeira vez: “Nada desejo”, quis dizer apenas que ele era impenetrável, que a Ásia não se entrega. Então ele disse novamente: “Nada desejo”, e eu sabia que ele queria dizer que era suficiente para si mesmo, como um cosmos, que não precisava de Deus, nem admitia pecados. E quando ele disse pela terceira vez: “Nada desejo”, disse isso com olhos brilhantes. E eu sabia que ele quis dizer literalmente o que disse; que o nada era seu desejo e sua casa; que desejava o nada como se deseja o vinho; aquela aniquilação, a mera destruição de tudo ou de qualquer coisa...

Duas gotas de chuva caíram; e por alguma razão Flambeau estremeceu e ergueu os olhos, como se elas o tivessem picado. E no mesmo instante o médico na extremidade da estufa começou a correr em direção a eles, gritando algo enquanto corria.

Chegando como uma bomba, o inquieto Atkinson contornava um ângulo frontal mais próximo da frente da casa; e o médico o alcançou e o agarrou pelo colarinho, em um estrangulamento furioso.

— Crime! — ele exclamou. — O que você fez com ele, seu cachorro? O padre estava ereto e tinha a voz de aço de um soldado no comando.

— Sem violência! — ele gritou friamente. — Somos suficientes para imobilizar quem quisermos. Qual é o problema, doutor? — Quinton não está bem — disse o médico, bastante pálido. — Eu só pude vê-lo através do vidro, mas não gosto do jeito que ele está deitado. Não é como eu o deixei, com certeza.

— Vamos vê-lo — disse o Padre Brown brevemente. — Você pode deixar o Senhor Atkinson em paz. Eu o tive sob as vistas desde que ouvimos a voz de Quinton.

— Vou ficar aqui, tomando conta dele — disse Flambeau apressadamente. — Vocês entram para ver.

O médico e o padre voaram para a porta do escritório, destrancaram-na e entraram na sala. Ao fazer isso, quase caíram sobre a grande mesa de mogno no centro, onde o poeta costumava escrever; pois o lugar estava iluminado

apenas por um pequeno lume, mantido para o inválido. No meio da mesa estava uma única folha de papel, evidentemente deixada ali de propósito. O médico a pegou, leu, entregou-a ao Padre Brown e gritou: — Meu Deus, olha isso! — e mergulhou em direção à sala de vidro, onde as terríveis flores tropicais ainda pareciam manter uma memória carmesim do pôr do sol.

Padre Brown leu as palavras três vezes antes de largar o papel. As palavras eram: “Eu morro por minhas próprias mãos; ainda assim eu morro assassinado!”. Estavam numa caligrafia bastante inimitável, para não dizer ilegível, de Leonard Quinton.

Então o Padre Brown, ainda com o papel na mão, caminhou em direção à estufa, apenas para encontrar seu amigo médico voltando, com uma expressão segura e desmaiada.

— Ele conseguiu — disse Harris.

Eles percorreram juntos a magnífica beleza alienígena do cacto e da azaleia e encontraram Leonard Quinton, poeta e romancista, com a cabeça pendurada para baixo de sua poltrona e seus cachos ruivos varrendo o chão. Ao seu lado esquerdo estava enfiada a adaga esquisita que eles pegaram no jardim, e sua mão inerte ainda descansava na empunhadura.

Lá fora, a tempestade havia chegado rapidamente, como a noite no poema de Coleridge, e o jardim e o telhado de vidro desapareceram sob a chuva torrencial. Padre Brown parecia estudar o papel mais do que o cadáver; ele o segurou perto dos olhos; e parecia tentar lê-lo no crepúsculo. Então o ergueu contra a luz fraca e, ao fazer isso, um raio os iluminou por um instante, tão luminoso que o papel pareceu preto diante dele.

Seguiu-se uma escuridão cheia de trovões e, após o trovão, a voz do Padre Brown disse da escuridão: — Doutor, este papel tem o formato errado.

— O que você quer dizer? — perguntou o Doutor Harris, com um olhar carrancudo.

— Não é quadrado — respondeu Brown. — Tem uma espécie de corte num dos cantos. O que isto significa? — Como diabos eu devo saber? — rosnou o médico. — Devemos ajeitar este pobre sujeito, não acha? Ele está bem morto.

— Não — respondeu o padre (mas ele ainda estava examinando o papel). — Devemos deixá-lo como está e mandar chamar a polícia.

Enquanto voltavam pelo escritório, ele parou perto da mesa e pegou uma pequena tesoura de unha.

— Ah — disse ele, com uma espécie de alívio —, foi com isso que ele tirou o pedaço do canto. Mesmo assim... — e franziu as sobrancelhas.

— Pare de brincar com esse pedaço de papel — disse o médico enfaticamente. — Era uma mania dele. Tinha centenas; ele cortava todo o seu papel assim — e apontou para uma pilha de papel de anotações ainda em branco em outra mesa menor. Padre Brown foi até lá e pegou uma folha. Era a mesma forma irregular.

— Exatamente — disse ele — e aqui eu vejo os cantos que foram cortados — e para indignação do médico, começou a contá-los.

— Tudo bem — disse ele, com um sorriso de desculpas. — Vinte e três folhas cortadas e vinte e dois cantos cortados. E como vejo que você está impaciente, nos juntaremos aos outros.

— Quem vai informar a esposa dele? — perguntou o Doutor Harris. — Você pode falar com ela agora, enquanto eu mando um criado chamar a polícia? — Como quiser — disse Padre Brown com indiferença. E saiu pela porta do corredor.

Aqui também ele encontrou um drama, embora de um tipo mais grotesco. Os personagens eram ninguém menos que seu grande amigo Flambeau em uma pose a que há muito se desabituara, enquanto na calçada abaixo da escada o amável Atkinson batia botas no ar, tendo seu chapéu billycock e bengala voado em direções opostas ao longo da calçada. Atkinson finalmente se cansou da custódia quase paternal de Flambeau e se esforçou para derrubá-lo, o que não era de forma alguma coisa fácil de se fazer com o Roi des Apaches,⁷ mesmo depois da abdicação do monarca.

Flambeau estava prestes a saltar sobre o inimigo e imobilizá-lo mais fortemente, quando o padre deu-lhe um tapinha amigável no ombro.

— Faça as pazes com o Senhor Atkinson, meu amigo — disse ele.

— Peçam perdão um ao outro e digam “boa-noite”. Não precisamos detê-lo mais.

Então, quando Atkinson se levantou com certa dúvida, pegou o chapéu e a bengala e foi em direção ao portão do jardim, o Padre Brown disse em uma voz mais séria: — Onde está aquele hindu? Os três (pois o médico acabava de se juntar a eles) viraram-se involuntariamente para a obscura faixa de relva em meio às árvores que se agitavam arroxeadas pelo crepúsculo, onde haviam visto pela última vez o homem moreno balançando em suas orações estranhas. O hindu tinha sumido.

— Desgraça! — gritou o médico, batendo os pés furiosamente.

— Agora eu sei que foi aquele bronzeado que fez isso.

— Achei que você não acreditasse em magia — disse o Padre Brown em voz baixa.

— Nem eu sabia — disse o médico, revirando os olhos. — Só sei que odiava aquele demônio amarelo quando pensava que ele era um mago fingido. E vou detestá-lo mais se me convencer de que ele é um mago real.

— Bem, o fato de ele ter escapado não é nada — disse Flambeau —, pois nada poderíamos ter provado e nada feito contra ele. É difícil convencer o delegado de uma história de suicídio imposto por feitiçaria ou autossugestão.

Enquanto isso, o Padre Brown havia entrado na casa e foi agora dar a notícia à esposa do morto.

Quando ele saiu novamente, parecia um pouco pálido e trágico, mas nunca se soube o que se passou entre eles naquela entrevista, mesmo quando tudo foi revelado.

Flambeau, que falava baixinho com o médico, ficou surpreso ao ver seu amigo reaparecer tão cedo ao seu lado; mas Brown não lhe deu atenção e simplesmente tomou o médico à parte.

— Você chamou a polícia, não foi? — ele perguntou.

— Sim — respondeu Harris. — Eles devem estar aqui em dez minutos.

— Você me faria um favor? — disse o padre baixinho. — A verdade é que faço uma coleção dessas histórias curiosas, que muitas vezes contêm, como no caso do nosso amigo hindu, elementos que dificilmente podem ser contabilizados em um boletim de ocorrência. Bem, eu quero que você escreva um relatório deste caso para meu uso privado. O seu ofício é inteligente — disse ele, olhando o rosto do médico com seriedade e firmeza. — Às vezes penso que você sabe de detalhes deste assunto que não achou por bem mencionar. O meu trabalho é confidencial como o seu, e tratarei qualquer coisa que você escrever para mim com total sigilo. Mas escreva tudo.

O médico, que o ouvia pensativo, com a cabeça um pouco inclinada, olhou nos olhos do padre por um instante e disse: — Tudo bem.

E entrou no escritório, fechando a porta atrás de si.

— Flambeau — disse o Padre Brown —, há um assento comprido sob a

varanda, onde podemos fumar, protegidos da chuva. Você é meu único amigo no mundo e quero falar com você. Ou, talvez, ficar em silêncio com você.

Eles se acomodaram confortavelmente no assento da varanda; Padre Brown, contra seu hábito comum, aceitou um charuto caro e o fumou, inteiro, em silêncio, enquanto a chuva chiava e dançava no telhado da varanda.

— Meu amigo — disse ele por fim —, este é um caso muito estranho. Um caso muito estranho.

— Acho que sim — disse Flambeau, com uma espécie de estremecimento.

— Você chama de “esquisito”, e eu chamo de “esquisito” — disse o outro —, e, no entanto, queremos dizer coisas totalmente opostas. A mente moderna sempre mistura duas ideias diferentes: “Mistério” como o que é maravilhoso e “mistério” como o que é complicado. Essa é a metade da dificuldade com milagres. Um milagre é surpreendente; mas é simples. É simples porque é um milagre. É o poder que vem diretamente de Deus (ou do diabo), em vez de indiretamente por meio da natureza ou da vontade humana. Agora, você crê que este assunto é maravilhoso porque é milagroso, porque é feitiçaria praticada por um hindu perverso. Entenda, eu não estou dizendo que não há um elemento espiritual ou diabólico. Só o Céu e o Inferno sabem por meio de quais influências os pecados estranhos entram na vida dos homens. Mas, por enquanto, meu ponto é este: se foi apenas magia, como você pensa, então há maravilha, mas não há mistério; isto é, não há complicação. A essência de um milagre é misteriosa, mas sua realização é simples. Agora, a realização desse ato foi o contrário de simples.

A tempestade, que havia abrandado um pouco, parecia estar aumentando novamente, e houve movimentos pesados como de um trovão fraco. Padre Brown deixou cair a cinza de seu charuto e continuou: — Houve neste incidente — disse ele — uma qualidade retorcida, feia e complexa que não combina com os relâmpagos escorregados do Céu ou do Inferno. Como se pode identificar a trilha tortuosa de um caracol, eu identifico a trilha tortuosa de um homem.

Outro branco relâmpago abriu o olho enorme numa piscadela; o céu se fechou novamente, e o padre continuou: — De todas essas coisas tortas, a mais tortuosa era o formato daquele pedaço de papel. Mais desonesto que a adaga que o matou.

— Você quer dizer a folha de diário em que Quinton confessou seu suicídio? — Refiro-me ao papel em que Quinton escreveu: “Eu morro por minhas próprias mãos”. A forma daquele papel, meu amigo, era a forma errada; a forma errada, se é que alguma vez a vi neste mundo perverso.

— Tinha apenas um canto cortado, e entendo que tudo que Quinton escrevia era em papéis cortados assim.

— Era um jeito muito estranho, e um jeito muito ruim, para o meu gosto. Olhe aqui, Flambeau, este Quinton (Deus receba sua alma!) era talvez um pouco vadio em alguns aspectos, mas ele realmente era um artista, tanto com o lápis quanto com a caneta. Sua caligrafia, embora difícil de ler, era ousada e bonita. Não posso provar o que digo; não posso provar nada. Mas eu digo a você com toda a força da convicção que ele nunca teria cortado aquele pedacinho ridículo de uma folha de papel. Se ele quisesse cortar papel com o propósito de encaixar, amarrar ou o que quer que fosse, ele teria feito um corte bem diferente com a tesoura. Você se lembra da forma? Era uma forma ruim. Era uma forma errada. Você não lembra? Ela era assim...

E acenou na escuridão com seu charuto aceso diante dele, formando quadrados irregulares tão rapidamente que Flambeau realmente parecia vê-los como hieróglifos de fogo na escuridão — hieróglifos que, como seu amigo havia explicado, são indecifráveis, mas não podem significar nada de bom.

— Mas — disse Flambeau, enquanto o padre punha o charuto na boca novamente e se recostava, olhando para o telhado — suponha que outra pessoa usasse a tesoura. Como outra pessoa, cortando pedaços de papel, faria Quinton cometer suicídio? Padre Brown ainda estava recostado e olhando para o telhado, mas tirou o charuto da boca e disse: — Quinton nunca se suicidou. Flambeau olhou para ele.

— Ah, mas que coisa! — gritou ele. — Então por que ele confessou o suicídio? O padre tornou a se inclinar para a frente, apoiou os cotovelos nos joelhos, olhou para o chão e disse, em voz baixa e distinta: — Ele nunca confessou o suicídio. Flambeau largou o charuto.

— Você quer dizer que a escrita foi forjada? — Não, Quinton escreveu tudo direitinho.

— Bem, lá vai você — disse o irritado Flambeau. — Quinton escreveu: “Eu morro por minhas próprias mãos”, com suas próprias mãos, em um pedaço de papel comum.

— Do formato errado — disse o padre calmamente.

— Oh, que se dane a forma! O que a forma tem a ver com isso? — Havia vinte e três papéis cortados — retomou Brown impassível — e apenas vinte e dois pedaços cortados. Portanto, uma das peças havia sido destruída, provavelmente a do papel escrito. Isso sugere alguma coisa para você? Uma luz brilhou no rosto de Flambeau e ele disse: — Havia outra coisa escrita por Quinton, algumas outras palavras. “Dirão que eu morro por minhas próprias

mãos” ou “Não acredite nisso”.

— Mais quente, como dizem as crianças. Mas a peça mal media um centímetro; não havia espaço para uma palavra, muito menos várias. Você consegue pensar em algo pouco maior do que uma vírgula que o homem com o Inferno em seu coração tivesse que cortar como prova contra ele? — Não consigo pensar em nada — disse Flambeau por fim.

— E aspas? — disse o padre, e atirou o charuto longe na escuridão como uma estrela cadente.

Todas as palavras sumiram da boca do outro homem, e Padre Brown disse, como se estivesse voltando ao básico: — Leonard Quinton era um romancista e estava escrevendo um romance oriental sobre magia e hipnotismo. Ele...

Nesse momento, a porta se abriu rapidamente atrás deles e o médico saiu de chapéu. Ele colocou um longo envelope nas mãos do padre.

— Esse é o documento que você queria — disse ele — e agora preciso voltar para casa. Boa noite.

— Boa noite — disse o Padre Brown, enquanto o médico caminhava rapidamente até o portão. Ele havia deixado a porta da frente aberta, de modo que um facho de luz a gás caiu sobre eles. À luz dela, Brown abriu o envelope e leu as seguintes palavras: Caro Padre Brown, Vicisti, Galilae.⁸ Por outra, malditos sejam teus olhos, que são muito penetrantes. Será possível que há algo em tudo isso, afinal? Sou um homem que, desde a infância, acreditou na natureza e em todas as funções e instintos naturais, quer os homens os chamem “morais” ou “imorais”. Muito antes de me tornar um médico, quando era um estudante mexendo com ratos e aranhas, eu acreditava que ser um bom animal era a melhor coisa do mundo. Mas agora estou abalado; eu acreditei na natureza; mas parece que a natureza pode trair um homem. Pode haver alguma verdade em sua bobajada? Estou realmente ficando mórbido.

Eu amava a esposa de Quinton. O que havia de errado nisso? A natureza me mandava amá-la, e é o amor que faz o mundo girar. Eu também pensei sinceramente que ela seria mais feliz com um animal limpo, como eu, do que com aquele pequeno lunático atormentador. O que há de errado nisso? Eu estava apenas enfrentando os fatos, como um homem de ciência. Ela teria sido mais feliz.

De acordo com meu próprio credo, eu era bastante livre para matar Quinton, o que seria o melhor para todos, até para ele mesmo. Mas como um animal saudável, jamais me ocorreu me matar. Eu resolvi, portanto, que eu não faria nada até que visse uma chance de escapar livre. Eu vi essa chance esta manhã.

Estive três vezes, ao todo, no escritório de Quinton hoje. A primeira vez que entrei, ele falava apenas sobre o estranho conto, chamado A cura de um santo, que ele estava escrevendo, sobre como um eremita indiano fazia um coronel inglês se suicidar apenas pensando nele. Ele me mostrou as últimas folhas, e até leu para mim o último parágrafo, que era mais ou menos assim: “O conquistador do Punjab, um mero esqueleto amarelo, mas ainda gigantesco, conseguiu se erguer nos cotovelos e engasgar na orelha do sobrinho: ‘Eu morro por minhas próprias mãos, mas eu morro assassinado!’”.

E por um extremo acaso, essas últimas palavras foram escritas no topo de uma nova folha de papel. Saí da sala, e fui para o jardim embriagado com uma terrível oportunidade. Demos a volta na casa; e mais duas coisas favoráveis aconteceram. Você suspeitou de um hindu, e você encontrou uma adaga que o hindu provavelmente usaria. Aproveitando a oportunidade, voltei ao escritório de Quinton, tranquei a porta, e dei-lhe sua poção para dormir. Ele não queria atender Atkinson, mas eu o incitei a chamar e aquietar o sujeito, porque queria uma prova clara de que Quinton estava vivo quando eu saí da sala pela segunda vez. Quinton deitou-se na estufa, e eu saí pelo escritório. Eu sou um homem rápido com as mãos, e em um minuto e meio eu tinha feito o que queria fazer. Joguei toda a primeira parte do conto de Quinton na lareira, onde queimou até as cinzas. Então eu vi que as aspas⁹ denunciavam o engodo; cortei-as, e para dar mais realismo, cortei o resto da folha. Então eu saí com o conhecimento de que a confissão de suicídio de Quinton estava na frente da mesa, enquanto Quinton estava vivo, mas dormindo na estufa além.

O último ato foi desesperador; você pode adivinhar: eu fingi ter visto Quinton morto e corri para o seu quarto. Eu te distraí com o papel, e, sendo um homem rápido com as mãos, matei Quinton enquanto você examinava sua confissão de suicídio. Ele estava meio adormecido, tendo sido drogado; eu pus a faca em sua própria mão e enfiei em seu corpo. A faca era de uma forma tão estranha que ninguém, exceto um cirurgião, poderia calcular o ângulo certo para, com ela, alcançar o coração de uma vítima. Eu me pergunto se você percebeu isso.

Depois de fazer isso, aconteceu uma coisa extraordinária. A natureza me abandonou. Eu me sentia mal. Eu me sinto como se tivesse feito algo errado. Acho que minha cabeça vai explodir; sinto algum tipo de prazer desesperado em pensar que contei a coisa a alguém, que não terei que ficar sozinho com ela se me casar e tiver filhos. Qual é o meu problema?... Loucura... ou alguém pode sentir remorso, como se estivesse nos poemas de Byron?! Não posso escrever mais.

james erskine harris

Padre Brown dobrou a carta com cuidado e colocou-a no bolso da camisa no momento em que se ouviu o forte som da campainha do portão e as capas molhadas de vários policiais brilharam do lado de fora, na rua.

OS PECADOS DO PRÍNCIPE SARADINE

Quando decidiu tirar um mês de férias do seu escritório em Westminster, Flambeau foi passá-lo em um pequeno barco à vela, tão pequeno que funcionava, na maior parte do tempo, como barco a remo. Ele navegou pequenos rios nos condados do leste, rios tão pequenos que neles o barco parecia uma nau encantada, singrando a terra através de prados e milhares. A embarcação era confortável apenas para duas pessoas; havia espaço apenas para as necessidades, e Flambeau o havia lotado com coisas que, em sua peculiar filosofia, considerava essenciais. Consistiam, aparentemente, em quatro itens essenciais: latas de salmão, se ele quisesse comer; revólveres carregados, se ele quisesse combater; uma garrafa de conhaque, supõe-se que para o caso de ele desmaiar; e um padre, possivelmente para o caso de ele vir a falecer. Com essa bagagem leve, rastejou pelos pequenos rios de Norfolk, com a intenção de finalmente chegar aos lagos, mas deliciava-se entretanto com os jardins e prados, as mansões e aldeias, demorando-se nas poças e cantos para pescar e, em certo sentido, abraçar-se à costa.

Como um verdadeiro filósofo, Flambeau não tinha um objetivo nas férias; mas, como um verdadeiro filósofo, tinha um pretexto. Ele tinha uma espécie de meio propósito, que levava a sério a ponto de que seu sucesso pudesse coroar o feriado, mas tão levemente que seu fracasso não pudesse arruiná-lo. Anos atrás, quando ele era o rei dos ladrões e a figura mais famosa de Paris, recebera frequentemente comunicações selvagens de aprovação, protesto ou mesmo amor; mas uma, de alguma forma, ficou presa em sua memória. Consistia simplesmente em um cartão de visita, em um envelope com carimbo do correio inglês. No verso do cartão estava escrito em francês e em tinta verde: “Se você se aposentar e se tornar respeitável, venha me ver. Quero conhecê-lo, pois conheci todos os outros grandes homens do meu tempo. Aquele truque seu de fazer um detetive prender o outro foi a cena mais esplêndida da história da França”. Na frente do cartão estava gravado de maneira formal: “Príncipe Saradine, Casa dos Juncos, Ilha dos Juncos, Norfolk”.

Ele não se preocupou muito com o príncipe na época, além de verificar que ele fora uma figura brilhante e elegante no sul da Itália. Dizia-se que, na

juventude, ele tinha fugido com uma mulher casada de alta posição; a escapadela não era surpreendente em seu mundo social, mas tinha se agarrado à mente dos homens por causa de uma tragédia adicional: o suposto suicídio do marido insultado, que parecia ter se jogado em um precipício na Sicília. O príncipe então morou em Viena por um tempo, mas seus anos mais recentes pareciam ter transcorrido em viagens perpétuas e inquietas. Mas quando Flambeau deixou a fama na Europa e se estabeleceu na Inglaterra, aliás como o próprio príncipe, ocorreu-lhe que poderia fazer uma visita surpresa a esse eminente exilado nos lagos de Norfolk. Se encontraria o lugar, ele não tinha ideia; era, de fato, suficientemente pequeno e esquecido. Mas, à medida que as coisas avançaram, o encontrou muito mais rapidamente do que esperava.

Eles haviam atracado seu barco uma noite sob uma margem coberta de grama alta e árvores baixas, podadas. O sono, depois do peso das remadas, os levou cedo e, por isso mesmo, acordaram antes que houvesse luz. Para falar mais estritamente, acordaram antes da luz do dia; pois uma grande lua cor de limão ainda ia se deitando sobre a floresta de grama alta acima de suas cabeças, e o céu era de um vívido azul-violeta, noturno, mas claro. Os dois homens tiveram uma simultânea reminiscência da infância, da época dos duendes e da aventura, quando o mato alto nos parece uma floresta. Erguendo-se assim contra a grande lua baixa, as margaridas realmente pareciam gigantes, e os dentes-de-leão, enormes dentes-de-leão. De alguma forma, isso os fez lembrar da faixa de papel de parede de um berçário. A baixa do leito do rio foi suficiente para afundá-los sob as raízes de todos os arbustos e flores e deixar seus olhares ao nível da grama.

— Por Júpiter! — disse Flambeau. — É como estar no país das fadas.

Padre Brown sentou-se ereto no barco e benzeu-se. Seu movimento foi tão abrupto que seu amigo lhe perguntou, com um olhar suave, qual era o problema.

— As pessoas que escreveram as baladas medievais — respondeu o padre — sabiam mais sobre fadas do que você. Não são apenas coisas boas que acontecem no país das fadas.

— Ah, besteira! — disse Flambeau. — Só coisas boas podem acontecer sob uma lua tão inocente. Eu prefiro aproveitar o momento e ver o que realmente acontece. Podemos morrer e apodrecer antes de vermos outra vez uma lua assim, ou um clima como este.

— Tudo bem — disse o Padre Brown. — Eu não disse que é sempre errado entrar no reino das fadas. Eu só disse que é sempre perigoso. Avançaram lentamente rio acima, cujas águas se torvavam mais claras; o violeta brilhante do céu e o pálido dourado da lua foram ficando cada vez mais tênues e

desbotados naquele vasto cosmos incolor que precede as cores do amanhecer. Quando as primeiras listras tênues de vermelho, dourado e cinza rasgaram o horizonte de ponta a ponta, elas apareceram interpostas à massa negra de uma cidadela ou vila, que ficava à beira do rio, logo à frente deles. Já era uma aurora fácil, em que todas as coisas eram visíveis, quando passaram sob os telhados e pontes suspensas desta aldeia ribeirinha. As casas, com seus telhados compridos, baixos e inclinados, pareciam descer para beber do rio, como um enorme rebanho cinzento e vermelho. O amanhecer cada vez mais largo e branco já havia se transformado na ampla luz do dia antes que eles vissem qualquer criatura viva nos cais e pontes daquela cidade silenciosa. Por fim, viram um homem muito plácido e próspero em mangas de camisa, com um rosto redondo como a lua recém-recolhida e raios de bigode vermelho perto de seu arco inferior, que estava apoiado em um poste acima da lenta maré. Por um impulso que não deve ser analisado, Flambeau ergueu-se com toda a sua estatura no barco oscilante para gritar ao homem se ele conhecia a Ilha dos Juncos ou a Casa dos Juncos. O sorriso do homem próspero abriu-se um pouco mais e ele simplesmente apontou rio acima, na direção da próxima curva. Flambeau seguiu em frente sem falar mais nada.

O barco contornou muitos cantos relvados e ganhou muitos trechos silenciosos do rio; mas antes que a busca se tornasse monótona, eles fizeram uma curva em um ângulo especialmente agudo e desembocaram no silêncio de uma espécie de açude ou lago, cuja visão instintivamente os prendeu. Pois no meio desse pedaço mais largo de água, orlado de juncos de todos os lados, havia uma ilhota longa e baixa, ao longo da qual corria uma casa ou bangalô comprido e achatado, feito de bambu ou algum tipo de caniço tropical resistente. As hastes verticais de bambu que perfaziam as paredes eram amarelo-claras, as hastes inclinadas que compunham o telhado eram de um vermelho mais escuro ou marrom; tirando isso, a longa casa era uma só repetição e monotonia. A brisa da manhã farfalhava os juncos ao redor da ilha e fazia da estranha casa uma imensa flauta de pã.

— Por Júpiter! — gritou Flambeau. — Aqui é o lugar, afinal! Esta é a Ilha dos Juncos, se é que alguma vez houve uma. Esta é a Casa dos Juncos, se existir em algum lugar. Eu acredito que aquele homem gordo com bigodes era uma fada.

— Talvez — comentou Padre Brown com imparcialidade. — Se era uma fada, ele podia ser uma fada má.

Mas, enquanto falava, o impetuoso Flambeau havia conduzido seu barco até a praia entre os juncos sonoros, e eles pararam na longa e pitoresca ilhota ao lado da casa estranha e silenciosa.

A casa ficava de costas para o rio, por assim dizer, e para o único cais de desembarque; a entrada principal ficava do outro lado e dava para o longo

jardim da ilha. Os visitantes se aproximavam, portanto, por um pequeno caminho que contornava quase três lados da casa, próximo aos beirais baixos. Através de três janelas diferentes em três lados diferentes, eles olharam para a mesma sala longa e bem iluminada, com painéis de madeira clara, dotada de um grande número de espelhos, e disposta como que para um almoço elegante. A porta da frente, quando finalmente chegaram a ela, estava ladeada por dois vasos de flores azul-turquesa. Foi aberto por um mordomo do tipo mais sombrio — comprido, magro, cinzento e apático — que murmurou que o Príncipe Saradine estava fora de casa no momento, mas era esperado dentro de uma hora; a casa estava pronta para ele e seus convidados. A exibição do cartão com o rabisco de tinta verde despertou um lampejo de vida no rosto de pergaminho do deprimido criado, e foi com uma certa cortesia trêmula que ele sugeriu que os estranhos ficassem.

— Sua Alteza pode chegar a qualquer minuto — disse ele — e ficaria angustiado por não ver qualquer cavalheiro que ele haja convidado. Temos ordens de sempre manter um almoço frio para ele e seus amigos, e tenho certeza de que ele gostaria que o oferecêssemos aos senhores.

Movido com curiosidade por essa aventura menor, Flambeau aceitou graciosamente e seguiu o velho, que o conduziu cerimoniosamente para a sala comprida e coberta de painéis claros. Não havia nada de muito notável nela, exceto a alternância bastante incomum de muitas janelas longas e baixas e muitos espelhos estreitos, que davam um ar singular de leveza e insubstancialidade ao lugar. De alguma forma, era como almoçar ao ar livre. Uma ou duas fotos discretas penduradas nos cantos, uma grande fotografia cinza de um homem muito jovem de uniforme, um esboço em giz vermelho de dois meninos de cabelos compridos. Questionado por Flambeau se o soldado era o príncipe, o mordomo respondeu negativamente; era o irmão mais novo do príncipe, o Capitão Stephen Saradine, disse ele. E com isso o velho pareceu secar de repente e perder todo o prazer pela conversa.

Depois que o almoço terminou com um café requintado e licores, os convidados foram apresentados ao jardim, à biblioteca e à governanta — uma senhora morena e bonita, de grande majestade e bastante parecida com uma Madona plutônica. Parecia que ela e o mordomo eram os únicos sobreviventes da residência estrangeira original do príncipe, sendo os outros criados atuais da casa novos, contratados em Norfolk pela governanta. Esta última senhora atendia pelo nome de Senhora Anthony, mas falava com um leve sotaque italiano, e Flambeau não tinha dúvidas de que Anthony era uma versão de um nome mais latino em Norfolk. O mordomo Paul também tinha um ar levemente estrangeiro, mas era inglês na fala e nos modos, assim como muitos dos mais polidos criados da nobreza cosmopolita.

Por mais bonito e único que fosse, o lugar trazia consigo uma curiosa e

luminosa tristeza. As horas passavam como dias. As salas compridas e bem arejadas estavam cheias da luz do dia, mas era como uma luz morta. E em meio a todos os outros ruídos incidentais, o som de conversas, o tilintar de copos ou os passos de empregados passando, eles podiam ouvir por todos os lados da casa o barulho melancólico do rio.

— Pegamos o caminho errado e chegamos ao lugar errado — disse o Padre Brown, olhando pela janela para os juncos verde-acinzentados e a maré prateada. — Tudo bem; às vezes pode-se fazer o bem sendo a pessoa certa no lugar errado.

Padre Brown, embora geralmente fosse calado, era um homenzinho estranhamente simpático, e naquelas poucas, mas intermináveis horas, ele inconscientemente mergulhou mais fundo nos segredos da Casa dos Juncos do que seu amigo profissional. Ele tinha aquele ar de quietude amigável que é tão essencial para a fofoca; e mal dizendo uma palavra, geralmente obtinha de seus novos conhecidos tudo o que, de qualquer maneira, eles poderiam contar. O mordomo, de fato, era naturalmente pouco comunicativo. Demonstrava uma afeição taciturna e quase animal por seu mestre, que, disse ele, tinha sido muito maltratado. O principal criminoso parecia ser o irmão de sua alteza, cujo nome por si só fazia o velho tensionar as mandíbulas retas e torcer seu nariz de papagaio em um sorriso de escárnio. O Capitão Stephen era um vagabundo, aparentemente, e havia extorquido de seu irmão benevolente às centenas e milhares, obrigando-o a fugir da vida da moda e ir viver tranquilamente neste retiro. Isso foi tudo que Paul, o mordomo, disse, e Paul obviamente tinha escolhido seu lado.

A governanta italiana era um pouco mais comunicativa, estando, como Brown imaginou, um pouco menos satisfeita. Seu tom sobre seu senhor era ligeiramente ácido; embora não totalmente destemido. Flambeau e seu amigo estavam de pé na sala dos espelhos, examinando o desenho em vermelho dos dois meninos, quando a governanta entrou rapidamente em algum afazer doméstico. Era uma peculiaridade desse lugar cintilante com painéis de vidro que a imagem de qualquer pessoa que entrasse fosse refletida em quatro ou cinco espelhos ao mesmo tempo; e o Padre Brown, sem se virar, parou no meio de uma frase sobre a dinâmica familiar. Mas Flambeau, que estava com o rosto perto da foto, já dizia em voz alta: — Os irmãos Saradine, suponho. Ambos parecem inocentes o suficiente. Seria difícil dizer qual é o irmão bom e qual é o mau.

Então, percebendo a presença da senhora, ele desviou a conversa com alguma trivialidade e saiu para o jardim. Mas o Padre Brown ainda olhava fixamente para o desenho em vermelho; e a Senhora Anthony ainda olhava fixamente para Padre Brown.

Ela tinha olhos castanhos grandes e trágicos, e seu rosto cor de oliva brilhava sombriamente com uma curiosa e dolorosa admiração — como duvidando da identidade ou do propósito de um estranho. Fosse porque o casaco e o credo do pequeno padre evocassem algumas memórias confessionais do sul, ou porque ela imaginasse que ele sabia mais do que de fato sabia, ela lhe disse em voz baixa, como a um companheiro conspirador: — Ele está certo em um aspecto, seu amigo. Ele diz que seria difícil distinguir o irmão bom e o mau. Oh, seria difícil, seria muito difícil, escolher o bom.

— Eu não entendo você — disse Padre Brown, e começou a se afastar.

A mulher deu um passo para mais perto dele, com sobranceiras estrondosas e uma postura algo selvagem, como a de um touro apontando os chifres.

— Não existe um bom — ela sussurrou. — Era maldade do capitão levar tanto dinheiro, mas não acho que houvesse muita bondade no príncipe em dá-lo. O capitão não é o único que pode ser acusado.

Uma luz iluminou o rosto desviado do clérigo, e sua boca formou, silenciosamente, a palavra “chantagem”. No momento em que ele fez isso, a mulher virou abruptamente o rosto branco por cima do ombro e quase desmaiou. A porta se abriu silenciosamente e o pálido Paul estava parado como um fantasma na porta. Pelo estranho truque das paredes refletivas, parecia que cinco Pauls haviam entrado simultaneamente por cinco portas.

— Sua Alteza — disse ele — acabou de chegar.

Ao mesmo tempo a figura de um homem passava pelo lado de fora da primeira janela, cruzando a vidraça iluminada pelo sol como um palco iluminado. Um instante depois, ele passou pela segunda janela e os muitos espelhos exibiram, em sucessivas molduras, o mesmo perfil de águia e a mesma figura marchando. Ele estava ereto e alerta, mas seu cabelo era branco, e sua tez, de um estranho amarelo marfim. Tinha aquele nariz romano curto e curvo que geralmente combina com bochechas e queixo compridos e magros, mas estes estavam parcialmente encobertos pelo bigode imperial. O bigode era bem mais escuro que a barba, dando um efeito levemente teatral, e ele estava vestido no mesmo estilo vistoso, usando cartola branca, uma orquídea no casaco, um colete amarelo e luvas amarelas que ele batia e agitava ao andar. Quando ele deu a volta pela porta da frente, eles ouviram o rígido Paul abri-la e o recém-chegado dizer alegremente: — Bem, olha eu aqui.

O rígido Senhor Paul curvou-se e respondeu de maneira inaudível; por alguns minutos, a conversa dos dois foi inaudível. Então o mordomo disse: — Tudo está à sua disposição.

E o Príncipe Saradine, agitando as luvas, entrou alegremente na sala para

cumprimentá-los. Eles viram mais uma vez aquela cena espectral — cinco príncipes entrando em uma sala com cinco portas.

O príncipe colocou o chapéu branco e as luvas amarelas sobre o aparador e estendeu a mão cordialmente.

— É um prazer vê-lo aqui, Senhor Flambeau — disse ele. — Conheço-o muito bem, pela reputação, se isso não for um comentário indiscreto.

— De jeito nenhum — respondeu Flambeau, rindo. — Eu não sou sensível. Muito poucas reputações são construídas sobre virtude imaculada.

O príncipe lançou um olhar penetrante para ele para ver se a réplica tinha algum ponto pessoal; então ele riu também e convidou todos a se sentar, incluindo ele mesmo.

— Lugarzinho agradável, eu acho — ele disse, com um ar imparcial.

— Meio parado; mas a pesca é muito boa.

O padre, que o encarava com o olhar sério de um bebê, foi assombrado por alguma fantasia que escapava à definição. Ele olhou para o cabelo grisalho cuidadosamente curvado, o rosto branco-amarelado e a figura esguia, um tanto petulante. Estes não eram traços anormais, embora talvez um pouco acentuados demais, como a roupa de uma figura atrás da ribalta. O interesse inominado estava em outra coisa, na própria estrutura do rosto; Brown estava atormentado com a fraca lembrança de tê-lo visto em algum lugar antes. O homem parecia algum velho amigo dele, posto em roupas caras. Então, de repente, ele se lembrou dos espelhos e atribuiu sua imaginação a algum efeito psicológico daquela multiplicação de máscaras humanas.

O Príncipe Saradine distribuía sua sociabilidade entre seus convidados com grande alegria e tato. Percebendo no detetive a esportividade e desejo de aproveitar as férias, ele guiou Flambeau e seu barco até o melhor local de pesca no riacho e em vinte minutos estava de volta, em sua própria canoa, para se juntar ao Padre Brown na biblioteca e mergulhar junto dele, educadamente, nos prazeres mais filosóficos do padre. Ele parecia saber muito sobre a pesca e os livros, embora, entre estes, não os mais edificantes; falava cinco ou seis idiomas, embora conhecesse melhor a gíria de cada um. Evidentemente, ele havia vivido em cidades variadas e sociedades muito heterogêneas, pois algumas de suas histórias mais alegres eram sobre jogos de azar e antros de ópio, bushrangers australianos ou salteadores italianos. Padre Brown sabia que o outrora célebre Saradine passara seus últimos anos em viagens quase incessantes, mas não imaginava que as histórias fossem tão vergonhosas ou divertidas.

Na verdade, com toda a sua dignidade de homem do mundo, o Príncipe Saradine irradiava para observadores sensíveis como o padre uma certa atmosfera de inquietação e mesmo de falta de confiança. Seu rosto era fastidioso, mas seus olhos eram selvagens; ele tinha pequenos tiques nervosos, como um homem abalado pela bebida ou por drogas, e ele não tinha, nem professava ter, sua mão no leme dos negócios domésticos. Tudo tinha sido delegado para os dois velhos criados, especialmente para o mordomo, que era claramente a viga-mestra da casa. O Senhor Paul, na verdade, não era tanto um mordomo, mas uma espécie de administrador ou comissário; ele jantava em particular, mas com quase tanta pompa quanto seu mestre; era temido por todos os servos; e ele consultava o príncipe decorosamente, mas um tanto inflexivelmente — meio como se fosse o seu advogado. A sombria governanta era uma mera sombra em comparação; na verdade, ela parecia se calar e espreitar o mordomo, e Brown não ouviu mais aqueles sussurros vulcânicos que quase declararam que o irmão mais novo chantageava o mais velho. Se o príncipe estava realmente sendo sangrado pelo capitão ausente, ele não tinha certeza, mas havia alguma coisa de inseguro e secreto em Saradine que fazia a história não ser, de forma alguma, incrível.

Quando eles entraram mais uma vez no longo corredor com as janelas e os espelhos, a tarde amarelada caía sobre as águas e as margens esguias; e uma garça soou ao longe, como um elfo tocando o tambor de um anão. O mesmo sentimento singular de uma terra das fadas triste e perversa cruzou a mente do padre novamente, como uma pequena nuvem cinza.

— Eu gostaria que Flambeau voltasse — ele murmurou.

— Você acredita no destino final? — perguntou o inquieto Príncipe Saradine de repente.

— Não — respondeu seu convidado —, eu acredito no Juízo Final.

O príncipe se afastou da janela e olhou para ele de uma maneira singular, seu rosto ensombrecido, em frente ao pôr do sol.

— O que você quer dizer? — ele perguntou.

— Quero dizer que nós aqui estamos do lado errado da tapeçaria — respondeu o Padre Brown. — As coisas que acontecem aqui parecem não significar nada; elas significam algo em outro lugar. Em outro lugar, o castigo atinge sempre o verdadeiro ofensor. Aqui, muitas vezes parece cair sobre a pessoa errada.

O príncipe fez um barulho inexplicável como o de um animal; em seu rosto sombreado, os olhos brilhavam estranhamente. Um pensamento novo e perspicaz explodiu silenciosamente na mente do outro. Havia outro

significado na mistura de brilhantismo e brusquidão em Saradine? Estaria o Príncipe perfeitamente são? Ele repetia: “A pessoa errada — a pessoa errada” muito mais vezes do que o normal em uma palestra social.

Então Padre Brown despertou, com atraso, para uma segunda realidade. Nos espelhos à sua frente, ele podia ver a silenciosa porta aberta, e o silencioso Senhor Paul parado nela, com sua habitual impassibilidade pálida.

— Achei melhor vir anunciar imediatamente — disse ele, com o mesmo respeito rígido de um velho advogado da família — que um barco remado por seis homens chegou ao cais e há um cavalheiro sentado na popa.

— Um barco! — repetiu o príncipe. — Um cavalheiro? — e se levantou.

Houve um silêncio assustado pontuado apenas pelo estranho som dos pássaros nos juncos; e então, antes que alguém pudesse falar novamente, um novo rosto e uma nova figura passaram de perfil pelas três janelas iluminadas pelo sol, como o príncipe havia passado uma ou duas horas antes. Mas, exceto pelo acidente de que ambos os contornos eram aquilinos, eles tinham pouco em comum. Em vez da cartola branca e nova de Saradine, era uma cartola preta e de linhas estranhas e antiquadas; embaixo dela era um rosto jovem e muito solene, bem barbeado, azul em torno do queixo resoluto e lembrando levemente o do jovem Napoleão. Esta associação era auxiliada por um tom antigo e estranho em todo o seu traje, como se fosse o de um homem que nunca se preocupou em se distinguir, no vestuário, de seus genitores. Ele usava uma sobrecasaca azul surrada, um colete vermelho de aspecto militar e uma espécie de calça branca comum entre os antigos vitorianos, mas estranhamente incongruente hoje. No meio daquele brechó, destacava-se seu rosto cor de oliva, estranhamente jovem e monstruosamente sincero.

— Que diabo! — disse o Príncipe Saradine e, batendo palmas em seu chapéu branco, foi ele mesmo até a porta da frente, abrindo-a no jardim ao pôr do sol.

Naquela época, o recém-chegado e seus seguidores estavam reunidos no gramado como um pequeno exército teatral. Os seis barqueiros haviam puxado o barco bem para cima da costa e o protegiam de maneira quase ameaçadora, segurando os remos eretos como lanças. Eles eram homens morenos, e alguns deles usavam brincos. Mas um deles se adiantou, alcançando o jovem de rosto cor de azeitona e colete vermelho e carregando uma grande caixa preta de forma extraordinária.

— Seu nome — disse o jovem — é Saradine? Saradine concordou negligentemente.

O recém-chegado tinha olhos opacos, castanhos, parecidos com os de um cão, tão diferentes quanto seria possível dos olhos cinzentos, inquietos e

brilhantes do príncipe. Mais uma vez, porém, o Padre Brown foi torturado pela sensação de ter visto em algum lugar uma réplica daquele rosto; e mais uma vez ele se lembrou das repetições na sala de janelas e espelhos, e atribuiu a coincidência a isso.

— Maldito palácio de cristal! — ele murmurou. — A gente vê tudo muitas vezes, como num sonho.

— Se o senhor é o Príncipe Saradine — disse o jovem —, posso lhe dizer que meu nome é Antonelli.

— Antonelli — repetiu o príncipe languidamente. — De alguma forma, eu me lembro do nome.

— Permita-me apresentar-me — disse o jovem italiano.

Com a mão esquerda, educadamente tirou a cartola antiquada; a direita ele enfiou com toda a força na cara de Saradine, fazendo a cartola branca rolar escada abaixo e um dos vasos de flores azuis balançar em seu pedestal.

O príncipe, fosse o que fosse, evidentemente não era um covarde; ele saltou na garganta do inimigo e quase o jogou de costas na grama. Mas seu inimigo se desvencilhou com um ar singularmente inapropriado de polidez apressada.

— Está tudo bem — disse ele, ofegante e em um inglês hesitante.

— Eu o insultei. Eu darei satisfação. Marco, abra o estojo.

O homem ao lado dele com os brincos e a grande caixa preta começou a destrancá-la. Tirou dela dois longos floretes italianos, com esplêndidos punhos e lâminas de aço, que plantou no gramado com a ponta para baixo. O estranho jovem de pé, em frente à porta, com seu rosto amarelo e vingativo; as duas espadas em pé na relva como duas cruzes em um cemitério; e a linha das torres nobiliárquicas ao fundo davam a todo o cenário uma aparência estranha de corte judicial bárbara. Mas todo o resto permanecia calmo, tão repentina havia sido a interrupção. O dourado do pôr do sol ainda brilhava no gramado, e a amargura ainda rugia anunciando um destino humilde, mas terrível.

— Príncipe Saradine — disse o homem chamado Antonelli —, quando eu era um bebê no berço, você matou o meu pai e fugiu com a minha mãe; meu pai teve mais sorte. Você não o matou de forma justa, como eu vou matá-lo. Você e a perversa da minha mãe o levaram de carro até um desfiladeiro isolado na Sicília, jogaram-no de um penhasco e seguiram seu caminho. Eu poderia imitá-lo se quisesse, mas imitá-lo é muito vil. Eu te segui por todo o mundo e você sempre fugiu de mim. Mas este é o fim do mundo, e o seu fim. Eu peguei você, agora, e eu lhe dou a chance que você nunca deu ao meu pai. Escolha

uma dessas espadas.

O Príncipe Saradine, com as sobrancelhas contraídas, pareceu hesitar por um momento, mas seus ouvidos ainda zumbiam do golpe, e ele saltou para a frente e agarrou um dos punhos. Padre Brown também avançou, desejando negociar a paz; mas ele logo percebeu que sua presença pessoal piorava as coisas. Saradine era um maçom francês e um ateu feroz, e um padre só influiria negativamente. E quanto ao outro homem, nem padre nem leigo o desviariam. Esse jovem com rosto de Bonaparte e olhos castanhos era algo muito mais severo do que um puritano: era um pagão. Ele era, simplesmente, matador desde a manhã da Terra; um homem da idade da pedra — um homem de pedra.

Uma esperança permanecia: envolver os habitantes da casa. O Padre Brown voltou correndo para dentro. Ele descobriu, entretanto, que todos os subordinados tinham sido mandados para a terra, de folga, pelo autocrata Paul, e que apenas a sombria Senhora Anthony se movia inquieta pelos longos aposentos. Mas no momento em que ela voltou um rosto medonho para ele, Padre Brown resolveu um dos enigmas da casa de espelhos. Os pesados olhos castanhos de Antonelli eram os pesados olhos castanhos da Senhora Anthony; e em um vislumbre ele entendeu a metade da história.

— Seu filho está lá fora! — disse ele sem desperdiçar palavras. — Ou ele ou o príncipe serão mortos. Onde está o Senhor Paul? — Ele está no cais — disse a mulher fracamente. — Ele está, ele está... chamando por ajuda.

— Senhora Anthony — disse o Padre Brown sério —, não há tempo para bobagens. Meu amigo está em seu barco, pescando no rio.

O barco do seu filho está guardado pelos homens dele. Temos aqui somente uma canoa; o que o Senhor Paul está fazendo com ela? — Santa Maria! Eu não sei — ela disse; e caiu desmaiada no chão atapetado.

Padre Brown a colocou em um sofá, jogou uma vasilha de água nela, gritou por socorro e então correu para o cais da pequena ilha. Mas a canoa já estava no meio do curso, e o velho Paul remava e remava rio acima com uma energia incrível para sua idade.

— Eu vou salvar meu mestre — ele gritou, seus olhos brilhando loucamente. — Eu vou salvá-lo! Padre Brown não podia fazer nada além de olhar para o barco enquanto ele lutava contra a correnteza e rezar para que o velho pudesse acordar a pequena cidade a tempo.

— Um duelo já é ruim — ele murmurou, esfregando seu cabelo áspero cor de poeira —, mas há algo errado com este duelo, errado até para um duelo. Eu sinto isso nos meus ossos. Mas o que pode ser? Enquanto ele permanecia

olhando para a água, que oscilava refletindo o pôr do sol, ele ouviu do outro lado do jardim da ilha um som pequeno, mas inconfundível — o choque frio de aço contra aço. Ele virou a cabeça.

Longe, no cabo ou promontório mais distante da longa ilhota, em uma faixa de grama além da última fileira de rosas, os duelistas já haviam cruzado as espadas. O anoitecer acima deles era uma cúpula de ouro virgem e, distantes como estavam, cada detalhe era percebido e destacado. Eles haviam tirado os casacos, mas o colete amarelo e os cabelos brancos de Saradine, o colete vermelho e as calças brancas de Antonelli brilhavam sob a luz uniforme como as cores das bonecas dançantes. As duas espadas cintilavam de ponta a ponta como dois alfinetes de diamante. Havia algo de assustador nas duas figuras que pareciam tão pequenas e tão alegres. Pareciam duas borboletas, cada uma tentando prender a outra num alfinete.

Padre Brown correu o mais que pôde, suas perninhas girando como uma roda. Mas, quando chegou ao campo de combate, descobriu que havia chegado tarde e cedo demais — tarde demais para interromper a luta, sob a sombra dos sicilianos implacáveis apoiados em seus remos, e muito cedo para conseguir adivinhar qualquer resultado desastroso. Pois os dois homens combatiam de igual para igual, o príncipe usando sua habilidade com uma espécie de confiança cínica, o siciliano usando a sua com um cuidado assassino. Poucos anfiteatros lotados testemunharam disputas esgrimísticas superiores àquela que tilintou e cintilou naquela ilha esquecida no rio dos juncos. A luta estonteante permaneceu equilibrada por tanto tempo que a esperança do padre, que protestava, começou a renascer; se tudo se desse como era provável, Paul logo chegaria com a polícia. Seria um certo consolo mesmo se Flambeau voltasse da pesca, pois, fisicamente falando, ele valia por quatro outros homens. Mas não havia sinal de Flambeau e, o que era muito mais estranho, nenhum sinal de Paul ou da polícia. Nenhuma outra jangada ou pau flutuante fora deixado; naquela ilha perdida, naquele vasto lago sem nome, eles estavam tão isolados como em uma rocha no meio do Pacífico.

Quase no momento em que ele pensava isso, o tilintar dos floretes se esvaiu em um som de chocalho, os braços do príncipe voaram para cima e a ponta surgiu nas suas costas, entre suas omoplatas. Ele tropeçou num grande giro, como uma roda de carroça jogada ao chão. A espada voou de sua mão como uma estrela cadente e mergulhou no rio distante. E ele afundou com uma queda tão abaladora que quebrou uma grande roseira com seu corpo e sacudiu para o céu uma nuvem de terra vermelha — como a fumaça de algum sacrifício pagão. O siciliano fizera uma oferenda de sangue ao fantasma de seu pai.

O padre caiu instantaneamente de joelhos ao lado do cadáver; mas apenas para se certificar de que já era mesmo um cadáver. Enquanto ele ainda estava

tentando alguns últimos testes desesperados, ouviu pela primeira vez vozes vindas do outro lado do rio e viu um barco da polícia chegar, disparado, ao cais de desembarque, com policiais e outras pessoas importantes, incluindo o excitadíssimo Paul. O pequeno padre levantou-se com uma careta claramente duvidosa.

— Mas ora, por que diabos — ele murmurou —, por que diabos ele não poderia ter chegado antes? Cerca de sete minutos depois, a ilha foi ocupada por uma invasão de moradores e policiais, e estes colocaram as mãos no duelista vitorioso, lembrando-o ritualmente de que qualquer coisa que dissesse poderia ser usada contra ele.

— Não direi nada — disse o maníaco, com um rosto maravilhoso e tranquilo.
— Nunca direi mais nada. Estou muito feliz e só quero ser enforcado.

Então ele fechou a boca quando eles o levaram para longe, e a estranha, mas garantida verdade, é que ele nunca mais a abriu novamente neste mundo, exceto para se declarar “culpado” em seu julgamento.

Padre Brown olhou para o jardim repentinamente lotado, a prisão do homem de sangue, o carregamento do cadáver após seu exame pelo médico, mais ou menos como se assiste ao final de um sonho ruim; ele estava imóvel, como um homem em um pesadelo. Deu seu nome e endereço como testemunha, mas recusou a oferta de um barco para a praia e ficou sozinho no jardim da ilha, olhando para a roseira quebrada e todo o teatro verde daquela tragédia rápida e inexplicável. A luz morria ao longo do rio; a névoa subia nas margens pantanosas; alguns pássaros atrasados voavam intermitentemente.

Preso teimosamente em seu subconsciente (que era incomumente vivaz) estava uma certeza indizível de que havia algo ainda inexplicado. Essa sensação que se agarrou a ele o dia todo não podia ser totalmente explicada por sua fantasia sobre a “terra dos espelhos”. De alguma forma, ele não tinha visto a história real, mas uma peça ou farsa. E mesmo assim, as pessoas não aceitam ser enforcadas ou estocadas por causa de uma farsa.

Sentado nos degraus do cais de desembarque, ruminando, ele tomou consciência da risca alta e escura de uma vela descendo silenciosamente o rio brilhante, e pôs-se de pé com tal emoção que quase chorou.

— Flambeau! — ele gritou e apertou as mãos de seu amigo com suas duas mãos, repetidas vezes, para grande espanto daquele esportista chegando à praia com seu equipamento de pesca.

— Flambeau — disse ele —, então você não foi morto? — Morto! — repetiu o pescador com grande espanto. — E por que eu seria morto? — Oh, porque quase todo mundo foi — disse seu agitado companheiro. — Saradine foi

assassinado, e Antonelli quer ser enforcado, e a mãe dele desmaiou, e eu, por exemplo, não sei se estou neste mundo ou no outro. Mas, graças a Deus, você está no mesmo mundo que eu — e pegou o braço do perplexo Flambeau.

Ao saírem do cais, chegaram até o beiral da baixa casa de bambu e olharam por uma das janelas, como tinham feito ao chegar. Eles viram um interior iluminado por lâmpadas, bem calculado para prender seus olhos. A mesa da comprida sala de jantar estava posta para o jantar, quando o exterminador de Saradine caiu como um símbolo de tempestade na ilha. E o jantar estava agora em progresso plácido, pois a Senhora Anthony estava sentada um tanto mal-humorada aos pés da mesa, enquanto à cabeceira estava o Senhor Paul, o major domo, comendo e bebendo do melhor, seus olhos turvos e azulados estranhamente esbugalhados, seu semblante magro inescrutável, mas de forma alguma demonstrando grande incômodo.

Com um gesto de poderosa impaciência, Flambeau sacudiu a janela, abriu-a com força e colocou uma cabeça indignada na sala iluminada pela lâmpada.

— Bem — ele gritou —, eu entendo que você possa precisar molhar o bico, mas sério, roubar o jantar do seu mestre enquanto ele está morto no jardim...

— Eu roubei muitas coisas em uma vida longa e agradável — respondeu o estranho velho cavalheiro placidamente. — Este jantar é uma das poucas coisas que não roubei. Este jantar e esta casa e jardim pertencem a mim.

Um pensamento passou pelo rosto de Flambeau.

— Quer dizer — ele começou — que a herança do Príncipe Saradine...

— Eu sou o Príncipe Saradine — disse o velho, mastigando uma amêndoa salgada.

Padre Brown, que olhava para os pássaros lá fora, saltou como se tivesse levado um tiro e colocou pela janela um rosto pálido como um nabo.

— Você é o que? — ele repetiu com uma voz estridente.

— Paul, Príncipe Saradine, a vos ordres,¹⁰ — disse a venerável pessoa educadamente, erguendo uma taça de xerez. — Eu moro aqui muito tranquilo, sendo um tipo de sujeito doméstico; e por uma questão de modéstia sou chamado de Senhor Paul, para me distinguir de meu infeliz irmão, Senhor Stephen. Ele morreu, ouvi dizer, recentemente, no jardim. Claro, não é minha culpa se os inimigos o perseguem até este lugar. É devido à lamentável irregularidade de sua vida. Ele não era um tipo doméstico.

Ele caiu em silêncio e continuou a olhar para a parede oposta logo acima da

cabeca curvada e sombria da mulher. Eles viram claramente a semelhança familiar que os assombrava no homem morto. Então seus velhos ombros começaram a se erguer e a tremer um pouco, como se ele estivesse sufocando, mas seu rosto não se alterou.

— Meu Deus! — gritou Flambeau após uma pausa. — Ele está rindo! — Vamos embora — disse o Padre Brown, que estava muito branco. — Vamos embora desta casa dos infernos. Vamos entrar num barco decente.

A noite caiu sobre os juncos e o rio quando eles se afastaram da ilha, e eles desceram o rio no escuro, se aquecendo com dois grandes charutos que brilhavam como lanternas carmesins de navios. Padre Brown tirou o charuto da boca e disse: — Suponho que agora você consiga adivinhar toda a história. Afinal, é uma história primitiva. Um homem tinha dois inimigos. Ele era um homem sábio. E então ele descobriu que dois inimigos são melhores do que um.

— Eu não entendo — respondeu Flambeau.

— Oh, é muito simples — respondeu o amigo. — Simples, embora nem um pouco inocente. Os dois Saradines eram patifes, mas o príncipe, o mais velho, era o tipo de patife que chega ao topo, e o mais jovem, o capitão, é o tipo que afunda. Este esquálido oficial se rebaixou de parasita a chantagista, e num dia feio ele se apoderou de seu irmão, o príncipe. Obviamente, não era uma questão leve, pois o Príncipe Paul Saradine era mesmo leviano e não tinha nenhuma reputação a perder no ramo dos pecados meramente sociais. De fato, era algum assunto sufocante, e Stephen literalmente tinha uma corda em volta do pescoço do irmão. Ele descobrira, de alguma maneira, a verdade sobre o caso da Sicília e poderia provar que Paul assassinou o pai Antonelli nas montanhas. O capitão arrecadou muito dinheiro em silêncio por dez anos, até que a esplêndida fortuna do príncipe começou a parecer um pouco tola. Mas o Príncipe Saradine carregava outro fardo além de seu irmão sugador de sangue. Ele sabia que o filho de Antonelli, uma mera criança na época do assassinato, havia sido treinado na lealdade siciliana selvagem, e vivia apenas para vingar seu pai, não com a força (pois ele não tinha as provas legais de Stephen), mas com as velhas armas da vingança. O menino havia praticado às armas até atingir a perfeição fatal e, na época em que atingiu a idade suficiente para usá-las, o Príncipe Saradine começou, como diziam os jornais da sociedade, a viajar. O fato é que ele começou a fugir para salvar sua vida, passando de um lugar para outro como um criminoso perseguido; mas com um homem implacável em seu encalço. Essa era a posição do Príncipe Paul, uma posição nada bonita. Quanto mais dinheiro gastava para iludir Antonelli, menos tinha para silenciar Stephen. Quanto mais ele dava a Stephen para calá-lo, menos recursos tinha para finalmente escapar de Antonelli. Foi então que ele se mostrou um grande homem, um gênio como Napoleão. Em vez de resistir a

seus dois antagonistas, ele se rendeu repentinamente a ambos. Ele cedeu como um lutador japonês, e seus inimigos caíram prostrados diante dele. Desistiu da corrida ao redor do mundo e enviou seu endereço ao jovem Antonelli; e então ele deu tudo que tinha para o seu irmão. Ele enviou a Stephen dinheiro suficiente para roupas elegantes e viagens fáceis, com uma carta que dizia aproximadamente: “Isso é tudo que me resta. Você me limpou. Ainda tenho uma casinha em Norfolk, com criados e um porão, e se quiser mais de mim, deve aceitá-la. Venha e tome posse, se quiser, e eu morarei lá tranquilamente como seu amigo ou agente ou qualquer coisa”. Ele sabia que o siciliano nunca vira os irmãos Saradine, exceto, talvez, em fotos; ele sabia que eles eram um tanto parecidos, ambos com barbas cinza e pontiagudas. Então ele raspou o próprio rosto e esperou. A armadilha deu certo. O infeliz capitão, em suas roupas novas, desfilou triunfante pela casa como um príncipe, e caiu na espada do siciliano. Havia um obstáculo, que honra a natureza humana. Espíritos malignos como Saradine costumam errar por nunca contar com as virtudes da humanidade. Ele tinha como certo que a estocada do italiano, quando viesse, seria sombria, violenta e anônima, como o golpe que pretendia vingar; que a vítima seria esfaqueada à noite ou alvejada por trás de uma cerca viva e, portanto, morreria sem falar. Foi doloroso para o Príncipe Paul quando o cavalheirismo de Antonelli propôs um duelo formal, com todas as explicações possíveis. Foi então que o encontrei entrando no seu barco, com o olhar enlouquecido. Ele estava fugindo de cabeça descoberta, em um barco aberto, antes que Antonelli percebesse quem ele era. Mas, por mais agitado que estivesse, ele não estava desesperado. Ele conhecia o aventureiro e conhecia o fanático. Era bem provável que Stephen, o aventureiro, segurasse a língua, por seu mero prazer histriônico em representar um papel, sua ânsia de manter seus aposentos aconchegantes, sua confiança patife na sorte e sua bela esgrima. Era certo que Antonelli, o fanático, se calaria e seria enforcado sem contar histórias de família. Paul aguardou no rio até saber que a luta havia acabado. Então ele despertou a cidade, trouxe a polícia, viu seus dois inimigos derrotados serem levados embora para sempre e sentou-se, sorrindo, para jantar.

— Rindo, pelo amor de Deus! — disse Flambeau com um forte estremecimento. — É Satanás quem ensina essas coisas? — Essa foi você quem ensinou — respondeu o padre.

— Deus me livre! — exclamou Flambeau. — Eu ensinei! Que história é essa? O que você quer dizer? O padre tirou um cartão de visita do bolso e ergueu-o sob o brilho fraco do charuto; estava rabiscado com tinta verde.

— Não se lembra do convite que ele fez a você? — perguntou. — E do elogio à sua façanha criminosa? “Aquele seu truque”, dizia ele, “de fazer um detetive prender o outro”? Ele acaba de copiar o seu truque. Com um inimigo de cada lado, saiu rapidamente da rota de colisão e deixou que um acabasse com o

outro.

Flambeau arrancou o cartão do Príncipe Saradine das mãos do padre e rasgou-o violentamente em pequenos pedaços.

— Eis o que restou daquela velha caveira e dos ossos cruzados — ele disse enquanto espalhava os pedaços nas ondas escuras do riacho. — Tomara que não envenene os peixes.

O último pedaço de cartão branco e tinta verde afundou e sumiu; uma cor tênue e vibrante, com algo de matinal, mudou o céu, e a lua atrás da grama ficou mais pálida. Eles vogaram em silêncio.

— Padre — disse Flambeau de repente —, você acha que foi tudo um sonho? O padre balançou a cabeça, como um discordante ou um agnóstico, mas permaneceu mudo. Um cheiro de espinheiro e de pomares chegou até eles na escuridão, dizendo-lhes que um vento estava acordado; e logo o vento balançou seu pequeno barco e inflou suas velas, levando-os adiante rio abaixo, na direção de lugares mais felizes e casas de homens inofensivos.

O MARTELO DE DEUS

A

pequena aldeia de Bohun Beacon estava situada em uma colina tão íngreme que a alta torre de sua igreja parecia o pico de uma pequena montanha. Ao pé da igreja havia uma ferraria, geralmente avermelhada pelos fogos acesos e sempre bagunçada de martelos e aparas; do lado oposto, sobre um rude cruzamento de caminhos de paralelepípedos, ficava o “Javali Azul” — a única pousada do lugar. Foi neste cruzamento, no alvorecer de uma aurora plúmbea e prateada, que dois irmãos se encontraram na rua e conversaram, embora um estivesse começando o dia, e o outro, terminando. O Reverendo e Excelentíssimo Wilfred Bohun era muito devoto e estava se preparando para alguns exercícios austeros de oração ou contemplação ao amanhecer. O Excelentíssimo Coronel Norman Bohun, seu irmão mais velho, não era de forma alguma devoto e estava sentado, com trajes noturnos, num banco do lado de fora do The Blue Boar, bebendo o que o observador filosófico poderia livremente considerar como o último copo da terça-feira ou o primeiro da quarta. O coronel não se importava com essa minúcia.

Os Bohuns eram uma das poucas famílias aristocráticas que realmente

datavam da Idade Média, e seu galhardete tinha verdadeiramente estado na Palestina. Mas é um grave erro supor que tais casas se destacam na tradição cavalleiresca. Exceto os pobres, são poucos os que preservam as tradições. Os aristocratas não vivem segundo as tradições, mas segundo a moda. Os Bohuns tinham sido Mohocks sob a Rainha Anne e Mashers sob a Rainha Vitória. Porém, a exemplo de mais do que uma das casas realmente antigas, eles tinham decaído nos últimos dois séculos, transformando-se em bêbados e dândis degenerados, a ponto de se ter começado a falar de insanidade. Certamente havia algo pouco humano na busca lupina do coronel pelo prazer, e sua resolução crônica de não voltar para casa até de manhã tinha um toque da clareza hedionda da insônia. Ele era um animal alto e bom, idoso, mas com o cabelo ainda surpreendentemente amarelo. Teria parecido apenas loiro e leonino, mas seus olhos azuis moravam tão no fundo de seu rosto que pareciam pretos. Eram um pouco próximos demais. Ele tinha bigodes amarelos muito longos; de cada lado deles havia uma dobra ou sulco, descendo da narina à mandíbula, de modo que um sorriso de escárnio parecia escavado em seu rosto. Sobre suas roupas de noite, ele usava um curioso casaco amarelo-claro que mais parecia um roupão muito leve do que um sobretudo, e na parte de trás de sua cabeça mantinha um extraordinário chapéu de aba larga de cor verde brilhante, evidentemente alguma curiosidade oriental aleatoriamente obtida. Tinha orgulho de aparecer em trajes tão incongruentes — orgulhoso do fato de que ele sempre os fazia parecer congruentes.

Seu irmão, o pároco, também tinha o cabelo amarelo e a elegância, mas andava abotoado de preto até o queixo, e seu rosto era barbeado, cultivado e um pouco nervoso. Ele parecia viver apenas para sua religião; mas havia alguns que diziam (notadamente o ferreiro, que era presbiteriano) que seu amor era pela arquitetura gótica e não por Deus, e que sua assiduidade fantasmagórica na igreja era apenas uma manifestação mais pura da sede de beleza quase mórbida que fazia seu irmão correr atrás de mulheres e vinho. Essa acusação era duvidosa, porque a piedade prática do homem era indubitável. Na verdade, tal acusação era principalmente uma ignorante incompreensão do amor à solidão e à oração secreta, e se baseava no fato de ele frequentemente ser encontrado ajoelhado, não diante do altar, mas em lugares peculiares, nas criptas ou na galeria, ou mesmo no campanário. Ele estava prestes a chegar à igreja pelo pátio da ferraria, mas parou e franziu um pouco a testa ao ver os olhos cavernosos de seu irmão olhando na mesma direção. Supondo que o coronel se interessasse pela igreja, não desperdiçou especulações. Restava apenas a oficina do ferreiro e, embora o ferreiro fosse um puritano e não pertencesse ao seu povo, Wilfred Bohun ouvira alguns escândalos sobre uma esposa bonita e bastante célebre. Lançou um olhar desconfiado para o galpão, e o coronel se levantou rindo para falar com ele.

— Bom dia, Wilfred — disse ele. — Como um bom senhorio, vigio, insone, o meu povo. Vou chamar o ferreiro.

Wilfred olhou para o chão e disse: — O ferreiro saiu. Ele está em Greenford.

— Eu sei — respondeu o outro com uma risada silenciosa. — É por isso que pretendo visitar a oficina.

— Norman — disse o clérigo, olhando para uma pedra na estrada —, você já teve medo de raios? — O que você quer dizer? — perguntou o coronel. — O seu hobby é meteorologia? — Quero dizer... — disse Wilfred, sem erguer os olhos. — Já pensou que Deus poderia te fulminar na rua? — Desculpe-me — disse o coronel —, percebo que o seu hobby é folclore.

— Eu sei que seu hobby é blasfemar — retrucou o homem religioso, ferido no único lugar vivo de sua natureza —, mas se você não teme a Deus, você tem boas razões para temer o homem.

O ancião ergueu as sobrancelhas educadamente.

— Temer o homem? — ele disse.

— Barnes, o ferreiro, é o maior e mais forte homem em um raio de sessenta quilômetros — disse o clérigo com severidade. — Eu sei que você não é covarde ou fraco, mas ele poderia jogá-lo por cima do muro.

Essa frase atingiu o alvo, por ser verdadeira, e a ruga perto da boca e do nariz escureceu e se aprofundou. Por um momento ele ficou parado com o pesado sorriso de escárnio no rosto. Mas, em um instante, o Coronel Bohun recuperou seu próprio bom humor cruel e riu, mostrando sob o bigode amarelo dois dentes parecidos com os de um cachorro.

— Nesse caso, meu caro Wilfred — disse ele de forma bastante descuidada —, foi prudente que o último dos Bohuns saísse vestindo, ao menos parcialmente, uma armadura.

E ele tirou o esquisito chapéu redondo coberto de verde, mostrando que era forrado por dentro com aço. Wilfred o reconheceu, de fato, como um leve capacete japonês ou chinês, arrancado de um troféu exposto no antigo salão da família.

— Era o chapéu mais ao alcance da mão — explicou seu irmão alegremente; — sempre o chapéu mais próximo, e a mulher mais próxima.

— O ferreiro está em Greenford — disse Wilfred calmamente.

— Não se sabe quando ele volta.

E com isso ele se virou e entrou na igreja com a cabeça baixa, persignando-se

como quem deseja ser livrado de um espírito impuro. Ele estava ansioso para esquecer essa grosseria na fria penumbra de seus altos claustros góticos; mas naquela manhã estava predestinado que sua rotina de exercícios religiosos fosse interrompida por vários pequenos choques. Ao entrar na igreja, sempre vazia àquela hora, uma figura ajoelhada levantou-se apressadamente e veio em direção à luz do dia na entrada. Quando o cura a viu, parou surpreso. Pois o primeiro devoto não era outro senão o idiota da aldeia, um sobrinho do ferreiro, alguém que não queria nem poderia se importar com religião ou qualquer outra coisa. Ele sempre tinha sido chamado de “Joe Maluco” e parecia não ter outro nome; ele era um rapaz moreno, forte e curvado, com um rosto branco e pesado, cabelos lisos e escuros e a boca sempre aberta. Ao passar pelo sacerdote, seu semblante bovino não deu nenhuma pista do que ele estivera fazendo ou pensando. Ele nunca tinha sido visto orando antes. Que tipo de orações ele estava fazendo agora? Extraordinárias, com certeza.

Wilfred Bohun ficou plantado onde estava por tempo suficiente para ver o idiota sair para o sol, e também para ver seu dissoluto irmão saudar o coitado com uma espécie de jocosidade avuncular. A última coisa que viu foi o coronel jogando moedas na boca aberta de Joe, aparentando tentar, a sério, acertá-la.

Esta feia imagem da estupidez e crueldade da Terra, iluminada pela luz do sol, mandou o asceta de volta às suas orações para pedir pureza e pensamentos novos. Ele foi até um banco da nave, o qual ficava sob uma janela com um vitral que ele amava e que sempre acalmava seu espírito; um vitral mostrando um anjo carregando lírios. Lá ele conseguiu pensar menos no idiota, com seu rosto lívido e boca de peixe. Conseguiu pensar menos em seu perverso irmão, um leão magro cuja fome é horrível. Afundou mais e mais nas cores frias e doces das flores prateadas e céu safira.

Nesse lugar, meia hora depois, ele foi achado por Gibbs, o sapateiro da aldeia, que fora mandado às pressas para buscá-lo. Ele se pôs de pé prontamente, pois sabia que nenhuma questão mesquinha teria levado Gibbs a tal situação. Este sapateiro era, como os de muitas aldeias, um ateu, e sua aparição na igreja era um pouco mais extraordinária que a do Joe Maluco. Era uma manhã de enigmas teológicos.

— O que é? — perguntou Wilfred Bohun um tanto tenso, mas estendendo a mão trêmula para pegar o chapéu.

O ateu falou em um tom que, vindo dele, era surpreendentemente respeitoso e até, por assim dizer, rousamente simpático.

— O senhor me desculpe, por favor — disse ele em um sussurro rouco —, mas não achamos certo não lhe avisar imediatamente. Receio que algo horrível tenha acontecido, senhor. Receio que seu irmão...

Wilfred cerrou as mãos frágeis.

— O que diabos ele fez agora? — exclamou em paixão voluntária.

— Ora, senhor — disse o sapateiro, tossindo —, temo que ele não tenha feito nada, e não volte a fazer nada. Receio que ele esteja finado. É melhor descer, senhor.

O padre seguiu o sapateiro por uma escada curta e sinuosa que os levou a uma entrada bem mais alta que a rua. Bohun viu a tragédia em um olhar, bem abaixo dele, como um mapa. No pátio da ferraria estavam cinco ou seis homens, a maioria vestidos de preto, um deles com uniforme de inspetor. Também estavam lá o médico, o ministro presbiteriano e o padre da capela católica romana, à qual pertencia a esposa do ferreiro. Este último falava com ela, na verdade, muito rapidamente e em voz baixa, enquanto ela, uma mulher magnífica com cabelos de cobre, soluçava cegamente em um banco. Entre esses dois grupos, e bem longe da pilha principal de martelos, estava um homem em traje de gala, com os braços abertos e o rosto caído. Do alto, Wilfred poderia aprovar cada item do traje e dos adornos, incluindo os anéis dos Bohun em seus dedos; mas o crânio era apenas um respingo hediondo, uma estrela feita de negrume e sangue.

Wilfred Bohun lançou apenas um olhar e desceu correndo os degraus para o pátio. O médico, que era o médico da família, saudou-o, mas ele quase não deu atenção. Ele só conseguiu gaguejar: — Meu irmão está morto. O que isto significa? O que é este mistério horrível? Houve um silêncio triste; e então o sapateiro, o homem mais franco presente, respondeu: — Um grande horror, senhor — disse ele. — Mas não um grande mistério.

— O que você quer dizer? — perguntou Wilfred, com o rosto branco.

— É bastante claro — respondeu Gibbs. — Somente um homem em um raio de quarenta milhas seria capaz de fazer isso com uma pancada, e ele é o homem que tinha mais motivos para isso.

— Não devemos apressar os julgamentos — disse o médico, um homem alto de barba negra, um tanto nervoso —, mas compete-me corroborar o que o Senhor Gibbs diz sobre a natureza da pancada, senhor; foi um golpe incrível. O Senhor Gibbs diz que apenas um homem neste distrito poderia desferi-lo. Eu mesmo acreditaria que não há, no mundo, alguém tão forte assim.

Um arrepio de superstição percorreu a figura esguia do cura.

— Mal consigo entender — disse ele.

— Senhor Bohun — disse o médico em voz baixa —, as metáforas

literalmente me falham. É inadequado dizer que o crânio foi despedaçado como uma casca de ovo. Fragmentos de osso foram cravados no corpo e no chão como projéteis em uma parede de barro. Foi a mão de um gigante.

Ele ficou em silêncio por um momento, olhando sombriamente através dos óculos; em seguida, acrescentou: — Há um lado positivo no modo deste crime: eliminar as suspeitas sobre a maioria das pessoas de uma só vez. Se você ou eu ou qualquer outro homem normal no país fôssemos acusados desse crime, deveríamos ser absolvidos tão facilmente como uma criança seria absolvida de roubar a Coluna de Nelson.

— É o que eu digo — repetiu o sapateiro, obstinadamente. — Há apenas um homem capaz de fazer isso, e ele é o homem que gostaria de fazer isso. Onde está Simeon Barnes, o ferreiro? — Ele está em Greenford — vacilou o cura.

— Mais provável que esteja na França — murmurou o sapateiro.

— Não; ele não está em nenhum desses lugares — disse uma voz baixa e sem cor, que veio do pequeno sacerdote romano que se juntara ao grupo. — Na verdade, ele está subindo a estrada neste momento.

O pequeno padre não era um homem interessante à vista; tinha cabelos castanhos despenteados e um rosto redondo e impassível. Mas mesmo se ele fosse tão esplêndido quanto Apolo, ninguém teria olhado para ele naquele momento. Todos se viraram e fixaram o caminho que serpenteava pela planície abaixo, ao longo do qual realmente estava andando, com seus próprios passos largos e com um martelo no ombro, Simeão, o ferreiro. Ele era um homem ossudo e gigantesco, com olhos profundos, escuros e sinistros e uma barba escura no queixo. Estava andando e conversando baixinho com dois outros homens; e embora nunca fosse especialmente alegre, parecia bastante à vontade.

— Meu Deus! — exclamou o sapateiro ateu. — E vem com o martelo com o qual matou o homem.

— Não — disse o inspetor, um homem de aparência sensata e bigode arenoso, falando pela primeira vez. — O martelo com o qual o matou está ali, perto da parede da igreja. Nós deixamos a arma e o corpo exatamente como os encontramos.

Todos olharam em volta e o pequeno padre foi até lá e olhou em silêncio para a ferramenta. Era um dos menores e mais leves dos martelos, e não chamaria a atenção no meio dos demais; mas na sua ponta de ferro havia sangue e cabelos amarelos.

Depois de um silêncio, o curto padre falou, sem levantar os olhos; e havia

uma nova nota em sua voz monótona.

— O Senhor Gibbs não estava certo — disse ele — ao dizer que não há mistério. Há pelo menos este: por que um homem tão grande daria uma pancada tão forte com um martelo tão pequeno? — Oh, não importa — exclamou Gibbs, febrilmente. — O que devemos fazer com Simeon Barnes? — Deixe-o em paz — disse o padre em voz baixa. — Ele está vindo para cá por vontade própria. Eu conheço aqueles dois homens com ele. São bons sujeitos, de Greenford, e vieram falar sobre a capela presbiteriana.

No momento em que falava, o ferreiro alto dobrou a esquina da igreja e entrou em seu próprio quintal. Então ele ficou imóvel, e o martelo caiu de sua mão. O inspetor, que preservava uma postura impenetrável, foi imediatamente até ele.

— Não vou lhe perguntar, Senhor Barnes — disse ele —, se sabe alguma coisa sobre o que aconteceu aqui. Você não é obrigado a dizer. Espero que não saiba e que seja capaz de o provar. Mas devo seguir a formalidade de prendê-lo, em nome do rei, pelo assassinato do Coronel Norman Bohun.

— Você não é obrigado a dizer nada — disse o sapateiro com entusiasmo oficioso. — Eles têm que provar tudo. Ainda não está provado que é o Coronel Bohun, com a cabeça toda destroçada daquele jeito.

— Isso não! — disse o médico à parte para o padre. — Dessa pergunta não nascerá uma história de detetive. Eu era o médico do coronel e conhecia seu corpo melhor do que ele. Ele tinha mãos saudáveis, mas bastante peculiares. O segundo e o terceiro dedos tinham o mesmo comprimento. Este é o coronel, com toda a certeza.

Enquanto ele olhava para o cadáver descabeçado no chão, os olhos de ferro do artesão seguiram os do médico e também pousaram lá.

— O Coronel Bohun está morto? — disse o ferreiro com bastante calma. — Então foi pro Inferno.

— Não diga nada! Ah, não diga nada — gritou o sapateiro ateu, dançando em êxtase de admiração pelo sistema jurídico inglês; pois nenhum homem é tão legalista quanto o bom secularista.

O ferreiro voltou-se para ele por cima do ombro, com a expressão augusta de um fanático no rosto.

— Vocês, infiéis, se esgueiram como raposas, porque a lei do mundo os favorece — disse ele. — Mas Deus guarda os seus em seu bolso, como você verá hoje.

Em seguida, apontou para o coronel e disse: — Quando foi que esse cachorro morreu, cheio de seus pecados? — Modere sua linguagem — disse o médico.

— Modere a linguagem da Bíblia e eu moderarei a minha. Quando ele morreu? — Eu o vi vivo às seis horas da manhã de hoje — gaguejou Wilfred Bohun.

— Deus é bom! — disse o ferreiro. — Senhor inspetor, não tenho a menor objeção a ser preso. É você quem deveria se opor a me prender. Não me importo de sair do tribunal sem uma mancha em meu caráter. Você se importa em sair deste quartirão com um erro grave em sua carreira? O sólido inspetor, pela primeira vez, olhou para o ferreiro com olhos vivos; como todo mundo, exceto o padre baixo e estranho, que ainda olhava para o pequeno martelo que dera a pancada terrível.

— Há dois homens do lado de fora desta loja — continuou o ferreiro, com ponderada lucidez. — Bons comerciantes em Greenford que todos vocês conhecem, que podem jurar que me viram desde antes da meia-noite até o amanhecer, e muito depois, na sala do comitê da nossa Missão de Reavivamento, que conferencia a noite toda, pois zelamos pela salvação das almas. Em Greenford, vinte pessoas poderiam jurar sobre minha posição nesse período. Se eu fosse um ímpio, senhor inspetor, deixaria o senhor caminhar para sua ruína. Mas, como um homem cristão, sinto-me obrigado a lhe dar uma chance e perguntar se você ouvirá meu álibi agora ou no tribunal.

O inspetor pareceu perturbado pela primeira vez e disse: — É claro que ficaria feliz em liberá-lo completamente agora.

O ferreiro saiu de seu quintal com o mesmo passo longo e fácil e voltou para seus dois amigos de Greenford, que eram amigos de quase todos os presentes. Cada um deles disse algumas palavras que ninguém jamais pensou em desacreditar. Quando terminaram, a inocência de Simeon parecia tão sólida quanto a grande igreja acima deles.

Caiu então sobre o grupo um daqueles silêncios mais estranhos e insuportáveis do que qualquer palavra. Alucinadamente, para iniciar uma conversa, o cura disse ao padre católico: — O senhor parece muito interessado naquele martelo, Padre Brown.

— Sim, estou — disse o Padre Brown. — Por que é um martelo tão pequeno? O médico se voltou para ele.

— Por São Jorge! É verdade! — gritou. — Quem usaria um martelinho desses, tendo dez martelos maiores na mesma bancada? Então ele baixou a voz, perto do ouvido do cura, e disse: — Só o tipo de pessoa que não consegue levantar um martelo grande. Não é uma questão de força ou coragem entre os

sexos.

É questão de capacidade de erguimento dos ombros. Uma mulher ousada pode usar um martelo leve para cometer dez assassinatos e nem ficar descabelada, permanecendo incapaz de matar um besouro com um martelo pesado.

Wilfred Bohun o fitava com uma espécie de horror hipnotizado, enquanto Padre Brown ouvia com a cabeça um pouco inclinada para o lado, realmente interessado e atento. O médico continuou com mais ênfase: — Por que esses idiotas sempre presumem que a única pessoa que odeia o amante da esposa é o marido dela? Nove em cada dez vezes, a pessoa que mais odeia o amante da esposa é a esposa. Quem sabe que insolência ou traição ele fizera a ela, olhe lá! Ele fez um gesto momentâneo para a mulher ruiva no banco. Ela finalmente ergueu a cabeça e as lágrimas secavam em seu rosto esplêndido. Mas os olhos estavam fixos no cadáver, com um magnetismo que tinha algo de idiotice.

O Reverendo Wilfred Bohun fez um gesto mole, como se procurando afastar toda curiosidade; mas o Padre Brown, espanando da manga algumas cinzas sopradas da fornalha, falou com seu jeito indiferente.

— Você é como tantos outros médicos — disse ele. — Sua ciência mental é realmente sugestiva. É a sua ciência física que é totalmente impossível. Concordo que a mulher possa desejar matar o co-réu muito mais do que o peticionário. E eu concordo que uma mulher sempre preferirá um martelo pequeno em vez de um grande. Mas a dificuldade é de impossibilidade física. Nenhuma mulher jamais nascida poderia ter esmagado o crânio de um homem assim.

Em seguida, ele acrescentou reflexivamente, após uma pausa: — Essas pessoas não compreenderam tudo isso. O homem estava realmente usando um capacete de ferro, e o golpe o quebrou como se fosse de vidro. Olhe essa mulher. Olhe os braços dela.

O silêncio os segurou de novo, e então o médico disse um tanto mal-humorado: — Bem, posso estar errado; existem objeções a tudo. Mas eu me concentro no ponto principal. Nenhum homem além de um idiota pegaria naquele pequeno martelo se pudesse usar um martelo grande.

Com isso, as mãos magras e trêmulas de Wilfred Bohun subiram à sua cabeça e pareceram prestes a agarrar seu cabelo ralo e amarelo. Depois de um instante, elas caíram e ele gritou: — Essa era a palavra que eu queria; você disse a palavra. Em seguida, continuou, controlando sua confusão: — As palavras que você disse foram: “Nenhum homem, a não ser um idiota, escolheria um pequeno martelo”.

— Sim — disse o médico. — E daí? — Bem — disse o cura —, nenhum homem, exceto um idiota.

Os demais o encararam com olhos fixos e cravados, e ele continuou em uma agitação febril e feminina.

— Eu sou um clérigo — ele exclamou vacilante — e um clérigo não deve derramar sangue. Eu... Quero dizer, ele não deve levar ninguém à força. E agradeço a Deus por ver o criminoso claramente agora; porque é um criminoso que não pode ser levado à força.

— Você não vai denunciá-lo? — perguntou o médico.

— Ele não seria enforcado se eu o denunciasse — respondeu Wilfred com um sorriso selvagem, mas curiosamente feliz. — Quando entrei na igreja esta manhã, encontrei um louco orando lá, aquele pobre Joe, que é mentalmente incapaz desde que nasceu. Deus sabe o que ele orou; mas não é incrível supor que pessoas tão estranhas façam todas as suas orações de cabeça para baixo. Muito provavelmente um lunático oraria antes de matar um homem. Quando vi o pobre Joe pela última vez, ele estava com meu irmão. Meu irmão estava zombando dele.

— Por Júpiter! — exclamou o médico. — Finalmente, palavras sensatas. Mas como você explica...

O Reverendo Wilfred estava quase tremendo de empolgação por seu próprio vislumbre da verdade.

— Você não vê; você não vê — ele gritou febrilmente. — Essa é a única teoria que cobre as duas estranhezas, que responde a ambos os enigmas. Os dois enigmas são o pequeno martelo e a forte pancada. O ferreiro poderia ter dado a forte pancada, mas não teria escolhido o pequeno martelo. Sua esposa teria escolhido o pequeno martelo, mas não poderia ter desferido a forte pancada. Mas o louco pode ter feito as duas coisas. Quanto ao pequeno martelo, ora, ele estava louco e poderia ter apanhado qualquer coisa. E quanto à forte pancada, você nunca ouviu, doutor, que um maníaco em seu paroxismo pode ter a força de dez homens? O médico respirou fundo e disse: — Meu Deus, eu acho que você acertou.

Padre Brown fixara os olhos no orador longamente e com firmeza para garantir que seus grandes olhos cinzentos de boi não eram tão insignificantes quanto o resto do rosto. Quando o silêncio caiu, ele disse com notável polidez: — Senhor Bohun, a sua teoria é a única, entre as expostas, que se sustenta em todos os sentidos; ela é essencialmente irrefutável. Eu acho, portanto, que o senhor merece ser informado, porque disso eu tenho positiva certeza, que sua teoria não é verdadeira — e com isso o velho homenzinho se afastou e olhou

novamente para o martelo.

— Aquele sujeito parece saber mais do que deveria — sussurrou o médico mal-humorado para Wilfred. — Esses padres papistas são profundamente astutos.

— Não, não — disse Bohun, com uma espécie de cansaço selvagem.

— Foi o lunático. Foi o lunático.

O grupo dos dois clérigos e o médico havia se afastado do grupo mais oficial, contendo o inspetor e o homem que ele havia prendido. Agora, porém, que seu próprio subgrupo havia se desfeito, eles ouviam as vozes dos outros. O padre ergueu os olhos em silêncio e, em seguida, baixou-os novamente ao ouvir o ferreiro dizer em voz alta: — Espero tê-lo convencido, senhor inspetor. Sou um homem forte, como diz, mas não poderia ter arremessado meu martelo de Greenford até aqui. Meu martelo não tem asas para voar meia milha sobre sebes e campos.

O inspetor riu amigavelmente e disse: — Não, acho que você pode ser considerado fora de suspeita, embora essa seja uma das coincidências mais complicadas que já vi. Só posso pedir-lhe que nos dê toda a ajuda que puder para encontrarmos um homem tão grande e forte quanto você. Por São Jorge! Você pode ser útil, nem que seja para segurá-lo! Você mesmo não suspeita de alguém? — Posso ter um palpite — disse o ferreiro pálido —, mas não é sobre um homem. — Então, vendo os olhos assustados do policial se voltando para a esposa no banco, ele colocou a enorme mão em seu ombro e disse: — Nem uma mulher também.

— O que você quer dizer? — perguntou o inspetor jocosamente.

— Você não acha que vacas dão marteladas, acha? — Acho que nada de carne seguiu aquele martelo — disse o ferreiro com a voz abafada. — Falando mortalmente a sério, acho que o homem morreu sozinho.

Wilfred fez um movimento repentino para a frente e olhou para ele com olhos ardentes.

— Você quer dizer, Barnes — veio a voz aguda do sapateiro —, que o martelo voou sozinho e destruiu o homem? — Oh, vocês, cavalheiros, podem rir! — exclamou Simeon. — Vocês, clérigos, que nos contam no domingo como o Senhor feriu Senaqueribe facilmente. Eu acredito que Aquele que anda invisível em cada casa defendeu a honra da minha, e fez o profanador morrer diante de sua porta. Eu acredito que a força naquele golpe foi apenas a força que existe nos terremotos, e nenhuma outra menor.

Wilfred disse, com uma voz totalmente indescritível: — Eu mesmo disse a Norman para tomar cuidado com o raio.

— Esse suspeito está fora da minha jurisdição — disse o inspetor com um leve sorriso.

— Você não está fora da dele — respondeu o ferreiro. — Cuide-se nesse aspecto.

E, virando as costas largas, entrou na casa.

O abalado Wilfred foi levado para longe pelo Padre Brown, que usava modos tranquilos e amigáveis com ele.

— Vamos sair deste lugar horrível, Senhor Bohun — disse ele. — Posso ver sua igreja por dentro? Ouvi dizer que é uma das mais antigas da Inglaterra. Nós temos um interesse, você sabe — acrescentou ele com uma careta cômica —, pelas antigas igrejas inglesas.

Wilfred Bohun não sorriu, pois o humor nunca foi seu ponto forte. Mas ele concordou um tanto ansiosamente, estando sempre pronto a explicar os esplendores góticos para alguém mais propenso a apreciá-los do que o ferreiro presbiteriano ou o sapateiro ateu.

— Certamente — ele disse. — Vamos entrar por este lado — e ele abriu o caminho para a entrada lateral alta, no alto de um lance de escadas. Padre Brown estava subindo o primeiro degrau para segui-lo quando sentiu uma mão em seu ombro e se virou para ver a figura escura e magra do médico, seu rosto ainda mais escuro, mas com suspeita.

— Senhor — disse o médico severamente —, você parece saber alguns segredos neste negócio tétrico. Posso perguntar se vai mantê-los para você? — Ora, doutor — respondeu o padre, sorrindo agradavelmente —, há uma boa razão para um homem da minha profissão guardar as coisas para si quando não tem certeza delas; e é que, frequentemente, ele é obrigado a guardá-las para si quando tem certeza. Mas se o senhor acha que fui indelicadamente reticente com você ou com qualquer pessoa, irei ao limite extremo de meu costume. Darei duas pistas importantes.

— Bem, senhor? — disse o médico melancolicamente.

— Em primeiro lugar — disse o Padre Brown em voz baixa —, a coisa está em sua própria profissão. É uma questão de ciência física. O ferreiro se engana, talvez não em dizer que o golpe foi divino, mas certamente em dizer que foi milagroso. Não foi um milagre, doutor, exceto na medida em que o próprio homem é um milagre, com seu coração estranho e perverso, mas meio

heroico. A força que quebrou aquele crânio era uma força bem conhecida pelos cientistas, uma das mais frequentemente debatidas das leis da natureza.

O médico, que o olhava com a testa franzida, apenas disse: — E a outra dica? — A outra dica é esta — disse o padre. — Você se lembra que o ferreiro, embora acredite em milagres, falou com desdém da impossibilidade fantasiosa de que seu martelo tivesse asas e voasse por milhas através dos campos? — Sim, lembro-me disso.

— Bem — acrescentou o Padre Brown, com um largo sorriso —, essa impossibilidade fantasiosa é a coisa mais próxima da verdade real que foi dita hoje — e com isso ele deu as costas e subiu os degraus atrás do cura.

O Reverendo Wilfred, que o esperava, pálido e impaciente, como se aquele pequeno atraso fosse a gota d'água para seus nervos, conduziu-o imediatamente ao seu canto favorito da igreja, a parte da galeria mais próxima ao telhado esculpido e iluminada pela janela maravilhosa com o anjo. O pequeno padre latino observou e admirou tudo exaustivamente, falando com alegria, mas em voz baixa o tempo todo. E quando, no decorrer de sua exploração, encontrou a saída lateral e a escada sinuosa pela qual Wilfred correu para encontrar seu irmão morto, Padre Brown tomou a escada, não para descer, mas para subir, com a agilidade de um macaco; e a sua voz clara veio de uma plataforma exterior e acima.

— Venha aqui, Senhor Bohun — ele chamou — o ar vai lhe fazer bem.

Bohun o seguiu e saiu em uma espécie de galeria ou sacada de pedra do lado de fora do prédio, de onde se podia ver a planície ilimitada em que ficava sua pequena colina, arborizada até o horizonte púrpura e pontilhada de aldeias e fazendas. Claro e quadrado, mas bem pequeno abaixo deles, ficava o pátio do ferreiro, onde o inspetor ainda estava fazendo anotações e o cadáver ainda jazia como uma mosca despedaçada.

— Poderia ser o mapa do mundo, não é? — disse o Padre Brown.

— Sim — assentiu Bohun, muito gravemente.

Imediatamente abaixo e ao redor deles, as linhas do edifício gótico mergulhavam no vazio com uma rapidez nauseante semelhante ao suicídio. Há aquele elemento de energia titânica na arquitetura medieval que, sob qualquer aspecto que se veja, sempre parece estar fugindo, como o dorso forte de um cavalo enlouquecido. A igreja era esculpida em pedra antiga, coberta de fungos e manchada de ninhos de aves. E ainda assim, quando eles a viam do chão, ela se erguia como uma fonte em meio às estrelas; e quando eles a viam, como agora, desde as alturas, ela se derramava como uma catarata em um fosso sem voz. Pois esses dois homens na torre estavam sozinhos junto do aspecto mais

terrível do gótico; o monstruoso encurtamento e desproporção, as perspectivas vertiginosas, os vislumbres de coisas grandes diminuídas e coisas pequenas aumentadas; um delírio de pedra invadindo o céu. Cortes de pedra, enormes na proximidade, eram vistos contra um padrão de campos e fazendas, minúsculos à distância. Um pássaro ou fera esculpido em um canto parecia um vasto dragão pedestre ou voador, destruindo as pastagens e aldeias abaixo. Toda a atmosfera era tonta e perigosa, como se os homens fossem sustentados no ar entre as asas giratórias de gênios colossais; e toda aquela velha igreja, alta e rica como uma catedral, parecia vagar sobre a região ensolarada como uma tromba d'água.

— Acho que há algo bastante perigoso em subir nesses lugares altos, mesmo que para orar — disse o Padre Brown. — As alturas são feitas para serem observadas, não para serem pontos de observação.

— Você quer dizer que alguém pode cair? — perguntou Wilfred.

— Quero dizer que a alma pode cair se o corpo não cair — disse o outro padre.

— Eu não entendo — comentou Bohun, indistintamente.

— Veja o ferreiro, por exemplo — prosseguiu o Padre Brown calmamente. — Um bom homem, mas não um cristão. Duro, imperioso, implacável. Bem, sua religião escocesa foi formada por homens que oravam em colinas e penhascos elevados, e aprenderam a olhar mais para o mundo abaixo do que a olhar para o Céu. A humildade é a mãe dos gigantes. De um vale, é possível ver grandes coisas; do cume, só se vê coisas pequenas.

— Mas ele... ele não fez isso — disse Bohun, trêmulo.

— Não — disse o outro com uma voz estranha. — Sabemos que não foi ele.

Depois de um momento, ele retomou, olhando tranquilamente para a planície com seus olhos cinza-claros.

— Conheci um homem — disse ele — que começou adorando com os outros, diante do altar, mas que gostava também de ir orar em lugares altos e solitários, cantos ou nichos do campanário ou da torre. E certa vez, em um daqueles lugares vertiginosos onde o mundo inteiro parecia girar sob ele como uma roda, seu cérebro girou também, e ele imaginou que era Deus. De modo que, embora fosse um bom homem, cometeu um grande crime.

O rosto de Wilfred estava voltado para o lado, mas suas mãos ossudas ficaram azuis e brancas ao se apertarem no parapeito de pedra.

— Ele pensou que lhe cabia julgar o mundo e matar o pecador. Ele nunca teria pensado assim se estivesse com os outros homens, ajoelhado no chão. Mas ele viu todos os homens andando como insetos. Viu um em especial, pavoneando-se logo abaixo dele, insolente e evidente por um chapéu verde brilhante: um inseto venenoso.

Gralhas piaram nos cantos do campanário; mas não houve nenhum outro som até que o Padre Brown continuou.

— Também foi tentado pelo fato de ter em suas mãos um dos mais terríveis motores da natureza; isto é, a gravidade, essa corrida louca e acelerada pela qual todas as criaturas terrestres querem voar de volta para seu coração quando são libertadas. Veja, o inspetor está se pavoneando logo abaixo de nós na ferraria. Se eu jogasse uma pedra sobre esse parapeito, ela o atingiria como uma bala de revólver. Se eu deixasse cair um martelo, mesmo um pequeno martelo...

Wilfred Bohun passou uma perna por cima do parapeito, e Padre Brown o segurou pelo colarinho, rapidamente.

— Por essa porta, não — ele disse suavemente. — Essa porta dá no Inferno.

Bohun cambaleou para trás, na direção da parede, e olhou para ele com olhos assustados.

— Como você sabe tudo isso? — ele exclamou. — Você é um demônio? — Eu sou um homem — respondeu o Padre Brown gravemente.

— E, portanto, tenho todos os demônios dentro do meu coração. Ouça-me — disse ele após uma breve pausa. — Eu sei o que você fez; ao menos, eu posso adivinhar a maior parte. Depois de encontrar o seu irmão, você estava atormentado por uma raiva nada injusta, a ponto de até mesmo agarrar um pequeno martelo, um tanto inclinado a matá-lo junto com a maldade que escorria de sua boca. Recuando, você o enfiou sob o casaco abotoado e correu para a igreja. Você ora loucamente em muitos lugares, sob a janela do anjo, na plataforma acima, e em uma plataforma mais alta ainda, de onde você pode ver o chapéu oriental do coronel como a carapaça de um besouro verde rastejando. Então algo estala em sua alma, e você deixa cair o raio de Deus.

Wilfred colocou a mão fraca na cabeça e perguntou em voz baixa: — Como você sabia que o chapéu dele parecia um besouro verde? — Oh, isso — disse o outro com a sombra de um sorriso —, isso é só bom senso. Mas me ouça mais. Eu digo que sei tudo isso; mas ninguém mais saberá. A próxima etapa é com você. Eu não darei mais passos; vou pôr sobre o segredo o selo da confissão. Se você me perguntar por quê, há muitos motivos; e apenas um que lhe diz respeito. É porque você ainda não foi tão longe no mal como os assassinos.

Você não ajudou a incriminar o ferreiro quando era fácil; não acusou a esposa, quando isso era possível. Você tentou acusar o retardado, porque sabia que ele não poderia ser punido. Esse é um dos brilhos de decência que eu me esforço por encontrar em assassinos. E agora desça para a aldeia e siga seu próprio caminho, tão livre quanto o vento; pois eu disse minha última palavra.

Eles desceram as escadas sinuosas em silêncio absoluto e saíram para a luz do sol perto da ferraria. Wilfred Bohun destrancou cuidadosamente o portão de madeira do pátio e, indo até o inspetor, disse: — Eu quero me entregar; fui eu que matei o meu irmão.

O OLHO DE APOLO

Aquele singular brilho esfumado, a um só tempo confusão e transparência, que é o estranho segredo do Tâmbisa, estava a alterar-se mais e mais do seu cinza a um matiz de extremo brilho, enquanto o sol sobre Westminster subia ao zênite e dois homens cruzavam a Ponte de Westminster. Um homem era muito alto e o outro, muito baixo; eles poderiam até ser fantasticamente comparados à arrogante torre do relógio do Parlamento e aos humildes ombros curvados da Abadia, pois o homem baixo usava trajes clericais. A descrição oficial do homem alto era M. Hercule Flambeau, detetive particular, e ele seguia para seu novo escritório, em uma nova torre de apartamentos, de frente para a entrada do templo. A descrição oficial do homem baixo era o Reverendo J. Brown, vinculado à Igreja de São Francisco Xavier, em Camberwell, e ele vinha de um leito de morte em Camberwell para ver os novos escritórios de seu amigo.

O prédio era americanesco em sua altitude arrebatadora, e americanoide também na elaboração azeitada de seu maquinário de telefones e elevadores. Mas a conclusão estava incompleta, e a equipe, mal composta; apenas três inquilinos haviam se mudado. O escritório logo acima de Flambeau estava ocupado, assim como o escritório logo abaixo do dele; os dois andares acima e os três abaixo estavam inteiramente vazios. Mas a primeira visão da nova torre de apartamentos continha algo muito mais impressionante. Exceto por algumas relíquias de andaimes, aquele objeto único e brilhante estava erguido fora do escritório logo acima do de Flambeau. Era uma enorme efígie dourada do olho humano, cercada por raios de ouro e do tamanho de duas ou três janelas do escritório.

— Que raios é aquilo? — perguntou Padre Brown, e ficou imóvel.

— Oh, uma nova religião — disse Flambeau, rindo. — Uma dessas novas religiões que perdoam seus pecados dizendo que você nunca cometeu nenhum. Bem parecida com a Ciência Cristã, eu acho. O fato é que um sujeito que se chama Kalon (não sei qual é o nome dele, só sei que esse não é o nome real) ocupou o apartamento logo acima de mim. São duas máquinas de escrever embaixo e essa farsa entusiasmada em cima. Ele se autodenomina o “Novo Sacerdote de Apolo”, e ele adora o sol.

— Ele que se cuide — disse Padre Brown. — O sol era o mais cruel de todos os deuses. Mas o que esse olho monstruoso significa? — Pelo que entendi, é

uma teoria deles — respondeu Flambeau — de que um homem pode suportar qualquer coisa se sua mente estiver bem firme. Seus dois grandes símbolos são o sol e os olhos abertos; pois dizem que um homem que seja perfeitamente são será capaz de olhar para o sol.

— Um homem que seja perfeitamente são — disse o Padre Brown — não desejaria olhar para o sol.

— Bem, isso é tudo que posso dizer sobre a nova religião — continuou Flambeau, descuidado. — Ele afirma, é claro, que pode curar todas as doenças físicas.

— E pode curar a única doença espiritual? — perguntou Padre Brown, com uma curiosidade séria.

— E qual é a única doença espiritual? — perguntou Flambeau, sorrindo.

— É a gente pensar que está muito bem — disse seu amigo.

Flambeau estava mais interessado no pequeno escritório silencioso abaixo dele do que no templo extravagante acima. Ele era um lúcido homem do sul, incapaz de se conceber senão católico ou ateu; novas religiões não o interessavam. Mas a humanidade sempre o interessou, especialmente quando era bonita; além disso, as senhoritas lá embaixo eram figuras interessantes, a seu modo. O escritório era mantido por duas irmãs, ambas magras e morenas, uma delas alta e imponente. Ela tinha um perfil marcante, ávido e aquilino, e era uma daquelas mulheres sobre quem sempre se pensa de perfil, como sobre o gume preciso de alguma arma. Ela parecia rasgar seu caminho pela vida. Tinha olhos de um brilho surpreendente, mas era brilho de aço e não de diamantes; e sua figura esguia e reta era um pouco rígida demais para sua graça. Sua irmã mais nova era como sua sombra encurtada, um pouco mais cinza, mais pálida e mais insignificante. As duas usavam roupas profissionais e pretas, com punhos e colarinhos masculinos. Há milhares dessas senhoras rudes e extenuantes nos escritórios de Londres, mas o charme delas está mais em sua posição real do que na aparente.

Pois Pauline Stacey, a mais velha, era na verdade a herdeira de um brasão e meio condado, bem como de uma grande riqueza; ela fora criada em castelos e jardins, antes que uma ferocidade gélida (peculiar à mulher moderna) a conduzisse ao que considerava uma existência mais dura e superior. Ela não havia, de fato, renunciado ao seu dinheiro; nisso teria havido um abandono romântico ou monástico bastante estranho ao seu utilitarismo magistral. Mantinha sua riqueza, ela diria, para uso em objetivos sociais práticos. Uma parte ela havia investido em seu negócio, o núcleo de um empório modelo de datilografia; parte fora distribuída em várias ligas e causas para a promoção

desse ofício entre as mulheres. Até onde Joan, sua irmã e parceira, compartilhava desse idealismo ligeiramente prosaico, ninguém podia ter certeza. Mas ela seguia sua líder com uma afeição canina que era de alguma forma mais atraente, com seu toque trágico, que o espírito duro e animado da mais velha. Pois Pauline Stacey não tinha nada a ver com a tragédia; ela negava a existência de tal coisa.

Sua rígida rapidez e fria impaciência divertiram muito Flambeau, na primeira vez em que ele entrou no apartamento. Ele havia ficado do lado de fora do elevador, no saguão de entrada, esperando pelo ascensorista, que geralmente conduz os visitantes aos vários andares. Mas essa jovem ousada, de olhos brilhantes, se recusou abertamente a suportar tal demora oficial. Ela disse rispidamente que sabia tudo sobre o elevador e não dependia de rapazes nem de homens. Embora seu apartamento ficasse apenas três andares acima, ela conseguiu, nos poucos segundos de subida, explicar a Flambeau muitas de suas visões fundamentais, improvisadamente; em resumo, ela era uma mulher trabalhadora moderna e amava as máquinas modernas de trabalho. Seus olhos negros brilhantes brilharam com raiva abstrata contra aqueles que repreendem a ciência mecânica e pedem o retorno do romance. Todos, disse ela, deveriam ser capazes de controlar as máquinas, assim como ela poderia controlar o elevador. Pareceu quase ressentir-se por Flambeau lhe abrir a porta do elevador; e aquele cavalheiro subiu para seus próprios aposentos sorrindo, com sentimentos um tanto confusos, lembrando de tão ferina autodependência.

Ela certamente tinha um temperamento de um tipo prático e astuto; os gestos de suas mãos finas e elegantes eram abruptos ou mesmo destrutivos.

Certa vez, Flambeau entrou em seu escritório para tratar de algum negócio de datilografia e descobriu que ela acabara de atirar ao chão um par de óculos pertencentes à irmã e pisar neles. Ela já estava derramando um discurso ético sobre as “noções médicas doentias” e a mórbida admissão de fraqueza implícita em tal aparelho. Ela desafiou a irmã a trazer aquele lixo artificial e insalubre para o local novamente. Ela perguntou se deveria usar pernas de madeira, cabelo falso ou olhos de vidro; e enquanto ela falava, seus olhos brilhavam como o terrível cristal.

Flambeau, bastante perplexo com esse fanatismo, não pôde deixar de perguntar à Senhorita Pauline (com reta lógica francesa) por que um par de óculos era um sinal de fraqueza pior que um elevador, e por que, se a ciência poderia nos ajudar em um único esforço, não poderia nos ajudar no outro.

— Isso é tão diferente — disse Pauline Stacey, altiva. — Baterias e motores e todas essas coisas são marcas da força do homem, sim, Senhor Flambeau, e da força da mulher também! Abriremos nosso caminho com essas grandes máquinas que devoram distâncias e desafiam o tempo. Isso é excelso e

esplêndido, isso é ciência real. Mas esses adereços e emplastos nojentos que os médicos vendem são apenas emblemas de tolice. Os médicos examinam pernas e braços como se tivéssemos nascido aleijados, escravos e doentes. Mas eu nasci livre, Senhor Flambeau! As pessoas só pensam que precisam dessas coisas porque foram treinadas para o medo em vez de serem treinadas para o poder e a coragem, assim como as enfermeiras idiotas dizem às crianças para não olharem para o sol, e por isso elas não podem fazer isso sem piscar. Mas por que haveria entre as estrelas uma estrela que eu não possa ver? O sol não é meu mestre, e vou abrir meus olhos e olhar para ele sempre que eu quiser.

— Seus olhos — disse Flambeau, com uma estranha mesura — deslumbrarão o sol.

Ele tinha prazer em elogiar essa estranha beldade rígida, em parte porque isso a tirava um pouco do equilíbrio.

Mas ao subir as escadas para seu andar, ele respirou fundo e assobiou, dizendo a si mesmo: “Então ela caiu nas mãos daquele mágico lá em cima, com seu olho dourado”. Pois, por pouco que soubesse ou se importasse com a nova religião de Kalon, ele tinha ouvido falar de sua especial ideia referente à observação do sol.

Ele logo descobriu que o vínculo espiritual entre os andares acima e abaixo dele era próximo e crescente. O homem que se autodenominava Kalon era uma criatura magnífica, digna, no sentido físico, de ser o pontífice de Apolo. Era quase tão alto quanto Flambeau, e muito mais bonito, com uma barba dourada, olhos fortemente azuis e uma crina jogada para trás como a de um leão. Em estrutura, ele era a fera loira de Nietzsche, mas toda essa beleza animal era intensificada, iluminada e suavizada pelo genuíno intelecto e espiritualidade. Se ele parecia um dos grandes reis saxões, parecia um dos reis que também eram santos. E isso apesar da incongruência do ambiente cockney;¹¹ de ele ter um escritório no meio de um prédio na Victoria Street; de o escriturário (um jovem comum de punhos e colarinhos engomados) se sentar na sala externa, entre ele e o corredor; de seu nome estar em uma placa de latão e o emblema dourado de seu credo pendurado acima da calçada, como o anúncio de um oculista. Toda essa vulgaridade não poderia tirar do homem chamado Kalon o domínio e a inspiração que vinham de sua alma e corpo. No final das contas, qualquer um, na presença desse charlatão, sentia-se diante de um grande homem. Mesmo com o paletó folgado de linho que usava como roupa de trabalho em seu escritório, ele era uma figura fascinante e formidável; e quando vestido com vestes brancas e coroado com o diadema de ouro, como ele saudava diariamente o sol, realmente parecia tão esplêndido que as risadas dos moradores de rua às vezes morriam de repente em seus lábios. Por três vezes durante o dia, o novo adorador do sol saía em sua pequena varanda, em face de todo Westminster, para dizer alguma ladainha ao

seu senhor resplandecente: uma ao raiar do dia, uma ao pôr do sol e uma vez ao brilho do meio-dia. E foi enquanto o brilho do meio-dia ainda banhava as torres do Parlamento e da igreja que o Padre Brown, o amigo de Flambeau, ergueu os olhos pela primeira vez e viu o branco sacerdote de Apolo.

Flambeau já vira o suficiente dessas saudações diárias a Febo e mergulhou na varanda do prédio alto sem nem mesmo se importar se seu amigo clerical o seguia. Mas Padre Brown, fosse por um interesse profissional em rituais ou um forte interesse individual por tolices, parou e olhou para a varanda do adorador do sol, da mesma forma que olharia um teatro de fantoches. Kalon, o profeta, já estava ereto, com vestes argênteas e mãos erguidas, e o som de sua voz estranhamente penetrante, proferindo sua ladainha solar, podia ser ouvido por toda a rua movimentada. Ele já estava no meio dela; seus olhos estavam fixos no disco em chamas. É duvidoso se ele via alguma coisa ou alguém nesta Terra; é praticamente certo que ele não viu um padre nanico e de rosto redondo que, na multidão abaixo, olhava-o com os olhos piscando. Essa era talvez a diferença mais surpreendente entre esses dois homens tão distantes. Padre Brown não conseguia olhar para nada sem piscar; mas o sacerdote de Apolo podia olhar para o sol ao meio-dia sem um estremecimento das pálpebras.

— Ó sol — exclamou o profeta —, ó estrela, que és grande demais para ser aceita entre as estrelas! Ó fonte que flui silenciosamente naquele local secreto que é chamado espaço. Pai branco de todas as coisas brancas imaculadas, das chamas brancas, das flores brancas e dos picos brancos. Pai, que és mais inocente do que todos os teus filhos mais inocentes e quietos; pureza primordial, em cuja paz...

Um chiado e um estrondo, como o som invertido de um foguete, vieram pouco antes de uma gritaria estridente e incessante. Cinco pessoas correram para o portão da torre enquanto três pessoas corriam para fora e, por um instante, todas ensurdeceram umas às outras. A sensação de um horror totalmente abrupto pareceu por um momento encher metade da rua com más notícias — más notícias que eram ainda piores porque ninguém sabia do que se tratava. Duas figuras permaneciam imóveis após o estrondo da comoção: o belo sacerdote de Apolo na sacada acima, e o feio sacerdote de Cristo na calçada abaixo.

Por fim, a figura alta e a energia titânica de Flambeau apareceu na porta da torre e dominou a pequena multidão. Falando com toda a força de sua voz, como uma buzina de navio, ele disse a alguém ou a qualquer pessoa que procurasse um cirurgião; e quando voltou para a entrada escura e lotada, seu amigo Padre Brown mergulhou insignificamente atrás dele. Mesmo enquanto ele se agachava e avançava no meio da multidão, ainda podia ouvir a magnífica melodia e monotonia do sacerdote solar invocando ainda o deus

feliz que é amigo das fontes e das flores.

Padre Brown encontrou Flambeau e cerca de seis outras pessoas em volta do espaço fechado para o qual normalmente descia o elevador.

Mas o elevador não havia descido. Outra coisa havia descido; algo que deveria ter vindo de elevador.

Nos últimos quatro minutos, Flambeau olhara para este algo; tinha visto a figura ferida e sangrando daquela bela mulher que negara a existência da tragédia. Ele nunca teve a menor dúvida de que era Pauline Stacey; e, embora tivesse mandado chamar um médico, não tinha a menor dúvida de que ela estava morta.

Ele não conseguia se lembrar com certeza se gostava ou não dela; havia tanto para gostar quanto para não gostar. Mas ela tinha sido uma pessoa para ele, e o pathos insuportável dos detalhes e do hábito o apunhalou com todas as pequenas adagas da perda. Lembrou-se de seu rosto bonito e de seus discursos pedantes com uma repentina nitidez secreta que é toda a amargura da morte. Em um instante, como um raio no céu azul, como um relâmpago vindo do nada, aquele corpo belo e desafiador foi atirado para a morte no fundo do poço aberto do elevador. Foi suicídio? Com um otimista tão insolente, parecia impossível. Foi assassinato? Mas quem estava naqueles apartamentos desertos para matar alguém? Em uma disparada de palavras roucas, que ele pretendeu fortes e subitamente achou fracas, perguntou onde estava aquele tal Kalon. Uma voz, habitualmente pesada, baixa e cheia, assegurou-lhe que Kalon nos últimos quinze minutos estivera em sua varanda adorando seu deus. Quando Flambeau ouviu a voz e sentiu a mão do Padre Brown, ele virou o rosto moreno e disse abruptamente: — Então, se ele esteve lá o tempo todo, quem pode ter feito isso? — Talvez — disse o outro — possamos subir e descobrir. Temos meia hora antes que a polícia apareça.

Deixando o corpo da herdeira morta por conta do serviço médico, Flambeau subiu correndo as escadas para o escritório de datilografia, encontrou-o totalmente vazio e então correu para o seu. Tendo entrado, ele se voltou abruptamente, com uma cara nova e pálida, para o amigo.

— A irmã dela — disse ele, com uma seriedade desagradável — parece ter saído para dar um passeio.

Padre Brown acenou com a cabeça.

— Ou ela pode ter subido ao escritório daquele homem do sol — disse ele. — Se eu fosse você, iria apenas verificar isso, e então todos nós podemos conversar sobre isso em seu escritório. Não — ele acrescentou de repente, como se se lembrasse de algo —, será que um dia eu vou deixar de ser burro?

Claro, no escritório delas, lá embaixo.

Flambeau ficou olhando; mas ele seguiu o pequeno padre escada abaixo, até o apartamento vazio das Staceys, onde o impenetrável clérigo ocupou uma grande cadeira de couro vermelho na entrada, de onde podia ver as escadas e patamares, e esperou. Ele não esperou muito. Em cerca de quatro minutos, três figuras desceram as escadas, parecidas apenas em sua solenidade. A primeira era Joan Stacey, a irmã da mulher morta — evidentemente ela estava lá em cima no templo temporário de Apolo; o segundo era o próprio sacerdote de Apolo, cuja ladainha terminara, descendo as escadas vazias em total magnificência — algo em suas vestes brancas, barba e cabelos repartidos tinha a aparência do Cristo saindo do Pretório de Doré; o terceiro era Flambeau, de sobranceiras pretas e um tanto perplexo.

A Senhorita Joan Stacey, morena, com rosto contraído e cabelos prematuramente começando a ficar grisalhos, foi direto para sua própria mesa e arrumou seus papéis com um ar prático. A mera ação trouxe todos os outros à sanidade. Se a Senhorita Joan Stacey fosse uma criminosa, era das frias. Padre Brown olhou para ela por algum tempo com um sorrisinho estranho e então, sem tirar os olhos dela, dirigiu-se a outra pessoa.

— Profeta — disse ele, provavelmente dirigindo-se a Kalon —, gostaria que você me contasse muito sobre sua religião.

— Terei orgulho em fazer isso — disse Kalon, inclinando a cabeça ainda coroada —, mas não tenho certeza se entendi.

— Ora, é assim — disse o Padre Brown, em seu modo francamente duvidoso. — Somos ensinados que, se um homem tem princípios básicos realmente ruins, isso deve ser em parte sua culpa. Mas, com tudo isso, podemos perceber a diferença entre um homem que insulta sua consciência limpa e um homem com uma consciência mais ou menos nublada por sofismas. Agora, você realmente acha que o assassinato é errado, afinal? — Isso é uma acusação? — Kalon perguntou muito baixinho.

— Não — respondeu Brown, igualmente de modo gentil —, é o discurso da defesa.

Na longa e assustada quietude da sala, o profeta de Apolo levantou-se lentamente; realmente foi como o nascer do sol. Ele encheu aquela sala com sua luz e vida de tal maneira que se diria capaz de encher a planície de Salisbury facilmente. Sua forma vestida de robe parecia pendurar cortinas clássicas em toda a sala; seu gesto épico parecia estendê-la para perspectivas mais grandiosas, fazendo a pequena figura negra do clérigo moderno parecer uma falha e uma intrusão, uma mancha negra redonda sobre algum esplendor

— Finalmente nos encontramos, Caifás — disse o profeta. — Sua Igreja e a minha são as únicas realidades nesta Terra. Eu adoro o sol, e você, o escurecimento do sol; você é o sacerdote do Deus moribundo, e eu, do Deus vivo. Sua obra presente, de suspeita e calúnia, é digna de sua batina e credo. Toda a sua Igreja é apenas uma polícia negra; vocês são apenas espiões e detetives que procuram arrancar dos homens as confissões de culpa, seja por traição ou tortura. Você condena os homens aos seus crimes, eu os condeno à inocência. Você os convence do pecado, eu os convenço da virtude. Leitor dos livros do mal, mais uma palavra antes que eu acabe com seus pesadelos infundados para sempre. Nem mesmo vagamente você pode entender o quanto pouco me importo se você pode me condenar ou não. As coisas que você chama de “desgraça” e “condenação” não são para mim mais do que é, para um adulto, um ogro em um livro infantil. Você disse que estava oferecendo o discurso de defesa. Eu me importo tão pouco com as nuvens desta vida que vou oferecer-lhe o discurso da acusação. Só há uma coisa que pode ser dita contra mim neste assunto, e eu mesmo direi. A mulher que morreu era meu amor e minha noiva; não da maneira que suas capelas de lata chamam de “legal”, mas por uma lei mais pura e severa, que você jamais entenderá. Ela e eu percorremos um outro mundo diferente do seu e atravessamos palácios de cristal enquanto você se arrastava por túneis e corredores de pedra. Bem, eu sei que os policiais, os teólogos e os outros, sempre imaginam que onde há amor, logo deve haver ódio; então aí está o primeiro ponto feito para a acusação. Mas o segundo ponto é mais forte; eu não tenho rancor de você. Não só é verdade que Pauline me amava, mas também é verdade que esta mesma manhã, antes de morrer, ela escreveu naquela mesa um testamento deixando a mim e à minha nova Igreja meio milhão. Venha, onde estão as algemas? Você acha que eu me importo com as coisas tolas que você fará comigo? A servidão penal será como esperar por ela em uma estação à beira da estrada. A força só vai me mandar para ela num carro impetuoso.

Ele falava com a autoridade de um orador de abalar o cérebro, e Flambeau e Joan Stacey olhavam para ele com admiração e surpresa. O rosto do Padre Brown parecia expressar nada além de extrema angústia; ele olhava para o chão com uma ruga de dor na testa. O profeta do sol encostou-se facilmente à lareira e retomou: — Em poucas palavras eu apresentei a você toda a acusação contra mim, a única acusação possível contra mim. Em menos palavras ainda vou explodi-lo em pedaços, de modo que nem um traço dele permanecerá. Quanto a se eu cometi esse crime, a verdade está em uma frase: eu não poderia ter cometido esse crime. Pauline Stacey caiu deste andar ao térreo cinco minutos depois das 12h. Cem pessoas subirão ao banco das testemunhas e dirão que eu estava de pé na sacada de meus próprios aposentos logo antes da badalada do meio-dia até meio-dia e quinze, o período usual de minhas orações públicas. Meu escrivão (um jovem respeitável de Clapham, sem

nenhum tipo de conexão comigo) vai jurar que ficou sentado na minha sala a manhã toda e que não houve comunicação. Ele vai jurar que cheguei dez minutos antes da hora, quinze minutos antes de qualquer sussurro do acidente, e que não saí do escritório ou da varanda todo esse tempo. Ninguém jamais teve um álibi tão completo; eu poderia intimar metade de Westminster. Acho melhor guardar as algemas novamente. O caso está encerrado. Mas, por último, para que nenhum sopro dessa suspeita idiota permaneça no ar, direi tudo o que você quiser saber. Eu acredito que sei como minha amiga infeliz veio a morrer. Você pode, se quiser, culpar-me por isso, ou pelo menos culpar minha fé e filosofia; mas você certamente não pode me prender. É bem conhecido de todos os estudantes das verdades superiores que certos iniciados e iluminados alcançaram o poder de levitação, isto é, de serem autossustentados no ar vazio. É apenas uma parte dessa conquista geral da matéria, que é o elemento principal de nossa sabedoria oculta. A pobre Pauline era de temperamento impulsivo e ambicioso. Acho que, para falar a verdade, ela se achava um pouco mais profunda nos mistérios do que era; e ela sempre me disse, enquanto descíamos juntos no elevador, que se a vontade de alguém fosse forte o suficiente, poderia flutuar tão inofensivamente quanto uma pena. Acredito solenemente que em algum êxtase de pensamentos nobres ela tentou o milagre. Sua vontade, ou fé, deve ter falhado com ela no momento crucial, e a lei inferior da matéria teve sua horrível vingança. Esta é toda a história, senhores, muito triste e, como vocês pensam, muito presunçosa e perversa, mas certamente não é criminosa ou de alguma forma relacionada a mim. Na abreviatura dos tribunais de polícia, é melhor chamar o ocorrido de “suicídio”. Sempre o chamarei de “catástrofe heroica para o avanço da ciência e da lenta escalada até o Céu”.

Foi a primeira vez que Flambeau viu Padre Brown ser derrotado. Ele ainda estava sentado olhando para o chão, com a testa dolorida e enrugada, como se estivesse com vergonha. Era impossível evitar a sensação que as palavras aladas do profeta haviam espalhado, de que ali estava um carrancudo e profissional acusador dos homens dominado por um espírito mais orgulhoso e puro, cheio de liberdade e saúde naturais. Por fim, ele disse, piscando como se estivesse sofrendo de algum sofrimento físico: — Bem, se é assim, senhor, você não precisa fazer mais do que pegar o papel testamentário de que falou e ir embora. Onde será que a pobre senhorita o deixou? — Vai estar lá na mesa dela perto da porta, eu acho — disse Kalon, com aquela absoluta inocência de maneiras que parecia absolvê-lo totalmente. — Ela me disse especialmente que escreveria esta manhã, e eu realmente a vi escrevendo enquanto subia no elevador para meu próprio apartamento.

— A porta dela estava aberta então? — perguntou o padre, com o olho na ponta do tapete.

— Sim — disse Kalon calmamente.

— Ah! Aberta desde então — disse o outro, e retomou seu estudo silencioso do tapete.

— Há um papel aqui — disse a severa Senhorita Joan, com uma voz um tanto singular.

Ela havia passado para a mesa de sua irmã perto da porta e estava segurando uma folha de papel almaço azul na mão. Havia um sorriso amargo em seu rosto que parecia impróprio para tal cena ou ocasião, e Flambeau olhou-a com uma sobranceira escurecida.

Kalon, o profeta, afastou-se do papel com aquela leal inconsciência que o havia sustentado até ali. Mas Flambeau o tirou das mãos da senhora e leu com grande espanto. Na verdade, começava no modo formal de um testamento, mas depois das palavras: “Eu dou e lego tudo o que eu possuir ao morrer”, a escrita parava abruptamente com um conjunto de arranhões, e não havia nenhum vestígio do nome de qualquer herdeiro. Flambeau, maravilhado, entregou este testamento truncado a seu amigo clerical, que o olhou e silenciosamente o deu ao sacerdote do sol.

Um instante depois, aquele pontífice, em suas esplêndidas cortinas amplas, atravessou a sala em dois passos largos e estava se elevando sobre Joan Stacey, com os olhos azuis erguidos.

— Que pilantragem você fez aqui? — ele exclamou. — Não foi só isso que Pauline escreveu.

Eles ficaram surpresos ao ouvi-lo falar em uma voz totalmente nova, com um tom agudo ianque; toda a sua grandeza e bom inglês haviam caído dele como um manto.

— Essa é a única coisa em sua mesa — disse Joan, e confrontou-o firmemente com o mesmo sorriso maligno.

De repente, o homem explodiu em blasfêmias e cataratas de palavras ateias. Havia algo de chocante na queda de sua máscara; era como se o rosto verdadeiro de um homem caísse.

— Veja aqui! — ele gritava em um estilo americano amplo, quando estava sem fôlego e praguejando: — Posso ser um aventureiro, mas acho que você é uma assassina. Sim, senhores, aqui está sua morte explicada, e sem qualquer levitação. A pobre moça está escrevendo um testamento a meu favor; sua irmã amaldiçoada entra, luta para pegar a caneta, arrasta-a para o poço e a joga no chão antes que ela possa terminar. Pelamor! Acho que queremos as algemas, afinal.

— Como você realmente observou — respondeu Joan, com uma calma feia —, seu escrivão é um jovem muito respeitável, que conhece a natureza de um juramento; e ele jurará em qualquer tribunal que eu estava em seu escritório, organizando um trabalho de datilografia, desde cinco minutos antes até cinco minutos depois da queda de minha irmã. O Senhor Flambeau vai lhe dizer que ele me encontrou lá.

Houve um silêncio.

— Ora, então — exclamou Flambeau —, Pauline estava sozinha quando caiu e foi suicídio! — Ela estava sozinha quando caiu — disse o Padre Brown —, mas não foi suicídio.

— Então como ela morreu? — perguntou Flambeau impaciente.

— Ela foi assassinada.

— Mas ela estava sozinha — objetou o detetive.

— Ela foi assassinada quando estava sozinha — respondeu o padre. Todos os demais olhavam-no, mas ele permaneceu sentado na mesma velha atitude abatida, com uma ruga na testa curvada e uma aparência de vergonha e tristeza impessoais; sua voz estava sem cor e triste.

— O que eu quero saber — gritou Kalon, com uma imprecação — é quando a polícia virá atrás desta irmã sangrenta e perversa. Ela matou sua carne e sangue; ela me roubou meio milhão que era tão sagradamente meu quanto...

— Vamos, vamos, profeta — interrompeu Flambeau, com uma espécie de escárnio. — Lembre-se de que todo este mundo é uma terra das nuvens.

O hierofante do deus-sol fez um esforço para voltar ao seu pedestal.

— Não é o mero dinheiro — gritou ele —, embora isso bastasse em qualquer lugar do mundo. É também o desejo da minha amada. Para Pauline, a legação era sagrada. Nos olhos de Pauline...

Padre Brown de repente saltou ereto, de modo que sua cadeira caiu por trás dele. Ele estava mortalmente pálido, mas parecia cheio de esperança; seus olhos brilhavam.

— É isso! — ele gritou com uma voz clara. — Essa é a maneira de começar. “Nos olhos de Pauline...”

O alto profeta recuou diante do minúsculo sacerdote em uma desordem quase louca.

— O que você quer dizer? Como você ousa? — ele exclamou repetidamente.

— “Nos olhos de Pauline...” — repetiu o padre, cujos olhos brilhavam cada vez mais. — Continue; em nome de Deus, continue. O pior crime que os demônios já provocaram parece mais leve após a confissão; e eu imploro que você confesse. Continue, continue: “Nos olhos de Pauline...”.

— Me deixa, seu demônio! — trovejou Kalon, lutando como um gigante amarrado. — Quem é você, seu espião maldito, para tecer suas teias de aranha em volta de mim e espiar e espiar? Eu vou embora! — Devo impedi-lo? — perguntou Flambeau, saltando em direção à saída, pois Kalon já havia escancarado a porta.

— Não, deixe-o passar — disse Padre Brown, com um suspiro estranho e profundo que parecia vir das profundezas do universo. — Deixe Caim passar, pois ele pertence a Deus.

Houve um longo silêncio na sala quando ele a deixou, o que foi para a feroz inteligência de Flambeau uma longa agonia de questões. A Senhorita Joan Stacey arrumava muito friamente os papéis em sua mesa.

— Padre — disse Flambeau por fim —, é meu dever, não apenas minha curiosidade, é meu dever descobrir, se puder, quem cometeu o crime.

— Qual crime? — perguntou o Padre Brown.

— Aquele com o qual estamos lidando, é claro! — respondeu seu amigo impaciente.

— Estamos lidando com dois crimes — disse Brown —, crimes de peso muito diferente e cometidos por criminosos muito diferentes.

A Senhorita Joan Stacey, depois de recolher e guardar seus papéis, começou a trancar a gaveta. Padre Brown continuou, notando-a tão pouco quanto ela o notava.

— Os dois crimes — observou ele — foram cometidos contra a mesma fraqueza da mesma pessoa, na luta por seu dinheiro. O autor do crime maior se viu frustrado pelo crime menor; o autor do crime menor ficou com o dinheiro.

— Oh, não comece com essas palestras — gemeu Flambeau. — Explique em poucas palavras.

— Posso resumir em uma palavra — respondeu seu amigo.

A Senhorita Joan Stacey espetou seu chapéu preto profissional na cabeça, em cima da sua carranca preta profissional, diante de um pequeno espelho e, enquanto a conversa prosseguia, pegou sua bolsa e guarda-chuva sem pressa e saiu da sala.

— A verdade é uma palavra curta — disse o Padre Brown. — Pauline Stacey era cega.

— Cega! — repetiu Flambeau, e ergueu-se lentamente.

— Ela estava sujeita a isso pelo sangue — prosseguiu Brown. — A irmã dela teria começado a usar óculos se Pauline tivesse permitido; mas era sua filosofia especial ou modismo que ninguém deveria encorajar tais doenças cedendo a elas. Ela não admitia a nuvem; ou ela tentava dissipá-la por vontade própria. Portanto, seus olhos ficaram cada vez piores com o esforço; mas a pior tensão estava por vir. Foi esse precioso profeta, ou como quer que ele se chame, que a ensinou a olhar para o sol quente a olho nu. Era o que chamam de aceitação de Apolo. Ah, se esses novos pagãos fossem como os antigos pagãos, eles seriam um pouco mais sábios! Os antigos pagãos sabiam que o mero culto da natureza deve ter um lado cruel. Eles sabiam que o olho de Apolo pode ferir e cegar.

Houve uma pausa e o padre continuou com uma voz gentil e até quebrada.

— Quer aquele demônio a tenha deixado cega ou não, não há dúvida de que ele a matou deliberadamente por causa de sua cegueira. A própria simplicidade do crime é repugnante. Você sabe que ele e ela subiam e desciam nesses elevadores sem ajuda profissional; você também sabe como os elevadores se movem de maneira suave e silenciosa. Kalon trouxe o elevador ao andar da garota e a viu, através da porta aberta, escrevendo em seu jeito lento e cego o testamento que ela havia lhe prometido. Gritou para ela alegremente que tinha o elevador posicionado para ela, e ela deveria sair quando estivesse pronta. Então ele apertou um botão e disparou silenciosamente para seu próprio andar, caminhou pelo seu próprio escritório, saiu para sua própria cobertura e estava orando em segurança diante da rua lotada quando a pobre garota, tendo terminado seu trabalho, correu alegremente para onde amante e elevador deviam recebê-la, e em um passo...

— Não! — gritou Flambeau.

— Ele deveria ter conseguido meio milhão pressionando aquele botão — continuou o pequeno padre, com a voz sem cor com que falava de tais horrores —, mas seu plano foi esmagado. Havia outra pessoa que também queria o dinheiro e que também conhecia o segredo da visão da pobre Pauline. Havia uma coisa sobre aquele testamento que creio que ninguém notou: embora estivesse inacabado e sem assinatura, a outra Senhorita Stacey e algum

criado dela já o haviam assinado como testemunhas. Joan assinou primeiro, dizendo que Pauline poderia terminá-lo mais tarde, com um desprezo tipicamente feminino pelas formalidades jurídicas. Portanto, Joan queria que sua irmã assinasse o testamento sem testemunhas reais. Por quê? Pensei na cegueira e tive certeza de que ela queria que Pauline assinasse sozinha porque queria que ela não assinasse. Pessoas como os Staceys sempre usam canetas-tinteiro; mas isso era especialmente natural para Pauline. Por hábito e por sua forte vontade e memória, ela ainda conseguia escrever quase tão bem como se enxergasse; mas ela não sabia quando sua caneta precisava ser mergulhada. Portanto, suas canetas-tinteiro eram cuidadosamente preenchidas por sua irmã; todas, exceto uma. Esta foi cuidadosamente não preenchida por sua irmã; a tinta que restava bastou para algumas linhas e depois falhou completamente. E o profeta perdeu quinhentas mil libras e cometeu um dos assassinatos mais brutais e brilhantes da história humana por nada.

Flambeau foi até a porta aberta e ouviu a polícia oficial subindo as escadas. Ele se virou e disse: — Você deve ter seguido tudo de perto para rastrear o crime até Kalon em dez minutos.

Padre Brown teve uma espécie de sobressalto.

— Oh! — disse ele. — Não; tive de acompanhar de perto para descobrir sobre a Senhorita Joan e a caneta-tinteiro. Mas eu sabia que Kalon era o criminoso antes de entrar pela porta da frente.

— Você deve estar brincando! — gritou Flambeau.

— Estou falando sério — respondeu o padre. — Eu te digo que eu sabia que ele tinha feito isso, antes mesmo de saber o que ele tinha feito.

— Mas por quê? — Esses estoicos pagãos — disse Brown pensativamente — sempre falham em sua força. Ouviu-se um estrondo e um grito rua abaixo, e o sacerdote de Apolo não se assustou nem desviou o olhar. Eu não sabia o que era; mas eu soube que era algo que ele estava esperando.

O SIGNO DA ESPADA QUEBRADA

Os mil braços da floresta eram cinzentos, e seus milhões de dedos, prateados. Em um céu verde-azulado escuro, como de ardósia, as estrelas eram mortijas e brilhantes como gelo estilhaçado. Toda aquela zona rural densamente arborizada e pouco ocupada estava endurecida por uma geada amarga e quebradiça. Os buracos negros entre os troncos das árvores pareciam cavernas

negras e sem fundo naquele inferno escandinavo, um inferno de frio incalculável. Até mesmo a torre quadrada de pedra da igreja parecia boreal, beirando o paganismo, como se fosse uma torre bárbara entre as rochas marítimas da Islândia. Era uma noite esquisita para qualquer um explorar um cemitério de igreja. Mas, por outro lado, talvez valesse a pena explorar.

Ele se erguia abruptamente dos desertos cinzentos da floresta numa espécie de protuberância ou saliência de grama verde que, à luz das estrelas, mais parecia acinzentada. A maioria dos túmulos estavam num declive, e o caminho que levava à igreja era tão íngreme quanto uma escada. No topo da colina, em um lugar plano e proeminente, estava o monumento pelo qual o lugar era famoso. Contrastava estranhamente com os túmulos irrelevantes ao redor, pois era o trabalho de um dos maiores escultores da Europa moderna; no entanto, sua fama foi imediatamente absorvida pela fama do homem cuja imagem ele havia modelado. Mostrava, por toques do pequeno lápis prateado da luz das estrelas, a maciça figura de metal de um soldado reclinado, as mãos fortes seladas em uma adoração eterna, a grande cabeça apoiada em uma arma. O venerável rosto era barbudo, ou melhor, com bigodes, no velho e pesado estilo do Coronel Newcome. O uniforme, embora sugerido com alguns traços de simplicidade, era o da guerra moderna. Ao seu lado direito estava uma espada, cuja ponta estava quebrada; no lado esquerdo havia uma Bíblia. Nas brilhantes tardes de verão, chegavam vagões lotados de americanos e suburbanos cultos para ver o sepulcro; mas até eles sentiam que a vasta floresta, com o cemitério e a igreja em sua cúpula atarracada, era um lugar estranhamente estúpido e abandonado. Nessa escuridão congelante do meio do inverno, alguém poderia pensar que estivesse sozinho com as estrelas. Mesmo assim, na quietude daquela floresta dura, um portão de madeira rangeu e duas figuras indistintas vestidas de preto subiram o pequeno caminho até o túmulo.

A luz das estrelas era tão tênue que nada se poderia verificar sobre eles, exceto que, embora ambos usassem preto, um dos homens era enormemente grande, e o outro (talvez pelo contraste), quase assustadoramente pequeno. Eles foram até a grande tumba esculpida do guerreiro histórico e ficaram alguns minutos olhando para ela. Não havia nada humano, talvez nenhum ser vivo, em um amplo círculo; e uma fantasia mórbida poderia muito bem se perguntar se eles próprios eram humanos. Em qualquer caso, o início da conversa pode ter parecido estranho. Após o primeiro silêncio, o homenzinho disse ao outro: — Onde um homem sábio esconde uma pedra? E o homem alto respondeu em voz baixa: — Na praia.

O homenzinho concordou com a cabeça e, após um breve silêncio, disse: — Onde um homem sábio esconde uma folha? E o outro respondeu: — Na floresta.

Houve outra quietude, e então o homem alto retomou: — Você quer então

dizer que, quando um homem sábio tem que esconder um diamante verdadeiro, ele costuma escondê-lo entre os falsos? — Não, não — disse o homenzinho com uma risada —, vamos deixar o passado para trás.

Ele bateu os pés frios por um ou dois segundos e então disse: — Não estou pensando nisso, mas em outra coisa; algo bastante peculiar. Só acenda um fósforo, sim? O grandalhão remexeu no bolso e logo um arranhão e uma faísca pintaram de ouro todo o lado plano do monumento. Nele estavam gravadas em letras pretas as conhecidas palavras que tantos americanos leram com reverência: “Sagrado à memória do General Sir Arthur Saint Clare, herói e mártir, que sempre venceu seus inimigos e sempre os poupou, e foi traído e finalmente morto por eles. Que Deus, em quem ele confia, o recompense e vingue”.

O fósforo queimou os dedos do homenzarrão, escureceu e caiu. Ele estava prestes a acender outro, mas seu pequeno companheiro o deteve.

— Tudo bem, Flambeau, meu velho; eu vi o que queria. Ou melhor, não vi o que não queria. E agora teremos que caminhar dois quilômetros e meio ao longo da estrada para a próxima estalagem, e tentarei lhe contar tudo a respeito. Pois Deus sabe que um homem precisa de fogo e cerveja quando se atreve a contar uma história assim.

Desceram o caminho íngreme, trancaram novamente o portão enferrujado e partiram em uma caminhada acelerada e ruidosa pela estrada da floresta congelada. Havia percorrido um quarto de milha antes de o homem menor falar novamente. Ele disse: — Sim, o sábio esconde um seixo na praia. Mas o que ele faz se não houver praia? Você sabe alguma coisa sobre aquele grande problema de Saint Clare? — Não sei nada sobre generais ingleses, Padre Brown — respondeu o homem grande, rindo —, embora saiba um pouco sobre policiais ingleses. Eu só sei que você me arrastou, numa longa dança, a todos os santuários deste sujeito, seja ele quem for. Alguém poderia pensar que ele foi enterrado em seis lugares diferentes. Eu vi um memorial ao General Saint Clare na Abadia de Westminster. Vi uma estátua equestre rampante do General Saint Clare no Embankment. Vi um medalhão de Saint Clare na rua em que ele nasceu e outro na rua em que morava; e agora você me arrasta depois de escurecer para o caixão dele no cemitério da aldeia. Estou começando a ficar um pouco cansado dessa personalidade magnífica, especialmente porque não sei quem ele era. O que você está procurando em todas essas criptas e efígies? — Estou procurando apenas uma palavra — disse Padre Brown —, uma palavra que não existe.

— Bem — perguntou Flambeau —, você vai me falar algo sobre isso? — Devo dividi-lo em duas partes — disse o padre. — Primeiro, há o que todos sabem; e então há o que eu sei. Agora, o que todos sabem é curto e claro o suficiente.

Também está totalmente errado.

— Você está certo — disse o homenzarrão chamado Flambeau alegremente. — Vamos começar do lado errado; vamos começar com o que todos sabem, e que não é verdade.

— Se não for totalmente falso, é pelo menos muito inadequado — continuou Brown. — Pois, na verdade, tudo o que o público sabe equivale exatamente a isso: o público sabe que Arthur Saint Clare foi um grande e bem-sucedido general inglês. Sabe que, após esplêndidas mas cuidadosas campanhas na Índia e na África, ele combatia contra o Brasil, quando o grande patriota brasileiro Olivier fez seu ultimato. Sabe que nessa ocasião Saint Clare, com uma tropa muito pequena, atacou Olivier, cujo exército era imenso, e foi capturado após resistência heroica. E sabe que depois de sua captura, e para a repulsa do mundo civilizado, Saint Clare foi enforcado na árvore mais próxima. Ele foi encontrado lá, balançando, depois que os brasileiros se retiraram, com sua espada quebrada pendurada no pescoço.

— E essa história popular não é verdade? — sugeriu Flambeau.

— Não — disse seu amigo calmamente —, essa história é bem verdadeira, até esse ponto.

— Bem, eu acho que isso já devia ser suficiente! Mas se a história popular é verdadeira, qual é o mistério? Eles passaram por muitas centenas de árvores cinzentas e fantasmagóricas antes que o pequeno sacerdote respondesse. Então ele mordeu o dedo reflexivamente e disse: — Ora, o mistério é um mistério da psicologia. Ou melhor, é um mistério de duas psicologias. Nesse conflito no Brasil, dois dos homens mais famosos da história moderna agiram abertamente contra seus personagens. Veja bem, Olivier e Saint Clare eram ambos heróis, ao estilo antigo, sem dúvida; era como a luta entre Heitor e Aquiles. Agora, o que você diria de uma situação em que Aquiles é tímido, e Heitor, traíçoeiro? — Continue — disse o homem grande, impaciente, enquanto o outro mordia o próprio dedo.

— Sir Arthur Saint Clare era um soldado do antigo tipo religioso, o tipo que nos salvou durante o motim — continuou Brown. — Ele sempre foi mais do dever que do arrojo; e com toda sua coragem pessoal, era decididamente um comandante prudente, marcadamente contrário a qualquer desperdício desnecessário de soldados. Ainda assim, nesta última batalha, ele tentou algo que um bebê poderia ver que era absurdo. Não é preciso ser estrategista para ver que era uma loucura; como não é preciso ser estrategista para ficar fora do caminho de um ônibus. Bem, esse é o primeiro mistério; o que havia acontecido com a cabeça do general inglês? O segundo enigma é: o que aconteceu com o coração do general brasileiro? O Presidente Olivier podia ser

considerado um visionário ou um incômodo; mas até mesmo seus inimigos admitiam que ele era magnânimo como um cavaleiro errante. Quase todos os outros prisioneiros que ele capturou foram libertados ou mesmo indenizados. Homens que realmente o prejudicaram eram tocados por sua simplicidade e doçura. Por que diabos ele deveria se vingar diabolicamente apenas uma vez na vida; e justo daquele único golpe que não poderia tê-lo machucado? Bem, é isto: um dos homens mais prudentes do mundo agiu como um idiota, sem motivo. Um dos homens mais gentis do mundo agiu como um demônio, sem motivo. Isso é o que importa; e eu lhe passo a palavra, meu jovem.

— Não passa, não — disse o outro, bufando. — Eu a repasso para você; e você que me conte tudo sobre isso.

— Bem — retomou o Padre Brown —, não é justo dizer que a impressão pública é exatamente o que eu contei, sem acrescentar que duas coisas aconteceram desde então. Não posso dizer que elas lançaram uma nova luz; pois ninguém pode entendê-las. Mas certamente elas lançaram uma nova treva; redirecionaram a escuridão. O primeiro foi isso: o médico da família de Saint Clare discutiu com aquela família e começou a publicar uma violenta série de artigos, nos quais dizia que o falecido general era um maniaco religioso; mas no que se refere à história, isso parecia significar pouco mais do que um homem religioso. De qualquer forma, a história foi esquecida. Todos sabiam, é claro, que Saint Clare tinha algumas das excentricidades da piedade puritana. O segundo incidente foi muito mais impressionante. No regimento infeliz e sem apoio que fez aquela carga irresponsável às margens do Rio Negro, havia um certo Capitão Keith, que na época estava noivo da filha de Saint Clare e que depois se casou com ela. Ele foi um dos capturados por Olivier e, como todos os outros, à exceção do general, parece ter sido tratado com generosidade e prontamente libertado. Cerca de vinte anos depois, esse homem, o então Tenente-Coronel Keith, publicou uma espécie de autobiografia intitulada Um oficial britânico na Birmânia e no Brasil. Na parte onde o leitor procura ansiosamente por algum relato do mistério do desastre de Saint Clare, podem ser encontradas as seguintes palavras: “Em todas as outras partes deste livro, narrei as coisas exatamente como ocorreram, mantendo a opinião antiquada segundo a qual a glória da Inglaterra é velha o suficiente para cuidar de si mesma. A exceção que farei é sobre a derrota no Rio Negro; e minhas razões, embora privadas, são honrosas e convincentes. Vou, no entanto, acrescentar isso em justiça às memórias de dois homens distintos. O General Saint Clare foi acusado de incapacidade nesta ocasião; posso pelo menos testemunhar que essa ação, bem compreendida, foi uma das mais brilhantes e sagazes de sua vida. O Presidente Olivier, de modo semelhante, é acusado de injustiça selvagem. Acho que é devido à honra de um inimigo dizer que ele agiu nessa ocasião com ainda mais do que sua característica bondade. Para colocar a questão de maneira popular, posso garantir aos meus conterrâneos que Saint Clare não foi de forma alguma tão

tolerância, nem Olivier, tão brutal quanto parece. Isso é tudo que tenho a dizer; nem qualquer consideração terrena me induzirá a acrescentar uma palavra a isso”.

Uma grande lua gélida como uma bola de neve lustrosa começou a aparecer através do emaranhado de gravetos na frente deles, e com sua luz o narrador foi capaz de refrescar a memória relativa ao texto do Capitão Keith em um pedaço de papel impresso. Ao dobrá-lo e colocá-lo de volta no bolso, Flambeau ergueu a mão com um gesto francês.

— Espere um pouco, espere um pouco — gritou ele com entusiasmo.

— Eu acredito que posso adivinhar na primeira tentativa.

Ele avançou, respirando com dificuldade, a cabeça negra e o pescoço de touro inclinados para a frente, como um homem vencendo uma corrida. O pequeno padre, divertido e interessado, teve dificuldade em trotar ao lado dele. As árvores diante deles balançavam para a esquerda e para a direita, e a estrada descia através de um vale aberto e iluminado pela lua, até mergulhar novamente na parede de outra floresta, como um coelho. A entrada para a floresta mais distante parecia pequena e redonda, como o buraco negro de um túnel ferroviário remoto. Mas estava a cerca de cem metros e abriu-se como uma caverna antes que Flambeau falasse novamente.

— Eu entendi — ele gritou por fim, batendo em sua coxa com sua grande mão. — Quatro minutos pensando, e posso contar toda a sua história eu mesmo.

— Tudo bem — concordou seu amigo. — Diga você. Flambeau ergueu a cabeça, mas baixou a voz.

— O General Sir Arthur Saint Clare — disse ele — veio de uma família em que a loucura era hereditária; e todo o seu objetivo era esconder isso de sua filha, e até, se possível, de seu futuro genro. Com ou sem razão, ele pensou que o colapso final estava próximo e decidiu se suicidar. No entanto, o suicídio comum iria espalhar a própria ideia que ele temia. À medida que a campanha recrudescia, as nuvens pesavam em seu cérebro; e, por fim, em um momento louco, sacrificou seu dever público ao privado. Correu para a batalha, esperando cair ao primeiro tiro. Quando ele descobriu que havia apenas obtido a captura e o descrédito, a bomba selada em seu cérebro explodiu, e ele quebrou sua própria espada e se enforcou.

Ele olhou com firmeza para a fachada cinza da floresta à sua frente, em cuja única abertura negra seu caminho mergulhava, como na boca da sepultura. Talvez algo ameaçador na estrada assim repentinamente engolida reforçasse sua visão vívida da tragédia, pois ele estremeceu.

— Uma história horrível — disse ele.

— Uma história horrível — repetiu o padre com a cabeça baixa.

— Mas não a história real.

Então ele jogou a cabeça para trás com uma espécie de desespero e gritou: — Ah, como eu queria que fosse! O alto Flambeau se virou e olhou para ele.

— A sua história é limpa — exclamou Padre Brown, profundamente comovido. — Uma história doce, pura e honesta, tão aberta e branca como aquela lua. A loucura e o desespero são inocentes o suficiente. Há coisas piores, Flambeau.

Flambeau ergueu os olhos freneticamente para a lua assim invocada; e de onde ele estava, via contra seu disco um galho preto, curvado exatamente como um chifre do diabo.

— Padre, padre — gritou Flambeau com gesto francês e avançando ainda mais rapidamente —, quer dizer que era pior do que isso? — Pior do que isso — disse Paul como um eco grave. E eles mergulharam no claustro negro da floresta, que corria por eles em uma tapeçaria escura de troncos, como um dos corredores escuros em um sonho.

Logo estavam nas entranhas mais secretas da floresta, e sentiam perto deles folhagens que não podiam ver, quando o padre disse novamente: — Onde um homem sábio esconde uma folha? Na floresta. Mas o que ele faz se não houver floresta? — Bem, bem — gritou Flambeau irritado —, o que ele faz? — Ele cultiva uma floresta para esconder a folha — disse o padre em uma voz obscura. — Um pecado terrível.

— Olhe aqui — gritou seu amigo impaciente, pois a madeira escura e o ditado sombrio o deixaram um pouco nervoso. — Você vai me contar essa história ou não? Que outra evidência existe para prosseguir? — Há mais três evidências, que cavei em buracos e cantos; e vou apresentá-las em ordem lógica, em vez de cronológica. Em primeiro lugar, é claro, nossa autoridade sobre a questão e o evento da batalha está nos próprios despachos de Olivier, que são bastante lúcidos. Ele estava entrincheirado com dois ou três regimentos nas elevações que desciam até o Rio Negro, do outro lado do qual havia terreno mais baixo e pantanoso. Além disso, havia um terreno suavemente ascendente, no qual estava o primeiro posto avançado inglês, apoiado por outros que ficavam, no entanto, consideravelmente em sua retaguarda. As forças britânicas como um todo eram muito superiores em número; mas esse regimento em particular estava longe o suficiente de sua base para fazer Olivier considerar o projeto de cruzar o rio para isolá-lo. Ao pôr do sol, entretanto, ele decidiu manter sua posição, que era especialmente

forte. Na madrugada seguinte, ficou pasmo ao ver que aquele punhado de ingleses perdidos, totalmente sem apoio de sua retaguarda, havia se lançado através do rio, metade por uma ponte à direita, e a outra metade por um vau mais alto, e estavam concentrados na margem pantanosa abaixo dele. Que eles tentassem um ataque com tal efetivo contra tal posição era incrível o suficiente; mas Olivier percebeu algo ainda mais extraordinário. Pois, em vez de tentar apoderar-se de um terreno mais sólido, este regimento louco, tendo colocado o rio em sua retaguarda com uma carga selvagem, nada mais fez, mas ficou preso ali na lama como moscas no melão. Desnecessário dizer que os brasileiros abriram grandes brechas neles com artilharia, a que eles só conseguiam retribuir com fuzilaria vigorosa, mas decrescente. No entanto, eles nunca cederam; e o breve relato de Olivier termina com um forte tributo de admiração pelo valor místico desses imbecis. “Nossa linha então avançou finalmente”, escreve Olivier, “e os empurrou para o rio; capturamos o próprio General Saint Clare e vários outros oficiais. O coronel e o major haviam morrido na batalha. Não posso resistir a dizer que poucas coisas mais belas podem ter sido vistas na história do que a última resistência deste extraordinário regimento; oficiais feridos pegando fuzis de soldados mortos, e o próprio general à nossa frente, a cavalo, com a cabeça descoberta e uma espada quebrada”. Sobre o que aconteceu com o general depois, Olivier fala tanto quanto o Capitão Keith.

— Bem — grunhiu Flambeau —, prossiga para a próxima prova.

— A próxima evidência — disse o Padre Brown — demorou algum tempo para ser encontrada, mas não demorará muito para ser contada. Por fim, encontrei em um asilo de idosos, nos Pântanos de Lincolnshire, um velho soldado que não apenas foi ferido no Rio Negro, mas na verdade se ajoelhou ao lado do coronel do regimento enquanto ele morria. Este era um certo Coronel Clancy, um grande touro irlandês; e parece que ele morreu quase tanto de raiva quanto de balas. Ele, de qualquer forma, não foi responsável por aquele ataque ridículo; o general deve tê-lo imposto a ele. Suas últimas palavras edificantes, de acordo com meu informante, foram estas: “E lá se vai o maldito burro velho com a ponta da espada quebrada. Eu gostaria que fosse a cabeça dele”. Você observará que todos parecem ter notado esse detalhe sobre a lâmina da espada quebrada, embora a maioria das pessoas o considere com um tanto mais de reverência que o falecido Coronel Clancy. E agora para o terceiro fragmento.

O caminho pela floresta começou a subir, e o orador parou um pouco para respirar antes de continuar. Em seguida, ele continuou no mesmo tom empresarial: — Há apenas um ou dois meses morreu na Inglaterra um certo oficial do Brasil, que havia brigado com Olivier e deixado seu país. Ele era uma figura conhecida tanto aqui como no continente, um espanhol chamado Espado; eu mesmo o conhecia, um velho dândi de rosto amarelo e nariz

adunco. Por vários motivos particulares, tive permissão para ver os documentos que ele havia deixado; ele era católico, é claro, e eu estive com ele até o fim. Não havia nada nas coisas dele que iluminasse qualquer canto do obscuro assunto de Saint Clare, exceto cinco ou seis cadernos de exercícios comuns preenchidos com o diário de algum soldado inglês. Só posso supor que fora extraído pelos brasileiros de algum dos que tombaram. De qualquer forma, ele parava, abruptamente, na noite anterior à batalha. Mas o relato daquele último dia na vida do pobre sujeito certamente merecia ser lido. Eu o tenho comigo; mas está muito escuro para lê-lo aqui, e eu lhe darei um resumo. A primeira parte dessa anotação está cheia de piadas, evidentemente arremessadas entre os homens, sobre alguém chamado Abutre. Não parece que essa pessoa, seja quem for, fosse um deles, nem mesmo um inglês; nem é exatamente referido como um inimigo. Parece mais como se ele fosse um intermediário local e não combatente; talvez um guia ou jornalista. Ele aparece lidando com o velho Coronel Clancy; mas é mais frequentemente visto conversando com o major. Na verdade, o major é um tanto proeminente na narrativa deste soldado; um homem magro, de cabelos escuros, de nome Murray, um homem do norte da Irlanda e um puritano. Há piadas constantes sobre o contraste entre a austeridade deste irlandês e a sociabilidade do Coronel Clancy. Também há uma piada sobre o Abutre usando roupas de cores vivas. Mas todas essas levandades são dispersas pelo que pode muito bem ser chamado de “nota de clarim”. Atrás do acampamento inglês e quase paralela ao rio corria uma das poucas grandes estradas daquele distrito. A oeste, a estrada fazia uma curva em direção ao rio, que atravessava pela ponte antes mencionada. A leste, a estrada voltava para a selva e, a cerca de três quilômetros adentro, ficava o próximo posto avançado inglês. Naquela noite vieram dessa direção, ao longo da estrada, um brilho e um estrondo de cavalaria ligeira, em que até o simples autor do diário poderia reconhecer com espanto o general com seu estado-maior. Ele montava o grande cavalo branco que você tem visto tantas vezes em jornais ilustrados e retratos acadêmicos; e você pode ter certeza de que a saudação que fizeram a ele não foi meramente cerimonial. Ele, pelo menos, não perdeu tempo com cerimônias, mas, saltando da sela imediatamente, misturou-se ao grupo de oficiais e caiu em um discurso enfático, embora confidencial. O que mais impressionou o nosso amigo do diário foi seu especial interesse em conferenciar com o Major Murray; mas de fato, tal escolha, desde que não rompesse protocolos, não era de forma alguma antinatural. Os dois homens combinavam; eles eram homens que “liam suas Bíblias”; ambos eram o velho tipo de oficial evangélico. Seja como for, é certo que, quando o general montou novamente, ele ainda estava falando seriamente com Murray; e que enquanto caminhava com seu cavalo lentamente pela estrada em direção ao rio, o alto irlandês ainda caminhava ao seu lado, em um debate sério. Os soldados observaram os dois até que eles desapareceram atrás de um grupo de árvores onde a estrada fazia uma curva em direção ao rio. O coronel voltou para sua tenda e os homens para seus piquetes; o homem do

diário demorou mais quatro minutos e teve uma visão maravilhosa. O grande cavalo branco que havia marchado lentamente pela estrada, como tinha marchado em tantas procissões, voltava voando, galopando estrada acima na direção deles como se tentasse ganhar uma corrida. A princípio pensaram que ele havia se livrado do homem na sela; mas logo viram que era o próprio general, um bom cavaleiro, que o espicaçava a toda velocidade. Cavalo e homem avançaram sobre eles como um redemoinho; e então, puxando as rédeas do animal cambaleante, o general voltou-se para eles com um rosto incendiado e chamou o coronel como a trombeta que acorda os mortos. Eu imagino que todos os eventos desconcertantes daquela catástrofe se empilharam como tábuas na mente de homens como nosso amigo do diário. Com a excitação atordoada de um sonho, eles se viram caindo, literalmente caindo, em suas fileiras e souberam que um ataque seria conduzido, imediatamente, através do rio. O general e o major, dizia-se, haviam descoberto algo na ponte e só sobreviveriam se atacassem imediatamente. O major voltou imediatamente para chamar a reserva ao longo da estrada atrás; era duvidoso que mesmo com aquele apelo rápido a ajuda pudesse alcançá-los a tempo. Mas eles deveriam passar o riacho naquela noite e atacar as elevações pela manhã. É com a própria agitação e pulsação daquela romântica marcha noturna que o diário termina repentinamente.

Padre Brown passara à frente; pois o caminho da floresta ficou menor, mais íngreme e mais tortuoso, até que eles sentiram como se estivessem subindo uma escada em espiral. A voz do padre veio de cima da escuridão.

— Havia uma outra coisa pequena e enorme. Quando o general os incitou a seu ataque cavalheiresco, ele meio que puxou sua espada da bainha; e então, como se envergonhado de tal melodrama, empurrou-a de volta. A espada de novo, você vê.

Uma meia-luz rompeu a rede de ramos acima deles, lançando o fantasma de uma rede sobre seus pés; pois eles estavam subindo novamente para a tênue luminosidade da noite nua. Flambeau sentia a verdade ao seu redor como uma atmosfera, mas não como uma ideia. Ele respondeu com o cérebro confuso: — Bem, o que há de errado com a espada? Os oficiais geralmente têm espadas, não é? — Elas não são mencionadas com frequência na guerra moderna — disse o outro desapassionadamente —, mas, nesta história, alguém cai sobre a bendita espada em todos os lugares.

— Bem, o que há nisso? — rosnou Flambeau. — Foi um tipo de incidente sensacional; a lâmina do velho quebrando em sua última batalha. Qualquer um pode apostar que os jornais vão explorar o caso, como eles fizeram. Em todas essas tumbas e coisas, ela aparece quebrada na ponta. Espero que você não tenha me arrastado por esta expedição polar apenas porque dois homens com talento publicitário viram a espada quebrada de Saint Clare.

— Não — exclamou Padre Brown, com uma voz aguda como um tiro de pistola. — Mas quem viu sua espada inteira? — O que você quer dizer? — exclamou o outro, e ficou parado sob as estrelas. Eles haviam saído abruptamente pelas portas cinzentas da floresta.

— Eu digo, quem viu sua espada inteira? — repetiu o Padre Brown obstinadamente. — O escritor do diário, não; o general a embainhou a tempo.

Flambeau olhou em volta ao luar, como um homem cego olha ao sol; e seu amigo continuou, pela primeira vez com ansiedade: — Flambeau, não posso provar, mesmo depois de caçar nas tumbas. Mas tenho certeza disso. Deixe-me acrescentar apenas mais um pequeno fato que desequilibra a coisa toda. O coronel, por um estranho acaso, foi um dos primeiros a ser atingido por uma bala. Ele foi atingido muito antes de as tropas chegarem perto. Mas ele viu a espada de Saint Clare quebrada. Por que foi quebrada? Como foi quebrada? Meu amigo, ela foi quebrada antes da batalha.

— Oh! — disse o amigo, com uma espécie de jocosidade desamparada. — E onde está a outra peça? — Eu posso te dizer — disse o padre prontamente. — No canto nordeste do cemitério da Catedral Protestante de Belfast.

— De fato? — perguntou o outro. — Você já procurou ela? — Não pude — respondeu Brown, com sincero pesar. — Há um grande monumento de mármore em cima dela; um monumento ao heroico Major Murray, que caiu lutando gloriosamente na famosa Batalha do Rio Negro.

Flambeau parecia repentinamente galvanizado.

— Você quer dizer — gritou ele com voz rouca — que o General Saint Clare odiava Murray e o assassinou no campo de batalha porque...

— Você ainda está cheio de pensamentos bons e puros — disse o outro. — Foi algo pior.

— Bem — disse o homem grande —, meu estoque de imaginação maligna acabou.

O padre parecia realmente em dúvida por onde começar, e por fim disse novamente: — Onde um homem sábio esconderia uma folha? Na floresta. O outro não respondeu.

— Se não houvesse floresta, ele faria uma floresta. E se ele quisesse esconder uma folha morta, ele faria uma floresta morta.

Ainda não houve resposta, e o padre acrescentou ainda mais suave e baixinho: — E se um homem tivesse que esconder um cadáver, ele faria um

campo de cadáveres para escondê-lo.

Flambeau começou a avançar, detestando os atrasos temporais e espaciais; mas Padre Brown continuou como se continuasse a última frase: — Sir Arthur Saint Clare, como já disse, era um homem que lia a Bíblia. Era esse o problema com ele. Quando as pessoas entenderão que é inútil para um homem ler sua Bíblia a menos que ele também leia a Bíblia de outras pessoas? Um tipógrafo lê a Bíblia em busca de erros de impressão. Um mórmon lê sua Bíblia e descobre a poligamia; um cientista cristão lê a sua e descobre que não temos braços e pernas. Saint Clare era um velho soldado protestante anglo-indiano. Agora, pense apenas no que isso pode significar; e, pelo amor de Deus, não fale nada sobre isso. Pode significar um homem fisicamente formidável vivendo sob um sol tropical em uma sociedade oriental e mergulhando sem sentido ou orientação em um livro oriental. Claro, ele leu o Antigo Testamento em vez do Novo. Claro, ele encontrou no Antigo Testamento tudo o que queria: luxúria, tirania, traição. Oh, atrevo-me a dizer que ele era honesto, como se diz. Mas de que adianta um homem ser honesto em sua adoração à desonestidade? Em cada um dos países quentes e secretos para os quais o homem foi, manteve um harém, torturou testemunhas, acumulou ouro vergonhoso; mas certamente ele teria dito com olhos firmes que fez isso para a glória do Senhor. Minha própria teologia é suficientemente expressa perguntando: “Qual Senhor?”. De qualquer forma, existe algo sobre esse mal, que abre porta após porta no Inferno, e sempre para câmaras cada vez menores.

Este é o real problema do crime: ele não torna um homem cada vez mais selvagem, mas apenas mais e mais mesquinho. Saint Clare logo foi sufocado por dificuldades de suborno e chantagem; e precisava cada vez mais de dinheiro. E na época da Batalha do Rio Negro, ele havia caído de mundo em mundo até aquele lugar que Dante diz ser o mais baixo nível do universo.

— O que você quer dizer? — perguntou seu amigo novamente.

— Eu quero dizer isso — retrucou o clérigo, e de repente apontou para uma poça tampada com gelo, brilhando na lua. — Você se lembra quem foi que Dante colocou no último círculo de gelo? — Os traidores — disse Flambeau, estremecendo. Enquanto olhava para a paisagem desumana de árvores, com contornos zombeteiros e quase obscenos, quase podia imaginar que era Dante, e o sacerdote de voz de riacho era, de fato, um Virgílio conduzindo-o por uma terra de pecados eternos.

A voz continuou: — Olivier, como você sabe, era quixotesco e não aceitava um serviço secreto e espões. No entanto, montaram um, como tantas outras coisas, pelas suas costas. Era administrado por meu velho amigo Espado; ele era o almofadinho de uniforme brilhante, cujo nariz adunco obteve-lhe a alcunha de Abutre. Fazendo-se passar por uma espécie de filantropo na linha

de frente, apalpou o caminho através do exército inglês e, por fim, pôs as mãos em seu único homem corrupto, amém!, e naquele homem no topo. Saint Clare precisava desesperadamente de dinheiro, montanhas de dinheiro. O desacreditado médico de família ameaçava aquelas exposições extraordinárias que depois começaram e foram interrompidas; contos de coisas monstruosas e pré-históricas em Park Lane; coisas feitas por um evangelista inglês que cheiravam a sacrifício humano e a posse de hordas de escravos. Também desejava dinheiro para o dote de sua filha; pois para ele a fama de riqueza era tão doce quanto a própria riqueza. Quebrou-se a última resistência, a palavra foi sussurrada para o Brasil, e a riqueza jorrou dos inimigos da Inglaterra. Mas outro homem tinha falado com o Abutre Espado, assim como ele. De alguma forma, o moreno e sombrio jovem major irlandês adivinhou a horrível verdade; e quando eles caminharam juntos lentamente por aquela estrada em direção à ponte, Murray estava dizendo ao general que ele deveria renunciar imediatamente, ou seria levado à corte marcial e fuzilado. O general contemporizou com ele até que chegaram à orla das árvores tropicais perto da ponte; e ali, perto do rio cantante e das palmeiras iluminadas pelo sol (sou capaz de ver a imagem), o general desembainhou seu sabre e o enfiou no corpo do major.

A estrada invernal curvava-se sobre um cume cortando a geada, com cruéis formas negras de arbusto e matagal; mas Flambeau imaginou ter visto vagamente, além dela, a borda de uma auréola que não era a luz das estrelas e a luz da lua, mas algum fogo feito pelos homens. Ficou observando enquanto a história chegava ao fim.

— Saint Clare era um cão do Inferno, mas ele era um cão de raça. Nunca, eu juro, ele foi tão lúcido e forte como quando o pobre Murray jogou um problema no seu colo. Nunca em todos os seus triunfos, como o Capitão Keith disse verdadeiramente, o grande homem foi tão grande como nesta última derrota desprezada pelo mundo. Ele examinou sua arma para limpar o sangue; viu que a ponta que havia plantado entre os ombros de sua vítima havia se quebrado no corpo. Viu com muita calma, como através de uma vidraça de clube, tudo o que deveria se seguir. Viu que os homens encontrariam o cadáver inexplicável; extrairiam a inexplicável ponta da espada; notariam a inexplicável espada quebrada, ou a ausência da espada. Ele havia matado, mas não silenciado. Mas seu intelecto imperioso levantou-se contra o destino; ainda havia uma maneira. Ele poderia tornar o cadáver menos inexplicável. Poderia criar uma colina de cadáveres para cobrir este cadáver. Em vinte minutos, oitocentos soldados ingleses marchavam para a morte.

O brilho mais quente atrás da floresta negra de inverno ficou mais rico e brilhante, e Flambeau avançou para alcançá-lo. Padre Brown também acelerou seu passo; mas ele parecia meramente absorto em sua história.

— Tal era a coragem daqueles mil ingleses, e tal a genialidade de seu comandante, que se eles tivessem atacado imediatamente a colina, até mesmo sua marcha louca poderia ter encontrado um pouco de sorte. Mas a mente má que brincava com eles como peões tinha outros objetivos e razões. Eles deviam permanecer nos pântanos perto da ponte pelo menos até que cadáveres britânicos sejam uma visão comum lá. Então, para a última grande cena; o soldado santo de cabelos prateados entregaria a sua espada quebrada, para interromper o massacre. Oh, foi bem pensado para um improviso. Mas eu acho (não posso provar), acho que foi enquanto eles estavam presos lá no lamaçal de sangue que alguém duvidou, e alguém adivinhou.

Ele ficou mudo por um momento, e então disse: — Há uma voz que, do vazio, me diz que o homem que adivinhou era o noivo... O homem que iria se casar com a filha do velho.

— Mas e quanto a Olivier e o enforcamento? — perguntou Flambeau.

— Olivier, em parte por cavalheirismo, em parte por política, raramente tinha prisioneiros atrapalhando sua marcha — explicou o narrador. — Ele libertava todo mundo na maioria dos casos. Ele libertou todos neste caso.

— Todos menos o general — disse o homem alto.

— Todo mundo — disse o padre. Flambeau franziu as sobrancelhas negras.

— Ainda não entendi tudo — disse ele.

— Há uma outra visão, Flambeau — disse Brown em seu tom mais místico. — Eu não posso provar; mas posso fazer mais: posso ver. Vejo um acampamento se levantando nas colinas nuas e tórridas pela manhã, e uniformes brasileiros amontoados em blocos e colunas para marchar. Vejo a camisa vermelha e a longa barba negra de Olivier, que esvoaçava quando ele se levantava, seu chapéu de aba larga na mão. Ele está se despedindo do grande inimigo que está libertando: o simples veterano inglês com cabeça de neve, que agradece em nome de seus homens. Os remanescentes ingleses ficam em posição de sentido; ao lado deles estão lojas e veículos para o retiro. A bateria rola; os brasileiros estão se movendo; os ingleses ainda são como estátuas. Assim, eles permanecem até o último zumbido e lampejo do inimigo desaparecerem no horizonte tropical. Então, alteram suas posturas de uma vez, como homens mortos voltando à vida; eles voltam seus cinquenta rostos para o general, rostos que não devem ser esquecidos.

Flambeau deu um grande salto.

— Ah! — gritou ele. — Você não quer dizer...

— Sim — disse o Padre Brown com uma voz profunda e comovente.

— Foi uma mão inglesa que colocou a corda em volta do pescoço de Saint Clare; eu suponho que foi a mão que colocou o anel no dedo de sua filha. Foram mãos inglesas que o arrastaram até a árvore da vergonha; as mãos de homens que o obedeceram e o seguiram até a vitória. E eram almas inglesas (Deus perdoe e sustente todos nós!) que viram ele balançando na forca de palmeira verde sob aquele sol estrangeiro, e em seu ódio oraram para que ele caísse no fundo do Inferno.

Quando os dois chegaram ao topo da colina, irrompeu sobre eles a forte luz escarlate de uma estalagem inglesa com cortinas vermelhas. Ela ficava de lado na estrada, como se estivesse de lado para dar passagem à própria hospitalidade. Suas três portas estavam abertas com um convite; e mesmo onde estavam, podiam ouvir o zumbido e as risadas da humanidade feliz por uma noite.

— Não preciso contar mais nada — disse Padre Brown. — Eles o julgaram no deserto e o destruíram; e então, para a honra da Inglaterra e de sua filha, eles fizeram o juramento de selar para sempre a história da bolsa do traidor e da lâmina da espada assassina. Talvez (que Deus os ajude) eles tentaram esquecer. Vamos tentar esquecer, de qualquer forma; eis a nossa pousada.

— De todo o meu coração — disse Flambeau, e estava entrando no bar barulhento e luminoso quando deu um passo para trás e quase caiu na estrada.

— Olha aí, em nome do diabo! — ele gritou, e apontou rigidamente para a placa quadrada de madeira que pairava sobre a estrada. Mostrava vagamente a forma tosca de um punho de sabre e uma lâmina partida; e nela estava inscrito, em letras arcaicas falsas: “O signo da espada quebrada”.

— Você não estava preparado? — perguntou Padre Brown gentilmente. — Ele é o deus desta região; metade das pousadas, parques e ruas têm o nome dele ou relacionado à sua história.

— Achei que tivéssemos nos livrado do leproso — exclamou Flambeau, cusbindo na estrada.

— Você nunca se livrará dele na Inglaterra — disse o padre, olhando para baixo — enquanto o bronze for rijo e a pedra, permanente. Suas estátuas de mármore elevarão as almas de meninos orgulhosos e inocentes por séculos, seu túmulo de aldeia cheirá a lealdade, como se cheirasse a lírios. Milhões que nunca o conheceram o amarão como um pai, este homem a quem os últimos que o conheceram trataram como esterco. Ele será um santo; e a verdade nunca será contada sobre ele, porque eu me decidi calar. Há tanto bem e mal em quebrar segredos que a minha conduta fica por isso comprovada.

Todos esses jornais morrerão; o boom anti-Brasil já acabou; Olivier já é homenageado em todos os lugares. Mas eu disse a mim mesmo que se em algum lugar, pelo nome, em metal ou mármore eterno como as pirâmides, o Coronel Clancy, o Capitão Keith ou o Presidente Olivier ou qualquer homem inocente fosse injustamente culpado, então eu falaria. Se fosse apenas porque Saint Clare fosse injustamente louvado, eu ficaria em silêncio. E é o que farei.

Eles mergulharam na taverna de cortinas vermelhas, que não era apenas aconchegante, mas até mesmo luxuosa por dentro. Em uma mesa estava um modelo de prata do túmulo de Saint Clare, a cabeça de prata abatida, a espada de prata quebrada. Nas paredes, retratos coloridos da mesma cena e do sistema de carroças que levavam os turistas para vê-la. Eles se sentaram nos confortáveis bancos acolchoados.

— Venha, está frio — disse Padre Brown. — Vamos tomar um pouco de vinho ou cerveja.

— Ou conhaque — disse Flambeau.

AS TRÊS FERRAMENTAS DA MORTE

Tanto por vocação quanto por convicção, o Padre Brown sabia melhor que a maioria de nós que todo homem, quando morre, é digno. Mas até ele sentiu uma pontada de incongruência quando foi acordado ao amanhecer para ouvir que Sir Aaron Armstrong havia sido assassinado. Havia algo absurdo e impróprio no encontro da violência secreta com uma figura tão divertida e popular. Pois Sir Aaron Armstrong era divertido a ponto de ser cômico; e popular de maneira quase lendária. Foi como ouvir que Sunny Jim se enforcou; ou que o Senhor Pickwick morrera em Hanwell. Pois, embora Sir Aaron fosse um filantropo e, portanto, lidasse com o lado mais sombrio de nossa sociedade, ele se orgulhava de fazer isso no estilo mais brilhante possível. Seus discursos políticos e sociais eram cataratas de anedotas e “gargalhadas”; sua saúde corporal era de um tipo explosivo; sua ética era totalmente otimista; e ele lidava com o problema da bebida (seu tópico favorito) com aquela alegria imortal e até monótona que é tão frequentemente uma marca do abstêmio próspero.

A história estabelecida de sua conversão era familiar nas plataformas e púlpitos mais puritanos; como ele tinha sido, quando apenas um menino, sequestrado da teologia escocesa pelo uísque escocês, e como havia se livrado de ambos e se tornado (como ele modestamente dizia) o que era. No entanto,

sua larga barba branca, rosto angelical e óculos brilhantes, nos inúmeros jantares e congressos em que apareciam, tornavam difícil acreditar, de alguma forma, que ele tivesse sido algo tão mórbido quanto um alcóolatra ou um calvinista. Ele era, pensava-se, o mais seriamente alegre de todos os filhos dos homens.

Ele morava na zona rural de Hampstead, em uma bela casa, alta mas não ampla; uma torre moderna e prosaica. O mais estreito de seus lados estreitos pendia sobre a íngreme margem verde de uma ferrovia e era sacudido pelos trens que passavam. Sir Aaron Armstrong, como explicava ruidosamente, não tinha nervos. Mas se o trem às vezes assustava a casa, naquela manhã a situação mudou, e foi a casa que assustou o trem.

O motor freou e parou logo além daquele ponto onde um ângulo da casa colidia com a acentuada rampa de grama. A parada da maioria das máquinas mecânicas deve ser gradual; mas a causa viva desta parada foi muito abrupta. Um homem totalmente vestido de preto, inclusive (isso foi lembrado) até o terrível detalhe das luvas pretas, apareceu na crista acima do motor; e com as pretas mãos acenou como um moinho. Isso por si só dificilmente teria feito parar um trem, mesmo se fosse lento. Mas então ele soltou um grito que depois foi citado como algo totalmente antinatural e novo. Era um daqueles gritos horivelmente compreensíveis, mesmo quando não se consegue ouvir a palavra gritada. A palavra neste caso era: “Assassinato!”.

Mas o maquinista jura que teria parado do mesmo jeito se tivesse ouvido apenas a terrível e definitiva entonação, mas não a palavra.

Uma vez parado o trem, o olhar mais superficial poderia captar muitas características da tragédia. O homem de preto na margem verde era o criado de Sir Aaron Armstrong, Magnus. O baronete, em seu otimismo, muitas vezes ria das luvas pretas desse triste auxiliar; provavelmente ninguém riria dele agora.

Assim que um ou dois homens saíram da ferrovia e cruzaram a sebe enfumaçada, eles viram, rolado quase até o fundo do barranco, o corpo de um velho em um roupão amarelo com um forro escarlata muito vivo. Um pedaço de corda parecia preso em sua perna, presumivelmente emaranhado em uma luta. Talvez houvesse uma mancha de sangue, embora muito pequena; mas o corpo estava dobrado ou quebrado em uma postura impossível para qualquer ser vivo. Era Sir Aaron Armstrong. Após mais alguns momentos de perplexidade, surgiu um grande homem de barba clara, em quem alguns viajantes reconheceram o secretário do homem morto, Patrick Royce, outrora muito conhecido na sociedade boêmia e até famoso nas artes boêmias. De maneira mais vaga, mas ainda mais convincente, ele ecoou a agonia do criado. Quando a terceira figura daquela casa, Alice Armstrong, filha do morto,

passou cambaleando e gesticulando pelo jardim, o maquinista encerrou sua parada. O apito soou e o trem saiu ofegante para buscar ajuda na próxima estação.

Padre Brown fora, assim, convocado rapidamente a pedido de Patrick Royce, o grande ex-secretário boêmio. Royce era irlandês de nascimento; e aquele tipo casual de católico que nunca se lembra de sua religião até se ver numa situação periclitante. Mas o pedido de Royce poderia ter sido atendido com menos prontidão, não fosse um dos oficiais detetives amigo e admirador do não oficial detetive Flambeau; e era impossível ser amigo de Flambeau sem ouvir inúmeras histórias sobre o Padre Brown. Consequentemente, enquanto o jovem detetive (cujo nome era Merton) conduzia o pequeno padre pelos campos até a ferrovia, sua conversa era mais íntima do que se poderia esperar entre dois estranhos.

— Pelo que eu posso ver — disse o Senhor Merton com franqueza —, não há sentido em tudo isso. Não há ninguém de quem se possa suspeitar. Magnus é um velho tolo solene; muito tolo para ser um assassino. Royce é o melhor amigo do baronete há anos; e sua filha sem dúvida o adorava. Além disso, é tudo muito absurdo. Quem mataria um sujeito tão alegre como Armstrong? Quem poderia mergulhar as mãos no sangue de um orador depois do jantar? Seria como matar o Papai Noel.

— Sim, era uma casa alegre — concordou Padre Brown. — Era uma casa alegre enquanto ele estava vivo. Você acha que ela continuará alegre, agora que ele está morto? Merton estremeceu um pouco e olhou para o companheiro com olhos animados.

— Agora que ele está morto? — ele repetiu.

— Sim — continuou o padre impassível —, ele era alegre. Mas ele transmitia sua alegria? Francamente, havia na casa mais alguém alegre, além dele? Uma janela na mente de Merton deixou entrar aquela estranha e surpreendente luz na qual vemos pela primeira vez coisas que conhecemos desde sempre. Ele tinha estado frequentemente na casa dos Armstrongs, em pequenas chamadas policiais do filantropo; e, agora que pensava nisso, era em si uma casa deprimente. Os quartos eram muito altos e muito frios; a decoração, média e provinciana; os corredores, com correntes de ar, eram iluminados por uma eletricidade mais sombria que o luar. E embora o rosto escarlate e a barba prateada do velho tivessem ardido como uma fogueira em cada cômodo ou passagem, nenhum calor tinham deixado como herança. Sem dúvida, esse desconforto espectral no local se devia em parte à própria vitalidade e exuberância de seu dono; ele dizia que não precisava de fogões ou lâmpadas, pois carregava consigo seu próprio calor. Mas quando Merton se lembrou dos outros habitantes, foi obrigado a confessar que eles também eram como

sombras de seu senhor. O temperamental criado, com suas monstruosas luvas pretas, era quase um pesadelo; Royce, o secretário, era bastante sólido, um touro de homem que vestia ternos de tweed e usava uma barba curta; mas a barba cor de palha estava surpreendentemente pintada de cinza como os tweeds, e a testa larga estava marcada por rugas prematuras. Ele era bem-humorado também, mas era um tipo triste de bom humor, quase uma manifestação de um coração partido — ele tinha o jeito de quem é uma espécie de fracasso na vida.

Quanto à filha de Armstrong, era quase incrível que fosse sua filha, sendo tão pálida na cor e tão sensível nos contornos. Ela era graciosa, mas havia um tremor em sua forma que lhe dava a forma de um álamo. Merton às vezes se perguntava se tinha sido o barulho dos trens a causar seu tique.

— Veja — disse o Padre Brown, piscando modestamente —, não tenho certeza de que a alegria de Armstrong fosse, para as outras pessoas, tão alegre. Você diz que ninguém poderia matar um velho tão feliz, mas não tenho certeza; ne nos inducas in tentationem.¹² Se alguma vez eu matar alguém — acrescentou simplesmente —, atrevo-me a dizer que seria um otimista.

— Por quê? — exclamou Merton, divertido. — Você acha que as pessoas não gostam de alegria? — As pessoas gostam de risos frequentes — respondeu o Padre Brown —, mas não acho que gostem de um sorriso permanente. Alegria sem humor é uma coisa muito cansativa.

Eles caminharam em silêncio ao longo da margem gramada e ventosa perto da amurada, e assim que chegaram à sombra distante da alta casa de Armstrong, Padre Brown disse de repente, como um homem jogando fora um pensamento problemático em vez de oferecê-lo a sério: — Claro, a bebida em si mesma não é boa nem ruim. Mas às vezes não consigo deixar de sentir que homens como Armstrong de vez em quando desejem uma taça de vinho para ficar tristes.

O oficial superior de Merton, um detetive grisalho e competente chamado Gilder, estava parado na margem verde à espera do legista, conversando com Patrick Royce, cujos ombros largos, barba e cabelos eriçados se elevavam acima dele. Isso era ainda mais perceptível porque Royce caminhava sempre com uma espécie de inclinação poderosa e parecia estar cumprindo seus pequenos deveres administrativos e domésticos em um estilo pesado e humilde, como um búfalo puxando uma carreta.

Ele ergueu a cabeça com um prazer incomum ao ver o padre, com quem se afastou alguns passos. Enquanto isso, Merton se dirigia ao detetive mais velho de maneira respeitosa, mas não sem uma certa impaciência infantil.

— Bem, Senhor Gilder, o senhor avançou neste mistério? — Não há mistério — respondeu Gilder, enquanto olhava para as gralhas sob as pálpebras sonhadoras.

— Bem, existe para mim, de qualquer maneira — disse Merton, sorrindo.

— É bastante simples, meu rapaz — observou o investigador sênior, acariciando sua barba grisalha e pontuda. — Três minutos depois de você ter procurado o pároco do Senhor Royce, a coisa toda se revelou. Você conhece aquele criado de rosto pálido e luvas pretas que parou o trem? — Eu deveria conhecê-lo em qualquer lugar. De alguma forma, ele me deu arrepios.

— Bem — disse Gilder —, quando o trem partiu de novo, aquele homem também partiu. Um criminoso bastante frio, você não acha, capaz de escapar no mesmo trem que segue para a polícia? — Você tem certeza — observou o jovem — que ele realmente matou o patrão? — Sim, meu filho, tenho quase certeza — respondeu Gilder secamente —, pela razão insignificante de que ele partiu levando papéis no valor de vinte mil libras que estavam na mesa de seu mestre. Não, a única coisa que merece o nome de “dificuldade” é como ele o matou. O crânio parece quebrado como se golpeado por uma arma grande, mas não há nenhuma arma por perto, e o assassino teria achado estranho carregá-la, a menos que a arma fosse muito pequena para ser notada.

— Talvez a arma fosse grande demais para ser notada — disse o padre, com uma risadinha estranha.

Gilder se voltou, ao ouvir esse comentário absurdo, e perguntou severamente a Brown o que ele queria dizer.

— Maneira boba de colocar as coisas, eu sei — disse Padre Brown se desculpando. — Parece um conto de fadas. Mas o pobre Armstrong foi morto com um porrete gigante, um enorme porrete verde, grande demais para ser visto, e que chamamos de Terra. Ele foi espancado por este barranco verde em que estamos.

— O que você quer dizer? — perguntou o detetive rapidamente. Padre Brown virou o rosto de lua para a fachada estreita da casa e piscou desesperadamente para cima. Seguindo seus olhos, eles viram que bem no topo dessa parte cega dos fundos do prédio uma janela do sótão estava aberta.

— Você não vê — explicou ele, apontando um pouco desajeitadamente como uma criança — que jogaram ele lá de cima para cá? Gilder examinou a janela, carrancudo, e disse: — Bem, é certamente possível. Mas não vejo por que você está tão certo disso.

Brown arregalou os olhos cinzentos.

— Ora — disse ele —, há um pedaço de corda em volta da perna do morto. Você não vê aquele outro pedaço de corda preso no canto da janela? Naquela altura, a coisa parecia tão pequena quanto a mais leve partícula de poeira ou fio de cabelo, mas o velho investigador astuto se satisfez.

— Você está certo, senhor — disse ele ao Padre Brown. — Certamente o senhor tem um ponto.

Quase enquanto ele falava, um trem especial com um só vagão fez a curva da linha à esquerda e, parando, despejou outro grupo de policiais, em cujo meio estava o rosto canino de Magnus, o criado fugitivo.

— Por Júpiter! Eles o pegaram — gritou Gilder, e deu um passo à frente com um estado de alerta totalmente novo. — Recuperaram o dinheiro? — ele gritou para o primeiro policial.

O homem o olhou no rosto com uma expressão bastante curiosa e disse: — Não.

Em seguida, acrescentou: — Pelo menos, não aqui.

— Quem é o inspetor, por favor? — perguntou o homem chamado Magnus.

Quando ele falou, todos entenderam instantaneamente como essa voz havia parado um trem. Ele era um homem de aparência monótona, com cabelo preto liso, rosto sem cor e uma leve sugestão de Oriente nas fendas planas em seus olhos e boca. Seu sangue e nome, de fato, permaneciam duvidosos desde que Sir Aaron o “resgatou” da equipe de garçons em um restaurante de Londres e (como alguns diziam) de coisas mais infames. Mas sua voz era tão vívida quanto seu rosto era mortiço. Seja pela exatidão em uma língua estrangeira, ou em deferência ao seu mestre (que tinha sido um tanto surdo), o tom de Magnus tinha uma qualidade peculiar e aguda, e todos os presentes se assustaram quando ele falou.

— Eu sempre soube que isso aconteceria — disse ele em alta voz, com descarada indiferença. — O coitado do meu velho patrão zombava de mim por usar preto; mas eu sempre disse que deveria estar pronto para o funeral dele.

E ele fez um movimento momentâneo com as duas mãos enluvadas.

— Sargento — disse o inspetor Gilder, olhando as mãos negras com raiva —, você não algemou este sujeito? Ele parece muito perigoso.

— Bem, senhor — disse o sargento, com o mesmo olhar estranho de admiração —, não sei se podemos.

— Como não sabe? — perguntou o outro bruscamente. — Você não o prendeu? Um leve ar de desprezo alargou a boca fendida, e o apito de um trem que se aproximava parecia estranhamente ecoar a zombaria.

— Nós o prendemos — respondeu o sargento gravemente — quando ele estava saindo da delegacia de Highgate, onde havia depositado todo o dinheiro de seu patrão aos cuidados do inspetor Robinson.

Gilder olhou para o criado com total espanto.

— Por que diabos você fez isso? — ele perguntou a Magnus.

— Para mantê-lo protegido do criminoso, é claro — respondeu Magnus, placidamente.

— Certamente — disse Gilder — o dinheiro de Sir Aaron poderia ter sido deixado em segurança com a família de Sir Aaron.

A cauda de sua frase foi abafada pelo rugido do trem que balançava e batia; mas através de todo o inferno de ruídos a que aquela casa infeliz era periodicamente exposta, eles puderam ouvir cada sílaba da resposta de Magnus, como um sino em toda a sua nitidez: — Não tenho razão para sentir confiança na família de Sir Aaron. Todos os homens parados tiveram a sensação fantasmagórica da presença de alguma nova pessoa; e Merton não se surpreendeu quando ergueu os olhos e viu o rosto pálido da filha de Armstrong sobre o ombro do Padre Brown. Ela ainda era jovem e bonita, remetendo à prata, mas seu cabelo era de um castanho empoeirado e sem cor, que em algumas sombras parecia totalmente grisalho.

— Tenha cuidado com o que você diz — disse Royce rispidamente.

— Você vai assustar a Senhorita Armstrong.

— Espero que sim — disse o homem com a voz clara. Enquanto a mulher estremecia e todos cismavam, ele continuou: — Estou um tanto acostumado com os tremores da Senhorita Armstrong. Eu a vejo tremendo desde vários anos. E alguns disseram que ela treme de frio e outros de medo, mas eu sei que ela treme de ódio e de raiva perversa, demônios que tiveram seu banquete esta manhã. Ela já teria ido embora com o amante e todo o dinheiro, se não fosse por mim. Desde que meu pobre velho mestre a impediu de se casar com aquele patife embriagado...

— Pare — disse Gilder muito severamente. — Não temos nada a ver com as suas fantasias ou suspeitas sobre a família. A menos que você tenha alguma evidência prática, suas meras opiniões...

— Oh! Vou te dar evidências práticas — interrompeu Magnus, em seu sotaque entrecortado. — Você vai ter que me intimidar, senhor inspetor, e eu terei que dizer a verdade. E a verdade é esta: um instante depois que o velho foi lançado sangrando pela janela, corri para o sótão e encontrei sua filha desmaiada no chão, ainda segurando uma adaga vermelha. Permita-me entregá-la, também, às autoridades competentes — e tirou do bolso da cauda uma longa faca com cabo de chifre, manchada de vermelho, e a entregou educadamente ao sargento. Então ele se afastou novamente, e suas fendas de olhos quase desapareceram de seu rosto em um gordo sorriso de escárnio chinês.

Merton sentiu uma doença quase corporal ao vê-lo; e ele murmurou para Gilder: — Certamente você aceitaria a palavra da Senhorita Armstrong contra a dele? Padre Brown de repente ergueu um rosto tão absurdamente fresco que de alguma forma aparentava ter sido lavado naquele instante.

— Sim — disse ele, irradiando inocência —, mas a palavra da Senhorita Armstrong estará contra a dele? A garota soltou um gritinho assustado e singular; todos olharam para ela. Sua figura estava rígida como se estivesse paralisada; apenas o rosto dentro da moldura de cabelo castanho desbotado estava vivo, com uma expressão terrível de surpresa. Ela estava como alguém repentinamente laçado e estrangulado.

— Este homem — disse Gilder gravemente — na verdade diz que você foi encontrada segurando uma faca, inconsciente, após o assassinato.

— Ele diz a verdade — respondeu Alice.

O próximo fato do qual eles estiveram cientes foi que Patrick Royce avançou com sua grande cabeça inclinada para dentro do ringue e pronunciou estas palavras singulares: — Bem, se eu estou condenado, terei antes alguma satisfação.

Seu enorme ombro se ergueu e ele lançou um punho de ferro contra o rosto insípido e mongólico de Magnus, deixando-o no gramado, plano como uma estrela-do-mar. Dois ou três policiais imediatamente colocaram as mãos em Royce; mas, para o resto, parecia que toda a razão havia se desintegrado e o universo estava se transformando em uma arlequinada acéfala.

— Nada disso, Senhor Royce! — Gilder gritou com autoridade.

— Vou prendê-lo por agressão.

— Não, não vai não — respondeu o secretário com uma voz de gongo de ferro. — Você vai me prender por assassinato.

Gilder lançou um olhar alarmado para o homem caído; mas como o agredido já estava sentado e limpando um pouco de sangue de um rosto substancialmente ileso, ele apenas disse brevemente: — O que você quer dizer? — É bem verdade, como diz esse sujeito — explicou Royce —, que a Senhorita Armstrong desmaiou com uma faca na mão. Mas ela não agarrou a faca para atacar seu pai, mas para defendê-lo.

— Para defendê-lo — repetiu Gilder gravemente. — Defender de quem? — De mim — respondeu o secretário.

Alice olhou para ele com um rosto complexo e desconcertante; então ela disse em voz baixa: — Afinal, que bom que você é corajoso.

— Vamos lá em cima — disse Patrick Royce, pesadamente — e eu vou lhe mostrar como foi toda essa história maldita.

O sótão, que era a residência privada do secretário (e uma cela bem pequena para um eremita tão grande), tinha de fato todos os vestígios de um drama violento. Perto do centro do piso estava um grande revólver, como se tivesse sido arremessado para longe; mais próximo à esquerda estava uma garrafa de uísque, aberta, mas não totalmente vazia. O caminho de mesa estava arrastado e pisoteado, e um pedaço de corda, como a encontrada no cadáver, estava atravessada absurdamente no peitoril da janela. Dois vasos estavam destruídos na lareira, e um, no tapete.

— Eu estava bêbado — disse Royce; e essa simplicidade do homem agredido prematuramente tinha, de alguma forma, o pathos do primeiro pecado de um bebê.

— Todos vocês sabem de mim — ele continuou roucamente. — Todo mundo sabe como minha história começou, e pode muito bem terminar assim também. Já fui visto como um homem inteligente e posso ter sido feliz; Armstrong salvou os restos de um cérebro e um corpo das tabernas e sempre foi gentil comigo à sua maneira, pobre sujeito! Só que ele não me permitiu casar com Alice; e sempre se poderá dizer que ele tinha razão nisso. Bem, vocês podem tirar suas próprias conclusões e não esperar que eu entre em detalhes. Essa é a minha garrafa de uísque meio vazia no canto; esse é o meu revólver bem esvaziado no tapete. A corda da minha caixa é a que foi encontrada no cadáver, e foi da minha janela que o cadáver foi jogado. Vocês não precisam pedir aos detetives que decomponham a minha tragédia; ela é uma erva daninha de um tipo bastante comum neste mundo. Eu me entrego à força; e, por Deus, isso é o suficiente! A um sinal suficientemente delicado, a polícia reuniu-se em torno do grande homem para levá-lo embora; mas sua discrição foi um tanto abalada pela notável aparição do Padre Brown, que estava de joelhos no tapete da porta, como se estivesse fazendo algum tipo de

oração indigna. Por ser uma pessoa totalmente insensível à figura que exibía em público, manteve-se nessa postura, mas virou um rosto redondo e luminoso para o grupo, apresentando a aparência de um quadrúpede com uma muito cômica cabeça humana.

— Eu afirmo — disse ele, bem-humorado — que isso realmente não vai funcionar, sabe. No começo você disse que não havíamos encontrado nenhuma arma. Mas agora estamos encontrando muitas; há a faca para apunhalar, a corda para estrangular e a pistola para atirar; e afinal ele quebrou o pescoço ao cair de uma janela! Não vai dar certo. Não é econômico — e ele balançou a cabeça para o chão como um cavalo pastando.

O inspetor Gilder abriu a boca com sérias intenções, mas antes que pudesse falar, a figura grotesca no chão prosseguiu com bastante fluidez: — E agora três coisas completamente impossíveis. Primeiro, esses buracos no tapete, onde as seis balas entraram. Por que diabos alguém atiraria no tapete? Um homem bêbado atira na cabeça de seu inimigo, a coisa que vê sorrindo para ele. Ele não briga com os pés nem ataca os chinelos. E então, a corda...

E, tendo acabado sobre o tapete, o orador ergueu as mãos e as colocou no bolso, mas continuou de joelhos: — Em que bebedeira concebível alguém tentaria colocar uma corda em volta do pescoço de um homem e acabaria atando-a na perna dele? Royce, de qualquer forma, não podia estar tão bêbado assim, ou estaria dormindo como um tronco agora. E, o mais claro de tudo, a garrafa de uísque. Você sugere que um alcóolatra lutou por uma garrafa de uísque e, depois de vencer, rolou-a para um canto, derramando uma metade e deixando a outra. Essa é a última coisa que um tal sujeito faria.

Ele levantou-se desajeitadamente e disse ao autoacusado assassino, em tom de límpida penitência: — Sinto muitíssimo, meu caro senhor, mas sua história é realmente uma porcaria.

— Senhor — disse Alice Armstrong em voz baixa para o padre —, podemos nos falar a sós por um momento? Esse pedido forçou o comunicativo clérigo a sair do corredor e, antes que ele pudesse falar na sala ao lado, a garota disparou, com estranha incisão: — Você é um homem inteligente e está tentando salvar Patrick, eu sei. Mas não adianta. O cerne de tudo isso é negro, e quanto mais coisas você descobrir, mais coisas haverá contra o homem desgraçado que eu amo.

— Por quê? — perguntou Brown, olhando para ela com firmeza.

— Porque — ela respondeu com a mesma firmeza — eu mesma o vi cometer o crime.

— Ah! — disse o imóvel Brown. — E o que ele fez? — Eu estava nesta sala ao

lado deles — explicou ela. — Ambas as portas estavam fechadas, mas de repente ouvi uma voz, como nunca tinha ouvido na Terra, rugindo: “Inferno, Inferno, Inferno”, uma e outra vez, e então as duas portas tremeram com a primeira explosão do revólver. Isso aconteceu outras três vezes antes que eu abrisse as duas portas e encontrasse a sala cheia de fumaça; mas a pistola fumegava na mão do pobre e louco Patrick; e eu o vi disparar a última rajada assassina com meus próprios olhos. Em seguida, saltou sobre meu pai, que se agarrava aterrorizado ao peitoril da janela, e, lutando, tentou estrangulá-lo com a corda, que passou por cima da cabeça, mas que na luta escorregou pelos ombros e pelo tronco, até parar na perna. Ela ficou amarrada em torno de uma perna e Patrick o arrastou como um maníaco. Peguei uma faca do tapete e, correndo entre eles, consegui cortar a corda antes de desmaiar.

— Entendo — disse o Padre Brown, com a mesma civilidade de madeira. — Obrigado.

Enquanto a garota desabava sob suas memórias, o padre passou rigidamente para a próxima sala, onde encontrou Gilder e Merton sozinhos com Patrick Royce, que estava sentado em uma cadeira, algemado. Lá ele disse ao inspetor com submissão: — Posso dizer uma palavra ao prisioneiro em sua presença; e ele pode tirar aquelas algemas engraçadas por um minuto? — Ele é um homem muito perigoso — disse Merton em voz baixa. — Por que você quer tirá-las? — Ora, eu pensei — respondeu o padre humildemente — que talvez eu pudesse ter a grande honra de apertar a mão dele.

Os dois detetives ficaram olhando, e o Padre Brown acrescentou: — Não vai contar a eles, senhor? O homem na cadeira balançou a cabeça despenteada e o padre virou-se impaciente.

— Então eu vou — ele disse. — A vida privada é mais importante do que a reputação pública. Vou salvar os vivos e deixar os mortos enterrarem seus mortos.

Ele foi até a janela fatal e piscava enquanto falava.

— Eu disse a vocês que neste caso havia muitas armas e apenas uma morte. Digo-lhe agora que não eram armas e não foram usadas para matar. Todas aquelas ferramentas horríveis, o laço, a faca ensanguentada, a pistola, eram instrumentos de uma misericórdia curiosa. Eles não foram usados para matar Sir Aaron, mas para salvá-lo.

— Para salvá-lo! — repetiu Gilder. — E de quê? — De si mesmo — disse o Padre Brown. — Ele era um maníaco suicida.

— O quê? — exclamou Merton em tom incrédulo. — E a religião da alegria...? — É uma religião cruel — disse o padre, olhando pela janela. — Por

que não o deixavam chorar um pouco, como todos os seus ancestrais? Seus planos endureceram, suas opiniões esfriaram; por trás daquela máscara alegre estava a mente vazia do ateu. Por fim, para manter seu hilário nível público, ele voltou àquele drinque que havia abandonado há muito tempo. Mas existe esse horror sobre o alcoolismo que afeta todo abstêmio sincero: ele imagina e espera aquele inferno psicológico sobre o qual advertiu os outros. Ele saltou sobre o pobre Armstrong inadvertidamente, e nesta manhã estava em tal situação que ele se sentou aqui e exclamou que estava no Inferno, com uma voz tão louca que sua filha não a reconheceu. Ele estava louco para morrer e, com os truques dos loucos, espalhou ao seu redor a morte em muitas formas: um laço de corda e o revólver e uma faca de seu amigo. Royce entrou por acaso e agiu rapidamente. Jogou a faca na esteira atrás de si, agarrou o revólver e, não tendo tempo de descarregá-lo, esvaziou tiro após tiro por todo o chão. O suicida viu uma quarta forma de morte e correu para a janela. O salvador fez a única coisa que podia: correu atrás dele com a corda e tentou amarrá-lo nas mãos e nos pés. Foi então que a infeliz garota entrou correndo e, entendendo mal a luta, lutou para libertar seu pai. No início, ela apenas cortou os nós dos dedos do pobre Royce, de onde saiu todo o pouco sangue deste caso. Mas, claro, você notou que ele sujou de sangue o rosto do criado, mas sem o ter ferido? No último ato antes de desmaiar, a pobre mulher conseguiu soltar seu pai, de modo que ele caiu por aquela janela, em direção à eternidade.

Houve um longo silêncio lentamente interrompido pelos ruídos metálicos feitos por Gilder enquanto destravava as algemas de Patrick Royce, a quem disse: — Acho que deveria ter dito a verdade, senhor. Você e a jovem valem mais do que os obituários de Armstrong.

— Dane-se os obituários — gritou Royce asperamente. — Você não vê que foi porque ela não devia saber? — Não devia saber o quê? — perguntou Merton.

— Ora, que ela matou o pai, seu idiota! — rugiu o outro. — Ele estaria vivo agora, se não fosse por ela. Saber disso pode levá-la a enlouquecer.

— Não, eu acho que não — comentou Padre Brown, enquanto pegava o chapéu. — Eu acho que devo contar a ela. Mesmo os erros mais fatais não envenenam a vida como o pecado; de qualquer forma, acho que vocês dois podem ser mais felizes agora. Eu tenho que voltar para a Escola de Surdos.

Quando ele saiu na grama orvalhada, um conhecido de Highgate o parou e disse: — O legista chegou. A investigação está apenas começando.

— Tenho que voltar para a Escola de Surdos — disse o Padre Brown. — Lamento não poder parar para acompanhar o inquérito.

NOTAS DE RODAPÉ

1 Literalmente “filho de William” — nt. 2 O autor se refere ao “black tie”, traje que, no código de vestuário vigente na era eduardiana, equivalia ao segundo mais alto nível de formalidade; sendo adequado, portanto, para ocasiões de relativa familiaridade com os convidados — nt. 3 Moeda que vale meia libra esterlina; valor notavelmente elevado para uma gorjeta — nt. 4 Ópera cômica inglesa que conta a história de um jovem pirata que se apaixona pela filha de um general — nt. 5 As cores do uniforme clássico do Royal Mail — nt. 6 Catálogo dos nobres — nt. 7 Rei dos Apaches — nt. 8 “Venceste, Galileu”. São as primeiras palavras do Hino a Prosérpina e as últimas do Imperador Juliano, o apóstata — nt. 9 Na literatura inglesa, usam-se aspas, e não travessão, para marcar diálogos — nt. 10 “Às ordens” — nt. 11 Em sentido estrito, refere-se aos habitantes do East End de Londres, que possuem um dialeto e sotaque próprios. Em sentido mais amplo pode referir-se a uma pessoa rústica e ignorante — nt. 12 “Não nos deixeis cair em tentação” — nt.

Table of contents

1. [introdução Um grande escritor](#)
2. [A cruz azul](#)
3. [O jardim secreto](#)
4. [Os passos estranhos](#)
5. [As estrelas voadoras](#)
6. [O homem invisível](#)
7. [A honra de Israel Gow](#)
8. [A forma errada](#)
9. [Os pecados do Príncipe Saradine](#)
10. [O martelo de Deus](#)
11. [O olho de Apolo](#)
12. [O signo da espada quebrada](#)
13. [As três ferramentas da morte](#)
14. [Notas de Rodapé](#)

Guide

1. [Cover](#)
2. [Beginning](#)
3. [Sumário](#)

1. [1](#)
2. [2](#)
3. [3](#)
4. [4](#)
5. [5](#)
6. [6](#)
7. [7](#)
8. [8](#)
9. [9](#)
10. [10](#)
11. [11](#)
12. [12](#)
13. [13](#)
14. [14](#)
15. [15](#)
16. [16](#)

17. [17](#)
18. [18](#)
19. [19](#)
20. [20](#)
21. [21](#)
22. [22](#)
23. [23](#)
24. [24](#)
25. [25](#)
26. [26](#)
27. [27](#)
28. [28](#)
29. [29](#)
30. [30](#)
31. [31](#)
32. [32](#)
33. [33](#)
34. [34](#)
35. [35](#)
36. [36](#)
37. [37](#)
38. [38](#)
39. [39](#)
40. [40](#)
41. [41](#)
42. [42](#)
43. [43](#)
44. [44](#)
45. [45](#)
46. [46](#)
47. [47](#)
48. [48](#)
49. [49](#)
50. [50](#)
51. [51](#)
52. [52](#)
53. [53](#)
54. [54](#)
55. [55](#)
56. [56](#)
57. [57](#)
58. [58](#)
59. [59](#)
60. [60](#)

61. [61](#)
62. [62](#)
63. [63](#)
64. [64](#)
65. [65](#)
66. [66](#)
67. [67](#)
68. [68](#)
69. [69](#)
70. [70](#)
71. [71](#)
72. [72](#)
73. [73](#)
74. [74](#)
75. [75](#)
76. [76](#)
77. [77](#)
78. [78](#)
79. [79](#)
80. [80](#)
81. [81](#)
82. [82](#)
83. [83](#)
84. [84](#)
85. [85](#)
86. [86](#)
87. [87](#)
88. [88](#)
89. [89](#)
90. [90](#)
91. [91](#)
92. [92](#)
93. [93](#)
94. [94](#)
95. [95](#)
96. [96](#)
97. [97](#)
98. [98](#)
99. [99](#)
100. [100](#)
101. [101](#)
102. [102](#)
103. [103](#)
104. [104](#)

105. [105](#)
106. [106](#)
107. [107](#)
108. [108](#)
109. [109](#)
110. [110](#)
111. [111](#)
112. [112](#)
113. [113](#)
114. [114](#)
115. [115](#)
116. [116](#)
117. [117](#)
118. [118](#)
119. [119](#)
120. [120](#)
121. [121](#)
122. [122](#)
123. [123](#)
124. [124](#)
125. [125](#)
126. [126](#)
127. [127](#)
128. [128](#)
129. [129](#)
130. [130](#)
131. [131](#)
132. [132](#)
133. [133](#)
134. [134](#)
135. [135](#)
136. [136](#)
137. [137](#)
138. [138](#)
139. [139](#)
140. [140](#)
141. [141](#)
142. [142](#)
143. [143](#)
144. [144](#)
145. [145](#)
146. [146](#)
147. [147](#)
148. [148](#)

149. [149](#)
150. [150](#)
151. [151](#)
152. [152](#)
153. [153](#)
154. [154](#)
155. [155](#)
156. [156](#)
157. [157](#)
158. [158](#)
159. [159](#)
160. [160](#)
161. [161](#)
162. [162](#)
163. [163](#)
164. [164](#)
165. [165](#)
166. [166](#)
167. [167](#)
168. [168](#)
169. [169](#)
170. [170](#)
171. [171](#)
172. [172](#)
173. [173](#)
174. [174](#)
175. [175](#)
176. [176](#)
177. [177](#)
178. [178](#)
179. [179](#)
180. [180](#)
181. [181](#)
182. [182](#)
183. [183](#)
184. [184](#)
185. [185](#)
186. [186](#)
187. [187](#)
188. [188](#)
189. [189](#)
190. [190](#)
191. [191](#)
192. [192](#)

193. [193](#)
194. [194](#)
195. [195](#)
196. [196](#)
197. [197](#)
198. [198](#)
199. [199](#)
200. [200](#)
201. [201](#)
202. [202](#)
203. [203](#)
204. [204](#)
205. [205](#)
206. [206](#)
207. [207](#)
208. [208](#)
209. [209](#)
210. [210](#)
211. [211](#)
212. [212](#)
213. [213](#)
214. [214](#)
215. [215](#)
216. [216](#)
217. [217](#)
218. [218](#)
219. [219](#)
220. [220](#)
221. [221](#)
222. [222](#)
223. [223](#)
224. [224](#)
225. [225](#)
226. [226](#)
227. [227](#)
228. [228](#)
229. [229](#)
230. [230](#)
231. [231](#)
232. [232](#)
233. [233](#)
234. [234](#)
235. [235](#)
236. [236](#)

237. [237](#)
238. [238](#)
239. [239](#)
240. [240](#)
241. [241](#)
242. [242](#)
243. [243](#)
244. [244](#)
245. [245](#)
246. [246](#)
247. [247](#)
248. [248](#)
249. [249](#)
250. [250](#)
251. [251](#)
252. [252](#)
253. [253](#)
254. [254](#)
255. [255](#)
256. [256](#)
257. [257](#)
258. [258](#)
259. [259](#)
260. [260](#)
261. [261](#)
262. [262](#)
263. [263](#)
264. [264](#)
265. [265](#)
266. [266](#)
267. [267](#)
268. [268](#)
269. [269](#)
270. [270](#)
271. [271](#)
272. [272](#)
273. [273](#)
274. [274](#)
275. [275](#)
276. [276](#)
277. [277](#)
278. [278](#)
279. [279](#)
280. [280](#)

281. [281](#)
282. [282](#)
283. [283](#)
284. [284](#)
285. [285](#)
286. [286](#)
287. [287](#)
288. [288](#)
289. [289](#)
290. [290](#)
291. [291](#)
292. [292](#)
293. [293](#)
294. [294](#)
295. [295](#)
296. [296](#)
297. [297](#)
298. [298](#)
299. [299](#)
300. [300](#)
301. [301](#)
302. [302](#)
303. [303](#)
304. [304](#)
305. [305](#)
306. [306](#)
307. [307](#)
308. [308](#)
309. [309](#)
310. [310](#)
311. [311](#)
312. [312](#)
313. [313](#)
314. [314](#)
315. [315](#)
316. [316](#)
317. [317](#)
318. [318](#)